



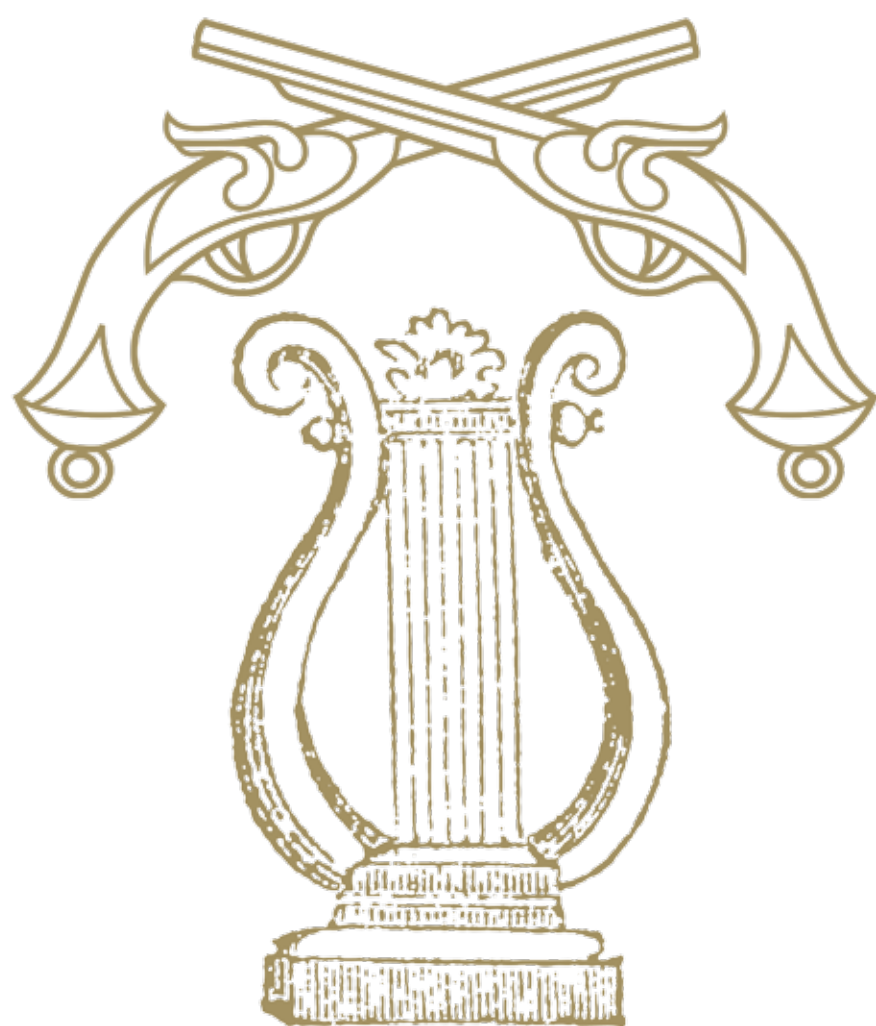
A BANDA DA POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

205 anos após a criação da Divisão Militar da Guarda Real de Polícia
por D. João VI, pelo Decreto de 13 de Maio de 1809









A BANDA
DA
POLÍCIA MILITAR
DO
ESTADO DO RIO DE JANEIRO



A BANDA DA POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

205 anos após a criação da Divisão Militar da Guarda Real de Polícia
por D. João VI, pelo Decreto de 13 de Maio de 1809

1ª Edição

Rio de Janeiro
Editora Betel
2014

© 2014 Editora Betel

Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei dos Direitos Autorais (Lei nº 9.610/98).
Solicitamos que breves citações, com fins acadêmicos,
nos sejam previamente comunicadas. Nenhuma parte
desta publicação pode ser reproduzida por qualquer meio,
sem a prévia autorização da Editora Betel.
O conteúdo original da obra é de total e exclusiva
responsabilidade do(s) autor(es).

SOBRE O LIVRO

Pesquisa e Redação:

Isvaldino dos Santos

Pastor, Jornalista (JP12931RJ)

Colaboração (textos e imagens):

Cel PM Paulo Frederico Borges Caldas

Ten Cel PM Analiny Caroprese

Maj PM Mus Antonio Carlos Rosa

Maj BM Mus Geraldo Magela de Gouvêia

Cap PM Mus Ronaldo Almeida da Silva

Ten PM Mus Ronalde Ribeiro de Souza Jr.

Sub Ten PM Mus Alexandre Raicevich de Medeiros

Sub Ten PM Mus Izaías Moreira Jr.

Sgt PM Mus Ricardo Pinto do Nascimento

Sgt PM Mus Washington Luis de Andrade

Revisão:

Isvaldino dos Santos

Jeane Lima

Felipe Gomes

Capa, Projeto Gráfico e Diagramação:

Anderson Rocha

1ª Edição - Outubro de 2014

ISBN: 978-00-0000-000-0

EDITORA BETEL

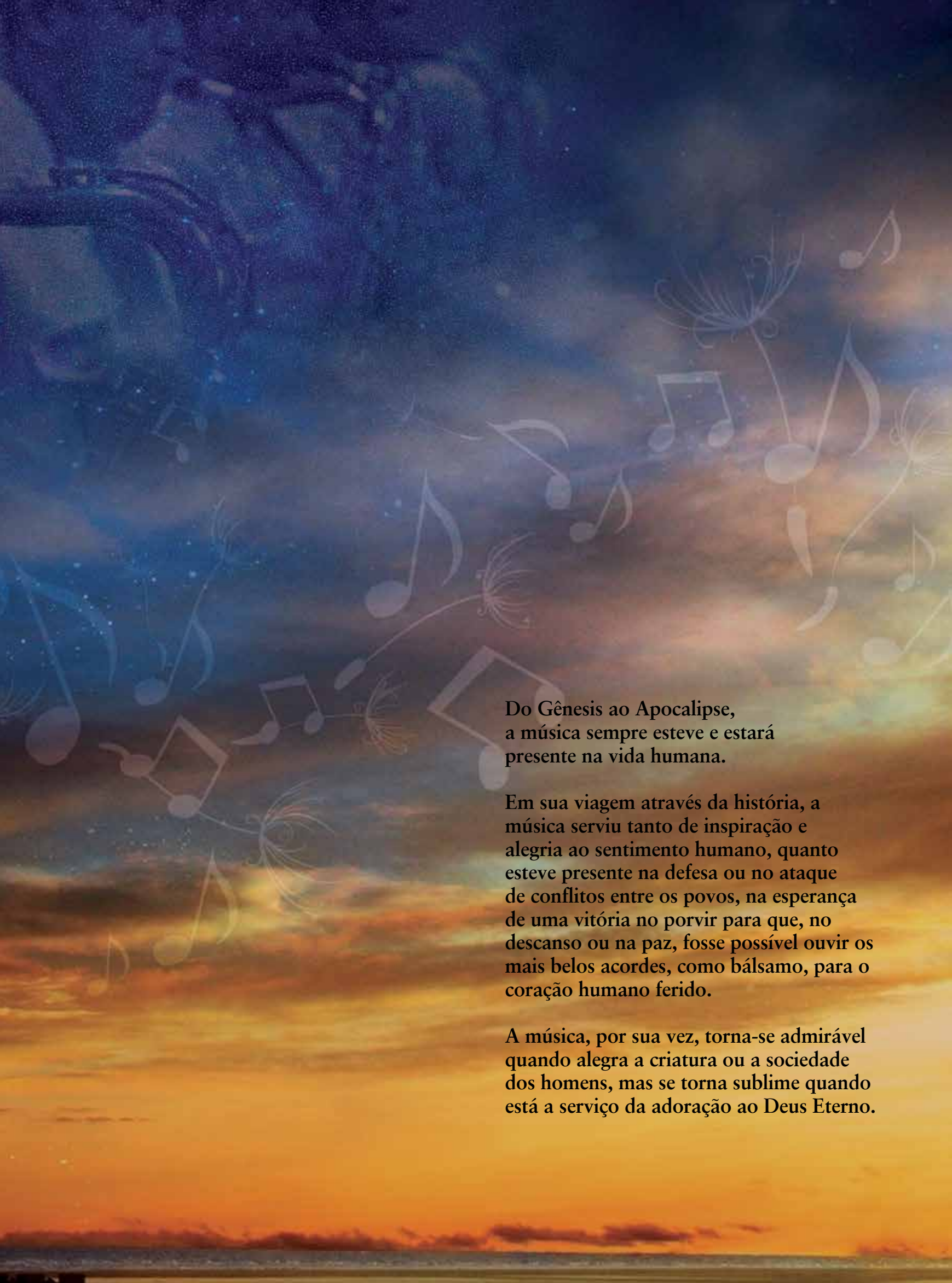
Rua Carvalho de Souza, 20 - Madureira - Rio de Janeiro/RJ

CEP 21350-180 - Telefone: (21) 3575-8900

www.editorabetel.com.br

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil* - Rio de Janeiro





Do Gênesis ao Apocalipse,
a música sempre esteve e estará
presente na vida humana.

Em sua viagem através da história, a música serviu tanto de inspiração e alegria ao sentimento humano, quanto esteve presente na defesa ou no ataque de conflitos entre os povos, na esperança de uma vitória no porvir para que, no descanso ou na paz, fosse possível ouvir os mais belos acordes, como bálsamo, para o coração humano ferido.

A música, por sua vez, torna-se admirável quando alegra a criatura ou a sociedade dos homens, mas se torna sublime quando está a serviço da adoração ao Deus Eterno.

POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE SÃO PAULO (PMESP)

Fiquei muito feliz e surpreso com a performance apresentada pela magnífica Banda da PMERJ quando do concerto sinfônico, por ocasião do Encontro de Maestros Militares do Brasil, concerto este realizado no Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Confesso que a técnica da Banda, destacando a técnica individual dos seus componentes, trouxe-me imensa satisfação, pois alimentou a minha esperança e confiança nos maestros e músicos militares das Bandas. A Banda da PMERJ sempre foi um ícone no cenário artístico das Bandas Militares pela sua sonoridade, afinação e, principalmente, pela interpretação das obras que apresenta. Fica aqui registrado o respeito, o carinho e a gratidão por ter conhecido a existência desta seleta Banda Militar, bem como do seu maestro Cap PM Mus Ronaldo, na pessoa de quem cumprimento os músicos militares, esses artistas de ímpar exemplo da nossa grande Banda da PMERJ. Fiquem com Deus!

Cap PM Mus Ezequiel Alves da Silva

Comandante do Corpo Musical da PMESP



POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE PERNAMBUCO (PMPE)

Diante da nobre iniciativa da escrita deste trabalho, de dimensão histórica, nos sentimos envaidecidos em contribuir, pois segundo o escritor alemão Johann Goethe: “*Não chegamos a conhecer as pessoas quando elas vêm a nossa casa; devemos ir a casa delas para ver como são*”. Baseado neste pensamento, recordamos o prazer que tivemos em conhecer esta digníssima Companhia Musical, pois nos proporcionou um amplo universo de conhecimentos na troca de saberes, não só nos fundamentos teóricos, mas também nas bases técnicas e práticas utilizadas no dia a dia destes profissionais. O amplo conhecimento dos músicos e dos oficiais que comandam a companhia possibilitou o acesso a novas ferramentas, que nos favorecerão num processo de evolução. O respeito e o acolhimento a nós oferecidos pelos músicos da CIPM-Mus, através da pessoa do Capitão Ronaldo e seu corpo de oficiais, marcou nossa viagem e funcionou de forma motivadora, impelindo autoestima e confiança nas atividades desenvolvidas. Seremos eternamente agradecidos aos nossos irmãos cariocas.

Dilion Balduino

Capitão Comandante da Banda da PMPE

Samuel Germano de Oliveira

Sargento Músico e Escritor da PMPE



SUMÁRIO

Prefácio 11

A Paz é a Nossa Maior Conquista 13

Apresentação 15

Introdução 17

PARTE I *A Música Militar, da Antiguidade a Dom João VI, e a Divisão Militar da Guarda Real de Polícia da Corte, berço das Polícias Militares do Brasil*

Capítulo 1 - A Música Através da História 22

Capítulo 2 - A Estrutura de uma Orquestra e de uma Banda Sinfônica 30

Capítulo 3 - Música e Bandas Militares desde a Antiguidade 41

Capítulo 4 - A Música Militar na Corte Portuguesa 42

Capítulo 5 - Transferência da Família Real para o Brasil 45

Capítulo 6 - D. João VI e a Divisão Militar da Guarda Real de Polícia 54

Capítulo 7 - Da Imperial Guarda de Polícia à PMERJ de Hoje 64

Capítulo 8 - A Banda de Música da Guarda Real de Polícia e sua Evolução 69





Capítulo 9 - As Bandas da PMERJ **81**

Capítulo 10 - O Bicentenário da PMERJ e da Banda de Música **88**

Capítulo 11 - O Museu da PMERJ **103**

PARTE II *A Companhia Independente de Polícia Militar - Músicos (CIPM-Mus), sua Banda Sinfônica e Ações Sociais*

Capítulo 12 - Da Banda Imperial à CIPM-Mus **108**

Capítulo 13 - Apresentações Históricas das Bandas da PMERJ **134**

Capítulo 14 - Apresentações das Bandas na Sociedade Fluminense **150**

Capítulo 15 - Projetos Sociais e Parcerias Musicais **192**

Capítulo 16 - Simpósio para Regentes e Mestres de Bandas Militares **198**

Capítulo 17 - Discografia **202**

Capítulo 18 - Premiações e Homenagens da CIPM-Mus **208**

Capítulo 19 - A Guarda Fúnebre da PMERJ **212**

Anexo I - Os Vídeos da Banda da PMERJ mais Visitados na Web **216**

Anexo II - Termos e Expressões Musicais **218**

Referências **225**





PREFÁCIO

Foi com emoção que recebi a incumbência do pastor Abner de Cássio Ferreira, líder e presidente de nossa Igreja Matriz das Assembleias de Deus de Madureira e de nossa Convenção Regional, o convite para prefaciar uma obra tão importante como o Álbum *A Banda da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro*, pelos inúmeros significados nela envolvidos.

Primeiro porque a música militar que, no decorrer da história, sempre procurou elevar o moral do corpo de suas tropas tem uma relação estreita com a Igreja do Senhor Jesus Cristo, que forma o exército de Deus, onde a música ocupa lugar de destaque, ao tempo em que fortalece a alma e o espírito do cristão. São milhões de pessoas hoje, em toda a terra, que diariamente enaltecem o nome do Deus único e Todo Poderoso.

A Escritura Sagrada revela a importância da música, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, não somente a música religiosa, mas, principalmente, a música militar. Inúmeros textos bíblicos narram sobre cânticos e melodias, tanto dos anjos de Deus, do povo e dos exércitos de Israel, no passado, quanto da Igreja do Senhor. A música está tão ligada à alma do cristão, na paz e nas lutas diárias, que o mesmo não consegue viver sem a sua influência.

Quando Deus libertou Israel e o fez possuir a Terra Prometida, a primeira batalha foi ganha ao som das trombetas. A cidade de Jericó ruiu perante o povo e os exércitos das 12 tribos ao som das buzinas, por ordem divina a Josué, o então comandante geral (Josué 6.2,5). Davi, o principal rei de Israel, foi músico, guerreiro e autor de vários Salmos. Ele dançou perante o exército e o povo ao transportar a Arca de Deus para Jerusalém (2 Samuel 6.14,15).

A Bíblia registra no Salmo 150 que devemos louvar a Deus com todos os instrumentos: trombeta, saltério, harpa, adufe, flauta, instrumentos de cordas, címbalos sonoros e altissonantes (vers. 3-5). Quando Jesus nasceu, Lucas ressalta: “E, no mesmo instante, apareceu com o anjo uma multidão dos exércitos celestiais, louvan-



Catedral Histórica das Assembleias de Deus - Ministério de Madureira



Banda Sinfônica Paulo Leivas Macalão
se apresentando na festividade em
comemoração aos 77 anos de existência

do a Deus e dizendo: Glória a Deus nas alturas, paz na terra, boa vontade para com os homens!” (Lucas 2.13,14).



Pastor Paulo Leivas Macalão

A Banda de Música da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro tem semelhança com o ministério das Assembleias de Deus de Madureira, pois o nosso líder fundador, o pastor Paulo Leivas Macalão, filho do general de exército Macalão, foi músico, ao tempo em que deixou um enorme legado musical. A Harpa Cristã, uma coletânea de vários hinos cristãos, editada hoje para milhões de pessoas no Brasil e no mundo, contém, inclusive, diversas canções de sua autoria.

Da mesma forma, o nosso líder e presidente internacional, Bispo Manoel Ferreira, substituto do pastor Paulo Leivas Macalão, pai de nossos pastores e líderes Abner Ferreira e Samuel Ferreira, é um ex-Policial Militar do Estado de São Paulo. Toda a família tem carinho e apreço especiais pela missão da Polícia Militar e reconhece a sua importância no contexto de nossa sociedade, exercendo papel fundamental na segurança pública.



Bispo Manoel Ferreira

A Igreja Matriz e as demais igrejas Assembleias de Deus de nossa Convenção Nacional (CONAMAD) dão importância especial à música, pois respiramos a música sacra, da melhor qualidade, cujas letras são verdadeiros lenitivos e bálsamo para a nossa alma e o nosso espírito. São conhecidos nacionalmente os nossos corais e bandas, em especial os corais Missionário, Avivamento e Paulo Leivas Macalão.

Creio que a Editora Betel, órgão da CONAMAD – Convenção Nacional das Assembleias de Deus de Madureira, por idealismo do pastor Abner Ferreira, gerente de publicações, está de parabéns e efetivando um importante passo editorial através do lançamento deste Álbum sobre *A Banda da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro*, que relata a fantástica trajetória de duas instituições bicentenárias: a Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro e a sua Banda de Música, que inclui a Banda Sinfônica e os demais corpos musicais.

Tanto a sociedade fluminense quanto a nossa igreja reconhecem o profissionalismo dos músicos militares da Marinha, do Exército e da Aeronáutica, em especial da Polícia Militar e do Corpo de Bombeiros Militar, que contam, inclusive, com inúmeros músicos do Ministério de Madureira.

Nesta oportunidade, parabenizamos o Coronel José Luís Castro Menezes, comandante geral da PMERJ; o Capitão Ronaldo Almeida da Silva, comandante da Companhia Independente de Polícia Militar – Músicos (CIPM-Mus). Parabenizamos também a Editora Betel, na pessoa do pastor Abner Ferreira, gerente de

publicações; e do pastor Luis Prates, gerente administrativo, pelo lançamento de tão importante obra, que, acreditamos, será um novo tempo para a nossa editora, em face da abertura editorial para outros grandes temas culturais.



Pastor Davi Cabral

Presidente da CADEVRE, Catedral das Assembleias de Deus em Volta Redonda - RJ



A PAZ É A NOSSA MAIOR CONQUISTA

Os registros contidos nesta obra sobre a música militar, a transferência da Família Real Portuguesa para o Brasil, em 1808, a criação da *Divisão Militar da Guarda Real de Polícia da Corte* e de sua Banda de Música são, sem dúvida, a saga da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro, que orgulhosamente tenho a honra de citá-la como uma das instituições mais honradas do meu governo, especialmente pela importância do trabalho que vem realizando no campo da segurança pública.

Eu tenho uma predileção especial pela diversidade cultural, principalmente a música. Platão, na antiga Grécia, registra que “a música é para a alma o que a ginástica é para o corpo”. Aprecio a música desde a minha juventude. Beethoven ressalta que “a música é a harmonia entre o céu e a terra” e que ela “é o vínculo que une a vida do espírito à vida dos sentidos; e a melodia é a vida sensível da poesia”. Desde cedo, os meus pais lutaram para que nós estudássemos e tivéssemos uma vida diferente. Em minha vida acadêmica, graduando-me em economia e administração, convivi com inúmeros momentos culturais, tanto em eventos populares quanto em concertos musicais.

Comecei minha vida política aos 27 anos de idade, já dedicando 33 anos de meu trabalho à vida pública. Fui vereador e prefeito de Piraí, quando a cidade teve um forte desenvolvimento. Sempre procurei ser simples, próximo, verdadeiro e reconhecer o valor das pessoas. Sempre valorizei as manifestações culturais.

Inspirado em Juscelino Kubitschek vi, quando prefeito de Piraí, que a internet abria a porta para o progresso. Investi muito nisso e realizamos, com a chancela da Unesco, a inclusão digital da cidade, por meio da “Piraí Digital”. Piraí transformou-se na primeira cidade digital do país.

De Piraí para o Palácio Guanabara percebi que a consagração popular do meu nome para o governo do Estado do Rio de Janeiro tem muito a ver com a música. Chorei muito quando ouvi pela primeira vez o jingle de minha campanha, de autoria de Jorge Bem Jor, “Pezão, Pezão, Pezão, Pezão, Pezão”. Creio que o refrão criado por ele foi um reconhecimento do meu compromisso com a cultura, com a música.

Em nosso projeto de governo - além de sistematizar o abastecimento de água para a Baixada Fluminense, procurar avançar nos trilhos, buscar uma paz sem medo,

saúde e emprego para todos - saio dessas eleições com o compromisso dobrado para com o povo fluminense. Da mesma forma, o meu compromisso com a cultura, a música, pois o Rio é, sem dúvida, o principal polo cultural do nosso país.

Acredito que chegou a hora de consolidar o projeto de segurança pública para o nosso estado. O Rio de Janeiro já deu passos importantes no processo de pacificação. As Unidades de Polícia Pacificadora vêm resgatando milhares de famílias das mãos do tráfico para uma nova vida social. Até o final de 2014 teremos um total de 40 Unidades de Polícia Pacificadora, com 264 territórios retomados e mais de 1,5 milhão de pessoas vivendo em paz. O projeto que levou ações sociais, bibliotecas, creches, escolas e desenvolvimento para as comunidades será expandido com mais 50 unidades em todo o estado. Isso é garantia de tranquilidade e oportunidade para a população de várias regiões do Rio de Janeiro.

Por outro lado, a implantação da Academia das UPPs vai garantir qualificação, treinamento e reciclagem de policiais que já atuam hoje na segurança dos moradores de comunidades pacificadas. A exemplo do que foi feito nas comunidades do Alemão e da Rocinha, o nosso governo vai integrar o trabalho das Polícias Militar e Civil com a instalação de delegacias avançadas no Jacarezinho, na Cidade de Deus, Vila Kennedy e Mangueirinha (Duque de Caxias). Serão criadas ainda as Ouvidorias das UPPs, um canal exclusivo de comunicação com os moradores de cada comunidade pacificada.

Para garantir uma paz segura a todos, o estado vai contratar 11 mil novos policiais para reforçar o contingente que até 2018 chegará a 60 mil. Vamos implementar o Centro de Operações Especiais (COE), uma base estratégica de 218 mil metros quadrados, para facilitar a ação da Polícia Militar por terra, água e ar. Além disso, intensificaremos o policiamento nas áreas que ainda não foram contempladas por essas unidades. Uma das ações será o aumento do número de câmeras para ampliação da vigilância urbana pelo Centro Integrado de Comando e Controle (CICC).

Sobre a importância da música na Polícia Militar, é inegável o trabalho da Companhia Independente de Polícia Militar - Músicos (CIPM-Mus), à frente da regência da Banda Sinfônica e dos demais corpos musicais da corporação, tanto nas apresentações internas quanto nos concertos musicais junto à sociedade fluminense, uma contribuição, sem dúvida, que fortalece a instituição e a cultura em nosso estado.

Dessa forma, é inegável o esforço da Companhia Independente de Música junto às UPPs, no sentido de criar e fortalecer o legado musical, que vem somar com os nossos projetos sociais, bibliotecas, creches, escolas e desenvolvimento para essas

comunidades. Tudo isso contribui para o processo de pacificação, cujo objetivo é trazer paz e tranquilidade para o povo fluminense. A música é de importância vital para a pessoa, para a sociedade, para a paz. A paz é a maior conquista do Rio e ela vai chegar para todos.



Luiz Fernando Pezão

Governador do Estado do Rio de Janeiro



APRESENTAÇÃO

É uma grata satisfação e dupla honra fazer a apresentação desta obra, *A Banda da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro*, lançamento da Editora Betel em parceria com a Companhia Independente de Polícia Militar – Músicos (CIPM-Mus). Em primeiro lugar, por comandar uma instituição bicentenária, criada por D. João VI, por Decreto de 13 de maio de 1809, instituindo a *Divisão Militar da Guarda Real de Polícia da Corte*, para guarnecer a segurança pública, que se tornou o núcleo embrionário da atual Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro e de todas as Polícias Militares do Brasil. A GRP, como era conhecida, foi formada por 218 policiais, dos quais 20 oficiais, 196 praças, um ajudante de cirurgia e um ferrador, com armas e uniformes idênticos aos da Guarda Real Portuguesa, composta por um Estado-Maior, três Regimentos de Infantaria, um de Artilharia e um Esquadrão de Cavalaria.

Teve como primeiro comandante o ex-capitão da Guarda Lusitana José Maria Rebello de Andrade Vasconcellos e Souza. Como seu auxiliar, foi escolhido um brasileiro, nascido em Angra dos Reis (RJ), o major Miguel Nunes Vidigal, que mais tarde seria eternizado como o lendário e temido personagem da obra “Memórias de um Sargento de Milícias”, de Manuel Antônio de Almeida. Assim como todo ser humano exibe, com orgulho, a sua certidão, emitida nos primeiros dias de nascimento, um importante documento para toda a vida, a Polícia Militar apresenta como sua certidão de nascimento o Decreto de 13 de maio de 1809, que atesta a grandeza de nossa instituição bicentenária, motivo de orgulho para nós, militares do Estado do Rio de Janeiro e de todas as Polícias Militares do Brasil.

A Polícia Militar é, portanto, esta instituição extraordinária, compromissada desde a sua origem com a segurança pública, “dever do Estado, direito e responsabilidade de todos”, de acordo com o *caput* do art. 144 de nossa Constituição Federal.

Em segundo lugar, é também motivo de honra apresentar uma obra que descreve a trajetória da nossa Banda da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro, que



nasceu junto com a *Divisão Militar da Guarda Real de Polícia da Corte* e que, ao longo dos seus mais de duzentos anos, alcançou um nível musical elevado, de reconhecimento internacional, traduzindo-se em orgulho de toda a nossa Corporação.

Há no mercado editorial brasileiro algumas obras que narram episódios de nossa história e de nossas bandas militares, mas este Álbum sobre *A Banda da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro* é um trabalho novo, diferente dos demais em relação à música militar e às bandas militares.

Este Álbum está dividido em duas partes principais. Na **Primeira**, temos “*A Música Militar, da Antiguidade a D. João VI, e a Divisão Militar da Guarda Real de Polícia da Corte, berço das Polícias Militares do Brasil*”. Na **Segunda Parte**, temos “*A Companhia Independente de Polícia Militar – Músicos (CIPM-Mus), sua Banda Sinfônica e Ações Sociais*”.

De modo geral, o Álbum procura traçar a trajetória da música, desde a antiguidade até hoje, especialmente a música militar e as bandas militares, tendo como foco final *A Banda da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro*, que executa importante tarefa musical, ao tempo em que atua também como um *link* entre a PMERJ e as diversas comunidades fluminenses.

O relato dessa brilhante história, ao longo de mais de duzentos anos, com as suas lutas e momentos de glória através da música, revela uma preocupação constitucional com a Segurança Pública, ao tempo em que assegura os direitos humanos e contribui com o Estado Democrático.

Desde o berço da nossa história, a “Divisão Militar” manteve em sua vanguarda a “Banda de Música”. Se por um lado a GRP buscava, muitas vezes, com o combate, a pacificação do conflito, por outro, a sua Banda de Música, como bálsamo derramado sobre a alma ferida, dava o tom de que, na segurança pública, manter a ordem entre os cidadãos se faz com garbo, equilíbrio, patriotismo e civismo.

A PMERJ, ao cumprir hoje as orientações da Secretaria de Segurança Pública, procura manter a ordem, ao tempo que reduz com inteligência os índices de criminalidade, violência e vulnerabilidade da comunidade. E nessa tarefa encontramos a atuação extraordinária da Banda da PMERJ e corpos musicais da CIPM-Mus, ficando patente a grandeza de nossos policiais músicos no dia a dia da Corporação, em cerimônias militares, cívicas, formaturas e deslocamentos. Isso porque, além do compromisso de manter a ordem, a nossa organização cultiva os mais sagrados princípios culturais e militares de convivência com a sociedade civil.

Enfim, quero cumprimentar e parabenizar tanto a Companhia Independente de Polícia Militar – Músicos (CIPM-Mus), na pessoa do seu Comandante, o Cap PM Mus Ronaldo Almeida, quanto a Editora Betel, na pessoa do Pastor Abner de Cássio Ferreira, por tão importante empreendimento que é o lançamento deste Álbum sobre *A Banda da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro*.

Coronel José Luís Castro Menezes

Comandante Geral da PMERJ, Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro



INTRODUÇÃO

Este Álbum sobre *A Banda de Música da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro* é um projeto especial da Editora Betel e CIPM-Mus da PMERJ que, além de ser um esforço literário idealizado pelo Pastor Abner Ferreira e sua equipe editorial, busca reconhecer valores acima da média comum no dia a dia de importantes instituições de nossa sociedade, como a Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro.

A princípio, este Álbum procura reconhecer o apoio que o Comando da PMERJ tem dado ao seu corpo musical, em especial à Companhia Independente de Polícia Militar - Músicos (CIPM-Mus), por meio dos seus músicos militares, integrantes da Banda Sinfônica e demais corpos musicais, ao longo dos mais de duzentos anos de existência.

A Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro foi instituída pelo Príncipe Regente D. João VI, através do Decreto de 13 de maio de 1809, data do seu natalício, quando foi criada a *Divisão Militar da Guarda Real de Polícia de Corte*¹ para prover a segurança pública, na sede da Monarquia Portuguesa, instalada no Rio de Janeiro, a 7 de março de 1808. A principal missão, portanto, era policiar a cidade em tempo integral, já que a segurança praticada pelos antigos “quadrilheiros”² não era tão eficaz.

Da mesma forma, este Álbum é um reconhecimento da grandiosidade da música e das bandas militares, tanto das Forças Armadas quanto das Polícias Militares, em especial a PMERJ, que sempre exerceram papel fundamental no corpo da tropa em suas organizações, além de prestar relevantes serviços à sociedade em todo país.

Como a “música é a arte e ciência de combinar os sons de modo agradável ao ouvido” ou “qualquer composição musical”,³ a música militar foi na paz ou na guerra fator de elevação do moral militar e do espírito de corpo. Basílio Magno da Silva ressalta: “Nenhuma atividade pode tirar da música maior proveito do que a atividade militar, à qual a música serve de refrigério de suas agruras naturais e de lenitivo natural de suas realidades épicas”.⁴

Por fim, este Álbum enaltece a música em geral que, no seu conceito mais simples, trata-se da ciência de combinação dos sons de forma agradável aos ouvidos. Neste contexto, é importante lembrar que, do Gênesis ao Apocalipse, a música sempre esteve e estará presente na vida humana.

A música nasce de Deus por ocasião do gênese de todas as coisas. Assim, da pré-história aos nossos dias, a música traça uma viagem extraordinária. Segundo as

Escrituras, a música deixa o Gênesis com Jubal (Gn 4.21), transpõe o dilúvio com Noé e seus filhos (Sem, Cão e Jafé) e exerce atividades intensas, na paz e na guerra, pelos grandes impérios da Mesopotâmia (entre os rios Tigre e o Eufrates), China, Índia, Egito, Grécia e no Império Romano.

Ainda na Antiguidade, sobre as conquistas militares de diversos povos, lembramos de uma das ações do povo hebreu, em que a Bíblia registra que o guerreiro e músico (harpista) rei Davi, da família de Jessé (1Sm 16.12,13),⁵ cantou e dançou à frente do povo e do exército ao transportar para Jerusalém a Arca da Aliança: “E Davi saltava com todas as suas forças diante do Senhor; e estava Davi cingido de um éfode de linho. Assim subindo, levavam Davi e todo o Israel a Arca do Senhor, com júbilo, e ao som das trombetas”, 2 Samuel 6.14,15.⁶

A música transpôs também as Idades Média, Moderna e Contemporânea, chegando até nós numa evolução tecnológica sem precedentes, com novas sistemáticas musicais, entre elas, a música eletrônica.

Ressaltamos nesta obra a música militar na corte Portuguesa, tanto servindo a corte quanto ao reino ultramarino. Foi assim que a música militar acompanhou o Príncipe Regente D. João VI e a Família Real rumo ao Brasil, ao tempo em que registramos o Decreto de 13 de maio de 1809, criando a “*Divisão Militar da Guarda Real de Polícia da Corte*”.

Junto com a *Divisão Militar da Guarda Real de Polícia*, surgiu também uma *Banda de Música*, embrião da atual Banda Sinfônica da PMERJ.

Entre outros temas, este Álbum destaca a Companhia Independente de Polícia Militar – Músicos (CIPM-Mus), criada pela Secretaria de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro, pela Resolução nº 855, de 24 de abril de 2006, através da qual se criou uma nova consciência musical no seio da PMERJ, fortalecendo as apresentações e concertos musicais da Banda Sinfônica junto à sociedade fluminense, além do apoio aos “Projetos Musicais e Concertos Didáticos” da corporação.

Numa instituição tão importante como a Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro, que abriu espaço para uma Companhia Independente de Música, este Álbum traz a galeria dos comandantes e maestros que estiveram à frente da CIPM-Mus e da Banda Sinfônica.

Duas importantes entrevistas compõem esta obra: uma com o atual Comandante da CIPM-Mus, Cap PM Mus Ronaldo Almeida da Silva; e outra com o Maj PM Mus Antônio Carlos Rosa, treze anos à frente da CIPM-Mus. Há também uma entrevista com o Sgt PM Mus Nascimento, Relações Públicas da CIPM-Mus, e outra com o maestro Joel, do Coral e Orquestra Missionário, da Assembleia de Deus de Madureira, Rio de Janeiro,

O pastor e futuro rei de Israel, Davi, tocando lira ainda menino



que teve participação especial junto à Banda Sinfônica da PMERJ, por ocasião das festividades do bicentenário de criação da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro.

Por fim, este Álbum enaltece o trabalho realizado pelo Museu da Polícia Militar do Rio de Janeiro, cujo acervo encontra-se na Rua Marquês de Pombal, 128, Cidade Nova, Rio de Janeiro (RJ). Por trás desse trabalho cultural, está uma equipe de museólogos, historiadores e restauradores, sob a direção do Tenente Coronel Analiny Caroprese, à frente do museu desde 2006.

Dessa forma, a Editora Betel tem a certeza de que está contribuindo para abrilhantar ainda mais a música militar e a CIPM-Mus, esta importante companhia, composta por excelentes profissionais militares e da música, que tem contribuído para o engrandecimento da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro e da sociedade fluminense.

NOTAS

1. BRASIL. *Coleção de leis do império do Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1809. v. 1, p. 54.
2. Ordenações Filipinas. Livro I, Título LXXIII: *Quadrilheiros, figura presente nas cidades, vilas e lugarejos para prender os malfeitores*.
3. HOLANDA, Aurélio Buarque de. *Dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. p. 957.
4. REVISTA A DEFESA NACIONAL. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1933.
5. ALMEIDA, João Ferreira de. *Bíblia de estudo profética* (ACF). São Paulo: Hagnos, 2005.
6. *Ibidem*.



PARTE I

A Música Militar, da Antiguidade a Dom João VI,
e a Divisão Militar da Guarda Real de Polícia da
Corte, berço das Polícias Militares do Brasil







A MÚSICA ATRAVÉS DA HISTÓRIA

No alvorecer da humanidade, o homem primitivo procurou imitar os sons da natureza por meio de sinais sonoros, gritos e batimentos de objetos (pedras, madeira etc.), mas sem a preocupação de produzir música, conforme os conceitos da atualidade. A partir do momento em que o *homo sapiens* passou a utilizar esses sinais com o objetivo de produzir música, começou a trajetória da música na história do homem. Ao longo das eras, o homem foi aperfeiçoando os instrumentos até chegar àqueles que hoje conhecemos. A cítara, por exemplo, era bastante conhecida do império caldeu, na Mesopotâmia.

Da pré-história, a música passou pela Antiguidade Oriental e Clássica, Idade Média, Moderna e chegou à Idade Contemporânea revolucionando todas as idades, como a música eletrônica, “que utiliza sons de origem eletromagnética, que o compositor seleciona e ordena a fim de obter um resultado artístico”.¹

Segundo o professor Lindomar, “a música é a arte de combinar os sons e o silêncio. Se pararmos para perceber os sons que estão à nossa volta, concluiremos que a música é parte integrante da nossa vida, é nossa criação quando cantamos, batucamos ou ligamos um rádio ou uma televisão”.² Nos últimos 60 anos, a música passou por mudanças substanciais, especialmente após os grandes concertos musicais e apresentações de orquestras sinfônicas de renome por várias partes do mundo.



Flauta feita com osso de pássaro, encontrada em uma caverna na Alemanha. Data do período Paleolítico Superior Europeu (entre 40000 a 35000 a.C.)



Hoje a música se faz presente em todas as mídias, pois ela é uma linguagem de comunicação universal. É utilizada como forma de sensibilizar o outro para uma causa de terceiro, porém esta causa vai variar de acordo com a intenção de quem a pretende, seja ela para vender um produto, ajudar o próximo, para fins religiosos, para protestar, intensificar noticiário etc. A música existe e sempre existiu como produção cultural, pois de acordo com estudos científicos, desde que o ser humano começou a se organizar em tribos primitivas pela África, a música era parte integrante do cotidiano dessas pessoas.³

Desenhos pré-históricos nas paredes das cavernas na Bulgária retratam animais e pessoas. A música teria surgido da imitação dos sons emitidos na natureza



A música possui, como nenhum outro meio, a capacidade de traduzir os sentimentos, as atitudes e os valores culturais de um povo, de uma nação. Ela produz, sem dúvida, uma linguagem tanto local quanto universal.

DA FONTE SONORA À MELODIA

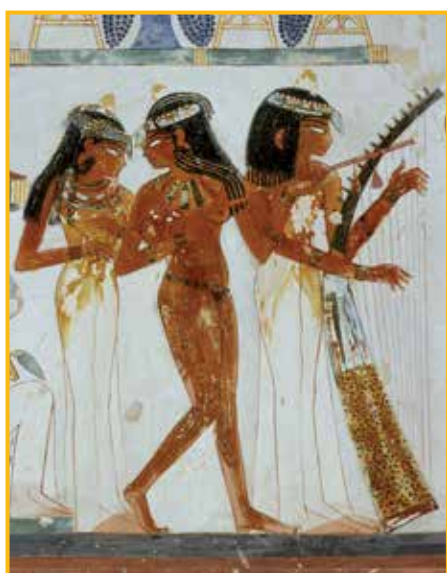
Para ouvirmos do som à melodia, um verdadeiro milagre ocorre no ser humano, envolvendo corpo, alma e espírito. Quando o som é produzido, as ondas sonoras percorrem o ar até atingir o ouvido, onde encontra um pequeno aparelho (tímpano) sensível às vibrações, que decodifica o som e o transforma, de acordo com a fonte sonora, em linguagem para o cérebro.

Numa escala musical, o som detectado pelo ouvido humano está entre o infrassom (abaixo de 20 ciclos por segundo) e o ultrassom (acima de 16 mil ciclos por segundo). Nenhum som é produzido de forma perfeita, ou seja, por meio de uma única frequência. Num violino, por exemplo, o som produzido pela nota *dó* (frequência de 261 ciclos por segundo) contém a vibração principal, que caracteriza a nota ouvida, além das vibrações correspondentes às notas mais agudas.

PRÉ-HISTÓRIA

Na **Pré-história**, o homem primitivo fez uso da música em suas cerimônias religiosas, ora adorando ao Deus Criador, ora invocando outros espíritos, forças da natureza, em rituais de dança para a caça, pesca, homenagens aos mortos ou se preparando para os confrontos tribais. Nessa fase, o homem aprendeu também a produzir, de forma rústica, instrumentos musicais, sendo a música incorporada gradativamente ao seu dia a dia desde o alvorecer da história.

“Diferentes fontes arqueológicas em pinturas, gravuras e esculturas apresentam imagens de músicos, instrumentos e dançarinos em ação. No entanto, não ficou conhecida a forma como esses instrumentos musicais foram produzidos”.⁴



Músicos de Amon, Tumba de Nakht. 18ª Dinastia, Tebas Ocidental (1422-1411 a.C.)

ANTIGUIDADE (3500 A.C. A 453 D.C.)

A **Antiguidade** começa com as primeiras civilizações na Mesopotâmia e vai até a queda de Roma, capital do Império Romano do Ocidente, em 476 d.C. A Bíblia nos revela que a música e seus instrumentos deixaram o Gênesis com Jubal (Gn 4.20),⁵ transpuseram o dilúvio com Noé e seus filhos (Sem, Cão e Jafé) e exerceram atividades intensas pelos Impérios da Antiguidade, a partir dos caldeus, na Mesopotâmia. Os sumérios, por exemplo, utilizavam em suas liturgias hinos e cânticos salmodiados, influenciando as culturas babilônica e judaica. Entre os judeus, os principais instrumentos antigos foram: chofar, keren, flaut e flauta de pá.

No Antigo Egito, por volta de 4000 a.C., a música alcançou um nível elevado de expressão, pois os egípcios preservavam a agricultura, envolvidos numa esfera cercada por cerimônias religiosas com danças, batuques, harpas, percussão, flautas e cantos. Os principais instrumentos desse período foram: harpa, trígono, lira, flauta vertical, trompa e sistro.

Na China, em 3000 a.C., a música tomou forma expressiva, pois os chineses acreditavam no poder da música. O principal instrumento da música chinesa naquele período foi a cítara, também conhecida dos caldeus, ao tempo em que utilizavam uma escala pentatônica (cinco tons).

Na Índia, por volta de 800 a.C., a música ocupou importante espaço. Um sistema musical sistematizado em tons e semitons dispensava as notas musicais.

Nos tempos bíblicos existiram diversos instrumentos musicais. Encontramos, no livro do profeta Daniel, uma relação de instrumentos da corte babilônica do rei Nabucodonosor: “*E o arauto apregoava em alta voz: Ordena-se a vós, ó povos, nações e gente de todas as línguas: Quando ouvir o som da buzina, do pífaro, da harpa, da sambuca, do saltério, da*



gaita de foles, e de toda a sorte de música, vos prostrareis, e adorareis a imagem de ouro que o rei Nabucodonosor tem levantado”, Daniel 3.4, 5.⁶

Já na Grécia, por volta do Século V, os filósofos criaram a teoria musical mais bem elaborada da Antiguidade. Para Pitágoras, “a música e a matemática formavam a chave para os segredos do mundo, que o universo cantava, justificando a importância da música na dança, na tragédia e nos cultos gregos”.⁷ Entre os gregos, os principais instrumentos foram: Monocórdio, guitarras, cítara heptacorda, lira, cítara pentacorda e flauta.

Com o domínio do Império Romano sobre os gregos, a maioria das teorias e técnicas artísticas foram transferidas para Roma e, na música, não foi diferente. Os romanos deixaram como legado o “trompete reto”, denominado por eles de “tuba”.



Representação de um músico em um jarro clássico grego datado de 490 a.C.

IDADE MÉDIA (476 A 1453)

Na **Idade Média** - que compreende o período entre a queda de Roma (476), capital do Império Romano do Ocidente, à queda de Constantinopla (1453), capital do Império Romano do Oriente, ocupada pelos turcos otomanos - a Igreja, com o crescimento do Cristianismo, passou a ocupar importante espaço no desenvolvimento musical.

Foram os monges, nos mosteiros, quem desenvolveram a escrita e a teoria musical do Ocidente. Os cânticos litúrgicos vocais vão dominar a música na Idade Média. Tornou-se célebre o Canto Gregoriano, trabalho realizado pelo monge beneditino Gregório Magno, eleito papa em 590. Ele compilou e selecionou uma série de cânticos sacros de melhor qualidade, sendo esta forma de cantar intitulada de “Canto Gregoriano”.

IDADE MODERNA (1453 A 1789)

Com a **Idade Moderna**, da tomada de Constantinopla (1453) à queda da Bastilha, França, com a Revolução Francesa (1789), a música galgou novos horizontes, quando surge, então, os clássicos, divinizando e eternizando a música. O termo *clássico*, do latim *classicus*, significa “cidadão da mais alta classe”.

Renascimento (1450 - 1600)

No **Renascimento**, houve uma mudança geral do pensamento humano,

Flautistas são retratados na meia seção da pintura chinesa *Festança Noturna* de Han Xizai, séc. XII. Cópia do original, de Gu Hongzhong, do séc. X



influenciando a arte e a música. A Igreja torna-se menos rígida e o homem do Renascimento passa a encontrar valores nele próprio e na natureza. Os nobres e os ricos passaram a oferecer oportunidade de trabalho aos compositores e músicos, ao tempo em que promoveram festas, audições e concertos culturais. As principais obras musicais foram as vocais. A composição mais comum foi a chamada *música vocal polifônica*. As obras mais importantes foram os *madrigais*, o *motete* e a *missa*. Foi no Renascimento também que teve início as composições para os instrumentos musicais, como *alaúde* e as *violas de gamba*.

Barroco (1600 - 1750)

No Barroco, a música instrumental atingiu a mesma importância que a música vocal, com ritmo exuberante e energético. O **violino** foi o instrumento que mais se firmou em face da evolução da sua construção e execução. O **cravo** surgiu como instrumento de solo. A **orquestra** tomou maiores proporções e de forma melhor estruturada. Surgiram a **ópera** e o **ballet**, formas musicais, orquestrais e vocais, com grande autonomia. Outro grande gênero musical foi o **suíte**, uma sucessão de diferentes peças musicais com o desenvolvimento de danças. Entre as figuras de maior expressão está Johann Sebastian Bach. No Barroco, os instrumentos de corda foram aperfeiçoados: violino, viola, violoncelo e contrabaixo.



Alaúde e violino, instrumentos musicais típicos dos períodos Renascentista e Barroco, respectivamente

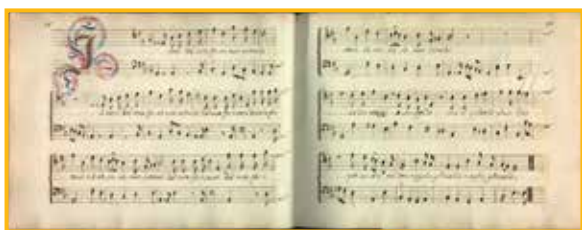
Classicismo (1750 - 1810)

No **Classicismo**, a música, diferente do Barroco, tomou forma mais leve e menos complicada. Predomina no Classicismo a melodia, acompanhada de acordes. O **cravo** caiu em desuso para ceder lugar ao **piano**, que o substituiu definitivamente. A orquestra chegou a uma proporção maior, diversificando os seus instrumentos. Surgiram novos gêneros musicais, como a *forma sonata*, o *quarteto de cordas*, a *sinfonia* e o *concerto*.

A música e os instrumentos fizeram uma pausa e repousaram na mente e no coração de alguns privilegiados, revelados nos clássicos, como Bach, Beethoven, Brahms, Chopin, Debussy, Gounod, Handel, Mendelssohn, Mozart, Puccini, Schubert, Tchaikovsky, Verdi, Wagner e inúmeros outros. Roy Bennett ressalta que “a música clássica é o estilo posterior ao Barroco”.⁸

Henry Thomas e Dana Lee Thomas selecionaram numa publicação vinte grandes músicos:

Os amantes da música, quer a ouçam na ópera ou nos concertos, no rádio ou em discos, encontrarão nestas biografias dos seus músicos prediletos os elementos indispensáveis para uma perfeita interpretação e, consequentemente, maior prazer ao escutar as obras-primas da música. Estas páginas abrangem as vidas de vinte gênios musicais que alcançaram a consagração



Manuscrito da ópera L'Aldimiro, de 1863, do compositor italiano Alessandro Scarlatti (1660-1725)

universal, de homens que legaram à humanidade a herança da sua música preciosa: Bach, Handel, Haydn, Schubert, Mendelssohn, Gounod, Debussy, Beethoven, Chopin, Schumann, Liszt, Wagner, Verdi, Mozart, Brahms, Tchaikovsky, Rimski – Korsakov, Sibellius, Puccini, Stravinsky. Uma obra que não se dirige apenas aos amantes da música, mas a todos os que sabem apreciar uma excelente biografia.⁹

Estas brilhantes estrelas da música, com suas artes, composições e apresentações em Roma, Paris, Viena, Londres, Lisboa e outras metrópoles encantaram reis, monarcas, rainhas, suas cortes, seus ministros, seus generais, seus nobres e fizeram escola para as futuras gerações. Registramos aqui os seus nomes, datas e obras:¹⁰

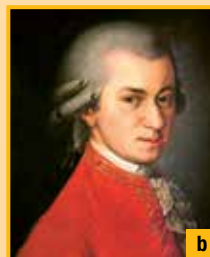


Cravo de 1579

MÚSICO, ÉPOCA

OBRAS

Johann Sebastian Bach , 1685-1750 (a)	Corais, concertos e sonatas
Geord Friedrich Handel , 1685-1759	40 óperas, 19 oratórios
Franz Joseph Haydn , 1732-1809	Vocais e instrumentais
Wolfgang Amadeus Mozart , 1756-1791 (b)	Vocais e instrumentais
Lwdwig Van Beethoven , 1770-1827 (c)	Vocais e instrumentais
Franz Schubert , 1797-1828	Vocais e instrumentais
Felix Mendelssohn , 1809-1847	Vocais e instrumentais
Frederic François Chopin , 1809-1849 (d)	Vocais e instrumentais
Robert Schumann , 1810-1856	Vocais e instrumentais
Franz Liszt , 1811-1886	Poemas e sinfonias
Wilhelm Richard Wagner , 1813-1883	Óperas e música orquestral
Giuseppe Verdi , 1813-1901	Óperas e composições
Charles François Gonoud , 1818-1893	Óperas e composições
Johannes Brahms , 1833-1897	Vocais e instrumentais
Peter Llich Tchaikovsky , 1840-1893	Vocais e instrumentais
Nikolay A. Rimsky-Korsakov , 1844-1908	Vocais e instrumentais
Claud-Achille Debussy , 1862-1918	Vocais e instrumentais
Giacomo Puccini , 1858-1924	Óperas e composições
Jean Sibellius , 1865-1957	7 sinfonias e poemas sinfônicos
Igor Stravinsky , 1882-1971	Vocais, ballets e composições



IDADE CONTEMPORÂNEA (1789 A 2014)

Romantismo (1810 - 1910)

O **Romantismo** está incluído na Idade Contemporânea e vai caracterizar-se pela liberdade de expressão e de sentimentos, além das mudanças políticas e sociais como o advento da Revolução de 1789. Paris (França) e Viena (Áustria) tornam-se o centro dos principais concertos musicais da Europa. Aflora nos compositores o sentimento de afeto para com a sociedade da época. Logo depois, os músicos conseguem libertar-se dos nobres e passam à produção independente.

Com a ascensão da burguesia, os concertos públicos tornaram-se mais frequentes, com grandes salas de espetáculos. As obras musicais tomam maior vulto. Com melhor qualidade dos instrumentos e dos músicos, eleva-se o nível das orquestras quanto à sonoridade e nível profissional. A literatura exerceu forte influência na música romântica, comprovada pelo surgimento de **Lied** e do **Poema Sinfônico**.

Marca esta época compositores como Chopin, Schubert, Mendelson e instrumentistas como o pianista Liszt e o violinista Paganini. Segundo Thomas, “o Romantismo desenvolveu o virtuosismo na execução instrumental que atingiu elevados graus de dificuldade e técnica instrumental, levando os músicos a tornarem-se figuras públicas de destaque”.¹¹

O século passado e o presente transcorrem com mudanças substanciais, quando a música encontra novos caminhos. Assim como o Romantismo explorou as possibilidades sobre o tom musical e a sonoridade, os sons inovadores e tecnológicos têm sido a preocupação dos novos tempos.

Art Hickman e sua orquestra, 1919. Uma das grandes influências do Jazz



O início das gravações trouxe mudanças para a produção musical. Alguns compositores, na busca de novas sonoridades, recorreram a vários objetos, colhendo os seus sons, e os transformando em instrumentos musicais. Houve, portanto, uma renovação na linguagem musical, em face dos novos timbres, harmonias, melodias e ritmos, bem como novos métodos de composição.

Dessa forma, os dois últimos séculos são, sem dúvida, marcados por uma série de novas tendências e técnicas musicais, especialmente no século XX, quando aparecem tendências e técnicas como o impressionismo e o nacionalismo, as influências jazzísticas, a poli-tonalidade, atonalidade,



o expressionismo, pontilhismo, serialismo, neoclassicismo, a microtonalidade, música concreta, música eletrônica, o serialismo total e a música aleatória, sem falar, é claro, na especificidade de cada cultura.¹²

NOTAS

1. HOLANDA, Aurélio Buarque de. *Dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. p. 957.
2. LINDOMAR, Professor. *História da música*. InfoEscola, [S.l.]: [entre 2006 e 2014]. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/musica/historia-da-musica/>>.
3. COLL, César; TEBEROSKY, Ana. *Aprendendo arte*. São Paulo: Ática, 2000.
4. BENNETT, Roy. *Uma breve história da música*. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.
5. ALMEIDA, João Ferreira de. *A bíblia sagrada*. São Paulo: SBB, 2009.
6. *Ibidem*.
7. SEMINÁRIO TEMÁTICO. *A matemática e a música*. Lisboa: Faculdade de Ciências, Universidade de Lisboa, [entre 1999 e 2000]. Disponível em: <<http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/seminario/musica/>>.
8. BENNETT, Roy. *Uma breve história da música*. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.
9. THOMAS, Henry; THOMAS, Dana Lee. *Vidas de grandes compositores*. Rio de Janeiro: Globo, 1947.
10. *Ibidem*.
11. ANDRADE, Mário de. *Pequena história da música*. São Paulo: Livraria Martins, 1944.
12. LINDOMAR, *op. cit.*

↑
Scorpions, banda alemã surgida em meados da década de 1960. São considerados pioneiros do grupo de *hard rock* e um dos maiores especialistas no desenvolvimento de *heavy metal* durante os anos setenta e oitenta. Sua sonoridade própria e estilo musical marcante são influências para muitas bandas de rock contemporâneas

A ESTRUTURA DE UMA ORQUESTRA E DE UMA BANDA SINFÔNICA





A música, na expressão do mestre Aurélio Buarque de Holanda,¹ “é a arte e ciência de combinar os sons de modo agradável aos ouvidos”. E também “qualquer composição musical”. E ainda, a “execução de qualquer peça musical” ou o “conjunto ou corporação de músicos”. Orquestra [Do gr. *orchestra*; pelo lat. *orchestra*] é “o conjunto de músicos, às vezes, dirigidos por um regente, que executam peças escritas especialmente para diversos instrumentos (cordas, sopro, percussão etc.) e que se caracteriza pelas possibilidades harmônicas e pela riqueza de timbres”; ou ainda: “parte instrumental de uma partitura; o lugar dos músicos em um teatro”.² Uma orquestra sinfônica é o conjunto de todos os músicos instrumentistas que executam uma página sinfônica ou filarmônica. É um grupo musical típico da música clássica.

Orquestra Sinfônica de Porto Alegre





A batuta, objeto muito visto nas mãos de maestros, é uma pequena vareta, fina, de madeira ou fibra de vidro, que auxilia na regência da orquestra

ORQUESTRA DE CÂMARA, SINFÔNICA E FILARMÔNICA

A **orquestra de câmara** é uma orquestra de pequena dimensão. **Orquestra sinfônica** ou **filarmônica** é uma orquestra de grande dimensão. A diferença entre as duas é que a **sinfônica** é composta por músicos selecionados por concurso público, enquanto a **filarmônica** é originada por músicos que a compõem.³

COMPOSIÇÃO DE UMA ORQUESTRA SINFÔNICA

A riqueza de uma orquestra sinfônica ou filarmônica moderna está na associação dos diversos sons produzidos através de suas notas, dos seus vários instrumentos, sob a regência de um maestro.

A **orquestra de câmara** é “qualquer música vocal ou instrumental destinada a um pequeno auditório, a um solista ou a pequenos agrupamentos de solistas, como, por exemplo, a sonata para um ou vários instrumentos, o trio, quarteto, quinteto, a ária para uma ou duas vozes, as melodias, cantatas com acompanhamento instrumental ou sem ele”.⁴ Enquanto ela é formada por um reduzido número de músicos, a **orquestra sinfônica** ou **filarmônica** possui um número mais elevado de músicos, dependendo da obra a ser apresentada. Uma orquestra sinfônica ou filarmônica é composta dos seguintes instrumentos: flautas, podendo uma ou mais alternar-se com flautins; oboés, entre os quais, pode ser alternado por corne-inglês; clarinetas, podendo se alternar entre requinta e clarones;

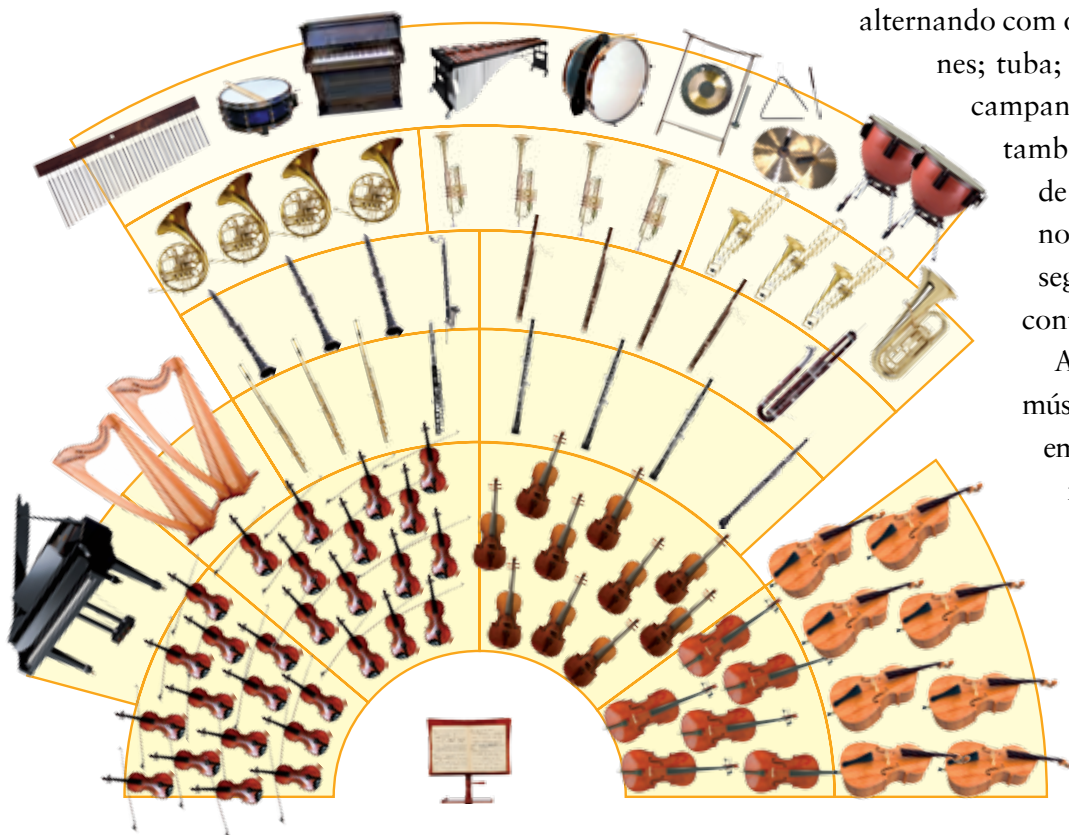
fagotes, podendo ser um contra-fagote; trompetes se

alternando com os cornets; trompas; trombo-

nes; tuba; tímpanos, sinos, triângulos, campanas, pratos, gongos, bombos,

tambores e outros instrumentos de percussão; harpas; violinos, divididos em primeiros e segundos; violas; violoncelos e contrabaixos.

A ordem de disposição dos músicos dependerá do método empregado pelo maestro. Geralmente, é sempre a mesma ordem. Os músicos são posicionados num semicírculo, que se eleva a partir do centro, onde o maestro se posiciona, de forma que ele possa ter uma visão panorâmica do conjunto.



OS SONS DE TODOS OS INSTRUMENTOS DE UMA ORQUESTRA

Maestro - O maestro é uma espécie de guia musical. Além de estimular e guiar os músicos durante as apresentações, servindo de referência, ele realiza ainda um trabalho prévio de preparação dos instrumentistas. Seus gestos, ao reger a orquestra, visam reforçar o que foi treinado, embora o concerto não seja uma mera repetição dos ensaios.

Instrumentos⁵

Uma orquestra é composta por instrumentos produzidos de madeira e metal, além de outros componentes.

Madeira



Flautim - Instrumento de sopro, também conhecido como piccolo (pequeno, em italiano) ou otavino, tem a metade do comprimento da flauta, mas seu dedilhado é o mesmo. De som mais agudo, alcança uma oitava acima da flauta. Ouve-se facilmente o flautim destacando-se do som da orquestra. Devido à estridência do seu timbre, porém, os compositores evitam usá-lo com muita frequência.



Flauta - Instrumento de sopro, feita de metal e tocada em posição transversal. Os sons são produzidos pelo sopro no bocal (um orifício em uma de suas extremidades). O corpo do instrumento contém 13 chaves para execução das notas. Pertence ao naipe das madeiras porque as flautas primitivas eram feitas desse material, tocadas na posição vertical. Sua utilização em orquestras data do século XVII.



Oboé - Instrumento de sopro de formato ligeiramente cônico, é feito de madeira (principalmente ébano). Devido ao seu timbre penetrante, é a partir dele que, antes do concerto começar, todos os outros instrumentos são afinados. Seu som é mais áspero quando comparado com o timbre claro e aberto da flauta. Em melodias mais lentas, tende a ser

melancólico. Foi incorporado à orquestra em meados do século XVII.



Corne-inglês - Instrumento de sopro da família do oboé, feito também de madeira (principalmente ébano), porém, de som mais grave e tubo mais longo, que termina num pavilhão esférico. Funciona com paleta dupla. O corne-inglês é o oboé contralto. Sua origem é provavelmente inglesa, do final do século XVII.



Clarineta - Instrumento de sopro, com corpo de madeira e chaves de metal, tocado com palheta simples. É um instrumento solista por excelência, sendo também empregado como complementar da harmonia. O modelo atual tem 26 chaves e sete orifícios descobertos, dos quais seis na parte superior e um na inferior. Foi inventado por volta do ano 690 e incorporado à orquestra no Século XVIII.



Clarone - Instrumento de sopro da família dos clarinetes, também conhecido como clarinete baixo, de som mais grave. Tem dimensões maiores, forma cilíndrica mais acentuada e boquilha curvada na forma de pescoço de cisne, semelhante ao saxofone. Foi inventado em 1793 e introduzido na orquestra em 1836.



Fagote - Instrumento de sopro, de madeira, com tubo cônico, longo e dobrado, e palheta dupla como a do oboé. Possui 21 chaves e seis orifícios descobertos, cinco na parte superior e um na inferior. Tem som grave e encorpado, semelhante ao de um cantor de timbre baixo.



Contra-fagote - Também de madeira, é

mais grave e mais possante que o fagote comum. Seu papel principal é reforçar o baixo. Seus efeitos são idênticos aos do fagote.

Metais:

Trompa - É oriunda de um instrumento de chifre de carneiro, boi ou búfalo chamado chofar (palavra da língua hebraica), conhecido há cerca de 4000 a.C. A trompa atual é de metal e mede 52 centímetros de altura. O comprimento do tubo enrolado atinge até 5,9 metros. O trompista toca comprimindo os lábios contra o bocal e soprando com maior ou menor intensidade. As quatro válvulas são movidas pelos dedos da mão esquerda.



Trompete - Na época medieval, o trompete era usado em acontecimentos militares ou cerimônias. Foi incorporado à orquestra em óperas e música sacra para reforçar as passagens que expressassem estado de espírito como alegria ou triunfo. Antes do sistema de pistões, era um pouco limitado, pois restringia-se a notas naturais da série harmônica. Hoje, nas orquestras, são usados vários trompetes.



Trombone - Este instrumento de metal parece ter sido inventado no ano 685 a.C. Pode ser de vara de pistões. O de vara é usado com frequência nas orquestras. O trombone tenor é o tipo fundamental, porque sua extensão sonora reproduz a voz do homem, sendo dotado de todo vigor, timbre suave e brilhantismo.

Tuba - Instrumento de sopro que consiste num



tubo cilíndrico recurvado sobre si mesmo e que termina numa campana em forma de sino. É dotada de um bocal e possui de três a cinco pistões. Desde o seu aparecimento, na primeira metade do século XIX, foi incorporada às orquestras sinfônicas.

Percussão:

Tímpanos - São hemisférios de metal sobre os quais se estica uma pele. Por meio de parafusos, obtém-se sua afinação em determinadas notas. São úteis na acentuação do ritmo, obtenção de certos efeitos e acréscimo de colorido. A percussão é feita por duas baquetas e bilros de extremidade arredondada revestida de feltro, algodão, couro, esponja ou madeira.



Xilofone -

Instrumento formado por 37 blocos de madeira, de tamanhos diferentes, colocado um ao lado do outro, em fileiras horizontais. Esses blocos estão relacionados a 43 tubos verticais, de tamanhos diferentes, proporcionais à altura do som e que servem como caixa de ressonância. A percussão é feita por meio de duas baquetas ou martelinhos.

Triângulo - Peça metálica com forma triangular, que se faz soar com uma pequena barra, também de metal.



Pratos -

São discos de metal que se bate um de encontro ao outro, para obter mais efeito em determinada passagem da música. Podem também ser utilizados suspensos, fixados em suporte próprio, tocados com baquetas.



Gongo -

Instrumento oriundo da China, em forma de disco metálico, é percutido por meio de uma baqueta revestida de feltro na extremidade dilatada.

Caixa - Instrumento de percussão que tem uma caixa cilíndrica de madeira ou metal,



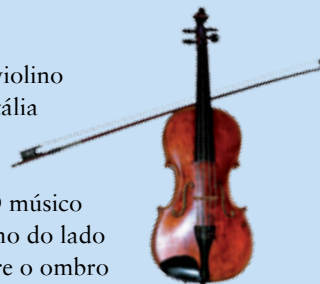
cujas bases são revestidas de pele tensa e percutidas com baquetas ou macetas.



Bombo - Tambor de grandes dimensões e sonoridade grave, é tocado com as peles em posição vertical.

Cordas:

Violino - O violino apareceu na Itália na primeira metade do século XVI. O músico segura o violino do lado esquerdo, entre o ombro e o queixo. As cordas podem ser vibradas com arco ou dedilhadas (pizzicato). O arco é uma vareta de madeira, ao longo da qual são esticados mais de 200 fios de crina de cavalo, que devem ser untados com breu para maior aderência às cordas. Sua caixa de ressonância é de extraordinária importância para a sonoridade do instrumento. O timbre sonoro do violino é muito variado.



Viola - Possui tamanho um sétimo maior que o do violino. É ligeiramente mais pesada e tem cordas mais grossas. Como o violino, é colocada embaixo do queixo, mas, por ser mais comprida, requer que o instrumentista estenda um pouco mais o braço esquerdo para tocá-la. Seu som é mais grave, situado entre o do violino e o do violoncelo. A viola é mais antiga do que o violino, mas não tem tanta variedade de timbres sonoros quanto o mesmo.



Violoncelo - Também é conhecido por cello, diminutivo do nome, em italiano. Apoia-se no solo por uma vareta regulável de metal, chamada espigão. O violoncelo tem a maior extensão sonora de todos os instrumentos de cordas. Com cordas mais longas e grossas, seu som é encorpado e penetrante.



Contrabaixo - É o mais longo instrumento da orquestra sinfônica, medindo dois metros de altura. Seu arco tem 60 centímetros de comprimento. É também o mais profundo. Possui grande número de sons harmônicos naturais e artificiais e é um instrumento de conjunto, formando a base sonora da orquestra, em que lhe é confiada a parte grave da harmonia.

Outros instrumentos:

Harpa - Símbolo da mais bela estética da orquestra sinfônica, é posicionada de forma destacada entre as cordas. É um dos instrumentos mais antigos do mundo. Feita de jacarandá, tem de 46 a 47 cordas e seus sete pedais contam com dispositivo que permite elevar o som de forma que cada corda produza três sons diferentes, possibilitando executar música em todas as tonalidades. Suas cordas são coloridas, diferenciando as notas musicais.



Piano - Instrumento de variada sonoridade, que possui quatro elementos essenciais: cordas, mecanismo, caixa de ressonância e caixa externa. As cordas são de aço e de espessura que varia de acordo com a região do piano. Tem a capacidade de cobrir quase todos os sons utilizados na música. Os pianistas podem tocar como solistas ou como parte da orquestra.



Celesta - Chamada de tirofone, foi inventada em 1886. Lembra um piano pequeno, com teclado de 49 teclas brancas e pretas.

O som é obtido por lâminas de aço dispostas horizontalmente, ligada por um mecanismo semelhante ao que existe no piano. O pedal serve para sustentar os sons emitidos.



BANDA SINFÔNICA

Uma banda é um conjunto musical formado por instrumentos de sopro (madeira e metal) e percussão (na forma de concerto), com funções, repertório e formações variadas, envolvendo de 60 a 80 músicos. Na definição de Aurélio Buarque de Holanda, “banda é um conjunto de músicos (...), formado por instrumentos de sopro e percussão” e sinfônica (elevado número de instrumentistas) “destinada a sinfonias, a peças para diversos instrumentos”.⁶

Comumente, conhecemos duas divisões de bandas: civil e militar. Mas uma banda pode ser colegial, religiosa, de palco, fora de palco, de marchar, de *rock*, de pagode, *country*, além de outros adjetivos. De modo geral, as Bandas Sinfônicas procuram apresentar um repertório diversificado, música de boa qualidade tanto erudita quanto popular.

Sobre a função social de uma banda, o jornalista e radialista Zair Cançado, membro do Conselho Administrativo da ABI, ressalta que “são atrações que embalam as velhas e as novas gerações. São escolas de arte e de cultura populares, revestidas de total espontaneidade”.⁷ Isso está de acordo com a Companhia Independente de Polícia Militar - Músicos (CIPM-Mus) que, através das apresentações de sua banda sinfônica e outros corpos musicais, tem realizado excelente trabalho musical, cultural e de aproximação com as comunidades pacificadas do Rio de Janeiro.

NOTAS

1. HOLANDA, Aurélio Buarque de. *Dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. p. 957.

2. *Ibidem*.

3. *Orquestra*. Disponível em: <http://www.suapesquisa.com/o_que_e/orquestra.htm>.

4. HOLANDA, *op. cit.*

5. *Instrumentos da orquestra*. Disponível em: <http://web.archive.org/web/20111011234135/http://www.fsspx-brasil.com.br/mjcb/downloads/Orquestra_sinfonica.swf>.

6. HOLANDA, *op. cit.*

7. CANÇADO, Zair. *A banda de música é a alma do povo*. A Nova Democracia, Rio de Janeiro, ano 1, n. 6, jan. 2003. Disponível em: <<http://www.anovademocracia.com.br/no-6/1251-a-banda-de-musica-e-a-alma-do-povo>>.

MÚSICA E BANDAS MILITARES DESDE A ANTIGUIDADE



Desde a Antiguidade, a música militar e as bandas militares têm cumprido sua nobre missão de animar o corpo da tropa, atemorizar o inimigo e organizar a formação de ataques através de suas canções guerreiras. Há registros na história de exemplos de formações militares em torno da música, lembrando que nas batalhas a música sempre foi um fato comum.

A música militar acolheu, desde os tempos mais remotos, instrumentos de sopro e de percussão, tendo evoluído os mesmos em função dos recursos que o ser humano teria dominado em seu progresso material. A antiga Mesopotâmia, considerada o berço da civilização, influenciou os demais povos, tanto na religião quanto em outras artes, incluindo a música. Eles já utilizavam, inclusive, uma escala musical e registros musicais.

Um quadro, em baixo relevo, no Museu do Louvre, Paris, França, revela a mais antiga representação conhecida de músicos militares. Nele aparecem músicos do exército assírio, da época de Assurbanipal (668-626 a.C.), tocando instrumentos de cordas. Sabe-se que o Império Assírio foi o primeiro grande império da Antiguidade, cuja capital, Nínive, aparece nos registros bíblicos do profeta Jonas.¹

INSTRUMENTOS MUSICAIS²

Vários instrumentos musicais da Antiguidade Oriental são citados, tanto nas Escrituras Sagradas quanto em livros históricos, registros, atas, documentos e publicações oficiais, como buzina, flauta, harpa, sambuca, saltério, gaita de foles (Daniel 3.5).³ Havia também um instrumento chamado *crotalo*, similar às castanholas ou matracas de hoje. O *thimpanum*, semelhante a um pandeiro. O *sistrum*, instrumento militar egípcio. O *cimbalum*, constituído por duas calotas de metal, que produzia sons semelhantes aos obtidos com os pratos metálicos de hoje. O *cimbalum* é um instrumento de diversas culturas, como egípcia, assíria, grega, hebraica, romana, turca etc.

Na Pérsia, um instrumento musical bastante conhecido era a *carna*, uma grande corneta de latão, que anunciava o nascer e o pôr do sol nos dias festivos. Ela era vedada a particulares e somente a nação persa podia tê-la. A *carna* era liberada somente para os seus instrumentistas nos determinados dias festivos.



Relevo retratando músicos assírios. Palácio de Assurbanipal em Nínive, no Iraque. Século VIII a.C.



Banda de músicos do exército otomano.
É considerada a mais antiga variedade de
banda musical militar do mundo

Entre os judeus, o instrumento mais conhecido é o *shoffar*. O litúrgico é produzido exclusivamente de chifre de carneiro. Outro instrumento hebreu é o *jobel*, derivado de Jubal, o primeiro instrumentista da Bíblia (Gn 4.21), feito também de chifre de carneiro, utilizado nas festas do Jubileu, remissão, de cinquenta em cinquenta anos.

Entre os árabes, conhecia-se o *anabil*, bastante longa. Sabe-se que os árabes a levaram para a Península Ibérica e a difundiram na região. Por seu comprimento, era difícil tocá-la montada. Por isso, deram nela uma volta sem o prejuízo do som produzido. Assim, nasceram as cornetas e os clarins, conforme os temos hoje.

Na antiga Grécia, duas cidades-estados ficaram nos registros da história: Atenas (filosofia) e Esparta (castrense). Os gregos devotavam à música um lugar de relevo na educação, tendo como destaque as flautas. Era costume dos músicos acompanharem as batalhas, ao tempo em que executavam um ritmo conhecido como *embateri* para comemorar o triunfo da tropa.

Segundo Maria Luiza, os espartanos entoavam, no ataque, cânticos guerreiros do “imortal Castor”. O cântico guerreiro é o hino militar.⁴ As mães gregas acalentavam os seus filhos com os cânticos guerreiros. Cânticos e danças militares sempre fizeram parte da cultura dos povos da Antiguidade.

Na Macedônia, na época de Alexandre, o Grande, havia uma trombeta que ressoava até dezoito quilômetros. Mas muitos dizem que esta trombeta teria sido um mito.

Na China, foram encontrados no sítio arqueológico de *Jiahu* flautas de ossos, perfeitas, de cerca de sete a nove mil anos atrás.

Os romanos, por sua vez, possuíam a *buccin*. As legiões romanas utilizavam também a música para incentivar as suas formações militares em combate, sendo este costume comum também de muitos inimigos de Roma. Já os gauleses, por exemplo, davam relevo às danças guerreiras, com música e canto. Os recrutas da Hungria tinham por costume, após o alistamento, cantar e dançar para o serviço das armas.

Durante as Cruzadas, após terem contato com os Sarracenos, no norte da África, os guerreiros passaram a utilizar a música no campo de batalha.

A *syrinx* ou *siringa*, na forma evoluída da *naion* ou *naiú*, ainda há pouco permanecia nas bandas militares romenas proporcionando-lhes o som dos *flautins*. Representações marciais e pastoris gregas mostram outra flauta, que lembra a tuba romana.⁵ As cornetas e clarins, como hoje conhecemos, datam do século XVI, sendo referidos na literatura antiga e de forma genérica como trombetas.

Posteriormente, as monarquias absolutistas lançaram mão da música para a organização dos seus exércitos. Em 1519, o pensador e diplomata



Hebreus músicos, prisioneiros de guerra, sendo levados por soldado Assírio em relevo dos séculos 704-681 a.C.



Tocador de Tuba (canto superior direito) diante de Marco Aurélio (161-180 d.C.) em seu triunfo após sucesso contra as tribos germânicas. Baixo-relevo do Arco de Marco Aurélio, agora no Museu Capitolino, em Roma

italiano Nicolau Maquiavel (1469-1527) escreveu a sua obra “*Libro della arte della guerra*”, na qual aconselhava aos oficiais emitirem seus comandos através de toques de corneta pré-estabelecidos, principalmente por facilitar a audição das ordens, que se expressadas vocalmente poderiam se tornar inaudíveis devido o furor das batalhas.⁶

A MÚSICA MILITAR, DA IDADE MÉDIA AO SÉCULO XVIII

Na Idade Média, segundo Antônio Gonçalves e Pedro Schirmer, a música militar passou a contar com a organização de conjuntos para a execução de peças marciais, passo inicial para a constituição das bandas, nos moldes atuais, apesar de que tanto na Grécia quanto na antiga Roma já fosse comum a reunião de muitos músicos para determinadas tocatas.

Com o advento das Cruzadas foram incorporados instrumentos de sopro para as chamadas ou sinais de presença, tornando-se obrigatórios entre as tropas.

Do Oriente, com as Cruzadas, importa-se instrumental da música dos “infiéis”, os muçulmanos, e mesmo se valorizam aqueles que o Ocidente já adotara, especialmente para percussão. Muitos foram, antes, introduzidos pelos árabes, como a tabela, um grande tambor. Originário da Turquia era a *nakara*, uma espécie de tímpano, peça de percussão montada sobre calota metálica. E o *nacaire* francês. Do *chalumeau* francês veio a clarineta (1690) e suas variantes: requinta e clarone. Do primitivo *chalumeau* também surgiria o oboé.⁷

Já no Renascimento surgem novos instrumentos musicais, aperfeiçoando-se os já existentes. O compositor francês Clement Jannequin (1485-1558) registra na partitura musical de sua obra “Batalha de Marignan”, toques militares e rufar de tambores. Dessa forma, inaugura o gênero musical de batalha, que permanece até os dias atuais.

“A infantaria da época marcha cadenciada por tambores de 75 cm de diâmetro. O bumbo, de origem grega ou albanesa, trazido pelos estradiotas, cavalaria ligeira mercenária, permanece nas bandas. Ao princípio, o bumbo ou *bedon* é tão grande que um homem o carrega às costas, seguido do músico que o percute. Em outras bandas surge o oboé. O pífaro, pequena flauta de origem suíça, se espalha pela Europa, a partir de 1450. Cada companhia, na França de Francisco I, é dotada de um pífaro e de um tambor. Significativamente, a tumba desse rei apresenta, num baixo relevo, um tocador de pífaro e outro de tambor. Eduard Manet (1832-1883), o célebre pintor francês, fixaria, posteriormente, a figura do tocador de pífaro em uma de suas mais belas telas.”⁸



Gravura de um manual alemão de lei e ciência militar, publicado em 1555, mostrando um tocador de pífaro (de costas) e um percussionista

BANDAS MILITARES

Após o Renascimento, as bandas multiplicam-se, com destaque para as bandas militares. O termo “Banda Militar” surgiu na Inglaterra, especificamente em 1678, quando as bandas de música começaram a ampliar o seu raio de ação, com um repertório adequado às necessidades dos desfiles e solenidades. As bandas militares no continente europeu eram formadas, por sua vez, de instrumentos de sopros e percussão, descendendo dos antigos “*Civic Waiters*” ou “*Stadtpeifer*”, que costumavam se apresentar nas praças e coretos medievais.⁹

Por volta do século XVIII, as bandas militares utilizavam cornetas, clarins, trompas, fagotes, pífaros para executar suas marchas cadenciadas pelos tambores.¹⁰ Dessa forma, através dos séculos, a atuação das bandas de música se manteve tradicionalmente ligada às instituições militares, tanto pelo efeito psicológico, quanto pela força operacional. Paralelamente, as bandas militares passaram a estabelecer uma estreita relação com a sociedade civil, por meio do reconhecimento dos apreciadores da boa música e do entretenimento do grande público.

O século XVIII é aquele no qual as bandas de música tomaram a forma atual. Handel, músico alemão mais radicado na Inglaterra; Keiser, alemão; e Pugnani, italiano, mas com permanências em Paris e Londres, ampliam, entre outros, o respeito das marchas militares. Frederico II, o Grande, regulamentou as bandas do seu país. Ele próprio, exímio flautista e compositor, deixou-nos belas peças como a “Marcha de Torgau” e a “Marcha de Hohenfriedberger”. À frente das bandas alemãs estava o mestre de flauta de Frederico II, o célebre Quantz. As marchas militares de Gluck eram muito solicitadas e difundidas. Nos Estados Unidos surge, em 1799, a *American Marine Band*. Pistões e chaves são recursos que vão-se introduzindo nos instrumentos de sopro, aperfeiçoando-os ou dando origem, por transformação, a outros novos.¹¹

Na Alemanha, sobressaem os instrumentos de sopro, bastante populares. Na França, em 1750, ocorreu uma revisão geral na composição dos toques e batidas para tambor, inclusive com proposta de regulamentação dos movimentos do tambor-mór. Em 1762, sob a influência do Marechal de Biron, as bandas militares passam a ter 16 e 24 figurantes, executando retretas, em Paris (Versalhes). Na Inglaterra, os efetivos militares passam a ser reduzidos, ficando oito apenas por Regimento. Na Áustria, os regimentos passam a ter bandas com onze músicos: dois oboés, duas clarinetas, duas trompas, dois fagotes, um trompete, um tambor e um bombo.

Com o advento da Revolução Francesa, as bandas militares ocupam lugar de destaque. Elas passam a fazer parte de todas as cerimônias e acontecimentos festivos. Vários compositores franceses passam a integrar a música militar, tanto em escolas quanto em apresentações, ao tempo em



Músicos de tambor-mór. 3º Regimento de Granadeiros a Pé, Guarda Imperial Francesa. 1810



que influencia os novos músicos. Na Inglaterra, a Banda do *Royal Artillery* passa a contar, em 1758, com 12 músicos, elevando, em 1815, para 38. Na França, a Guarda Imperial é formada com mais de cem músicos em sua banda.¹²

Descrever sobre bandas musicais e bandas de música militar é um exercício complexo, tal a evolução das bancas e conjuntos musicais em diversos países. Até porque a música está ligada à alma do povo. Cada país conta com suas tradições musicais. No Brasil, por exemplo, a diversidade musical, regional, influencia a música militar e a banda militar. No Rio de Janeiro, outro exemplo, o samba já começa a marcar um ritmo tanto nas bandas militares em geral, quanto na Banda Sinfônica da PMERJ. No Sul, Centro-Oeste, Norte e Nordeste, a mesma tendência regionalizada, aos poucos, vai-se somando ao repertório musical de cada banda de música.

No início, a música militar americana era centralizada em torno da flauta, com instrumentos de metal sendo lentamente adotados

NOTAS

1. ALMEIDA, João Ferreira de. *Bíblia de estudo profética - Tim Lahaya*. São Paulo: Hagnos, 2006.

2. MEIRA, Antônio Gonçalves; SCHIRMER, Pedro. *Música militar e bandas miliatres: origem e desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Ombro a Ombro, 2000. p. 14-19.

3. ALMEIDA, *op. cit.*

4. LIRA, Mariza (org.). *Cânticos militares*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1942. v. 58.

5. SOUSA, Pedro Alexandre M. Marquês de. *A música militar em Portugal*. Proelium: Revista da Academia Militar, Lisboa, n. 10, p. 99-128, 2008.

6. *Ibidem*.

7. MEIRA; SCHIRMER, *op. cit.*, p. 30.

8. *Ibidem*. p. 30-31.

9. POLK, Keit et al. *Band*. In: Grove Music Online. [S.l.]: Oxford University Press, [2001]. Disponível em: <<http://www.grovemusic.com>>.

10. SINZIG, Pedro. *Dicionário musical*. Rio de Janeiro: Kosmos, 1947. p. 75.

11. MEIRA; SCHIRMER, *op. cit.*, p. 35-37.

12. *Ibidem*.



A MÚSICA MILITAR NA CORTE PORTUGUESA

Ao longo do séc. XVI, foram formados grupos de tocadores profissionais de instrumentos de sopro em municípios de toda a Europa. *Stadtfeifer* ("gaiteiros da cidade"), como esses músicos eram conhecidos na Alemanha, tocavam para cerimônias, para casamentos, e às vezes com cantores em apresentações de elaborada polifonia sacra, isto é, música com caráter melódico e rítmico individualizado



Em Portugal, a música militar acompanhou a evolução musical europeia. Como já registramos, em “bandas militares”, no Cap. 3, a expressão “Banda Militar” surgiu na Inglaterra, por volta de 1678, por ocasião da ampliação do seu campo de atuação, adaptando-se às necessidades de solenidades e desfiles.

As Bandas Militares na Europa eram formadas por instrumentos de sopro e percussão, originados, segundo Keit et al Polk, dos “antigos *civic waiters*, ou *Stadtfeifer*, que se apresentavam geralmente nas praças e coretos medievais”.¹ Pedro Sinzig ressalta que as bandas militares utilizavam, no Século XVIII, cornetas, clarins, trompas, fagotes, pífaros para executarem marchas cadenciadas pelos tambores.²

A atuação das bandas militares, por sua vez, sempre se manteve pela tradição ligada às instituições militares, com o propósito de gerar o devido efeito psicológico, quando ligadas à função operacional. Assim, as bandas militares passaram a estabelecer uma ligação mais direta junto à sociedade civil, por meio do reconhecimento daqueles que amam e apreciam a boa música.

Em Portugal, a música militar esteve ligada às atividades dos Regimentos do Exército e da Armada Real, desde o reinado de D. João V (1689-1750). Uma tradi-

ção que se estendeu para as colônias, em especial o Brasil, com a vinda do Príncipe Regente D. João VI e a Corte Portuguesa, em 1808.

Sobre as bandas de músicas em Portugal, o português e militar Raimundo José da Cunha Mattos (1776-1839) foi um dos primeiros autores a distinguir dois tipos de conjuntos: a banda marcial e a banda de música. Sobre a banda marcial, ele qualifica os instrumentos de bélicos: tambores, cornetas e trombetas, responsáveis pela execução dos toques, sinais e comandos para a tropa, e os classifica em três qualidades:

1º Toque de advertência, 2º Toque de execução, 3º Toque de continência: e por eles tão somente, e sem o socorro da voz dos chefes, se podem fazer todas as evoluções militares. Os principais toques são os seguintes: Alvorada – Chamada – Generais – Rebote – Missa – Rancho – Faxina – Assembleia – Ordem – Castigo – Recolher – Retreta – Rezar – Oficiais – Sargentos – Bandos – Tambores – Marchar em diferentes direções – Atenção ou Advertência. Os tambores, cornetas e trombetas devem ser muito exercitados nestes toques; e os oficiais e soldados hão de estar com eles muito bem familiarizados para não confundirem os diversos mandamentos (1837-1864, p. 291-220, v.3).³

Uma informação datada de 1740 indica que, em Portugal, a denominação *charamela* ainda era aplicada às bandas de oboé da Armada Real, um dos corpos da Marinha de Guerra portuguesa:

Em [agosto de] 1740 encontrava-se aquartelado no Castelo de São Jorge o Regimento da Armada Real. Uma praça executante do boase (termo adulterado de oboé), da charamela, envolveu-se em desordem, da qual resultou levar uma pontada de chuço (CUTILEIRO, 1981, p.6).⁴

Dessa forma, a música era oboísta; e o conjunto denominado de *charamela*, um indício de que o instrumental da banda da Armada Real já se modificara. Por volta da última década do século XVIII, as bandas de música, sob o modelo dos conjuntos *harmoniemusik*, passaram a fazer parte do exército português. O termo *banda* ainda não possuía qualquer indicação musical, de acordo com um verbete do dicionário de Rafael Bluteau:

BANDA, s.f. lado v.g., desta banda, d’aquella.(sic) § - do vestido, os vivos, com que se aforrão(sic) as bordas de cor diversa da peça, ou semelhante. § - no Bras. [brasão] espécie de talim, com que se atravessa diagonalmente o escudo do alto ângulo do lado direito, ao ângulo baixo do esquerdo. § - Banda d’artilharia(sic), os tiros disparados dos canhões à bordo de hum de navio, huma(sic) bordada: banda de fechas as que dispara hum(sic) certo corpo de gente (1789. P. 164, v.1).⁵



Dom João V, Rei de Portugal. Sua organização militar favoreceu a presença da música neste meio



Charamela em Dó, com pirueta. Instrumento musical de sopro predecessor ao clarinete

Ainda em Portugal, através do Alvará de 28 de agosto de 1797, D. João, sendo Príncipe Regente, criou a Brigada Real da Marinha, refazendo dois Regimentos da Armada Real e um da Artilharia da Marinha. Havia uma banda de música em pelo menos um dos regimentos. Para regularizar o conjunto, foi aditado a este decreto, de 11 de novembro de 1797, com o seguinte termo: “Sua majestade permite que a Real Brigada tenha Música, e que seja composta do mesmo número de pessoas, que para este fim se concederão a nova Legião de Cavalaria Ligeira”, afirma o escritor Silva (-1828, Pág. 463).

Um decreto de 20 de agosto de 1802 especifica a formação instrumental das bandas de música para o exército português:



A Armada Real, símbolo do poder marítimo de Portugal, representada nesta pintura da Batalha do Cabo Passaro, entre ingleses e espanhóis, em 1718

D. Rodrigo de Souza Coutinho, Presidente do Meu Real Erário ordene aos Thesoueiros das Tropas da Corte e Província de Extremadura, hum(sic) dos Coroneis de Infantaria da Corte mensalmente a quantia de 60\$600 réis, e aos das Províncias da Extremadura, Norte, e Sul a de 58\$400 réis, para satisfação de onze Muzicos(sic) de instrumental, constantes da relação junta, assignada(sic) por Antonio Joaquim de Moraes, Official(sic) Maior da Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Guerra, que Fui servido determinar houvessem na Minha Tropa, a custa da Minha Real Fazenda, ficando sem effeito(sic) daqui por diante o desconto, que nos soldos dos Soldados se fazia para este objecto(sic); e outrossim ordeno aos mesmos Thesoueiros(sic), que entreguem aos ditos Coroneis annualmente(sic) a quantia de 3\$200 réis para enfeites das Fardas de cada musico além do Fardamento, e Semestres que vencerem como os mais Soldados, e com conhecimento de Recibos dos mesmos Coronéis se levarão em conta aos referidos Thesoueiros(sic), o que nesta conformidade satisfazerem, sem embargo de quaesquer Leis, Regimentos, ou Disposições em contrario. Palácio de Queluz, em 20 de Agosto de 1802. – Com a Rubrica do Príncipe Regente N. S.

Hum(sic) Fagote	Hum(sic) Clarim
Hum(sic) primeiro Clarinete	Hum(sic) Zabumba
Dois segundos ditos	Hum(sic) Prato
Duas Trompas	Huma(sic) Caixa de Ruffo.
Hum(sic) Flautim	

Na Collec. Do Cons. Trigosos⁶

NOTAS

1. POLK, Keit et al. *Band*. In: Grove Music Online. [S.l.]: Oxford University Press, [2001]. Disponível em: <<http://www.grovemusic.com>>.
2. SINZIG, Pedro. *Dicionário musical*. Rio de Janeiro: Kosmos, 1947. p. 75.
3. BINDER, Fernando Pereira. *Bandas militares: difusão e organização entre 1808-1889*. São Paulo: UNESP, 2006.
4. *Ibidem*, p. 20.
5. *Ibidem*.
6. *Ibidem*, p. 23.

TRANSFERÊNCIA DA FAMÍLIA REAL PARA O BRASIL

Um dos mais importantes períodos da história humana foi o Século XVIII. Na segunda metade desse século, dois acontecimentos contribuíram para mudar os rumos da história: a Declaração de Independência dos Estados Unidos da América (1776) e a Revolução Francesa (1789). Influenciado por esses fatos, Portugal atravessa uma fase turbulenta, em meio ao absolutismo das chamadas Guerras Liberais, a partir do reinado de D. Maria I, de 1777 a 1834, entre ocorrências políticas e militares, quando se instala em Portugal uma monarquia constitucional.

A INVASÃO DE PORTUGAL POR NAPOLEÃO BONAPARTE

Após a Revolução Francesa, surge na França a figura de Napoleão Bonaparte (1769-1821). No dia 21 de janeiro de 1793, o rei Luís XVI foi guilhotinado na Praça da Revolução em Paris,¹ ano em que Napoleão começava uma brilhante carreira militar, tendo sido promovido a tenente, aos 16 anos; e a general de brigada, com apenas 24 anos de idade.

Dois dias após o casamento, Napoleão dirigiu-se a Itália para liderar o exército francês, derrotando tropas inimigas na Itália e na Áustria, colocando abaixo os antigos regimes monárquicos e obtendo importantes conquistas territoriais para a França.



Napoleão Bonaparte retratado na obra *Napoleão, em seu Estudo no Tuileries*, quadro à óleo de 1812

Em 1804, Napoleão coroou-se imperador da França. Durante a cerimônia, no dia 2 de dezembro, na Catedral de Notre Dame, ele apanhou a coroa das mãos do Papa Pio VII e a colocou sobre a sua cabeça; depois a colocou sobre a cabeça da esposa Josefina, e a declarou rainha e imperatriz da França. Cercou-se de uma corte suntuosa, tendo os seus generais e altos funcionários recebido títulos de nobreza. Seus irmãos se transformam em monarcas: Joseph, rei de Nápoles; Louis, rei da Holanda; Jerôme, rei da Westfália; e Elisa, grã-duquesa de Toscana. Com sua expansão territorial na Europa, tem contra si a Inglaterra, senhora dos mares. Em 1806, Napoleão decreta o bloqueio continental contra a Inglaterra. Por ser aliado dos ingleses e desobedecer ao bloqueio continental, Napoleão Bonaparte ordena, em 1807, a invasão de Portugal, quando a Família Real busca refúgio no Brasil. Hélio Viana relata:

Pretendendo Napoleão I impor a todos os países da Europa continental a sua política contrária à Inglaterra, tradicional aliada de Portugal, e desejando este país manter, a todo o custo, a sua neutralidade, não concordou com a sua atitude o imperador dos franceses, que em outubro de 1807 declarou deposta a Casa de Bragança e mandou invadir o território português.

A fim de preservar a existência da monarquia, ao Príncipe Regente D. João não restava outro recurso senão acolher-se, com toda a Família Real, no Brasil, que era o mais importante domínio ultramarino da Coroa portuguesa.²



Os franceses na 1ª invasão, 1932. Pintura de Roque Gameiro.

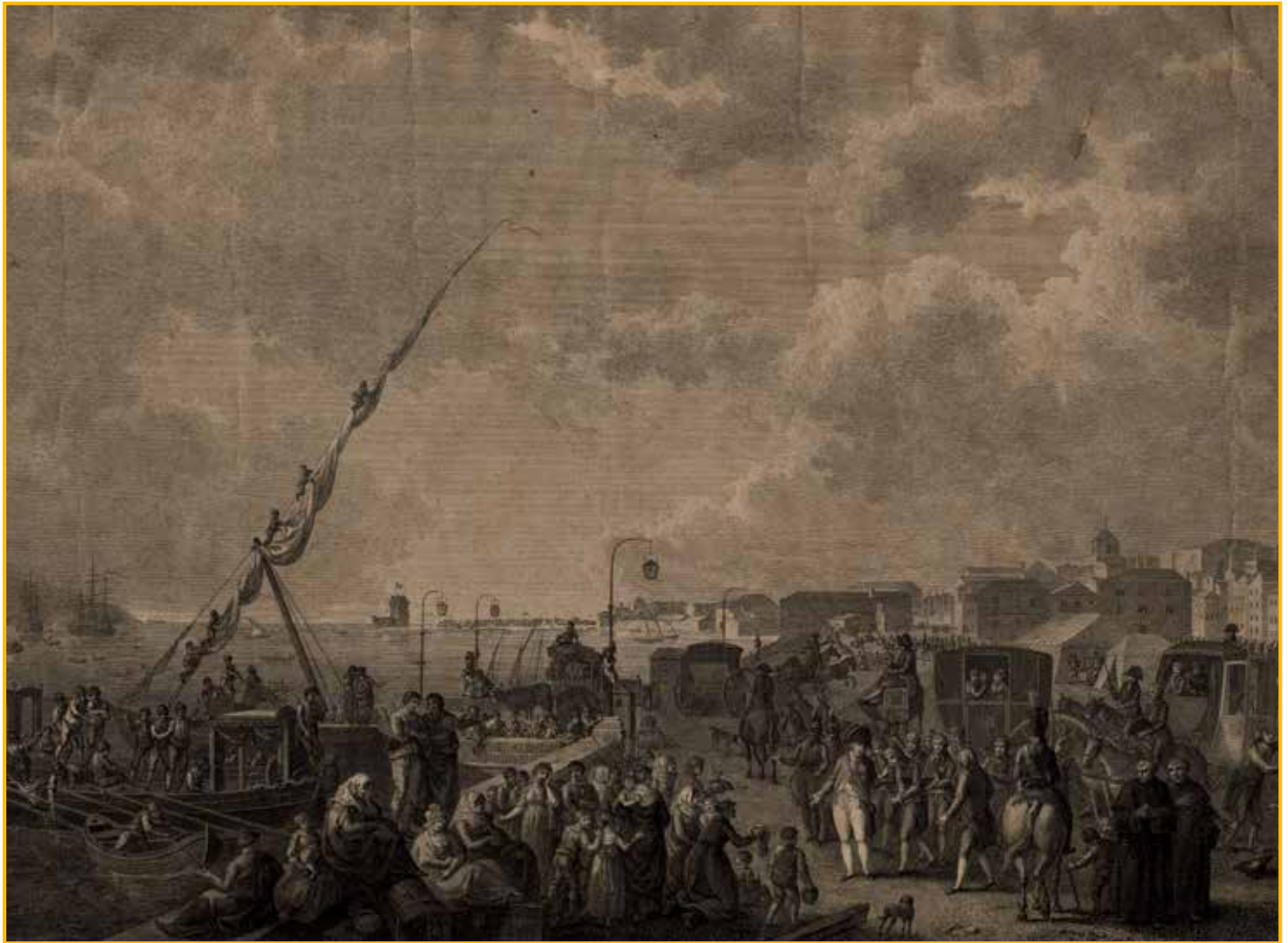
A França ordenou três invasões a Portugal. Na primeira delas, sob o comando de Jean-Andoche Junot, as tropas francesas chegaram a Lisboa no dia 30 de novembro. Com o apoio dos ingleses, a Família Real e toda a corte partiram para o Brasil, no dia anterior, em navios britânicos, tendo deixado em Lisboa uma Junta de Regência com a ordem de não resistir.

Decorrido um ano, uma força-tarefa britânica, comandada por Arthur Wellesley, chegou a Lisboa, derrotando os franceses nas batalhas de Roliça e Vimeiro. A retirada dos franceses ficou acertada numa Convenção, em Cintra, tendo sido autorizada a saída dos produtos saqueados em Portugal, o que beneficiou os dois lados, já que os franceses perderam o apoio de Paris e os portugueses e britânicos estavam no controle de Lisboa.³

A PARTIDA DE D. JOÃO VI DE LISBOA COM A FAMÍLIA REAL E A CORTE PORTUGUESA

O Príncipe Regente de Portugal, D. João VI, partiu de Lisboa a 29 de novembro de 1807, com a Família Real e a Corte Portuguesa, chegando a Salvador, Bahia, a 23 de janeiro de 1808. O seu primeiro ato foi promulgar um decreto franqueando os portos do Brasil a todas as nações amigas, no que ficou conhecido como “A abertura dos Portos”.

O Conde da Ponte, governador-geral da Bahia, acreditava que o Príncipe Regente fosse estabelecer a sede da Coroa em Salvador, ao receber a visita da Família Real, tendo reforçado a segurança em toda a costa.⁴ No



Príncipe Regente de Portugal e toda a Família Real embarcando para o Brasil no Cais de Belem. Gravura do início do séc. XIX

dia 21 de janeiro, foram avistadas na costa, ao norte, muitas embarcações grandes, porém elas se dirigiram para o Rio de Janeiro. A entrada solene pela baía, no Rio de Janeiro, ocorreu no dia de 8 de março, tendo a população feito uma recepção festiva, no Largo do Paço (Praça XV), onde o Príncipe Regente instalou a sede da Coroa Portuguesa no Brasil. Rocha Pombo relata a chegada de D. João e toda a sua comitiva:

No dia 8 de março (1808) pelas quatro horas da tarde salvaram as fortalezas e os navios, anunciando o desembarque da real família, com todo o cerimonial que se tinha prescrito, e que na véspera se tinha feito correr entre a população. Como se fosse uma só alma abalada, exultou ainda mais vivamente a cidade, que se engalanara. Pendiam das janelas tapeçarias riquíssimas. As senhoras ostentavam as suas joias de mais brilho e as mais custosas sedas. As tropas tomavam posição, estendendo-se em linha ao longe das ruas por onde devia passar o cortejo. Os sinos de todas as igrejas começaram a soar. No mar, em volta dos navios da frota, cruzavam-se embarcações embandeiradas em festa, e cujas tripulações erguiam os remos em continência ao passar pela capitânia. No momento preciso, a nau do Príncipe Real atracou pomposo um bergantim, para bordo do qual saltou D. João, enquanto dona Carlota Joaquina desembarcava da *Afonso de Alburnquerque* – acompanhada dos príncipes e infantes

e de toda a sua comitiva, só conservando-se a bordo, devido ao seu estado de saúde, a Rainha dona Maria I. A nobreza, e os demais vassallos de distinção, os altos funcionários, tomaram ao mesmo tempo as respectivas conduções para a terra. Durante o desfilar da majestosa esquadrilha, em demanda do cais, **em todo o litoral ouviram-se músicas**, e não cessavam na baía as salvas, e na cidade os repiques de sinos, toques de clarins.⁵

A chegada do Príncipe Regente D. João VI e da Corte Real Portuguesa ao Rio de Janeiro ocorreu num momento altamente festivo:



Retrato de Dom João VI, 1820

Seguia o cortejo por entre alas de soldados e de povo; e quando passava por diante de cada regimento em continência, o comandante aclamara o Príncipe Regente, e a tropa correspondia às aclamações com vasto e unânime clamor de júbilo e entusiasmo. Marchando gravemente debaixo do esplêndido pátio escarlate, cujas varas sustentavam o Juiz de Fora e os vereadores da Câmara pisando a areia branca e vermelha derramada nas ruas do trajeto de mistura com ervas que embalsamavam o ar; **ouvindo as fanfarras alegres, os repiques de sinos estridentes**, os foguetes jubilosos, e as salvas de artilharia atroadoras (...).⁶

Ao todo, foram nove dias de festa pública. O Príncipe agradeceu por tudo e “se consolava recebendo dos seus súditos da América manifestações que nunca tivera em Lisboa”.⁷

D. JOÃO VI CRIA ÓRGÃOS OFICIAIS NO BRASIL

Ainda no auge das festas de chegada da corte Portuguesa, D. João VI “criou, no dia 10 de março de 1808, três secretarias de Estado: a dos negócios do reino; a da marinha e ultramar; e a da guerra e estrangeiros; e nomeados para elas, respectivamente, D. Fernando José de Portugal (depois marquês de Aguiar), o Visconde de Anadia, e D. Rodrigo de Sousa Coutinho (depois conde de Linhares)”.⁸

No Rio de Janeiro, o Príncipe Regente declarou guerra à França e enviou um contingente de soldados a Caiena, Guiana Francesa, sob o comando do Tenente Coronel Manoel Marques,⁹ que capturou aquela capital em janeiro de 1809. Pedro Calmon registra:

Declarou D. João guerra à França em 10 de junho de 1808. A conquista de Caiena foi uma represália. Comandou a expedição, organizada no Pará pelo Capitão-General José Narciso de Magalhães, o Tenente Coronel Manuel Marques. A 27 de outubro de 1808 saiu com 470 homens, distribuídos por uma escuna e dois cúteres, para o Oiapoque. A 21 de novembro partiram mais, de Belém, a corveta inglesa *Confiança* (Comandante James Lucas Yeo), os bergantins *Infante D. Pedro* (Capitão-Tenente Luís da Cunha Moreira) e *Voador*, o cúter *Vingança* e embarcações menores, com 346 soldados. Manuel Marques desembarcou no Aproague e atacou os franceses de Caiena, tomando-lhes de assalto as baterias e a residência do governador, Vitor Hugues. Após dois dias de luta e a perda de onze canhões, capitulou o governador, em

12 de janeiro, obtendo o direito de retirar-se para a Europa, com a guarnição. No dia 14, entraram em Caiena os vencedores.

Estava D. João com esse novo território a aumentar o Brasil, ao tempo em que de Portugal chegavam às confortantes notícias da derrota e expulsão dos franceses.¹⁰

A chegada do Príncipe Regente ao Brasil contribuiu decisivamente para o engrandecimento do futuro Império do Brasil. D. João VI criou os tribunais superiores e todos os órgãos administrativos necessários à nova capital da Monarquia Portuguesa. Criou também um banco nacional, uma imprensa régia, uma biblioteca pública, academias para a Marinha e o Exército, uma escola de medicina, uma academia de belas artes, além de outros organismos necessários à vida do novo reino que, por decreto de 16 de dezembro de 1816, foi o Brasil elevado a esta categoria, unido ao reino de Portugal e Algarves.¹¹

Uma edição comemorativa dos 190 anos da Assembleia Constituinte de 1823, intitulada de "*O Império em Brasília*", lançada pela Câmara dos Deputados, celebra:

Há exatos cinco anos, dois países divididos por um oceano tiveram a oportunidade de refletir sobre o significado de uma viagem que completava dois séculos. Descrita ontem e hoje como uma verdadeira epopeia, a transferência da corte portuguesa para o continente americano selou os destinos de Portugal e de sua então colônia, o Brasil. De estratégia para a manutenção da posse e preservação da fonte de riquezas das áreas coloniais, teve reiterada pelo ministro Rodrigo de Souza Coutinho na passagem para o século XIX, a transmigração da corte, em 1807-8, revestiu-se de um caráter emergencial que garantiu a sobrevivência da própria monarquia lusa frente à iminente invasão de Portugal pelas tropas francesas de Napoleão Bonaparte. Cerca de 15 mil pessoas atravessaram o Atlântico, trazendo consigo todo o aparato político-institucional do Reino para reinstalá-lo no Rio de Janeiro, que passou a ter *status* de capital do Império português. Os Ministérios, o Conselho de Estado, a Casa de Suplicação, o Desembargo do paço, a Intendência-Geral da Polícia, o Erário Real, a Junta de Comércio, a Real Academia Militar e a Imprensa Régia são algumas das instituições que, num primeiro momento, encontraram abrigo nas modestas edificações do Rio de Janeiro, posteriormente, determinaram uma significativa fase de construções públicas na cidade.

No plano econômico, a necessária extinção das amarras impostas pelo exclusivo colonial foi resolvida com a opção preferencial pela Inglaterra, primeiro com a abertura dos portos ao comércio exterior, ainda em Salvador, em 1808, e, segundo, com o Tratado de Comércio e Navegação firmado com aquele país, em 1810. No plano institucional, o Brasil seria conduzido à categoria de Reino com Portugal e Algarves, em 1815. Mesmo com a derrota definitiva de Bonaparte e as frustradas tentativas do Congresso de Viena de recondução da organização geopolítica do mundo ao período anterior ao das invasões napoleônicas, D. João, que seria aclamado rei no Rio de Janeiro, em 1818, relutou em retornar ao continente europeu. Talvez tivesse percebido que



Brasão do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves

o mundo mudara. E em decorrência da avalanche liberal que varreu Portugal no contexto da Revolução Constitucionalista do Porto, de 1820, brasileiros seriam levados a Lisboa a fim de participar como deputados da Constituinte portuguesa, em 1821. As vicissitudes da relação entre Portugal e sua principal ex-colônia abriria o caminho para o rompimento definitivo, e o rei D. João VI seria, cada vez mais, refém de seu próprio destino.¹²

Dessa forma, na política interna D. João VI reorganizou a administração pública, organizou a educação, ciências, letras e artes. Com a abertura dos portos incrementou o comércio, a agricultura, pecuária, indústria e siderurgia. Na política externa, fortaleceu suas relações com a Inglaterra, conquistou Caiena, ocupou a Banda Oriental (Uruguai) e elevou o Brasil à categoria de Reino.

Com a Corte Portuguesa no Rio de Janeiro, o crescimento do número de pessoas na cidade e o incremento dos negócios, houve também a necessidade de maior rigor na segurança da capital. Assim como em Lisboa uma guarda real cuidava da segurança da Corte, o Príncipe Regente resolveu criar, por Decreto de 13 de maio de 1809, dia do seu aniversário, a “Divisão Militar da Guarda Real de Polícia da Corte”. Pedro Calmon ressalta: “Para velar pela segurança geral, organizou-se (decreto de 13 de maio de 1809) o *Corpo da Guarda Real de Polícia da Corte*, sob o comando do Major Miguel Nunes Vidigal, braço direito do Intendente Viana. Esse implacável comandante se celebrizou pela vigilância e pela probidade”.¹³

Descrevendo sobre as mudanças no novo reino, Pedro Calmon acrescenta:

As cidades, começando pela capital, transformaram-se depressa, tanto pelas obras de conjunto, que lhes rasgaram os bairros novos, invadidos pelos forasteiros fidalgos, como pela prosperidade dos moradores, enriquecidos com o surto do comércio, o incremento da lavoura, as exportações crescentes.¹⁴

Ao deixar Lisboa, D. João VI navegou preocupado com o destino que teria a Coroa Portuguesa nas mãos dos franceses. Já no Brasil, o Príncipe Regente preocupou-se com a proteção da sede da Monarquia, mas também com a criação de uma escola militar para o Brasil. Neste sentido, a Revista da Escola Militar no Rio de Janeiro faz um comentário apropriado, ressaltando a criação desta Escola Militar do Brasil:

O Príncipe Regente viera esbaforido, padecendo azares e tormentos através das encapeladas ondas do Atlântico. Ao chegar às carinhosas terras do Brasil, ao sentir o beijo acariciante dos Alíseos, nova seiva, correu-lhe o corpo e jurou vingar-se. Logo tratou da defesa da terra. E como defendê-la? Chamando mercenários? Pagando soldo aos estrangeiros? Em parte, sim! Mas os chefes, aqueles que diretamente receberiam ordens? Deveriam eles ser recrutados entre os nativos, e educados na própria terra! E foi assim que, ao alvorecer do



século XIX, pela Carta de Lei de 4 de dezembro de 1810, nasceu a Academia Real Militar, embrião donde haveria de sair a atual Escola Militar.

A novel Academia Militar foi inaugurada no dia 23 de abril de 1811, com a presença do Ministro da Guerra, D. Rodrigo de Souza Coutinho, Conde de Linhares. E o Príncipe poderia agora dizer, ufano: 'Portugal levantará a voz do seio do novo Império que vai criar'.

A princípio funcionou na Casa do Trem, na Ponta do Calabouço. A instalação, entretanto, não convinha à jovem Academia. Era necessária uma casa mais condigna. O impulsivo Ministro D. Rodrigo não tergiversou. Apossou-se do prédio do largo de São Francisco, que, àquela época, estava sendo construído para ser a Catedral do Rio de Janeiro. E, apesar das investidas do clero, instalou a nova Academia, antes mesmo de remodelar o prédio!

Atendendo ao espírito da época, a Academia era dirigida por uma Junta de três a cinco membros: o mais graduado deles era o presidente, enquanto que os outros eram nomeados Deputados. Assim, o primeiro Presidente e, consequentemente, o primeiro comandante dum estabelecimento de ensino militar no Brasil, foi o Tenente General Carlos Antônio Napion. O segundo, Marechal Francisco Borja Garção Stockler e o terceiro, Brigadeiro Joaquim Norberto Xavier de Brito.¹⁵

Com a Independência, surgiu o Império do Brasil. E, com a abdicação, um novo imperador. E assim, a Imperial Academia Militar foi extinta pelo Decreto de 9 de março de 1832, que logo criou a Academia Militar da Corte, unida à Imperial Academia e Academia dos Guardas-Marinhas. Um novo Decreto, em 14 de janeiro de 1839, transformou a Academia Militar da Corte em Escola Militar, regida pelo Regulamento de 22 de fevereiro de 1839, estabelecendo definitivamente uma Escola Militar no Brasil.

Outras transformações, a de 1855, criou a Escola de Aplicação do Exército, e a de 1858, que transformou a Escola Militar da Corte, no Largo de São Francisco, em Escola Central, independente do ministério da Guerra. Em 1874, com a Guerra do Paraguai, a Escola Central foi transferida para o Ministério da Guerra. Assim, foi fixada a Escola Militar na Praia Vermelha, onde, até então, funcionava a Escola de Aplicação Militar.

Enfim, pelo Decreto de 30 de abril de 1931, foi restabelecido o nome da Escola Militar, que se abrigou no casarão de Realengo, transferida depois para as instalações da Escola Militar de Resende, aos pés do Pico das Agulhas Negras, no Rio de Janeiro.

FATOS DA ÉPOCA

Entre os fatos relevantes da época, temos o início da Guerra com Buenos Aires, em 1811, quando D. João VI ordenou vir de Portugal a



Segunda versão da Bandeira do Império do Brasil, representação da Monarquia instalada no país, usada no período de 1870 a 1889

divisão dos “Voluntários d’el-Rei” que, unido às tropas brasileiras, sob o comando do general Frederico Lecor (Visconde da Laguna), ocupou a Banda Oriental (Uruguai), tendo ingressado triunfante, a 20 de janeiro de 1817, na capital Montevideú.

Em 31 de julho de 1821, a Banda Oriental é anexada ao Brasil com o nome de Província Cisplatina. Tivemos ainda, em 1817, a Revolução Pernambucana, que se estendeu à Paraíba, ao Rio Grande do Norte e à Alagoas.

Devido à revolução que eclodiu na cidade do Porto, em agosto de 1820, contra o governo despótico que oprimia Portugal e o sucesso da antiga Colônia (Brasil), elevada à categoria de Reino, além da resistência da Corte, D. João VI, por decreto de 7 de março de 1821, manifes-

CRONOLOGIA DA CHEGADA DE D. JOÃO VI À INDEPENDÊNCIA

1808

28 de janeiro: Abertura dos portos brasileiros às nações amigas, sendo a primeira medida adotada pelo Príncipe Regente, seis dias após a sua chegada à Bahia, representando o fim do pacto colonial e o monopólio da coroa portuguesa.

8 de março: Chegada de D. João e da Corte Portuguesa ao Rio de Janeiro. No mesmo ano, ele cria a Imprensa Régia e funda o Banco do Brasil, entre outras instituições.

1809

13 de maio: D. João VI cria a “Divisão Militar da Guarda Real de Polícia da Corte”, data do natalício do Príncipe Regente.



Decreto de criação da Imprensa Régia

1815

16 de março: Eclosão da revolução no Recife, de caráter republicano e federalista.

8 de abril: Carta de Lei elevando o Brasil à categoria de Reino, com o título: “Reino Unido de Portugal e do Brasil e de Algarves”.

1820

24 de agosto: Início da Revolução liberal do Porto, que redundou na convocação das cortes portuguesas (parlamento), trazendo consequências para o Brasil.

1821

26 de janeiro: Instalação das Cortes de Lisboa, em que ocorre a primeira representação parlamentar de deputados brasileiros escolhidos no país.

25 de abril: Regresso de D. João VI a Portugal, por exigência da Corte de Lisboa, deixando seu filho D. Pedro como Príncipe Regente do Brasil.

29 de setembro: A Corte de Lisboa exige também o retorno de D. Pedro a Portugal e ratifica a subordinação a elas das Juntas de Governo das províncias brasileiras.

1822

9 de janeiro: D. Pedro desobedece às Cortes de Lisboa e permanece no Brasil. Esse fato passou à história como o “Dia do Fico”, com a célebre frase dita por ele: “Se é para o bem de todos e felicidade geral da Nação, estou pronto! Diga ao povo que fico”.

5 de junho: D. Pedro convoca uma Assembleia Constituinte. Com deputados

de todas as províncias.

1º a 6 de agosto: Lançamento do Manifesto aos Povos do Brasil e Manifesto dos Governos e às Nações Amigas, justificando as posições tomadas por D. Pedro.

7 de setembro: Proclamação da Independência do Brasil, às margens do rio Ipiranga, em São Paulo.



Dom Pedro



Proclamação da Independência do Brasil retratada no famoso quadro de 1888, *Independência ou Morte!*

12 de outubro: Aclamação de D. Pedro como imperador constitucional do Brasil.

10 de dezembro: Coroação de D. Pedro como primeiro imperador do Brasil.¹⁶



tou sua intenção em regressar a Portugal, mas fazendo com que os seus filhos D. Pedro e D. Manoel jurassem fidelidade à Constituição que Portugal promulgasse. Em 26 de abril de 1821, D. João VI regressou a Portugal, com a Família Real, tendo nomeado D. Pedro como o Príncipe Regente do Reino do Brasil.

NOTAS

1. HOLANDA, Aurélio Buarque de. *Dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. p. 957.
2. VIANNA, Hélio. *História do Brasil*. 9. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1972. v. 2, p. 7.
3. HISTÓRIA de Portugal (1777-1834). In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_de_Portugal_\(1777-1834\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_de_Portugal_(1777-1834))>.
4. POMBO, Rocha. *História do Brasil*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1942. v. 2, p. 297.
5. *Ibidem*, p. 302.
6. *Ibidem*.
7. *Ibidem*, p. 304.
8. *Ibidem*, p. 305.
9. Laurêncio Lago registra em sua obra, pág. 125, que **Manoel Marques** nasceu em 1762. De capitão de artilharia de Estremoz passou a tenente-coronel no Pará, em 1803; brigadeiro em recompensa dos serviços prestados na conquista de Caiena, 30 de maio de 1809; comandou a força de ocupação de 1811 a 1818; marechal-de-campo, em 1819; faleceu em 1824.
10. CALMON, Pedro. *História do Brasil: século XIX*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1963. v. 4, p. 1419.
11. LACERDA, Joaquim Maria de. *Pequena história do Brasil*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1908.
12. WEHLING, Arno. *O império em Brasília: 190 anos da Assembleia Constituinte de 1823*. São Paulo: FAAP, 2013. p. 49.
13. CALMON, *op. cit.*, p. 1404.
14. *Ibidem*, p. 1408.
15. REVISTA DA ESCOLA MILITAR. Rio de Janeiro, [s.n.], 1943. n. 52, p. 7.
16. WEHLING, *op. cit.*, p. 166-167.

D. JOÃO VI E A DIVISÃO MILITAR DA GUARDA REAL DE POLÍCIA

Para garantir a ordem em qualquer circunstância, a segurança pública sempre foi fundamental. No decorrer da história, para garantir a ordem e repelir os que atormentavam a paz, a segurança pública sempre mereceu a devida atenção de dirigentes, reis, governadores e gestores em geral. Os grandes impérios da Antiguidade deram atenção especial à segurança do seu povo, de suas comunidades.

Trecho do quadro *A expulsão de Adão e Eva do paraíso*, de Benjamin West, 1791



O PRIMEIRO ATO DE SEGURANÇA PÚBLICA

O primeiro ato de segurança pública que se tem conhecimento na história do homem está registrado na Bíblia. Quando Adão e Eva desobedeceram às leis do Éden, Deus interviu para proteger o futuro da raça humana.

Então, disse o Senhor Deus: Eis que o homem é como um de nós, sabendo o bem e o mal; ora, pois, para que não estenda a sua mão, e tome também da árvore da vida, e coma, e viva eternamente, o Senhor Deus, pois, o lançou fora do jardim do Éden, para lavrar a terra, de que fora tomado. E, havendo lançado fora o homem, pôs querubins ao oriente do jardim do Éden e uma espada inflamada que andava ao redor, para guardar o caminho da árvore da vida. Gênesis 3.22-24¹

Na Antiguidade, os delitos penais praticados eram julgados conforme o costume regional, sendo influenciado pela religião. O Código de Manu previa não somente a pena capital, como também o castigo divino após a

morte do indivíduo. O professor Walter Vieira do Nascimento ressalta que a evolução do direito penal na Antiguidade pode ser dividida em três fases, objetivando a ação punitiva do infrator:

Na primeira fase, longe ainda estavam os homens de sentir ou interpretar esse direito como veículo de ação punitiva. Na vingança pessoal, violenta ou excessiva, buscava-se a justiça pelas próprias mãos. Em razão disso, o que seria a ofensa a um único indivíduo passava a ser ao grupo a que ele pertencia, daí ressaltando contendas e até guerras eternizadas pelo ódio.

Na segunda fase, prevalecia para o crime praticado na célula social a autoridade de um chefe, que chamava a si o direito de punir. Da mera vingança pessoal passou-se ao exercício de uma justiça privada.

Na terceira fase, procurava-se estabelecer um equilíbrio entre a ofensa e a repressão, mediante sistema condicionado à regra de que ao mal praticado deveria corresponder um mal igual. Era a fase da Pena de Talião. Já predominava o princípio da justiça pública. Vale dizer: a lei penal entrava em fase a que Garraud denominou de “*periode politique*”, considerando o crime como uma lesão à ordem social e a pena como um meio de prevenir e reprimir.²

PORTUGAL E A SEGURANÇA DO REINO

Na Idade Média, Portugal também se preocupava com a segurança pública, tanto da capital Lisboa quanto das colônias. Em 1210, D. Afonso II decretou leis gerais para todo o território lusitano.³ As primeiras Ordenações de Portugal, chamadas de Afonsinas (D. Afonso), ocorreram em 1446, que foram substituídas pelas Manuelinas (D. Manoel), em 1521, e estas pelas Filipinas (D. Filipe), em 1603.⁴ No Livro I, das Ordenações Filipinas, Título LXXIII, há previsão do “quadrilheiro”.⁵ Eram seguranças presentes em cidades, vilas, e lugares para prender malfeitores.

Eles eram moradores locais, dentre os quais 20 eram eleitos por juízes e vereadores das Câmaras Municipais locais, sendo um deles investido na função de Oficial Inferior de Justiça, para representar os demais. Permaneciam em suas funções por três anos, atuando gratuitamente. A atuação dos “quadrilheiros” foi decaindo até serem substituídos por “pedestres, guardas municipais, corpos de milícias e serviços de ordenanças, sendo que na legislação brasileira, a partir de 31 de março de 1742, nunca mais se ouviu falar dos quadrilheiros, possivelmente substituídos pelos atuais Oficiais de Justiça”.⁶

A SEGURANÇA PÚBLICA NO REINADO DE D. MARIA I

No século XVIII, a partir do Reinado de D. Maria I (1777), a segurança pública no Brasil mantinha a sua chefia no Rio de Janeiro, conforme registra Rocha Pombo, em sua *História do Brasil*:



Uniforme de um quadrilheiro, agente de segurança pública entre os séc. XIV a XVII

O chefe de força pública era ainda, no Rio de Janeiro, o Vice-Rei, e nas capitanias o respectivo Capitão-General, Governador ou Capitão-Mor. Havia no Brasil tropas de primeira, de segunda e de terceira linha. As tropas de primeira linha eram constituídas pelos regimentos que vinham do reino, e que se conheciam pelos nomes dos lugares onde se haviam formado. Além desses regimentos, organizavam-se aqui outros conforme as necessidades, e de pessoal recrutado segundo as determinações do vice-Rei ou do Capitão-General. Em regra, estas forças deviam servir fora das capitanias onde se tivessem formado. A oficialidade destes regimentos era de nomeação da corte. Tinham serviço efetivo e permanente, e chamavam-se *tropas pagas* porque tinham soldo de patente.

As milícias de segunda linha eram alistadas pelos oficiais de cada corpo; só venceriam soldo quando em serviço; e neste caso, ficavam como as de primeira linha, sujeitas aos artigos de guerra em todos os casos de disciplina militar. Os oficiais destas tropas eram também nomeados pelo governo de Lisboa, sob proposta dos Capitães-Generais. As ordenanças formavam a milícia de terceira linha. Equivalia à Guarda Nacional de hoje.⁷



Decreto de Criação da Guarda Real

D. JOÃO VI E A FORÇA PÚBLICA

Quando D. João VI tornou-se o Príncipe Regente e necessitou transferir a sede da Coroa para o Brasil, ele criou, no Rio de Janeiro, o mesmo serviço de polícia que havia em Lisboa. O motivo foi o crescimento da capital e da necessidade de maior segurança urbana. Antes, no Rio de Janeiro, os quadrilheiros “eram responsáveis pelo policiamento das 75 ruas e alamedas da cidade. Com a chegada dessa nova população, os quadrilheiros não eram mais suficientes para fazer a proteção da Corte, então com cerca de 60 mil pessoas, sendo mais da metade escravos”.⁸

Assim, a 13 de maio de 1809, data do seu aniversário, o Príncipe Regente criou a *Divisão Militar da Guarda Real de Polícia da Corte* ou simplesmente **Guarda Real da Polícia (GRP)**.⁹ Esta *Divisão Militar* era subordinada ao Governador das Armas da Corte, sendo o mesmo comandante da força militar e sujeito ao Intendente-Geral de Polícia e ao ministro e secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Guerra, a quem competia as divisões militares, e ao ministro e secretário de Estado dos Negócios do Reino, responsável pelos negócios relacionados à Polícia.

A GRP foi criada com 218 integrantes, entre os quais 20 oficiais e 196 praças, com uniformes e armas iguais aos da Guarda Real Portuguesa. Era composta de um Estado Maior, três regimentos de infantaria, um de artilharia e um esquadrão de cavalaria. O seu primeiro comandante foi o ex-capitão da Guarda Lusitana José Maria Rebelo de Andrade Vasconcelos e Souza, além de um auxiliar (um brasileiro nato), o major Miguel Nunes Vidigal, de Angra dos Reis (RJ), que mais tarde ficou conhecido como o lendário personagem do livro “Memórias de um Sargento de Milícias”, de Manoel Antônio de Almeida.¹⁰



Decreto de 13 de Maio de 1809

Crêa(sic) a divisão militar da Guarda Real da Policia no Rio de Janeiro.

Sendo de absoluta necessidade prover á segurança e tranquilidade pública desta Cidade, cuja população e tráfico têm crescido consideravelmente, e se aumentará todos os dias pela affluencia(sic) de negócios inseparáveis das grandes Capitais; e havendo mostrado a experiência, que o estabelecimento de uma Guarda Militar de Polícia é o mais próprio não só para aquelle(sic) desejado fim da boa ordem e sossego público, mas ainda para obter ás danosas especulações do contrabando, que nenhuma outra providência, nem as mais rigorosas leis proibitivas(sic) tem podido cohibir(sic): sou servido crear(sic) uma Divisão Militar da Guarda Real da Policia desta Corte, com a possível semelhança daquella(sic) que com tão reconhecidas vantagens estabeleci em Lisboa, a qual se organizará na conformidade do plano, que com este baixa, assignado(sic) pelo Conde de Linhares, do meu Conselho de Estado Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Guerra. O Conselho Supremo Militar o tenha assim entendido e o faça executar na parte que lhe toca. Palácio do Rio de Janeiro em 13 de Maio de 1809.

Com a rubrica do Príncipe Regente Nosso Senhor.

Este texto não substitui o original publicado na Coleção de Leis do Império do Brasil de 1809.¹¹

Pintura reproduzindo a assinatura do decreto
de criação da Guarda Real da Polícia por D.
João VI, em 13 de maio de 1809



Nas palavras do Coronel Ery Ribeiro, ex-comandante da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro, por ocasião da cerimônia de formatura dos aspirantes a oficiais de 2013, sobre a criação da *Divisão Militar da Guarda Real de Polícia da Corte*:

Era o início da trajetória de uma instituição, em cuja certidão de nascimento está sublinhado a sua vocação em servir. E outra coisa não fez a corporação, em seus 204 anos de vida, senão o exercício dos mais sublimes valores de devoção à causa pública. Ao longo de sua existência, a corporação teve participação destacada em momentos importantes da história do Estado Brasileiro, que se confunde com a história da própria Polícia Militar. E esses momentos gloriosos ajudaram a forjar a história da instituição. E mais intensamente transformar o policial militar em verdadeiro defensor da legalidade, uma categoria de profissionais em cujo DNA está o compromisso de bem servir. Devemos, sim, ser a mais fiel tradução da palavra servidor.



Distintivo de metal da boina da guarda real de polícia da PMERJ

Instalação da GRP

A *Divisão Militar da Guarda Real de Polícia da Corte* instalou-se de imediato em lugares importantes da cidade. A companhia de cavalaria alojou-se em um casebre no Campo de Sant'Anna, nas proximidades da antiga igreja de igual nome. A Primeira Companhia de Infantaria ficou no Vallongo, depois Praça Municipal, hoje Avenida Barão de Tefé, na Saúde; a Segunda Companhia de Infantaria instalou-se na Prainha, no lugar onde mais tarde estaria o edifício da Academia de Marinha, hoje Praça Mauá. A Terceira Companhia de Infantaria acomodou-se no Campo da Ajuda, Lapa do Desterro, hoje Cinelândia. Provavelmente, o Estado Maior ficou sediado nas dependências da Terceira Companhia de Infantaria, a mais próxima do paço imperial que ainda existe, na Praça XV de Novembro.

Desenvolvimento da Corporação

O compromisso permanente com a segurança pública da Guarda Real de Polícia era manter a tranquilidade urbana, como descrito no decreto de criação, além da ordem civil. O efetivo era distribuído por diversos locais, na área do centro da cidade ou próximo a ela, para facilitar o patrulhamento e a pronta resposta aos distúrbios. Segundo Bretas, “apesar de estar autorizada pela legislação a manter em seus quadros 218 homens, a Guarda Real jamais alcançou este quantitativo. Em 1818 tinha apenas 75 integrantes e no final da década de 1820, chegou a ter cerca de 90 componentes”.¹²

As ações preventivas e repressivas relativas à segurança pública naquele período estavam voltadas para conter, segundo K. Schultz,¹³ a ação de espiões e agitadores políticos que, agindo a soldo da França, estivessem dispostos a atentar contra a vida de D. João ou difundir as mesmas ideias

liberais que motivaram a Revolução Francesa, instigando revoltas no Brasil. Além disso, prevenir a possível eclosão de uma revolta da população escrava, semelhante a que ocorreu na ilha de Espaniola, em 1791, que culminou com a proclamação da independência do Haiti; e o extermínio da população branca daquela colônia francesa. E, por fim, proporcionar a sensação de segurança aos moradores da cidade e aos estrangeiros e brasileiros vindos de outras províncias, atraídos pelo progresso da cidade e da Corte Portuguesa, além de conter a evasão fiscal oriunda do contrabando.

O Crescimento da Cidade do Rio de Janeiro

Como sede do Império Português, emanava da cidade do Rio de Janeiro as instruções para todas as colônias portuguesas e enclaves lusitanos na Ásia e África. Uma vez estabelecida a Corte, a cidade tornara-se palco de grandes transformações urbanas, exercendo sua influência por todo o território brasileiro. A cidade passou a ser o eixo principal da unidade real portuguesa, pois nela estava a presença da rainha D. Maria I, do seu filho, o Príncipe Regente, e dos seus ministros. Segundo Francisco Iglesias, “era uma transformação singular, o primeiro momento de prestígio e impulso para a cidade”.¹⁴

Formação Inicial da Corporação

A formação e manutenção inicial da *Divisão Militar da Guarda Real de Polícia da Corte* enfrentou sérios problemas, pois a conjuntura internacional e a política externa de D. João VI não permitiram que os efetivos militares estacionados na Corte fossem utilizados em missões típicas de polícia e deslocados para outros pontos do Brasil em operações militares (anexação da Guiana Francesa e do Uruguai). Além do recrutamento e da organização, outros problemas precisavam ser superados, como o custeio com fardamento, equipamentos, pagamento de soldos e a construção dos primeiros aquartelamentos. As unidades de infantaria da Guarda Real de Polícia foram formadas devido o incansável trabalho do intendente Paulo Fernandes Viana, que recorreu à generosidade de homens de boa situação financeira para ajudá-lo com as despesas relativas ao fardamento e equipamento da tropa, além do pagamento dos soldos.

Em 20 de setembro de 1810, D. João ordenou adicionar um tambor-mor e um pífaro a cada uma das companhias de infantaria da Corporação, demonstrando ter uma visão da importância das bandas de música nas organizações militares, retratadas com muita propriedade pelo Tenente-Coronel Bouchacourt, do Exército francês, em sua obra “Ensaio Sobre a Psicologia da infantaria” (Ed. Biblex – 1951).

Em 13 de maio de 1810, D. João VI mandou converter em benefício da GRP parte das apreensões de contrabando efetuadas por integrantes da Corporação. Em 4 de dezembro de 1810, determinou ainda



A Divisão Militar da Guarda Real de Polícia da Corte usava armas e trajas idênticos aos da Guarda Real de Polícia de Lisboa

que fossem cobrados impostos nas províncias para custear as despesas de iluminação pública da Cidade do Rio de Janeiro e para o sustento da Guarda Real de Polícia. A Intendência Geral de Polícia, porém, continuou a contar com a contribuição de homens de boa situação financeira para complementar o custeio das despesas com a segurança pública. Somente a partir de 4 de janeiro de 1816, as despesas inerentes à manutenção das Companhias de Infantaria da Corporação foram integralmente assumidas pelo erário real.

Os encargos que pesavam sobre os comandantes das companhias só foram assumidos pelo governo a partir de 1821. Assim, a Corporação foi formada mais rapidamente, sem que o erário real tivesse muitas despesas. O Comandante José Maria Rebelo de Andrade Vasconcellos e Souza foi promovido ao posto de Coronel, em 17 de dezembro de 1811; e ao posto de Brigadeiro em 6 de fevereiro de 1818.



José Maria Rebelo de Andrade Vasconcellos e Souza

O Policiamento da Corte e Miguel Nunes Vidigal

Devido o progresso acelerado da cidade do Rio de Janeiro, o efetivo da Guarda Real de Polícia estava sempre aquém das necessidades da segurança pública. Assim, os prédios públicos eram sempre guarnecidos com o apoio de unidades de milícia do exército. Foi aí que o Major Miguel Nunes Vidigal, Comandante do 2º Regimento de Cavalaria de Milícias, tornou-se figura de destaque.

Nascido em Angra dos Reis, Capitania do Rio de Janeiro, em 1755, assentou praça no Regimento Coimbra (1ª Linha), unidade de Infantaria do Exército regular português, em 1770, aos 16 anos de idade. Foi declarado cadete em 6 de julho de 1771. Alcançou o posto de alferes no 2º Regimento de Infantaria do Exército regular português, em 17 de dezembro de 1782. Promovido ao posto de tenente e classificado no 2º Esquadrão da Companhia de Cavalaria de Guarda dos Vice-Reis, tendo sido promovido ao posto de capitão em 20 de outubro de 1790. Foi convocado para atuar com o seu Regimento no policiamento da cidade do Rio de Janeiro em apoio aos quadrilheiros, que já se mostrava deficientes no desempenho de suas funções e destacou-se nesta atividade. A lendária figura de Vidigal foi eternizada em uma das mais importantes obras da literatura nacional:

O Major Vidigal era o rei absoluto, o árbitro supremo de tudo que dizia respeito a este ramo da administração; era o Juiz que julgava e distribuía a pena, e ao mesmo tempo o guarda que dava caça aos criminosos, nas causas da sua imensa alçada não havia testemunhas, nem provas, nem razões, nem processo; ele resumia tudo em si; a sua justiça era infalível; não havia apelação das sentenças que dava, fazia o que queria, e ninguém lhe tomava contas. Exercia enfim uma espécie de inquisição policial. Entretanto, façamos-lhe justiça. Dados os descontos necessários às ideias do tempo, em que, na verda-

de, não abusava ele muito de seu poder, e o empregava em certos casos muito bem empregado.

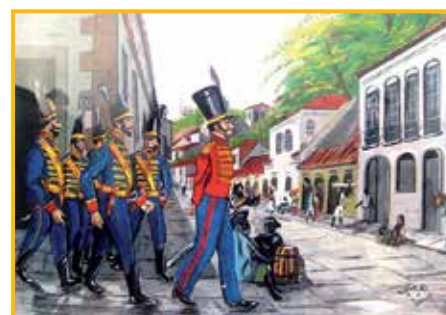
Manoel Antônio de Almeida, em “Memórias de um Sargento de Milícias”.¹⁵

Na condição de executor da política de segurança pública, Vidigal dinamizou e intensificou o patrulhamento da cidade. Gostava de comandar as patrulhas, junto com os demais policiais militares da Guarda Real de Polícia e acabou conhecendo “como as palmas de suas mãos” os becos, as vielas estreitas e os locais ermos da cidade por onde criminosos poderiam empreender uma fuga bem sucedida. Vidigal era dotado de extraordinária habilidade de aparecer subitamente em momentos inesperados, em antros de difícil acesso. A farda azul escura e a predileção de Vidigal pelas rondas noturnas levaram a Guarda Real da Polícia a ser conhecida na gíria da marginalidade da época como “os morcegos”.

A missão da Corporação não se resumia apenas a atuar repressivamente contra perturbadores da ordem pública. Um célebre episódio em que Vidigal esteve envolvido retrata bem a outra face da missão da GRP e de suas herdeiras, as Polícias Militares do Brasil: entre 10 e 17 de fevereiro de 1811 choveu torrencialmente na cidade do Rio de Janeiro, inundando o Campo de Santana e algumas ruas do centro da cidade. Parte do morro do Castelo desabou soterrando várias casas na Rua da Vala (hoje Uruguaiana), Rua da Misericórdia, Rua da Ajuda e o Beco do Cotovelo, situados naquele logradouro. A Corporação foi acionada e o Major Vidigal empenhou-se pessoalmente no socorro às vítimas, pondo em risco a própria vida, sendo visto, muitas vezes, carregando nos braços crianças e pessoas feridas.

Em 26 de fevereiro de 1821, foi preso em sua residência, por ordem do futuro D. Pedro I, o Brigadeiro José Maria Rebelo de Andrade Vasconcellos e Souza, comandante da GRP, quando passou a ocupar esse cargo o Coronel Vidigal.¹⁶

Durante os acontecimentos de 11 para 12 de janeiro de 1822, em que a Divisão Portuguesa Auxiliadora hostilizou o povo da cidade do Rio de Janeiro, de tal modo se comportou o Coronel Miguel Nunes Vidigal que fez jus à seguinte referência elogiosa, expressa em tópico da Ordem do Dia, de 13 de janeiro de 1822, do Tenente-General Xavier Curado, Governador das Armas da Corte e Província: “*Ultimamente S. Ex^a tem que agra-*



Representação do patrulhamento de Vidigal nos primórdios da cidade do Rio de Janeiro, na esquina da Praça da Lampadosa (atual Tiradentes) com a Rua do Piolho (hoje Carioca)

A farda azul escura e a predileção de Vidigal pelas rondas noturnas levaram a Guarda Real da Polícia a ser conhecida na gíria da marginalidade da época como “os morcegos”.

decer aos oficiais inferiores e soldados da Guarda Real da Polícia o bem com que souberam, em crise de tanta ponderação, manter a ordem, segurança e tranquilidade que tem reinado nesta capital e de que felizmente gozam os seus habitantes, o que, em parte, se deve ao zelo e atividade do seu comandante, Coronel Vidigal.”

O Coronel Vidigal, por decreto de 10 de março de 1822, foi transferido para o Exército de 1ª Linha, “em consideração aos seus merecimentos”, contando a antiguidade de seu posto de coronel de milícias, e elevado ao posto de brigadeiro, através de decreto de 18 do mesmo mês e ano, continuando à frente do comando da Guarda Real de Polícia. Ainda em 1822, por carta imperial de 1º de dezembro, é nobilitado com a recém-criada Ordem do Cruzeiro com o hábito de Cavaleiro Imperial.

Miguel Nunes Vidigal, um dos homens mais influentes da cidade do Rio de Janeiro, do século XIX, recebeu presentes por conta de sua influência ao longo da vida. Entre eles, um terreno aos pés do Morro Dois Irmãos, onde hoje existe a comunidade do Vidigal, localizada entre os bairros do Leblon e São Conrado. O presente foi dado pelos monges beneditinos por volta de 1820. Isso explica o nome Vidigal, que batizou a praia e a comunidade.

Em 30 de março de 1824, Vidigal jura a Constituição do Império e assina a ata, lavrada no QG nessa mesma data. A efetivação no posto de brigadeiro dá-se em 12 de outubro de 1824. Transcorrido menos de um mês, em 14 de novembro, foi reformado com a patente de marechal-de-campo. Inativo, continuou Vidigal residindo na Corte, onde cultivava fama e admiração. E por fim, em 10 de junho de 1853, chega ao término de seus dias. O corpo foi levado para a Ordem Terceira dos Meninos de São Francisco de Paula.

COMANDANTES DA GUARDA REAL DE POLÍCIA DE LISBOA¹⁷

Coronel Conde de Novion, de 1801 a 1808

Coronel Filipe de Souza Canavarro, de 1808 a 1813

Coronel D. Joaquim a Câmara, de 1813-1817

Coronel José Pereira de Lacerda, de 1817 a 1825

Coronel Barão da Portela, de 1825 a 1826

Coronel Francisco José de Figueiredo Sarmento, de 1826 a 1828

Brigadeiro Joaquim Maria de Souza Tavares, de 1828 a 1833

Coronel Manuel Teixeira Gomes, de 1834 a 1834



NOTAS

1. ALMEIDA, João Ferreira de. *Bíblia sagrada*. São Paulo: SBB, 1995.
2. NASCIMENTO, Walter Vieira do. *História do direito*. Rio de Janeiro: Forense, 1998. p. 87.
3. CAMARA, José Gomes. *Subsídios para a história do direito pátrio*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Brasileira, 1973.
4. NASCIMENTO, *op. cit.*, p. 185.
5. Ordenações Filipinas. Livro I, Título LXXIII: *Quadrilheiros, figura presente nas cidades, vilas e lugarejos para prender os malfetores*.
6. CARVALHO, Claudio Frederico de. *Guarda municipal instituição bicentenária mantendo a segurança pública no Brasil*. Artigonal, [S.l.], 2011. Disponível em: <<http://www.artigonal.com/legislacao-artigos/guarda-municipal-instituicao-bicentenaria-mantendo-a-seguranca-publica-no-brasil-4384886.html>>.
7. POMBO, Rocha. *História do Brasil*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1942. v. 2, p. 288.
8. DIVISÃO militar da guarda real de polícia. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Divis%C3%A3o_Militar_da_Guarda_Real_de_Pol%C3%ADcia>.
9. BRASIL. *Coleção de leis do império do Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1809. v. 1, 54 p.
10. DIVISÃO militar da guarda real de polícia. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Divis%C3%A3o_Militar_da_Guarda_Real_de_Pol%C3%ADcia>.
11. BRASIL, *op. cit.*
12. BRETAS, Marcos Luiz. *A polícia carioca no império*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 12, n. 22, p. 219-234, 1998. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/247.pdf>>.
13. SCHULTZ, K. *A era das revoluções e a transferência da corte portuguesa para o Rio de Janeiro (1790-1821)*. Florianópolis: UFESC, 2010.
14. IGLESIAS, Francisco. *Acervo*. Rio de Janeiro: Revista do Arquivo Nacional, 1999.
15. ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias*. Clássicos da Literatura. Rio de Janeiro: Correio Mercantil, [entre 1852 e 1853].
16. POLÍCIA militar do estado do rio de janeiro. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Pol%C3%ADcia_Militar_do_Estado_do_Rio_de_Janeiro>
17. GUARDA NACIONAL REPUBLICANA. *Guarda real de polícia*. Lisboa: Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, 1949. p. 40.

DA IMPERIAL GUARDA DE POLÍCIA À PMERJ DE HOJE





A **Imperial Guarda de Polícia** foi o novo nome da *Divisão Militar da Guarda Real de Polícia da Corte* ou simplesmente “Guarda Real da Polícia” (GRP), criada por Decreto de 13 de maio de 1809, na cidade do Rio de Janeiro, pelo Príncipe Regente de Portugal. Ela teve importante atuação, tanto ao lado do D. João VI, coroado, no Brasil, Rei de Portugal, quanto ao lado de D. Pedro I, por ocasião da Independência do Brasil, em 7 de setembro de 1822.

No início de 1822, com o retorno de Dom João VI a Portugal, começaram as articulações para tornar o Brasil um país independente. A Divisão Auxiliar do exército português, estacionada no Rio de Janeiro, por ordem das Cortes, tentam forçar a volta do então príncipe Dom Pedro I, para que este jure a nova Constituição, ao que a tropa Guarda Real de Polícia, sob o comando do major Manoel dos Santos Portugal, a afronta e faz com que a mesma não só desista da ação, mas também retorne à Portugal. Meses depois, ao lado da princesa Dona Leopoldina e do ministro José Bonifácio de Andrade e Silva, a corporação manteve a ordem pública na cidade de forma coesa e fiel ao príncipe, enquanto ele viajava às terras do atual estado de São Paulo.¹

Após a transformação do Brasil de **Reino Unido de Portugal e Algarves** para **Império do Brasil**, a *Divisão Militar da Guarda Real de Polícia da Corte* foi transformada na **Imperial Guarda de Polícia**, que atuou em diversos momentos para debelar conflitos e rebeliões, tanto na capital do Império, o Rio de Janeiro, quanto em diversas partes do país. A Guarda Imperial de Polícia estava sob o comando do intendente-geral. Mantinha o policiamento da capital do Império e das cidades do interior do Estado, antes realizado pelos chamados “quadrilheiros”.

Depois da Independência, pressões internas e externas impossibilitaram D. Pedro I manter-se na posição de Imperador do Brasil. Após a outorga da Constituição de 1824, a pressão da imprensa, alegando que o Imperador dava mais atenção às questões portuguesas do que as nacionais e a grave crise financeira do Império foram fatores que desencadearam mudanças radicais na política interna. Essa aversão enfraqueceu o Imperador, que acabou abdicando do cargo, a 7 de abril de 1831, e retornando à Europa, tendo deixando o trono para seu filho Pedro de Alcântara, com apenas 5 anos de idade.²



Paulo Fernandes Viana, Intendente-Geral de Polícia da Corte e do Estado do Brasil



Policiais usando uniformes históricos da
Corporação em apresentação no Theatro
Municipal do Rio de Janeiro



Quartel de Polícia de Mata-Porcos, em aquarela de Thomas Ender, 1817



Diogo Antônio Feijó, mais conhecido como Regente Feijó



Joaquim Antonio Fernandes D'Assunção, Coronel do Corpo Militar de Polícia da Corte

O FIM DA IMPERIAL GUARDA DE POLÍCIA

Em 1831, o Império passou a ser governado por uma Regência Provisória, formada pelos senadores Marquês de Caravelas (José Joaquim Carneiro de Campos), Nicolau Pereira de Campos Vergueiro e o Brigadeiro Francisco de Lima e Silva. No dia 17 de junho de 1831, uma Assembleia Geral elegeu uma Regência Permanente para o período de 1831 a 1835, composta pelos deputados José da Costa Carvalho (futuro Marquês de Monte Alegre), João

Bráulio Muniz e o Brigadeiro Francisco de Lima e Silva (a Regência com o Padre Diogo Antônio Feijó veio somente em 1835, para o período de 1835-1837), passando por momentos turbulentos na ordem pública.³

Logo após a abdicação de Dom Pedro, foi extinta a **Imperial Guarda de Polícia**, que patrulhou o Rio de Janeiro por 22 anos. Em 10 de outubro de 1831, o padre Diogo Antônio Feijó, então ministro da Justiça, assinou um ato que extinguiu a Imperial Guarda de Polícia, formada por militares portugueses, ao tempo em que foi criado o Corpo de Guardas Municipais Permanentes, integrado somente por brasileiros.⁴

A partir de 1835, este novo organismo deixa de ser responsável pelo policiamento das áreas do interior e baixada fluminense, já que, após a promulgação do Ato Adicional à Constituição de 1824, a capital imperial ficou separada das demais províncias, passando a ter governo próprio, que organizou de imediato a **Guarda Policial da Província do Rio de Janeiro**, o mesmo ocorrendo com as demais províncias em todo o país.⁵

O CORPO DE POLÍCIA DA CORTE

Em 1858, a força responsável pelo policiamento da cidade do Rio de Janeiro passou a se chamar **Corpo de Polícia da Corte**. Na sua vigência, esse agrupamento contou com um corpo musical, criado pelo Decreto de 10 de junho de 1866, chamado de “**Banda do Corpo de Polícia da Corte**”, e que contava com um efetivo de trinta músicos instrumentistas e dois maestros: Joaquim Garcia Godinho e Antônio da Rocha.

O “Corpo de Polícia da Corte” teve como missão principal auxiliar o Exército Brasileiro durante a Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870), conhecida como a Guerra do Paraguai, que levou aos campos de batalha as forças militares do Brasil, Uruguai e Argentina contra as forças do Paraguai. O conflito começou com um incidente diplomático originado por uma intervenção do Exército Brasileiro no Uruguai, em 1863, e agravou-se com a invasão da Província brasileira do Mato Grosso pelo Exército do Paraguai, que se transformou no maior conflito da América do Sul.

O Corpo de Polícia da Corte cedeu ao Exército Brasileiro 501 soldados,

que chegando ao Paraguai foram reunidos no 31º Batalhão de Voluntários e serviram na unidade de infantaria até o fim do conflito, em 1870. Antes do início da guerra, o Corpo de Polícia da Corte contava com um efetivo de 686 homens, sendo 555 soldados de infantaria. Após a chegada dos soldados para frente de batalha, foi feito um recrutamento para compensar a escassez de pessoal. Em março de 1870, com o fim da guerra, seu efetivo atingiu o menor número, desde 1832, com 351 homens, aumentando para 502, em 1878.⁶

Em 11 de dezembro de 1920, houve a reorganização da **Brigada Policial do Distrito Federal**, que passou a se chamar **Polícia Militar do Distrito Federal**, composta por cinco batalhões de infantaria e um regimento de cavalaria.⁷ Dentre a série de alterações nos quadros da corporação incluía-se a reorganização das bandas de música. O corpo musical passava a ser dividido em cinco bandas e uma fanfarra, alojada no regimento de cavalaria, sendo essas bandas compostas, respectivamente, por 23 executantes na infantaria e dez na cavalaria.⁸

Em 18 de novembro de 1921, houve na Corporação um concurso de dobrados, que teve como jurados os Tenentes-Coronéis João Gomes Ribeiro Filho, Felício Pais Ribeiro, João Antônio Caldeira Bastos, o doutor Gerson Lins de Albuquerque e o ensaiador das bandas de música da Corporação, professor Custódio Fernandes Góis, do Instituto Nacional de Música (1890-1937). O vencedor do concurso foi o mestre de música do 2º Batalhão, José Rezende de Almeida, com o dobrado *Tiradentes*, que recebeu um prêmio, além de uma dispensa de 15 dias.

Em 1922, numa ordem do dia 4 de março, passava a ser regularizada as atividades de uma orquestra que atuaria no cinematógrafo da Corporação. Era composta por dez músicos, adidos à Companhia de Metralhadoras, e ensaiada pelo mestre responsável pelas demais bandas de música da Corporação. A orquestra era comandada por um cabo e supervisionada por um oficial responsável pelo próprio cinematógrafo. As tocatas da referida orquestra eram remuneradas, sendo o dinheiro arrecadado e fiscalizado por um conselho administrativo, composto por um tenente-coronel e mais quatro oficiais.

Os músicos da orquestra eram militares dos seguintes batalhões da Corporação: 1º Batalhão, anseçada Mário José da Silva e soldado Arlindo Balentim de Oliveira; 2º Batalhão, soldado Humberto Marino; 3º Batalhão, soldado Patrício de Sousa Rodrigues; 4º Batalhão, soldados Raimundo Nonato de França e João José Vieira; 5º Batalhão, soldados Alvaro de Sousa, José Antônio da Silva, Manuel Eugênio e Silva e Agostinho Francisco Salgado Silva.

A orquestra do cinematógrafo da Corporação foi extinta em 9 de setembro de 1924, devido à necessidade da utilização desses militares em outras funções. Na ocasião, os praças foram reapresentados nas suas unidades e os instrumentos entregues aos cuidados da Intendência Geral de Polícia.



Uniforme do 31º Corpo de Voluntários da Pátria

OS “TREME-TERRA”



Os homens pertencentes ao Corpo de Polícia da Corte enviados à Guerra do Paraguai receberam a designação de 12º Corpo de Voluntários da Pátria. Por seus feitos heróicos durante as batalhas, receberam do governo argentino uma medalha em sua homenagem, cuja utilização foi permitida pelo aviso nº 542 do Exército brasileiro, em 4 de abril de 1867. A partir de então, ficaram conhecidos como os “Treme-Terra”.

NOMES DA PMERJ AO LONGO DO TEMPO

1831 Corpo de Guardas Municipais Permanentes;

1835 Guarda Policial da Província do Rio de Janeiro;

1842 Corpo Municipal Permanente da Corte;

1858 Corpo Policial da Corte;

1866 Corpo Militar de Polícia da Corte;

1889 Corpo Militar de Polícia do Município Neutro;

1890 Regimento Policial da Capital Federal;

1890 Brigada Policial da Capital Federal;

1905 Força Policial do Distrito Federal;

1911 Brigada Policial do Distrito Federal;

1920 Polícia Militar do Distrito Federal;

1960 Polícia Militar do Estado da Guanabara;

1975 Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro.

A banda de música do Quartel-General assumiu, a partir de então, a missão de apresentar-se nas seções do cinematógrafo até 27 de abril de 1928, quando a orquestra foi reativada, reassumindo, então, as suas funções musicais.

TRANSFORMAÇÕES NA ESTRUTURA DA POLÍCIA MILITAR

De 1831 a 1975 foram feitas diversas alterações nos nomes do corpo militar que hoje é conhecido como Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro.

Com o Ato Adicional de 12 de agosto de 1834 foram autorizadas mudanças na Constituição de 25 de março de 1824, entre elas sobre a polícia e economia dos Municípios. Assim, o Corpo de Guardas Municipais Permanentes não seria mais responsável pelo policiamento do interior e baixada fluminense, pois o Ato Adicional separou a capital imperial do restante da província, que passou a ter governo próprio e, da mesma forma, a sua Guarda Policial da Província do Rio de Janeiro, como em todas as demais províncias.⁹

A POLÍCIA MILITAR DO RIO DE JANEIRO EM 2014

Este Álbum recomenda ao leitor visitar o site da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro: www.policiamilitar.rj.gov.br; e o site da CIPM-Mus: www.policiamilitar.rj.gov.br/cipmmus. Neles o leitor encontrará mais informações que não estão contidas nesta obra, como apresentações em vídeo da Banda Sinfônica, das demais formações musicais, bem como agendas das bandas, partituras e matérias sobre as ações musicais da CIPM-Mus.



Brasão da PMERJ, entre 1975 e 1983



Brasão atual da PMERJ

NOTAS

1. DIVISÃO militar da guarda real de polícia. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Divis%C3%A3o_Militar_da_Guarda_Real_de_Pol%C3%ADcia>.
2. PERES, Damião. *História de Portugal*: Edição Monumental. Porto: Portucalense, 1935. v. 7, p. 192-195.
3. VIANNA, Hélio. *História do Brasil*. 9. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1972. v. 2, p. 104-105.
4. HOLLOWAY, Thomas H.; AZEVEDO, Francisco de Castro. *Polícia no Rio de Janeiro*: repressão e resistência numa cidade do século XIX. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997. p. 92.
5. DIVISÃO militar da guarda real de polícia. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Divis%C3%A3o_Militar_da_Guarda_Real_de_Pol%C3%ADcia>.
6. HOLLOWAY; AZEVEDO, *op. cit.*, p. 215.
7. BRASIL. Decreto nº 14.447, de 17 de novembro de 1920. *Diário Oficial da União*, 21 nov. 1920. Seção 1, p. 19181.
8. REIS, Capitão Dalmo Trindade dos. *História da banda de música*. Texto manuscrito.
9. VIANNA, *op. cit.*, p. 108.

A BANDA DE MÚSICA DA GUARDA REAL DE POLÍCIA E SUA EVOLUÇÃO

A Banda da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro tem a sua formação a partir da edição do Decreto de 13 de maio de 1809, pelo Príncipe Regente D. João VI, criando a *Divisão Militar da Guarda Real de Polícia da Corte*, logo após a sua chegada com a Família Real e a Corte Portuguesa ao Brasil.

O Decreto de criação da Guarda Real de Política motivou a formação da primeira Banda de Música Militar oficial no Brasil. A criação da Banda da Armada, que acompanhou a Família Real ao Brasil, deu-se em Portugal. O Decreto de 11 de novembro de 1797, editando o Alvará de 28 de agosto do mesmo ano, permitiu a formação da Banda de Música da Brigada Real da Marinha.¹

Até onde foi possível estabelecer a celebração das festas reais, entre 1808 a 1816, contou apenas com as bandas militares que já estavam no Rio de Janeiro em 1808. Estiveram à disposição das autoridades fluminenses entre sete e nove conjuntos. Além da banda da Brigada Real da Marinha, que viera com a corte, cada um dos quatro regimentos de primeira linha possuía seu conjunto, como já mostrado no capítulo 1. Somavam-se a estes as bandas de música do 1º e 3º regimentos de milícias. Em 1816 e 1817 outros conjuntos vieram da Europa. De Portugal vieram duas divisões militares que traziam bandas de música em seu contingente: a Divisão de Voluntários Reais do Príncipe e a Divisão Auxiliadora. Ainda em 1817 vieram mais três conjuntos acompanhando aristocra-



Brasão de Armas da Banda da Armada Portuguesa

tas europeus de passagem ou mudança para o Rio de Janeiro: dois na comitiva da princesa Leopoldina, um na comitiva do duque de Luxemburgo.

A Divisão de Voluntários Reais do Príncipe - posteriormente do Rei - era composta de dois batalhões de caçadores, três esquadrões de cavalaria e uma companhia de artilharia; os Voluntários foram convocados por Dom João para lutar na Cisplatina. A tropa desembarcou no Rio de Janeiro em março de 1816 e, segundo o padre Perereca, a banda de música da Divisão estava presente na ocasião. Os Voluntários Reais permaneceram no Rio de Janeiro até 12 de junho daquele ano, quando dali partiram para o sul do país, onde participaram dos conflitos pela posse da Província da Cisplatina (SANTOS, 1981, p. 68, v. 2). Os Voluntários voltaram à Europa após o sucesso brasileiro nas lutas pela independência, em novembro de 1823 (BARROSO, RODRIGUES, 1922, p. 23). Ver anexo 1, vol. III.²

Com a chegada da Corte Real, as bandas de música dos regimentos de linha passaram a ser solicitadas com frequência nas festas da Família Real, conforme registra o Livro de Ordens da Guarda Real da Polícia da Corte, pois a sua função policial e o seu comandante obedecia às ordens do governador de Armas da Corte e do intendente geral.³

REGULAMENTAÇÃO DO SERVIÇO MUSICAL DA GUARDA REAL

O Príncipe Regente editou mais um Decreto, de 27 de março de 1810, para regulamentar o serviço musical nos Regimentos de Infantaria e Artilharia da Corte, prevendo que cada um dos quatro regimentos tivesse 12 ou 16 músicos para a execução de instrumentos de sopro, pois os músicos eram contratados ou tocavam de forma voluntária.



Terçado, espada curta e larga, usado por policial músico no séc. XIX

Decreto de 27 de Março de 1810

Determina sobre as bandas de Música dos regimentos do Rio de Janeiro.

Querendo conservar aos Regimentos de Infantaria de Linha a Artilharia desta corte a Música que foi estabelecida, com aprovação(sic) dos Vice-Reis do Estado, pelos Coronéis e Officiaes(sic) dos Regimentos, e sustentada até agora em alguns com as prestações gratuitas que os indivíduos delles(sic) fizeram mensalmente, e em todos com as licenças chamadas de economia, que para esse fim se distribuíam: considerando porém que este methodo(sic) era oneroso para os indivíduos dos corpos, e prejudicial a disciplina delles(sic): sou servido ordenar, que de hoje por diante fiquem extinctas(sic) as ditas contribuições e outros meios applicados(sic) para o dito fim: e que pela Thesouraria(sic) Geral das Tropas se pague mensalmente a cada Regimento a quantia de 48\$000, regulando-se a música na fórmula(sic) que se segue. Em cada um dos quatro Regimentos de Infantaria e Artilharia desta Corte haverá 12 ou 16 músicos que toquem instrumentos de vento, sem que por princípio algum se possa aumentar(sic?) o dito número. Os sobreditos músicos terão praça de soldado e serão divididos por todas as companhias, exceptuando(sic) a de



Granadeiros e Caçadores, e vencerão nos préts(sic) os soldos que lhes competem como soldados, e assim mesmo a farinha e fardamento além da gratificação que abaixo se dirá. Os tocadores de bomba, campainhas, e de outros instrumentos de vento, como de bomba serão escolhidos no actual(sic) estado completo das Companhias, sem que se aumente(sic?) o número deste em razão das praças escolhidas dos soldados, como pelos que hão de ser tirados dos tambores. A somma(sic) que vai determinada para gratificação da música será recebida todos os mezes(sic) na Thesouraria(sic) Geral, por um recibo do Coronel, a mettida(sic) no caixa do Conselho de Administração, por onde se pagarão as despesas(sic) da música, de que haverá conta corrente separada da do fardamento. As gratificações dos músicos serão tiradas da dita somma(sic) e repartidas pelo Coronel na proporção do merecimento de cada um, em tal maneira, que As despesas(Sic) das ditas gratificações não excedam de 36\$000 mensaes(sic). O excedente da referida somma(sic) será applicado(sic) para a compra e concerto dos instrumentos, e para os enfeites dos uniformes. Os uniformes dos músicos serão sempre de panno(sic) igual a dos soldados, e comprado do caixa dos fundos de fardamento; os enfeites porém serão tirados da somma(sic) reservada, como se faz menção no capítulo antecedente para esse fim. O Coronel nomeará todos os annos(sic) um Official(sic) para director(sic) da música, o qual terá cuidado na sua instrucção(sic) e disciplina; e ao Major competirá a fiscalisação(sic) deste objecto(sic), e dar parte ao Coronel dos inconvenientes que observar, e que o Chefe do Regimento deverá tomar em consideração. O sobredito official(sic) fará em cada mez(sic) a folha do vencimento da gratificação dos músicos por uma lista nominal, a qual entregará na caixa da música com o recibo competente, e pagará a cada indivíduo a gratificação que lhe tocar. Todos os gêneros que houverem de se comprar para enfeite dos músicos, assim como o concerto e compra de instrumentos, correrão por conta do Official(sic) encarregado, o qual fará as despesas(sic), recebendo para esse fim o dinheiro necessário do caixa, e dará a sua conta corrente que terá o Conselho de Administração, e de que se tomará conta na inspecção(sic). O Conselho Supremo Militar o tenha assim entendido e o faça executar. Palácio do Rio de Janeiro em 27 de Março de 1810.

Com a rubrica do Príncipe Regente Nosso Senhor.

Este texto não substitui o original publicado na Coleção de Leis do Império do Brasil de 1810.⁴

Mais um Decreto do Príncipe Regente, de 20 de setembro de 1810, previa novos instrumentos para a *Divisão Militar da Guarda Real da Polícia da Corte*, permitindo-lhe uma melhor organização para tão importante atividade na Corte.

Decreto de 20 de Setembro de 1810

Manda addicionar(sic) à Divisão Militar da Guarda Real da Polícia um Tambor-mor da Divisão e um Pífaro em cada uma das Companhias de Infantaria.

Sou servido mandar addicionar(sic) à organização(sic) da Divisão Militar

da Guarda Real da Polícia desta Côrte(sic) que houve por bem crear(sic) pelo meu Decreto de 13 de Maio de 1809, um Tambor-Mór da Divisão e um Pífaro em cada uma das três Companhias de Infantaria. O Conselho Supremo Militar o tenha assim entendido e faça expedir os despachos necessários. Palácio do Rio de Janeiro em 20 de Setembro de 1810.

Com a rubrica do Príncipe Regente Nosso Senhor.

Este texto não substitui o original publicado na Coleção de Leis do Império do Brasil de 1810.⁵

ATUAÇÕES DA BANDA MUSICAL DA GUARDA REAL

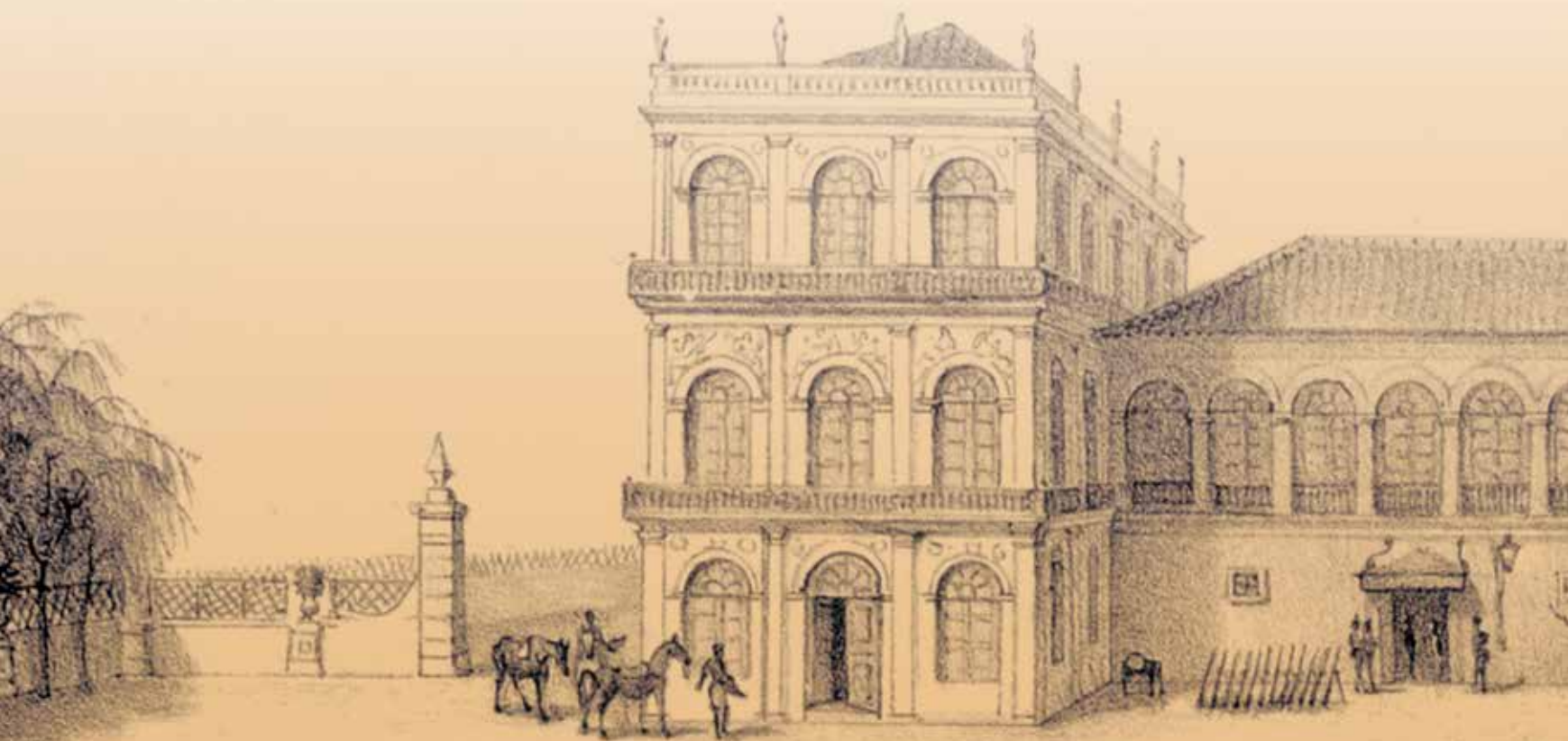
Antes mesmo dos decretos de 27 de março e de 20 de setembro de 1810, regulamentando e prevendo a aquisição de novos instrumentos para a Banda Musical da *Divisão Militar da Guarda Real de Polícia da Corte*, há importantes registros de suas atuações nas atividades festivas e oficiais da Coroa Portuguesa. Entre as atuações mais notáveis, temos os seguintes registros:

Aniversário de Dona Mariana, tia de D. João VI

No Livro de Ordens da GRP, de 5 de outubro de 1809, encontra-se o primeiro registro da apresentação da Banda de Música numa solenidade. Esta ordem convoca alguns conjuntos musicais, o que revela a existência de outras bandas a se apresentarem no Palácio Real, em comemoração ao aniversário de Dona Mariana, tia do Príncipe Regente:

Amanhã às 6 horas da tarde, estarão no Real Paço a música do Regimento que estiver de Guarda e da Artilharia, as quais deverão tocar até o toque de reco-

↓ Palácio de São Cristovão, outrora Palácio Real, onde foram realizadas as festas da Corte Portuguesa e apresentações da Banda Musical da Guarda Real. Litografia do artista francês Jean-Baptiste Debret





lher, e retornarão aos seus Quartéis, e depois de amanhã sábado, 7 do corrente, fica dispensada a Parada na [praça] de São Francisco de Paula. A Guarda do Paço(sic) nesse dia irá de Barrentina e [Calças] de Gala, e a Música de Regimento que estiver de serviço e a do 1º Regimento de Linha, se acharão no mesmo Real Paço(sic) às 10 horas precisas da manhã para tocarem até mandarem retirar, tudo isso em obséquio de S.A. Sereníssima a Senhora Infanta D. Mariana.⁶

Aniversário de Dona Maria Teresa e da rainha Dona Maria

No dia 17 de dezembro de 1809, a banda de música se apresentou na comemoração dos aniversários de Dona Maria Teresa, primogênita de D. João e da rainha Dona Maria.

“(...) pelo que os Senhores Chefes e Comandantes dos mesmos corpos, terão todo o cuidado para que a tropa apareça no maior asseio, e luzimento com Barrentinas como sempre se tem praticado, em semelhantes ocasiões (...). No dia 17 fará o serviço o 1º Regimento de Infantaria de Milícias, o qual levará a sua Música.”⁷

Festas reais em julho de 1810

Outra atuação da Banda Musical em cerimônias oficiais da Corte:

Quartel General 19 de julho de 1810. O Senhor General ordena, que domingo 22 do corrente às 7 horas da manhã se ache toda a Música do 3º Regimento de Linha à porta do Ilustríssimo Intendente Geral da Polícia, para tocar no Bando que deve sair para as festas Reais, à mesma hora toda a Cavalaria da Guarda Real da Polícia se deve achar no maior asseio para acompanhar o dito Bando, evitando qualquer desordem que se possa surgir do Grande Concurso do Povo, e recomenda ao Senhor Comandante toda a moderação e prudência que se faz tão necessária em tais circunstâncias. Veríssimo Antonio Cardozo – Ajudante de Ordens”⁸

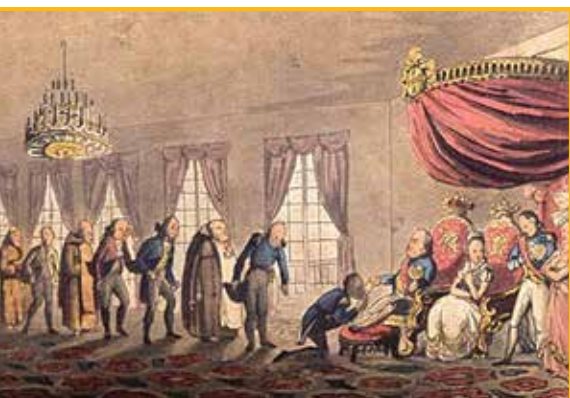


Cerimônia de beijamão, aniversário de D. Pedro, noivado e casamento de Dona Maria Teresa

O noivado ocorreu em 13 de maio de 1810, data natalícia de D. João VI. A Gazeta do Rio de Janeiro fez extensa matéria sobre o noivado real. Um dos registros evidenciava certa adaptação da Corte Portuguesa aos meios musicais disponíveis no Rio de Janeiro. Segundo a descrição apresentada, o cortejo dirigiu-se do Campo de Santana até a Capela Real:

Começa com uma Banda de Música, que supria as Charamelas, Atabaleiros, e Timbaleiros da Casa Real. - Uma escolta da Guarda Real. - Os Porteiros da Cana, indo 6 deles com as maçãs de prata - Os Reis de Armas, Passavantes, Arautos. - Toda a Corte, que não é chamada por Aviso da Secretaria do Estado. - Moços da Câmara. Os Oficiais Menores da Casa Real. - Porteiro da Câmara de S. A. R., e Corregedor do Crime da Corte e Casa. - Seguiam os Grandes do Reino que foram chamados por Aviso, e que S. A. mandou cobrir, segundo o Costume; o Corpo Diplomático, e as Pessoas Reais com seus Camaristas, e Viadores;- Logo imediatamente Camareiras Mores, Damas da Guarda Real, e Bandas de Música tocando por fora da Teyá.(sic)⁹

De 11 a 16 de outubro de 1910, a banda de música foi convocada para se apresentar na comemoração do Sábado de Aleluia, do Domingo de Páscoa, na cerimônia de beijamão,¹⁰ bem como no aniversário de D. Pedro (12 de outubro) e no casamento de Dona Maria Teresa com D. Pedro Carlos de Bourbon e Bragança, neto de Carlos III de Espanha.



Cerimônia de beija-mão na Corte de D. João VI, 1826.
Pintura de Debret

Quartel General 11 de outubro de 1810. Ordena mais o Senhor General, que todas as Músicas dos Regimentos de Linha se devem achar hoje as Ave Marias e amanhã às 10 horas da manhã no Real Paço, para tocarem na forma, no maior asseio e luzimento, e se praticará em todos os Aniversários da Sua Alteza Real o Príncipe Regente Nosso Senhor e mais Família Real. Veríssimo Antonio Cardoso – Ajudante das Ordens.¹¹

Após o casamento de Dona Maria Teresa, foi permitido pelo intendente de Polícia que um grupo de “*mascarados burlescos a cavalo*” percorresse as ruas do Rio de Janeiro em comemoração à festa Real, tendo essas comemorações se estendido até os últimos meses de 1810.¹²

Quartel General 10 de novembro de 1810. De ordem do Senhor Marechal do Exército desta Corte, e Capitania (...). Devendo dar-se princípio as Festas Reais do dia 12, e continuando até 17 inclusive e noite de 21 do mesmo mês, na Praça que se erigiu no Campo dito de Santana. Ordena o Senhor General o seguinte: 1º Que as músicas dos regimentos 2º e 3º às 2 horas precisas, depois do meio dia, no dia 21, às 6 horas da tarde se achem ali tomando os seus respectivos lugares, nos quinteiros(sic) que lhes são determinados, para tocarem quando se lhes ordenar. 2º Que 6 clarins enviados fiquem dispen-

sados de todo o serviço nas tardes de 13, 15 e 17 para acompanharem as cavalcadas, indo eles montados nos seus respectivos cavalos por terem já as fardas prontas, pela medida dos seus Corpos (...). Veríssimo Antonio Cardozo – Ajudante das ordens.¹³

Aniversários de Dona Maria Isabel e Dona Carlota Joaquina

A Banda de Música, formada por profissionais acostumados com o luxo da Corte na Europa, também se apresentou nos aniversários de Dona Maria Isabel e Dona Carlota Joaquina.¹⁴

Comemorações pelo enfraquecimento do exército francês

O Príncipe Regente acompanhava no Brasil os acontecimentos sobre a Europa, especialmente os fatos ligados à atuação de Napoleão Bonaparte. Em 1811, a França começou a sentir os efeitos de uma crise econômica, que atingiu o setor comercial, com o colapso dos bancos franceses e o consequente desemprego no setor industrial. O principal efeito dessa crise foi a desestabilização do exército francês, que possibilitou a reação do exército português, que bravamente conseguiu expulsar as forças francesas do seu território.¹⁵ A Corte no Brasil recebeu estas notícias com muita satisfação, e a banda de música da GRP foi escalada para as devidas comemorações.¹⁶ A derrota definitiva de Napoleão Bonaparte ocorreu em Waterloo, em 18 de junho de 1814.¹⁷

Elevação do Brasil a Reino Unido de Portugal e Algarves

Em 16 de dezembro de 1815, o Brasil foi elevado à categoria de Reino Unido de Portugal e Algarves, tendo como capital o Rio de Janeiro, ao tempo em que foram realizadas celebrações com a participação da Banda de Música.

Recepção da chegada de Dona Leopoldina

No dia 5 de novembro de 1817 chegou à cidade do Rio de Janeiro a futura Imperatriz do Brasil, Dona Carolina Josefa Leopoldina Francesca Fernanda de Habsburgo-Lorena, passando a assinar Maria Leopoldina, após se casar com Dom Pedro, por procuração, em 13 de maio de 1817, depois de uma longa negociação entre os governos da Áustria e do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarve.

Em sua comitiva veio uma Banda de Música, que influenciou posteriormente as bandas musicais brasileiras. Dessa forma, a Banda do Reino, por meio do Decreto de 11 de dezembro de 1817, teve aumentado o efetivo de músicos para 16 (dezesseis) músicos e 4 (quatro) aprendizes, além de conceder independência ao maestro na função de músico instrumentista.

Com a chegada de Dona Maria Leopoldina, foi realizada uma pomposa recepção, que contou com um efetivo escalado para o desembarque. O



Dona Carlota Joaquina de Bourbon, esposa de D. João VI



Dona Maria Isabel, filha de Carlota Joaquina e D. João VI

pintor austríaco Franz Fröhbeck, que integrou a comitiva de Dona Maria Leopoldina, retratou em tela a chegada da comitiva ao Porto do Rio de Janeiro, em ato festivo que contou com o corpo musical da Corte.¹⁸

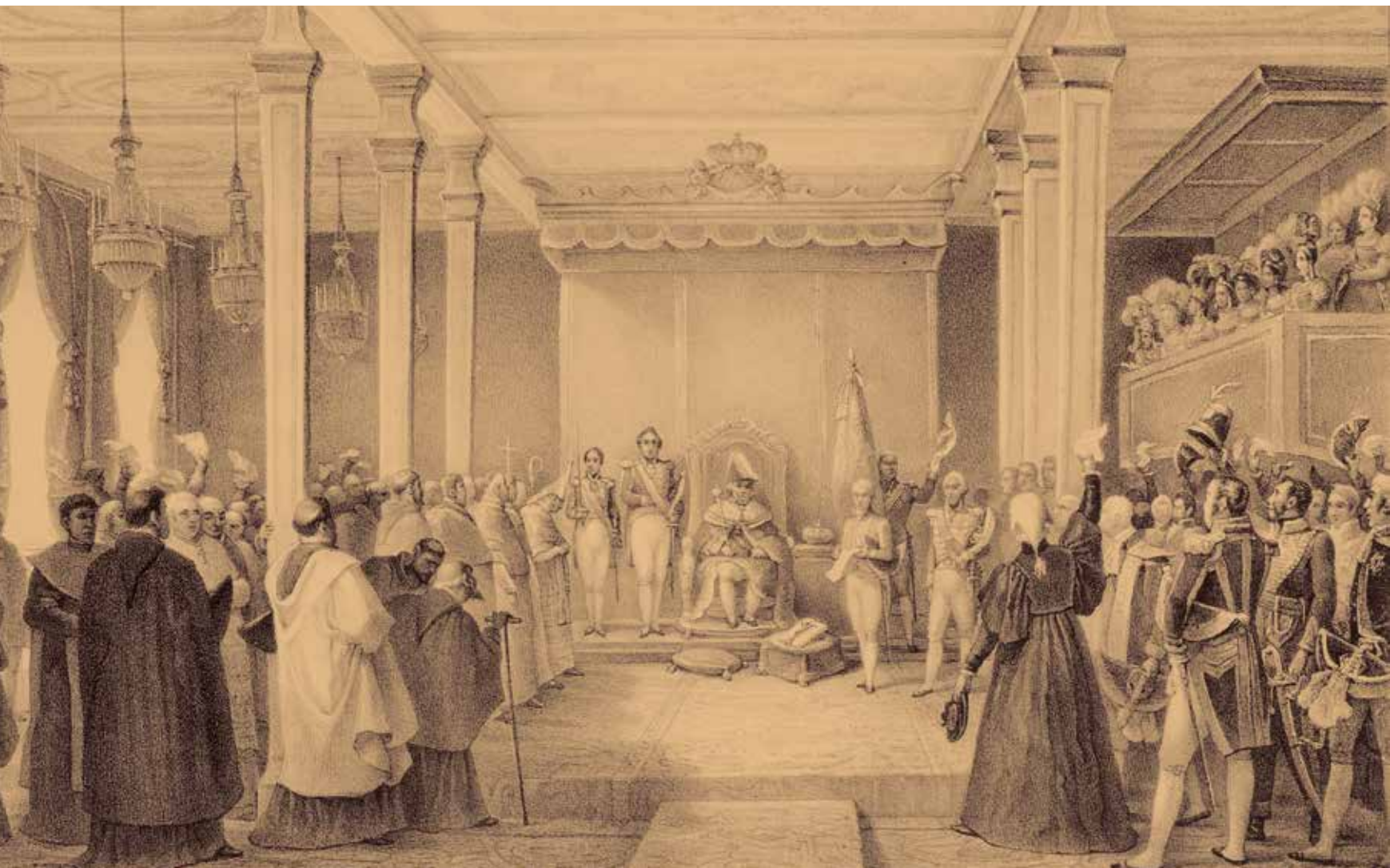
“Ordem do dia Quartel General 5 de novembro de 1817 (...) A Divisão Portuguesa Auxiliadora dará uma Guarda Composta de um Capitão...1 Alferes, 1 Porta Bandeira, 3 Oficiais Inferiores, 4 Cabos, 80 Soldados, 2 Tambores, e com uma Banda de Música que será a do Regimento de Milícias n. 3. A Guarda se postará as 8 horas e meia da manhã no Arsenal Real da Marinha (...). Logo que a Galeota Real aportar ao cais, a Guarda apresentará as armas e assim, se conservará portado a tempo de desembarque, até que tenham saído os Coches e forem as pessoas Reais, e em todo este tempo a Música não pare de tocar.”¹⁹

A Banda de Música da *Divisão Militar da Guarda Real de Polícia da Corte*, por sua vez, através de Decretos, Regulamentações e Portarias, cresceu junto às Bandas do Reino.

Coroação de D. João VI como rei de Portugal

Mudanças ocorreram na política em Portugal e o Príncipe Regente D. João VI acabou sendo coroado Rei de Portugal, no dia 6 de fevereiro de 1818. A coroação e aclamação festiva foi seguida da presença de uma multidão e duas bandas militares. Presentes ainda estavam uma escolta da Guarda Real, vários criados da Casa Real e uma “numerosa banda

↓ A Aclamação de D. João VI a Rei de Portugal em litografia de Debret, 1834



de música dos regimentos de guarnição da Corte e milicianos, em grande gala, ornadas as barretinas de flores e montados a cavalos das Reais Cavalarias”. A coroação ocorreu dois anos após o falecimento de sua mãe, a rainha D. Maria I, sendo ele o único rei de Portugal a ser coroado no Brasil. D. João VI, no entanto, não ficaria muito tempo no país.

Em 24 de agosto de 1820 eclode a Revolução do Porto, exigindo da Corte Portuguesa uma nova Constituição, ao tempo em que forçava a presença do rei em Portugal, principalmente pelo fato do país ter-se tornado colônia de uma de suas colônias.²⁰

CARTAS RÉGIAS, DECRETOS, AVISOS, BANDAS E MÚSICOS, DE 1809 A 1889²¹

Listamos a seguir a legislação contida nas Cartas Régias, Decretos, Avisos sobre criação e concessão de bandas de música, movimentação de músicos, despesas, soldos e questões pertinentes à vida pessoal, número de integrantes de músicos em determinadas bandas, instrumentos de música, de 1810 a 1889:

- **Decreto, 27 de março de 1810**

Determina sobre as Bandas de Músicas dos Regimentos do Rio de Janeiro.

- **Carta Régia, 26 de setembro de 1811**

Regula o pagamento da Música do Regimento de Infantaria de Linha do Recife Capitania de Pernambuco.

- **Carta Régia, 20 de julho de 1812**

Manda pagar pela Junta da Fazenda as despesas com a música do Regimento de Infantaria de linha d'Extremoz,(sic) destacada na capitania do Pará.

- **Decreto, 11 de dezembro de 1817**

Aprova a criação e regulamento da Banda de Música dos Batalhões de Infantaria nos. 11 e 15 e de Caçadores no. 3 da Divisão de Portugal aqui destacada.

- **Carta Régia, 3 de fevereiro de 1820**

Concede uma banda de música ao Regimento de Caçadores da Praça de Santos, da Província de São Paulo.

- **Aviso n.º 32, 12 de maio de 1820**

Sobre a despesa necessária para o enfeite dos músicos do Corpo de Artilharia montada desta Corte, nos dias de Grande Parada.

- **Decreto, 4 de outubro de 1821**

Sobre as Bandas de Música dos Corpos de Infantaria de Linha da Guarnição da Corte.

- **Decreto, 17 de outubro de 1821**

Sobre as bandas de música do regimento de artilharia desta Corte.

- **Decreto, 18 de julho de 1822**

Declara o plano de organização da Banda de Música, dos Porta Bandeiras e Pífaros do Batalhão de Granadeiros da Corte.

- **Aviso n.º 95, 20 de abril de 1825**

Determina que a despesa com os soldados músicos dos corpos da guarnição da Corte não exceda diariamente de 4\$600 por corpo.

- **Aviso n.º 35, 7 de março de 1831**

Manda dissolver a música do 1.º Corpo de Artilharia de Posição de 1º Linha e reduzir a música do Batalhão do Imperador

- **Lei n.º 602, 19 de setembro de 1850**

Dá nova organização a Guarda Nacional do Império.

- **Decreto n.º 722, 25 de outubro de 1850**

Contêm as instruções para a execução da lei n. 602 de 19 de setembro d'este(sic) ano, que deu nova organização à Guarda Nacional.

- **Aviso n.º 2, 3 de janeiro de 1852**

Veda que os Cadetes contribuirão para as músicas dos Corpos, e que se desconte aos voluntários e engajados quantia alguma para as mesmas músicas.

- **Aviso n.º 24, 18 de outubro de 1853**

Ao Presidente da Província da Bahia, declarando que se aprova o figurino de uniforme para os músicos do 2º Batalhão de Artilharia a Pé.

- **Decreto n.º 1.332, 18 de fevereiro de 1854**

Regula a distribuição e conservação do armamento, correame, bandeiras, instrumentos de música, munições de guerra, livros e mais objetos fornecidos à Guarda Nacional do Império.

- **Aviso n.º 358, 14 de novembro de 1855**

Declara que os oficiais da Guarda Nacional em serviço de destacamento têm direito à quinta parte do soldo, que as músicas dos Corpos em tais circunstâncias se devem abonar os respectivos soldos, bem

como 80 réis diários para fardamento aos Guardas Nacionais, e enfim que os Capitães que servirem de Majores só devem perceber o soldo de seu posto e as gratificações correspondentes aos exercícios.

• **Circular n.º 155, 2 de maio de 1856**

Estipula o preço do corte e feito dos bonetes dos músicos.

• **Aviso n.º 189, 21 de maio de 1856**

Aprova o preço de 6\$000 para o feito de uma sobrecasaca dos músicos do 1.º Batalhão de Infantaria.

• **Circular n.º 212, 22 de junho de 1857**

Eleva a 30\$ mensais a consignação para concertos e substituição dos instrumentos das bandas de música dos Corpos de Infantaria e Artilharia.

• **Aviso n.º 21, 1 de fevereiro de 1859**

Declarando em virtude da Imperial Resolução de 22 de janeiro deste ano tomada sob consulta do Conselho Supremo Militar de 22 de janeiro deste ano que as praças de pret. Estrangeiras engajadas podem conservar graduações inferiores nos corpos do exército, como mestre de música, de tambores, etc.

• **Aviso n.º 25, 25 de fevereiro de 1859**

Determinando que os menores dos diversos Arsenaes(sic) de Guerra, quando adiantados em música, e tiverem idade de serem desligados das Companhias sejam destinados a preencher as vagas que se verificarem nas músicas dos corpos.

• **Circular n.º 111, 10 de maio de 1859**

Determina que só se pague à música da Guarda Nacional quando destacar um corpo inteiro.

• **Circular n.º 125, 2 de março de 1861**

Declara que, quando os corpos da Guarda Nacional forem chamados a serviço de destacamento, e se aquartelarem com toda a sua força efetiva, e esta compreender a música, deverão as suas despesas correr pela Repartição da Guerra.

• **Aviso n.º 377, 17 de agosto de 1863**

Declarando que não pode deixar de ser considerada supérflua a despesa feita pela caixa de economias lícitas do 13.º Batalhão de Infantaria com o fardamento da música, por isso acha-se justo de contas até o fim do ano próximo passado, e que deve cessar o abuso que porventura se tenha dado de pagar-se a dinheiro o fardamento devido às praças escusas do serviço.

• **Decreto n.º 1649, 21 de julho de 1869**

Declara entender-se com o músico do 29.º corpo de Voluntários da Pátria, Germiniano Pacheco de Souza, a pensão concedida por Decreto de 27 de março de 1867, ao músico do mesmo corpo Germiniano Pacheco de Souza.

• **Decreto n.º 1679, 16 de agosto de 1869**

Declara-se referir-se ao músico do 29.º Corpo de Voluntários da Pátria Geminiano de Souza Pacheco, a pensão aprovada pelo Decreto n.º 1514 de 28 de setembro de 1867; reduz uma pensão já concedida e aprova a concessão de várias outras.

• **Decreto n.º 2102, 1 de fevereiro de 1873**

Declara que a pensão de 1500 réis diários concedida por [...]; e aprova o Decreto de 23 de agosto de 1871, que elevou a 500 réis diários a pensão concedida ao músico do 7.º corpo de voluntários da pátria Joaquim Gonçalves da Ressurreição.

• **Aviso n.º 194, 24 de maio de 1877**

Estabelece o uso de talins de couro da Rússia, em substituição dos de galão de prata, para o uniforme dos músicos nas formaturas de grande gala.

• **Aviso n.º 513, 28 de novembro de 1877**

Declara que as músicas dos corpos do Exército não devem ser cedidas gratuitamente para festejos de caráter particular.

• **Aviso n.º 137, 12 de março de 1878**

Reduz a 150\$000 a consignação anual

de 240\$000, destinada ao concerto e conservação do instrumental das músicas do depósito de aprendizes artilheiros, e do 1.º batalhão de infantaria.

• **Aviso n.º 366, 26 de julho de 1880**

Das explicações a respeito da receita e despesa das luzes dos quartéis e outros estabelecimentos militares, e bem sobre as caixas das enfermarias e música dos corpos do Exército.

• **Aviso n.º 182, 20 de abril de 1881**

Declara qual o vencimento a que tem direito o mestre de música do 1.º Regimento de Cavalaria Ligeira

• **Aviso n.º 559, 12 de novembro de 1881**

Manda escriturar em receita das caixas das músicas dos corpos montados da guarnição da Corte o produto da venda dos resíduos de ferragens e de arcos de ferro de ligação dos fardos da alfafa.

• **Aviso n.º 564, 16 de novembro de 1881**

Estabelece que aos Comandantes dos corpos do Exército se faça carga de fardamento para 27 músicos, e que estes quando tiverem baixa, só passem títulos da dívida das peças que deixarem de levar.

• **Aviso n.º 2, 4 de janeiro de 1882**

Ao Ajudante General - Proíbe a aceitação de auxilio pecuniários dos oficiais dos corpos para a manutenção das respectivas bandas de música.

• **Aviso n.º 60, 31 de julho de 1882**

Ao quartel mestre general – dispõe sobre o fornecimento de fardamento para músicos, do qual se mandou fazer carga, por aviso de 16 de novembro de 1881, aos comandantes dos corpos.

• **Aviso n.º 37, 10 de junho de 1886**

Declara, em solução á consulta da um inspetor de corpos, a quem compete efetuar as compras precisas para as bandas de música dos mesmos corpos.

• **Aviso n.º 39, 22 de junho de 1886**

Resolve a consulta relativa aos vencimentos que devem ser abonados ao mestre de música de um corpo do exército, estando em conselho de guerra.



• **Portaria n.º 58, 24 de setembro de 1886**

Estabelece os casos em que as administrações das caixas das músicas do Exército podem exercer a faculdade conferida no regulamento de 6 de março de 1886 para a substituição do instrumental das músicas.

• **Aviso n.º 9, 7 de março de 1887**

Sobre os assentamentos dos músicos nos livros mestres deve ser observado disposto no aviso de 22 de maio de 1886.

• **Aviso n.º 15, 27 de fevereiro de 1888**

Declara que a despesa com o enterramento das praças ao Exército deve ser feita pelo caixa da música dos corpos, sendo as respectivas importâncias indenizadas à mesma caixa mensalmente pela tesouraria da fazenda.

• **Aviso n.º 13, 19 de fevereiro de 1889**

Declara como deve ser escripturada(sic) nos corpos montados que

não teem(sic) bandas de música a importância da venda do estrume, arcos de ferro, ferraduras, etc.

• **Aviso n.º 22, 21 de março de 1889**

Declara o número de anseçadas que deve ter cada corpo arregimentado do Exército e qual a classificação dos músicos das respectivas bandas da música.

• **Aviso n.º 46, 21 de junho de 1889**

Manda conservar a banda de música do 1.º regimento de cavalaria.

NOTAS

1. BINDER, Fernando Pereira. *Bandas militares: difusão e organização entre 1808-1889*. São Paulo: UNESP, 2006. v. 3, p. 124.
2. *Ibidem*, p. 34-35.
3. *Ibidem*, p. 44.
4. BRASIL. *Coleção de leis do império do Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1810. v. 1, p. 88. Publicação Original.
5. *Ibidem*, p. 151.
6. ANRJ. *Ordens do dia da Guarda Real da Polícia da Corte*. Cód. 749, f. 02 e verso.
7. *Ibidem*, f. 02-03, doc. 8.
8. *Ibidem*, f. 13v, doc. 35.
9. GAZETA DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro: [s.n.], 19 mai. 1810. n. 40, p. 4. Grifo meu.
10. Tratava-se de uma cerimônia pública, de origens medievais, que tornou-se um costume na Monarquia portuguesa e foi trazida para o Brasil pela Corte Imperial. No beija mão o Monarca tinha contato direto com nobres e plebeus, que após reverenciá-lo podiam solicitar algum favor. Essa cerimônia, que muito agradava a Dom João, representava tanto a submissão dos súditos ao poder Imperial, quanto o papel protetor do monarca. (LIMA, Manuel de Oliveira. *D. João VI no Brasil*. Rio de Janeiro: Typographia do Jornal do Commercio, 1908. v. 2, p. 859)
11. ANRJ, *op. cit.*, f. 16v e 17, doc. sn.
12. SANTOS, Luís Gonçalves dos. *Memórias para servir à história do reino do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1981. v. 1, p. 263-264.
13. ANRJ, *op. cit.*, f. 17v e 18r, doc. sn.
14. ANRJ, *op. cit.*, f. 06 e 06v, doc. sn.
15. ENGLUND, Steven. *Napoleão: uma biografia política*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. p. 398-403.
16. ANRJ, *op. cit.*
17. ENGLUND, *op. cit.*, p. 480-483.

18. LEAL, Ana Beatriz; MUNTEAL FILHO, Oswaldo; SILVA, Íbis Pereira (org.). *200 anos da Polícia Militar do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Ed. PUC/RJ, 2010. p. 46.

19. ANRJ, *op. cit.*

20. ALEXANDRE, Valentim. *Os sentidos do império: questão nacional e questão colonial na crise do antigo regime Português*. Porto: Ed. Afrontamento, 1993. p. 452.

21. BINDER, *op. cit.*, p. 158-164.

AS BANDAS DA PMERJ

As Bandas da PMERJ têm a sua origem no final do Brasil Colônia, quando a Corte Real Portuguesa transferiu-se para o Rio de Janeiro, em 1808, tendo o Príncipe Regente D. João VI, por Decreto de 13 de maio de 1809, criado a “Divisão Militar da Guarda Real de Polícia da Corte”, com o objetivo de garantir a segurança pública através do policiamento na nova capital.

Hoje, a Companhia Independente de Polícia Militar - Músicos (CIPM-Mus) tem a previsão de sete bandas sob sua administração. A Banda Sinfônica é a principal. As demais são a Banda da Academia de Polícia Militar Dom João VI, a Banda do 12º BPM, a Banda do 7º BPM, a Banda do 8º BPM e mais duas orgânicas na sede da CIPM-Mus.

A Banda apresentando o Concerto de Inverno na Sala Cecília Meirelles, sob regência do Cap Ronaldo





Apresentação no Teatro Municipal de Niterói. Regência do Cap PM Mus Ronaldo e participação especial do Agellus Choir

BANDA SINFÔNICA

A Banda Sinfônica da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro é uma das formações da CIPM-Mus e teve sua origem direta a partir do Grande Conjunto Musical criado em 1924, sob o comando do General Carlos Arlindo, resultante da reunião das sete bandas existentes à época. Já em 1962, com a criação da Companhia de Músicos (Cia-Mus), esse ajuntamento de bandas passou a se chamar Banda Sinfônica.

Ao longo de sua carreira, a Banda Sinfônica contou com a participação de vários corais, tais como: Coro do Theatro Municipal, Coral da Universidade Gama Filho, Coral de Petrópolis, Coral Missionário da Igreja Assembleia de Deus de Madureira, Coral Agellus, Coral Renascença, Coral Finlândia da Assembleia de Deus de Cordovil, dentre outros. Entre os solistas vocais e instrumentais, registramos: Nailson Simões (trumpete), Zdeneck Swab (trompa), Jessé Sadoc (trumpete), João Luiz Areias (trombone), Geilson dos Santos (cantor), Don Lucas (trombone), Heinz Schwebel (trumpete), Marcelo de Jesus (trombone), Lélío Alves (trombone), dentre outros.



General Carlos Arlindo



Acima Apresentação no Theatro Municipal do Rio, sob regência do Maj PM Mus Delmiro

Abaixo Apresentação na igreja da Candelária, no Centro do Rio, sob regência do Cap PM Mus Ronaldo





↑ Big Band 190 no pátio do BPChq em 2004

BIG BAND 190

A **Big Band 190** é um dos corpos musicais existentes na CIPM-Mus que tem contribuído para o desenvolvimento das missões musicais na Corporação. Por sua formação, menor que as bandas tradicionais e seu repertório muito atual, é uma das mais requisitadas, tanto pelo público interno quanto pelo externo.

Big Band é uma expressão inglesa que indica um grupo instrumental associado ao jazz. Esse tipo de formação foi muito popular dos anos 1920 aos anos 1950, período conhecido como a era do swing, se popularizando com o grande maestro Glenn Miller, da Força Aérea Norte-Americana. Atualmente, é composta por um efetivo de 12 a 25 músicos, tendo como instrumentos saxofones, trompetes, trombones, guitarra, contrabaixo, piano e bateria, podendo ser acrescida de outros. O jazz das BIG BANDS conta com arranjos mais elaborados, onde se destacam os solos e improvisações feitos pelos músicos de sua formação.

A **Big Band 190** foi criada em 1996, pelo então Comandante da Companhia de Músicos, Cap PM Mus Cláudio Pereira da Silva. Apresentou-se pela primeira vez no Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Desde então, tem realizado concertos em vários lugares, inclusive fora do Estado, sendo aplaudida pelas mais variadas plateias. Em sua carreira, já participou por mais de uma vez de festivais internacionais importantes, como o *Petrópolis Jazz & Blues Festival* e o *Rio das Ostras Jazz & Blues Festival*, além de programas de televisão, como o *Caldeirão do Huck*, da Rede Globo, praças públicas, eventos promovidos pela Corporação e apresentações nos mais variados teatros e salas de concerto.

A **Big Band 190** funciona como elemento de ligação entre a população e a Corporação, criando um vínculo de respeito e confiança junto à sociedade fluminense.



Acima Apresentação no programa *Caldeirão do Huck*, em 2011

Meio e abaixo Passagem de som e apresentação no Morro Dona Marta





Banda do 29º BPM

BANDAS ORGÂNICAS

A CIPM-Mus possui em seus quadros bandas orgânicas que realizam uma diversidade de apresentações nos mais longínquos recantos do Estado do Rio de Janeiro. Elas realizam apresentações didáticas, solenidades e desfiles cívicos, casamentos coletivos, bailes de debutantes, bailes da terceira idade, enfim, uma infinidade de serviços de utilidade pública e cultural.



Banda do 8º BPM



Banda do 12º BPM



Banda da APM D. J. VI



Banda da CIPM-Mus

O BICENTENÁRIO DA PMERJ E DA BANDA DE MÚSICA





A Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro (PMERJ) celebrou, em 13 de maio de 2009, o seu bicentenário. Sua origem remonta a criação da “Divisão Militar da Guarda Real de Polícia da Corte” pelo Príncipe Regente D. João VI, em 13 de maio de 1809. No ano do bicentenário, a Companhia Independente de Polícia Militar - Músicos (CIPM-Mus) realizou uma apresentação de gala no Teatro Vivo Rio e concertos com a Banda Sinfônica em várias cidades fluminenses.

Banda Sinfônica da PMERJ, acompanhada
do Coral Missionário e dos jovens
da Escola de Música da Rocinha, se
apresentando durante o Concerto
Comemorativo do bicentenário da
Corporação no Teatro Vivo Rio



Como parte das celebrações, o Museu da Polícia Militar do Rio de Janeiro, localizado na Rua Marquês de Pombal, 128, Cidade Nova, realizou, em dezembro, no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), Rio de Janeiro, uma exposição cultural. A mostra reuniu armaduras, armamentos, indumentárias, fardas, fotografias, quadros e relíquias desde a criação da *Guarda Real de Polícia*. Os objetos são partes integrantes do acervo cultural do Museu da Polícia Militar. Por trás desse trabalho está uma equipe formada por museólogos, historiadores e restauradores, sob a direção do Tenente Coronel Analiny Caroprese, à frente do museu desde 2006.



Logotipo dos 200 anos da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro

CONCERTO SINFÔNICO DO BICENTENÁRIO

A Banda Sinfônica da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro realizou um grande evento, no Teatro Vivo Rio, no dia 7 de julho, para celebrar o Bicentenário da PMERJ. Com o teatro repleto, o mestre de cerimônia saudou a todos, entre civis, militares, familiares dos músicos, em nome do Comandante Geral da Polícia Militar, Cel PM Gilson Pita Lopes. Lembrou que “a instituição foi criada por D. João VI, em 1809, com o nome de *Divisão Militar da Guarda Real de Polícia da Corte*, organizada nos moldes da Guarda Real de Polícia de Lisboa, usando, inclusive, uniforme idêntico”. Ressaltou que “muitos foram os heróis do país que passaram pela Polícia Militar em seus duzentos anos de existência. Entre eles, o lendário Duque de Caixas, os marechais e presidentes da República Deodoro da Fonseca (1889-1891) e Hermes da Fonseca (1910-1914), além de outros tantos, anônimos, de diversas gerações, que deram suas vidas em prol da causa pública e que foram fiéis ao juramento que fizeram em defender a sociedade, mesmo com o sacrifício da própria vida”.

Com uma pausa na apresentação, o anfitrião questionou: “E a música na Polícia Militar?” E completou: “A história da música na Polícia Militar beira a própria criação da Guarda Real, isso porque em 20 de setembro de 1810 foram adicionados um tambor-mor na Divisão e um pífaros em cada uma das três companhias de infantaria da corporação”. Ato contínuo, ele disse: “Um salto no tempo nos traz ao ano de 1962, ocasião quando foi criada a Companhia de Música da Polícia Militar (CIA-Mus); e, finalmente, a 24 de abril de 2006, através da Resolução da Secretaria de Estado de Segurança Pública, quando foi criada a Companhia Independente de Polícia Militar – Músicos (CIPM-Mus), tendo como comandante o Maj PM Mus Antônio Carlos Rosa”.

No concerto comemorativo, a Banda Sinfônica contou com o apoio do Coral Renascença, sob a regência do maestro Valdemir de Carvalho; do Coral Missionário da Assembleia de Deus de Madureira, sob a regência do maestro Joel Raimundo; do Coral Infante-Juvenil, da Escola de Música da Rocinha, sob a regência da maestrina Valéria Correia; das sopranos Taryn



Szpilman e Débora Assunção; e dos tenores Ismael Alexandre, Geilson dos Santos e Victor Correa.

A seguir, o anfitrião declarou: “Senhoras e senhores, a música sempre foi e sempre será um lenitivo para a alma e para o espírito. É com incontida satisfação que daremos início ao concerto sinfônico programado para esta noite. Para tanto, convidamos para adentrar ao palco do Vivo Rio a Banda Sinfônica da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro!”. E assim o público presente recebeu, com muitos aplausos, a Banda Sinfônica da PMERJ.

Primeira parte da apresentação: *Maestro Cap PM Mus Carlos Pimenta Bastos Júnior*

Para reger a Banda Sinfônica, na primeira parte da programação, foi convidado o maestro e Cap PM Mus Carlos Pimenta Bastos Júnior, Sub Comandante da CIPM-Mus. A primeira música apresentada foi a *Band Overture*, do italiano Roberto di Marino. Após a apresentação, foi anun-

Detalhe da apresentação da Banda Sinfônica durante o evento comemorativo



ciada *Solfegietto*, de Carl Philipp Emanuel Bach, fundador e precursor da música clássica erudita, com a participação especial do Sgt Mus Borges. A terceira apresentação foi a do interlúdio instrumental *The flight of the bumble-bee*, de Nikolai Rimsky-Korsakov.

O anfitrião anunciou, naquele momento, a entrada do Coral Missionário da Assembleia de Deus de Madureira, Rio de Janeiro, muito aplaudido, que fez o solo da quarta apresentação da noite, o *Príncipe do Egito*, de Hans Zimmer, um dos mais conceituados compositores de Hollywood, criador das trilhas sonoras de “o Rei Leão”, “Pânico”, “Missão Impossível 2” e “Príncipe do Egito”, tendo como solo as sopranos Taryn Szpilman e Débora Assunção.

Como pérola da noite, o anfitrião apresentou o currículo musical do Sgt PM Mus Ricardo César Ferreira, flautista, arranjador e compositor, autor de “*Dobrado 1809, História e Tradição*”, e a obra inédita “*Tiradentes*”, composição vencedora do concurso de dobrados para o Bicentenário,

criada em forma de fantasia, inspirada na vida e obra de Joaquim José da Silva Xavier, protomártir da Inconfidência Mineira, ao tempo em que o Coral Missionário da Assembleia de Deus de Madureira cantou o refrão “*Liberdade*”. Ao final, a ovação do público.

O concerto fez, ao final da primeira parte, uma singela homenagem a um dos maiores astros da música pop de todos os tempos, Michael Jackson, nascido em 29 de agosto de 1958, em Indiana, EUA, que mostrou o seu talento para a música desde a sua adolescência. O reconhecimento de sua carreira solo surgiu em 1979. Com suas músicas, Michael consolidou a carreira de super astro. Jackson faleceu em 25 de



Maestro Cap PM Mus Carlos Pimenta Bastos Júnior

junho de 2009. A Banda Sinfônica da PMERJ sempre apresentou músicas de Michael Jackson. Entre elas, *I'll Be There*, de Berry Gordy, Bob West, Hal Davis e Willie Hutch, que foi novamente apresentada no Concerto do Bicentenário.

Para finalizar, o apresentador anunciou a linda canção francesa *May Way*, de Claude François e Jacques Revaux, imortalizada pelas vozes de Frank Sinatra e Elvis Aaron Presley, interpretada pela Banda Sinfônica, com os tenores Geilson dos Santos e Israel Alexandre, cuja mensagem revela que o homem, mediante as dificuldades da vida, precisa conquistar a si mesmo e o seu próprio destino.

Segunda Parte da Apresentação: Maestro Maj PM Mus Antônio Carlos Rosa

A primeira apresentação da segunda parte, sob a regência do maestro Antônio Carlos Rosa, foi *Call of the Champions*, de John Williams, com a participação do Coral Missionário da Assembleia de Deus de Madureira e do Coral Infanto-Juvenil da Rocinha. A apresentação a seguir foi *Primavera*, de Antonio Lúcio Vivaldi, com solo de violino da Maj Médica Miriam Broitman. Vencer obstáculos, transpor barreiras - uma das trilhas sonoras mais famosas do mundo foi a terceira apresentação, da segunda parte, do concerto do Bicentenário da Polícia Militar: *Rock Overture*, de Brunno Contti.



Maestro Maj PM Mus Carlos Antônio Carlos Rosa

Novo tempo, de Ivan Lins, foi lembrada no memorável concerto da Banda Sinfônica da PMERJ. Mas antes de sua apresentação, o telão apresentou o testemunho do Pastor Abner Ferreira, presidente da Assembleia de Deus de Madureira, sobre a confiança que tem na instituição Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro. Ele relatou que foi rendido por dois assaltantes, de alta periculosidade, em sua caminhoneta, sendo socorrido por militares que patrulhavam a área. Houve troca de tiros, quando um dos meliantes feriu uma jovem. “Um dos policiais, homem valente, de uma coragem que nunca vi em minha vida, com tanta força, prestou assistência à jovem, ao tempo em que outra guarnição prestou socorro. Houve nova troca de tiros e um dos elementos foi a óbito”, contou emocionado o pastor Abner Ferreira. E finalizou o seu testemunho: “Por mercê de Deus e atuação firme da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro, jamais poderei esquecer. Devo a minha vida à gloriosa corporação da Polícia Militar. Na Polícia Militar do Rio de Janeiro eu acredito”. A seguir, o jovem Vítor Correa cantou *Novo Tempo*, de Ivan Lins.



Telão projetando o testemunho do Pr. Abner Ferreira

A seguir, a Banda Big Band 190 apresentou *Superstation*, um rock que balançou a plateia. Com o jazz, a Banda Sinfônica mostrou que os músicos da CIPM-Mus são de nível internacional. *Aleluia*, de George Friedrich Handel, foi outra apresentação magistral que emocionou a todos, na unidade Banda Sinfônica e Coral Missionário, da Assembleia de Deus de Madureira.

Canção do Policial Militar

Com a Banda Sinfônica e a voz do Sgt PM Mus Claúdio, o público foi convidado a cantar a “*Canção do Policial Militar*”.



Sgt PM Mus Claúdio

CANÇÃO DO POLICIAL MILITAR

Letra: Cel PM Jorge Ismael Ferreira Horsae / Música: ST PM Mário José da Silva

Em cada momento vivido
uma verdade vamos encontrar
Em cada fato esquecido
uma certeza nos fará lembrar
Em cada minuto passado
mais um caminho que se descobriu
Em cada soldado tombado
Mais um sol que nasce no céu do Brasil

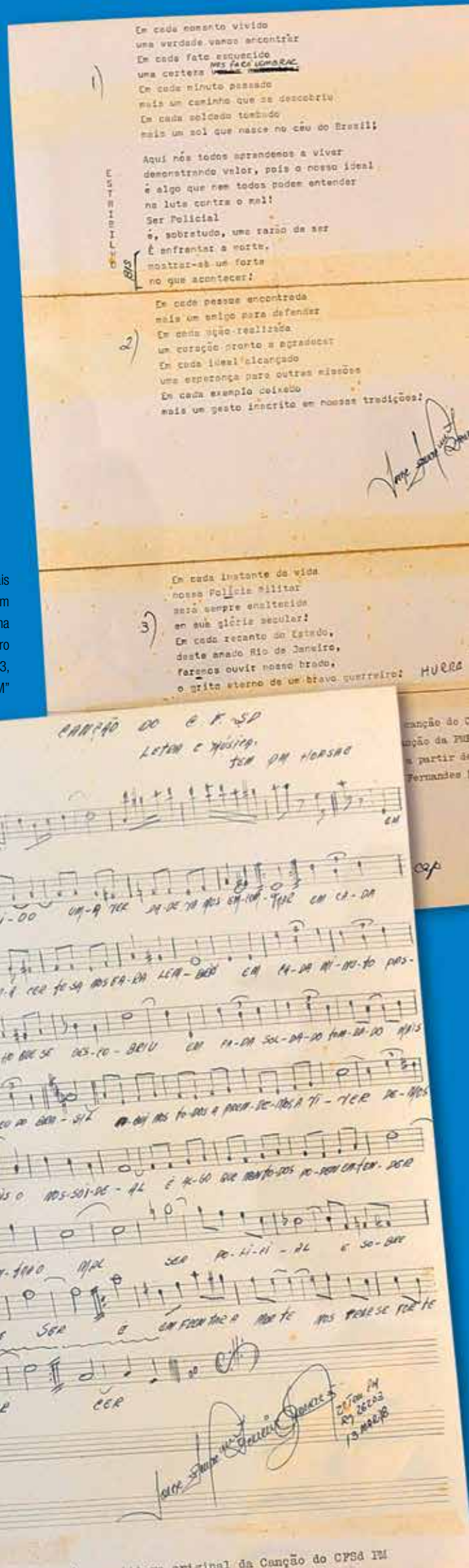
Aqui nós todos aprendemos a viver
demonstrando valor, pois o nosso ideal
é algo que nem todos podem entender
na luta contra o mal!
Ser Policial
é, sobretudo, uma razão de ser
É, enfrentar a morte,
mostrar-se um forte
no que acontecer

Em cada pessoa encontrada
mais um amigo para defender
Em cada ação realizada
um coração pronto a agradecer
Em cada ideal alcançado
uma esperança para outras missões
Em cada exemplo deixado
mais um gesto inscrito em nossas tradições

Aqui nós todos aprendemos a viver...

Em cada instante da vida
nossa Polícia Militar
será sempre enaltecida
em sua glória secular!
Em cada recanto do Estado
deste amado Rio de Janeiro,
faremos ouvir nosso brado,
o grito eterno de um bravo guerreiro!

Letra (acima) e partitura (abaixo) originais da canção do CFSd PM, composta em 13 de março de 1978 e transformada na canção da PMERJ em 21 de setembro de 1981. A partir de 14 de abril de 1983, passou a ser chamada "Canção do PM"



Homenagens

Foram homenageadas pelo Comandante da Polícia Militar na ocasião, Cel PM Gilson Quinta Lopes, diversas personalidades:

Nelma Souza Lopes (Superintendente Regional da Caixa Econômica Federal, no Rio de Janeiro) – Reconhecimento ao apoio da CEF para a realização do evento.

José Júnior (Coordenador Executivo do Grupo Afro Reggae) – Ele recebeu menção especial do comandante da Corporação por sua luta e engajamento à PMERJ, por ocasião da celebração do Bicentenário da Instituição, em especial na realização do evento em Santa Marta, Botafogo. Recebeu uma placa comemorativa das mãos do Cel PM Gilson Quintas Lopes, ao tempo em que representou as lideranças comunitárias: José dos Santos Benedito (da Cidade de Deus), José Mário Hilário dos Santos (Santa Marta), Catarina Matos Faria da Silva (Batan) e Percília da Silva Pereira (Chapéu Mangueira e Babilônia)

Luis Elisângelo (Central Globo de Comunicação) – Mereceu uma carta de agradecimento do Cel. PM Gilson Quinta Lopes por ter alinhado os esforços para a celebração do Bicentenário da PMERJ, sob o tema: “Segurança, a porta de entrada da cidadania”.

Pr. Abner Ferreira (Presidente da Igreja Matriz das Assembleias de Deus de Madureira) – Pelo testemunho de crédito na Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro.

Vítor Correa (tenor) – Homenageado em nome de todos os músicos.

Maj PM Mus Carlos Rosa (Comandante da CIPM-Mus na época) pela grandiosa festa do Bicentenário da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro.



Pr. Abner Ferreira recebendo homenagem

Após as celebrações do Bicentenário da PMERJ, a Companhia Independente de Polícia Militar - Músicos lançou um DVD, sob o título: “*Concerto Sinfônico do Bicentenário*”. Na primeira capa, a foto da Orquestra Sinfônica; e na contracapa, o apoio cultural do Governo do Estado do Rio de Janeiro, da Igreja Matriz das Assembleias de Deus de Madureira, Doley Digital, NTSC, Rhema Multimídia e a réplica do título “Imperial”, da Casa Imperial do Brasil, concedido à Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro, com a seguinte mensagem:

Na data comemorativa dos 200 anos de fundação da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro e atendendo ao pedido que me foi feito, na qualidade de chefe da Casa Imperial do Brasil, aprez-me outorgar a esta benemérita corporação criada por meu tetra-avô D. João VI, então Príncipe Regente, o título de Imperial. Rio de Janeiro, em 13 de maio de 2009. PRÍNCIPE DOM LUIZ DE ORLEANS E BRAGANÇA

Depoimentos

O DVD do Concerto Sinfônico do Bicentenário traz alguns depoimentos importantes, que aqui transcrevemos:



Cel PM Gilson Pita Lopes

Cel PM Gilson Pita Lopes (Comandante Geral da PMERJ, à época) – A Corporação, que durante estes duzentos anos tem procurado se moldar no atendimento maior dos reclames da nossa população do Estado do Rio de Janeiro e, durante todo este período, se confunde com a história do nosso país. Nós temos demonstrado a nossa capacidade de perseverar na busca de melhores dias para todos nós. E hoje aqui, em especial nesse momento de lazer e de cultura, a família militar estará em congraçamento, justamente com aqueles avalistas maiores da nossa missão principal de servir e proteger, que é exatamente a população. Pela primeira vez, durante os duzentos anos, estaremos comemorando, com parte da sociedade, aqui representado por essas áreas onde nós estamos, nesse novo modelo de policiamento, como Santa Marta, Cidade de Deus, Batan, Babilônia e Chapéu Mangueira. Nada mais é do que nós sempre buscamos, o resgate à legitimidade das nossas ações, para cada vez mais, em cada momento, nós termos credibilidade junto ao nosso povo, a nossa população e a todos os nossos familiares. Há muito desejávamos um tipo de comemoração com os nossos familiares, e aqui estamos com essa intenção maior.



Ten Cel Oderlei Santos

Ten Cel Oderlei Santos – Estamos aqui para prestigiar esse grande evento da nossa Banda da Polícia Militar, que completa duzentos anos. E que não completou esse tempo de vida à toa. Ela sempre se renova juntamente com a sociedade.



Cel PM Marcos Alves

Cel PM Marcos Alves – Nós, da assistência social da Polícia Militar, estamos vivendo um momento muito especial junto com a Polícia Militar. É gratificante para todos nós comemorar os duzentos anos, numa época de valorização do Policial Militar. As festas comemorativas, todas têm esse cunho de valorizar o policial militar, que é o nosso lema, a assistência social ao militar e à sua família.



Cel PM Rogério Seabra

Cel PM Rogério Seabra – A Polícia Militar está completando duzentos anos não somente por sua rotina de exercer esse tipo de atividade, a prevenção da vida, mas eu queria incentivar esta expressão. Nós, sociedade, Polícia Militar, instituição, trabalhadores policiais trabalhamos efetivamente preservando a vida, há duzentos anos, como diz o nosso slogan: “Junto com você”. Então, acreditamos que esse tipo de atividade que hoje desenvolvemos, atividade de música, lúdica, para a família do policial militar, dos nossos convidados, consolida esta ideia em prol de todos, acreditando que o nosso trabalho é efetivo e contamos com a

confiança daquele que nos assiste (lê), que nos apoia.

Cel PM Robson Batalha – *É um privilégio para cada componente da Corporação estar comemorando duzentos anos, uma instituição bicentenária, a qual a história da corporação se confunde com a história do nosso país. Então, isso mostra a grandiosidade da corporação nesse momento. É uma honra, desde o soldado ao coronel, fazer parte desta instituição.*



Cel PM Robson Batalha

Cel PM Antonio Carlos Soares David – *Duzentos anos da PM para nós é uma data muito importante e a gente espera que, realmente, quem ganhe com tudo isso seja a população, porque a gente vem trabalhando em prol da sociedade, com um esforço de quase trinta e oito mil homens e mulheres, voltados para esse trabalho diuturno, buscando a paz social, o sossego para cada trabalhador, senhor, para cada criança que se deslocar nesta cidade, neste Estado. É para isso a Polícia Militar vem trabalhando em todo esse tempo e completando no mês de maio desse ano (2009) os seus duzentos anos.*



Cel PM Antonio Carlos Soares David

Pr. Dr. Abner Ferreira – *Eu quero dizer da minha satisfação em estar participando dessa noite de gala, aqui, da nossa Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro. E eu, que sou um admirador, filho de policial, esse momento é de muita glória, muita alegria, saber que a igreja também está participando dos duzentos anos. Eu acho que daqui a trezentos anos nenhum de nós estará aqui. Então a gente agradece a Deus por esta rica oportunidade. Parabenizamos a Polícia Militar por seus duzentos anos.*



Pr. Dr. Orivaldo Prattes

Pr. Dr. Orivaldo Prattes – *É um prazer estar aqui participando desse evento. O que acho mais importante não é, no entanto, essa apresentação, mas a maneira como a Polícia Militar tem agido nos últimos anos no Estado do Rio de Janeiro, fazendo uma política junto à sociedade, atendendo uma classe menos favorecida, como hoje, por exemplo, a apresentação do coral Infanto-Juvenil da Rocinha, temos o coral da nossa igreja Assembleia de Deus em Madureira, que vemos um entrosamento maior entre a Polícia e a sociedade. É muito melhor essa política de boa vizinhança junto à sociedade, do que uma política de reação acida de combate ao crime. O combate tem que haver, mas é muito melhor uma ação inteligente, uma política inteligente no meio da sociedade.*

Cel PM Aristeu Leonardo Tavares – *Não é qualquer instituição que completa duzentos anos. E o mais importante é que a Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro, que é a Polícia mais antiga do Brasil, tem uma certidão de nascimento. Já que nós temos o decreto que nos criou, quando D. João, ainda Príncipe Regente, entendeu oportuno, e graças a Deus*



Cel PM Aristeu Leonardo Tavares

assim ele o fez, criando uma instituição com base na Polícia de Portugal. Então, isso para nós é extremamente gratificante poder estar vivenciando esse momento. Eu me recordo que quando entrei na Polícia Militar, em 1981, eu dizia: quanto tempo ainda falta para nós completarmos duzentos anos? E já se passaram 28 anos. E vejo que foi tão rápido. Isso nos enche de orgulho e sabermos que estamos fazendo parte desse momento e preparando a corporação para mais duzentos anos.



Cel PM Marcus Jardim

Cel PM Marcus Jardim – *É um momento ímpar, magnânimo. Nós que amamos a instituição, no dia a dia, a gente se orgulha muito da corporação, da nossa tropa, dos exemplos que a cada dia a gente vivencia aqui na nossa casa, aqui é a nossa Polícia Militar. Então, a gente tem que comemorar muito esses duzentos anos aí e, acima de tudo, promover uma reflexão, a nível de instituição, de cada integrante aí, de modo a torná-la forte, prestigiada, parte da nossa sociedade. A sociedade quer uma Polícia Militar forte, quer buscar essa paz social e nós temos que fazer tudo para ajudar a construí-la. Pode ter certeza disso.*

Maestro Pr. Joel Santos – *Como filho de policial militar, Sargento João Raimundo, do 6º Batalhão de Duque de Caxias, na época, Treme Terra, eu me sinto orgulhoso em poder participar dos duzentos anos da Polícia Militar, no concerto comemorativo, com o Coral Missionário da Assembleia de Deus em Madureira. Esta parceria, Coral Missionário da Assembleia de Deus de Madureira e Polícia Militar, para nós é muito honroso, porque sabemos que a Polícia Militar não é só repressão e, sim, nós temos um grupo de artistas que podem demonstrar o dom que Deus lhes deu, através da música. Nós nos sentimos orgulhosos em participar desse grande evento.*

Maj PM Mus Antonio Carlos Rosa – *A Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro completa duzentos anos de criação. E uma grande festa envolvendo diversos segmentos da população fluminense está acontecendo com o objetivo de homenagear os policiais militares, que são os heróis do dia a dia. Chegarmos aos duzentos anos é digno de comemoração, mas é também uma oportunidade para refletirmos sobre os nossos acertos e os nossos erros. Uma oportunidade para juntos, sociedade e instituição policial, sonharmos e construirmos a Polícia que a sociedade deseja para os próximos duzentos anos. Entre as medidas que estão sendo pensadas para diminuir os índices de violência e aumentar a segurança, destaca-se a proposta da polícia comunitária, que é um modelo de polícia preventiva e que objetiva aproximar os policiais da população, fortalecendo a confiança dessa sociedade nas instituições policiais do Estado, vislumbrando sempre a sociedade*

como parceira na prevenção desses delitos. É aí que entra a música, pois quando se constata que a arte é tudo e tudo é arte, conclui-se que é possível as vantagens de usá-la como fator preventivo. Já faz tempo que a música não é utilizada apenas para entreter ou recordar momentos. Pesquisadores da área pedagógica e músico terapeutas constataram que a música reconecta os circuitos neurais pelo papel fundamental no dia a dia das pessoas na educação, no trabalho e na própria saúde. É sob essa ótica que realizaremos um concerto sinfônico memorável, pois o concerto desta noite concebe o mosaico cultural, seja pela diversidade do repertório, que aborda desde Aleluia, de Handel, passando por Call of the Champions, de John Williams, chegando ao novo tempo de Ivan Lins, ou seja, pela diversidade do público envolvido. Combinação esta representada pelos integrantes da comunidade do Cavalão, Batan, Santa Marta e tantas outras comunidades privilegiadas com o implemento das Unidades de Policiamento de Polícia Pacificadora. Contaremos ainda com a presença de um coral de crianças, formado por integrantes de comunidade da Rocinha, de um coral evangélico, da Assembleia de Deus, em Madureira, representando um importante segmento cristão de nossa sociedade. Contaremos com a participação de solistas do Teatro Municipal, de personalidades e de autoridades municipais, estaduais e federais, bem como os integrantes da própria Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro. Enfim, um mosaico, que retrata a história e a evolução desta grande corporação e que aponta para o futuro, onde a Polícia e a Sociedade são parceiros. Parceiros, sim, na construção de uma sociedade segura. Este concerto sinfônico se traduz em um marco, que aponta para um novo início, aponta para uma nova Polícia.

Participação do Coral e Orquestra Missionário, da Assembleia de Deus de Madureira, Rio de Janeiro

O Coral e Orquestra Missionários, da Assembleia de Deus de Madureira, Rio de Janeiro (RJ), sob a regência do maestro Joel Raimundo dos Santos, participou, ao lado da Banda Sinfônica da PMERJ, do Concerto Comemorativo do Bicentenário da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro.

Coral Missionário se apresentando com a Banda Sinfônica da PMERJ





↑ Coral Missionário abrilhando o Concerto Comemorativo

A apresentação foi no Teatro Vivo Rio, às 20h, de 7 de julho de 2009, sob a regência do Major PM Mus Antônio Carlos Rosa. Como parte das comemorações, outros eventos foram realizados, entre eles, uma mostra cultural, no Centro Cultural Banco do Brasil, do Museu da Polícia Militar, com raridades preservadas ao longo dos duzentos anos.

A programação foi apresentada pela Banda Sinfônica da Polícia Militar; o repertório foi do clássico ao popular.

Compõem a diretoria do Coral e Orquestra Missionário: **Presidente:** Pr. Abner de Cássio Ferreira; **Maestro:** Pr. Joel Raimundo dos Santos; **Maestros Auxiliares:** Josimar Raimundo dos Santos, Wellington Videira, Moisés Luis; **Secretárias:** Maeli Alves e Josilene dos Santos; **Tesoureiro:** João Guimarães Rui Lando; **Eventos:** Nilcéia de Souza Santos e Maressa de Souza Santos; **Coordenação:** João Alves da Silva e Paulo Marcos dos Santos Macalão; **Intercessão:** Pr. Antônio Lins e Pb. Jeremias.

O Coral, durante os ensaios, recolhe suas ofertas e contribuições dos integrantes para a devida manutenção. Possui quatro tipos de uniformes, que são adquiridos individualmente por cada membro. A integração dos membros é feita de forma individual. Cada um custeia as suas necessidades pessoais. Quando há necessidade de instrumentos, a igreja os compra, mas também aceita doações. O Coral Missionário nunca recebeu ofertas públicas (União, Estado, Município). Suas necessidades sempre vieram de provimentos da Igreja Matriz da Assembleia de Deus de Madureira.

ENTREVISTAS



Maestro Joel, do Coral Missionário

ÁLBUM (Isvaldino dos Santos) – Como surgiu o Coral Missionário?

Maestro Joel – Na verdade, a criação do Coral foi um sonho que tive.

O que significou a participação do Coral Missionário no concerto da Banda Sinfônica do Bicentenário?

Foi um grande desafio, tanto para mim como maestro, quanto para o coral. O nosso tempo era pouco, e quando recebemos o convite do major Carlos, maestro da Banda Sinfônica, nós tínhamos pouco tempo, e nós fazíamos um repertório gospel, e o que nos foi apresentado era um clássico popular. Daí a razão do desafio, que foi grande, mas conseguimos cumprir nossa meta. Ensaíamos todas as músicas, que não faziam parte do nosso repertório e, assim, demos conta no prazo estipulado. Foi muito bom, porque nunca tínhamos participado de um evento desta magnitude, com a Banda Sinfônica da PMERJ, que está acostumada a atuar no Theatro Municipal. Nós não somente conseguimos dar conta do recado, mas agradar a todos, tendo o próprio major Carlos vindo agradecer pelo nível que o coral conseguiu atingir, que era exatamente aquilo que ele estava esperando. Não fugimos do profissionalismo. Conseguir fazer nosso trabalho, atuando de forma profissional, sem fugir de nossa origem evangélica, cristã. Foi algo muito bom.

Esse convite contribuiu para elevar o nível profissional do coral, inclusive, atuando em outras apresentações?

Com certeza. Temos no quadro componentes jovens e anciãos. A nossa preocupação, a princípio, era com a atuação dos integrantes de maior idade não conseguirem acompanhar o ritmo. Mas tivemos uma grata surpresa, que essas pessoas atingiram o nível desejado.

Entre outras orquestras no Rio de Janeiro, como o senhor recebeu o convite do Maj PM Mus Carlos Rosa, na época, comandante da Companhia Independente de Música?

Nos sentimos muito honrados pela escolha, dentre vários corais, de qualidade, o convite ao Coral Missionário, de nossa igreja Assembleia de Deus de Madureira, presidida pelo Pastor Abner Ferreira, foi realmente honroso. Na verdade, estamos em Madureira, subúrbio do Rio de Janeiro, porém, temos feito um trabalho de excelente qualidade. O nosso trabalho foi visto. Naturalmente, chegou aos

ouvidos do major Carlos. Ele deve ter tido a oportunidade de, antes do convite, assistir alguma apresentação do coral e viu que poderíamos estar somando junto à Banda Sinfônica da Polícia Militar para o concerto dos duzentos anos.

A parceria entre o Coral Missionário e a Banda Sinfônica da Polícia Militar contribuiu para outros convites?

Com certeza. Logo em seguida, 15 dias após, estávamos realizando na igreja as festividades dos oitenta anos da Assembleia de Deus de Madureira e pudemos contar, também, com a participação da Banda Sinfônica da Polícia Militar tocando no evento. Criamos assim um vínculo maior para novos trabalhos.

Esta parceria abre caminho também para apresentações do Coral Missionário junto com a Banda Sinfônica em eventos cívicos nas comunidades pacificadas?

Vejo uma porta aberta para isso. Já fazemos um trabalho desse gênero. Fizemos uma apresentação no teatro da Justiça Federal, a convite da desembargadora Maria Helena, na época, presidente do TRF2, e nós percebemos que já era um retorno de nossa presença no concerto do bicentenário da Polícia Militar.

Como sua família analisa a sua atuação musical?

Desde a fundação do Coral, em 1997, eu conto com o apoio irrestrito de minha esposa, missionária Nilcéia Abreu de Souza Santos e, no decorrer do tempo, da minha filha Mareza de Souza Santos. Depois, o apoio dos meus irmãos Josimar, que me auxilia na regência do Coral, e Josimilson, que participa comigo, tocando, além dos componentes do Coral que cantam desde a sua fundação. Permanecem até hoje. Esses bravos componentes, por seu apoio e persistência, conduzem comigo, por todos esses anos, essa obra. Um dos exemplos, é o Paulo Marcos Macalão, neto do líder fundador da obra, o pastor Paulo Leivas Macalão, que está comigo desde a fundação do Coral.



Maestro Joel conduzindo o Coral Missionário na Igreja Assembleia de Deus de Madureira

E todo esse ardor vem do maestro Zinho na regência do Coral (...)

Não resta dúvida nenhuma que tudo isso aí é fruto do trabalho que o meu pai João Raimundo dos Santos, maestro Zinho, começou construindo lá atrás, regendo a Banda Paulo Leivas Macalão. Ele nos ensinou música, desde pequeno. Por isso, hoje estamos dando sequência a esse trabalho na Assembleia de Deus de Madureira.

Algumas considerações finais?

Dentre os componentes do Coral Missionário, tenho a destacar um fato importante, pois é o único coral no Brasil, que eu saiba, que tem um deputado federal como integrante, que é o deputado federal Filipe Pereira (PSC-RJ), que desde os seus 14 anos participa do Coral Missionário. Sem dúvida, é um diferencial que nenhum coral possui, entre todos os corais do Brasil. Ele e sua mãe Maeli de Almeida participam desde a fundação do Coral, em 1997, e cantam até o dia de hoje.



**Sgt PM Mus
Josimilson Santos,
Saxofonista**

ÁLBUM (Isvaldino dos Santos) – O que o atraiu para a Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro?

Sgt Josimilson – Desde novo acompanhava o meu pai, maestro da Banda Paulo Leivas Macalão, crescendo ao lado dele como músico. E na verdade a Banda da Polícia Militar, a princípio, não estava nos meus planos. Eu pensava na Aeronáutica (Forças Armadas), mas acho que já era plano de Deus, pois quando prestei concurso para a Polícia Militar, passei na primeira prova.

Faz quanto tempo que o senhor está na Polícia Militar?

Em fevereiro completei 18 anos na Polícia Militar. Pertencço a Banda Sinfônica desde o início.

Parece que o músico não participa do serviço externo no dia a dia das atividades policiais. Como é a relação militar música, banda e atividades policiais?

Quando a gente ingressa na Escola de Formação de Policiais, a primeira orientação é que somos primeiramente militar, depois músico. Somente não participamos dos confrontos de rua no dia a dia, mas participamos de todas as demais atividades, mas dentro das necessidades os especialistas são integrados ao corpo da tropa para estas atividades.

Ao integrar a Banda Sinfônica da Polícia Militar, quais os eventos que o senhor considera como os mais importantes?

Um dos maiores foi o bicentenário da Polícia Militar, que foi uma coisa marcante dentro da Corporação, bem como para os músicos, para o Coral Missionário, que participou do evento, para o Coral de Crianças da Rocinha, um trabalho social que a Companhia de Música vinha fazendo. Da mesma forma, fazemos anualmente, no mês de maio, uma comemoração da Corporação no Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Entre outros eventos, pertencço também à Banda Big Band 190, da Polícia Militar, que hoje integra alguns festivais de jazz, como o de Rio das Ostras, um dos maiores do Brasil, e talvez do mundo, pois vêm pessoas de vários países, também o de Petrópolis, e tantos outros, que não

me recordo agora. Há outros trabalhos sociais, culturais, como os que estão sendo realizados junto às UPPs do Borel, da Rocinha, do Vidigal e outros que a CIPM-Mus faz, integrados à Corporação.

Como um dos integrantes do Coral Missionário, como o senhor viu a participação do coral no evento do Bicentenário da PMERJ, ao lado da Banda Sinfônica e ao mesmo tempo a atuação da Banda Sinfônica nos oitenta anos da Assembleia de Deus de Madureira?

Sinto-me, de certa forma, como parte desta unidade entre o Coral Missionário e a Banda Sinfônica, lembrando os dezoito anos na PMERJ e sendo membro da Assembleia de Deus de Madureira. Na Polícia Militar realizamos um trabalho muito sério e na igreja, da mesma forma, integrando o Coral Missionário, sendo da responsabilidade que pesa sobre nós, tanto pelo trabalho realizado pelo coral quanto o trabalho profissional de nossos músicos e cantores. Foi aí que, junto com o Maj PM Mus Carlos Rosa, veio a ideia do Coral Missionário participar das celebrações do bicentenário da Polícia Militar. E tenho a certeza de que para a Polícia Militar foi muito bom a parceria com o Coral Missionário.

Que contribuição o Coral Missionário e a Igreja da Assembleia de Deus de Madureira, junto com a Polícia Militar, podem trazer à sociedade no tocante à segurança pública?

Hoje a preocupação do governador, secretário de segurança pública, da Polícia Militar é com as crianças, com o uso das drogas, em especial, o crack. Neste sentido, a CIPM-Mus desenvolve um trabalho social, que é justamente tentar levar música a estas pessoas – crianças, adolescentes, jovens. Temos parcerias com as UPPs, que faz esse trabalho com as crianças e os jovens para retirá-los do vício, das drogas. Assim, o Coral Missionário pode entrar com o evangelismo na comunidade. A Igreja Assembleia de Deus de Madureira tem templos em vários bairros, pacificados ou não, pois a igreja já faz esse trabalho retirando pessoas das ruas. Eu agradeço esta oportunidade que Deus tem nos dado.

Quais as suas considerações finais?

Eu sinto que o Coral Missionário e a igreja Assembleia de Deus de Madureira, juntamente com o Pastor Abner Ferreira, que tem-se voltado para o trabalho social, poderão realizar uma parceria com a Polícia Militar, na busca hoje de um trabalho social dentro da comunidade. Já o Coral Missionário faz o trabalho evangelístico que precisa ser feito. Então, acredito numa parceria, que é o trabalho social da Polícia Militar junto à comunidade, com o mesmo objetivo da igreja. Talvez, no futuro, a celebração de datas importantes destas instituições.

O MUSEU DA PMERJ

O Museu da PMERJ¹ teve sua origem na Sala D'Armas, do Regimento Marechal Caetano de Faria, em 1911, atual Batalhão de Choque. O acervo, que já contava com as armaduras, alguns objetos que ornamentavam os castelos de Lisboa e armas usadas desde a criação da *Divisão Militar da Guarda Real da Polícia da Corte*, cresceu e precisou de mais espaço, sendo transformado em museu e Sala D'Armas General José da Silva Pessoa, em homenagem ao ex-comandante geral da corporação, o primeiro a reunir os objetos do acervo.

Desde 1985, o Museu da Polícia Militar funciona na Rua Marquês de Pombal, 128, na Cidade Nova, Rio de Janeiro, antiga residência dos comandantes do Batalhão de Choque. Por trás desse trabalho está uma equipe formada por museólogos, historiadores e restauradores, sob a direção da Tenente Coronel Analiny Caroprese, à frente do museu desde 2006.

Segundo a oficial, quando assumiu a direção do museu não existia a preocupação com a conservação e restauração de peças importantes. Para revitalizar o espaço e atrair o público, foi preciso promover internamente um processo de valorização da história da corporação e colocar em prática um projeto de inclusão sociocultural.

O primeiro passo foi criar ações que despertassem nas crianças o interesse pelas visitas. Aliando a exposição às atividades educativas, o programa “Brincando no Museu” permite que os jovens vistam as fardas (sete



Coleção de armas antigas fazem parte do acervo

ao todo, em dois tamanhos diferentes), assistam a um teatro de fantoches, com bonecos igualmente fardados, participem de um jogo de estratégia e de oficina de pintura.

“Procuramos contar a história da Polícia Militar de forma lúdica, para desmistificar a figura do policial. No teatrinho, por exemplo, são abordadas as suas atribuições, o que a sociedade tem que cobrar dele e os diferentes serviços executados pela PM nas ruas, no Batalhão Florestal, no BOPE”, ressalta a Tenente Coronel.

“Outra preocupação é a de explicar aos jovens o funcionamento das armas e as consequências que seu mau uso pode trazer. Isso ajuda a reduzir os acidentes domésticos causados pela curiosidade dos pequenos em relação à manipulação desses objetos”, explica Analiny Caroprese.

Atualmente, por mês, cerca de mil visitantes passam pelo museu, em sua maioria alunos de instituições públicas e privadas. Em períodos de férias escolares esse número aumenta, devido à quantidade de excursões promovidas por escolas e colônias de férias.

Os visitantes também podem conferir a coleção de seis armaduras completas – únicas no Brasil e restauradas recentemente – trazidas por D. João VI para ornamentar a sua residência, na Quinta da Boa Vista; documentos e peças de artilharia da Guerra do Paraguai, como o canhão La Hitle; além da evolução de equipamentos de comunicação, como a

↓ Fachada do Museu da Polícia Militar, na Cidade Nova, próximo ao Centro do Rio



Caixa de Socorros Policiais, usada na década de 1910, para agilizar o atendimento à população. Todos esses objetos estiveram na mostra que o CCBB (Centro Cultural Banco do Brasil) recebeu, de 7 de dezembro de 2009 a 3 de janeiro de 2010.

Réplicas de uniformes históricos da Divisão Militar da Guarda Real de Polícia da Corte, do Regimento Policial da capital federal e de fardas usadas atualmente pelos batalhões, no policiamento ostensivo e em instrução, também estão em exposição no museu. Uma das raridades do acervo é uma série exclusiva de quadros do pintor Washington Rodrigues, que retrata as indumentárias usadas pela corporação de 1858 a 1920.

Outro atrativo são os quadros que reproduzem as fachadas de prédios históricos: o Batalhão de Choque; o 3º Batalhão, no Méier; o Quartel General, na Rua Evaristo da Veiga; o 6º Batalhão, na Tijuca; e o Batalhão, na Saúde.

O museu conta também com uma biblioteca aberta a estudantes, pesquisadores e professores que se interessam não só pela Polícia Militar, mas pela história da arte e dos museus. Mais de 1.300 livros estão disponíveis e outros títulos serão disponibilizados ao público.

O trabalho mais minucioso, no entanto, é o de restauração, conservação e acondicionamento de peças. Segundo a museóloga Marli Assis Martins, cinco mil objetos, entre medalhas, armas, pinturas e equipamentos já foram higienizados e estão acondicionados no museu. Todos eles são fotografados, catalogados e numerados em dossiês digital e físico.

Um grupo de estagiários de museologia e história trabalha para transformar o grande acervo de fitas de vídeo (que reúne reportagens, cerimônias e solenidades da Polícia Militar) em DVD. Mais de vinte mil negativos passaram também pelo processo de acondicionamento, assim como fotografias antigas, agora guardadas em envelopes de papel, neutros, e manuseados com luvas de algodão. Para que o manuseio seja o menor possível, as imagens estão sendo catalogadas digitalmente e serão disponibilizadas no novo site do Museu da Polícia Militar.

O Museu conta ainda com o serviço de visita guiada, realizada por policiais ou estagiários formados, e marcada por meio de agendamento. O funcionamento é de terça a sexta-feira, das 9h às 16h, e a entrada é franca.

NOTAS

1. FONSECA, Charline. *Museu da PM conta os 200 anos de história da corporação*. Diário Oficial da União, Rio de Janeiro, ano 35, n. 200, 4 nov. 2009. Página do servidor, p. 4. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/diarios/4961451/pg-4-do-noticias-diario-oficial-do-estado-do-rio-de-janeiro-doerj-de-04-11-2009>>.



O cão Bruto, um dos destaques do acervo, foi mascote da Corporação em 1865. Participando da Guerra do Paraguai, foi ferido, mas sobreviveu. Acabou morrendo envenenado no Rio de Janeiro e seu corpo taxidermizado.



Faz parte da exposição permanente, réplicas e ilustrações de uniformes antigos da PM



Maquete de viaturas usadas ao longo da história da Corporação



Uniformes usados em cada grupamento



PARTE II

A Companhia Independente de Polícia Militar -
Músicos (CIPM-Mus), sua Banda Sinfônica e
Ações Sociais





DA BANDA IMPERIAL À CIPM-MUS

A Banda Sinfônica e os demais corpos musicais da PMERJ têm a sua origem na *Divisão Militar da Guarda Real de Polícia da Corte*, criada por D. João VI através de um Decreto de 13 de maio de 1809; e na *Guarda Policial da Província do Rio de Janeiro*, que serviram de base tanto para entreter os militares quanto para atender agendas cerimoniais das corporações militares.

No entanto, há registros da existência de bandas militares na segunda metade do século XVIII em Pernambuco, criadas nos regimentos militares de Recife e de Olinda, por ato do governador D. Tomás José de Melo. Da mesma forma, com a autorização daquele governador, foi criada uma banda no Regimento de Linha da guarnição, na cidade de Paraíba, em 1809, com dois pífaros, um dos quais de Manuel de Vasconcelos Quaresma (maestro), mais duas clarinetas, duas trompas, um fagote e um zabumba.

Banda de Música da Polícia Militar do Paraná, em 1868



No período colonial, existiam os músicos das tropas de cavalaria e de infan-

taria, os quais não se limitavam à música militar. Após a decadência da exploração do ouro, as primeiras bandas de música na cidade do Rio de Janeiro foram formadas por barbeiros, a maioria escravos, que tocavam fandangos, dobrados e quadrilhas em festas religiosas e profanas.



A MÚSICA MILITAR NO BRASIL

A música militar que tomaria conta das unidades militares no Brasil surgiu a partir da chegada de D. João VI, em 1808. A banda marcial da Brigada Real da Marinha deu origem à Banda do Corpo de Fuzileiros Navais. Em 1809, foi organizada a banda de música da Divisão Militar da Guarda Real de Polícia da Corte. Em 1910, foram criadas as bandas para os Regimentos de Cavalaria e Infantaria da Corte.

Com o advento do Império, a partir de 7 de setembro de 1822, a *Divisão Militar da Guarda Real de Polícia* continuou com as suas atividades na segurança pública, ao tempo em que a banda de música continuou suas atividades musicais. O apoio do D. Pedro I foi imprescindível para o surgimento de novas bandas de música, tendo em vista, inclusive, a sua habilidade como compositor, pianista, clarinetista e fagotista.

CRIAÇÃO DE BANDAS NAS POLÍCIAS MILITARES

A partir do Segundo Reinado, com D. Pedro II, foram organizadas as bandas das Polícias Militares de alguns estados brasileiros. Em 1831, são criadas as bandas de música da Guarda Nacional e esta arte espalha-se

Banda da Polícia Militar em fins do século XIX



ESTADO / ANO DE FUNDAÇÃO DA BANDA

Minas Gerais	1835
Rio de Janeiro	1839
Espírito Santo	1840
Sergipe	1844
Bahia	1850
Pará	1853
Ceará	1854
Paraná	1857
São Paulo	1857
Alagoas	1860
Distrito Federal	1866
Mato Grosso	1892
Rio Grande do Sul	1892
Amazonas	1893
Goiás	1893
Santa Catarina	1893

pelo país. Em 10 de junho de 1866, um Decreto criou a Banda Sinfônica da Polícia Militar do antigo Distrito Federal, com o nome de Banda do Corpo de Polícia da Corte, composta por 30 músicos instrumentistas e dois maestros, Joaquim Garcia Godinho e Antônio da Rocha, tida como uma das melhores da época, segundo Vincenzo Chericchiario, em sua obra “*Stória D’ella Musica nel Brasil*”.

Em 1896, Anacleto de Medeiros funda a mais famosa de todas as bandas de música: a do Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro. Naquela época, um grande número de músicos militares atuava em orquestras e igrejas, participando do serviço musical e religioso.

Da Guerra do Paraguai, se não há melhores registros de organização das bandas militares, há copiosas referências à atuação dos nossos músicos militares em campanha, constantes de comovidas reminiscências, nas quais há relatos de “Combate entre Músicos”. Esses documentos registram a luta da Banda de Música do 42º de Voluntários contra a banda do 40º Corpo do Exército paraguaio, a Guardiã de Lopez, culminando com a banda inimiga destruída e sobrevivência de apenas seis integrantes da nossa Banda. Entre os nossos mortos, estava o seu mestre Felipe Neri Barcelos, comandante daquela ação. Com a decadência do ouro no século XIX, toda a pompa e o brilho do cerimonial viram-se diminuídos, como em todos os setores da sociedade. Já não havia tanto dinheiro para o pagamento dos serviços de música, o que contribuiu para a redução do número de músicos e refletiu diretamente na diminuição do número das orquestras, fator que deu origem às bandas civis. Essas bandas assumiram, como herança, o serviço eclesástico que era executado pelas orquestras. No fim do século XIX, usando uniformes que lembram o dos militares, surgiram as associações, liras e filarmônicas, que logo se espalharam pelas diversas cidades do Brasil. As bandas de música evoluíram e transformaram-se em uma das mais populares manifestações da cultura nacional: onde havia um coreto, existia uma bandinha, orgulho da cidade.¹

Em 11 de dezembro de 1920, houve a reorganização da Brigada Policial do Distrito Federal, que passou a chamar-se **Polícia Militar do Distrito Federal**, composta por cinco batalhões de Infantaria e um Regimento de Cavalaria.² Dentre a série de alterações nos quadros da corporação, incluía-se a reorganização das bandas de música. O corpo musical passava a ser dividido em cinco bandas e uma fanfarra alojada no Regimento de Cavalaria, sendo essas bandas compostas respectivamente por vinte e cinco executantes na Infantaria e dez na Cavalaria.³

tantes na Infantaria e dez na Cavalaria.³

Em 18 de novembro de 1921, foi realizado um concurso de dobrados na Corporação, tendo como jurados os Tenentes Coronéis João Gomes Ribeiro Filho, Felício Pais Ribeiro, João Antonio Caldeira Bastos, o Doutor Gerson Lins de Albuquerque e o instrutor das bandas de música da corporação, professor Custódio Fernandes Góis, do Instituto Nacional de

Banda do Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro





Música. O vencedor do concurso foi o mestre de música do 2º Batalhão, José Rezende de Almeida, com o dobrado “Tiradentes”, que recebeu o prêmio de 200.000 réis e uma dispensa (folga) de 15 dias.

Por meio de uma ordem de 4 de março de 1922, foi regularizada as atividades de uma orquestra que atuaria no cinematógrafo da Corporação. Essa orquestra era composta por dez músicos adidos à Companhia de Metralhadoras e ensaiada pelo mestre responsável pelas demais bandas de música. A orquestra era comandada por um cabo e supervisionada por um oficial responsável pelo próprio cinematógrafo. As tocatas da referida orquestra eram remuneradas, sendo o dinheiro arrecadado fiscalizado por um conselho administrativo, composto por um tenente coronel e mais quatro oficiais.

Na ordem do dia 6 de setembro de 1923, foi publicada a seguinte matéria: “Instruções para a condução nas formaturas dos instrumentos de música, cornetas, tambores e clarins”, que orientavam os comandos de ordem unida para banda, com a forma de portar os instrumentos musicais em um desfile.

Antônio Gonçalves e Pedro Schirmer informam que, em 1923, na Polícia Militar do antigo Distrito Federal, foram mantidos os sinos nas bandas, conhecidos também como “chapéu chinês”. Havia instruções bem elaboradas como: “Instruções para a Condução nas Formaturas dos Instrumentos de Música, Cornetas, Tambores e Clarins”, estabelecendo que a ordem de “posição de tocar”, o “canto chinês” será, “então, levado à vertical como o conto no porte”. O chapéu chinês surgiu na corporação por volta de 1920, quando foram organizadas as bandas das diferentes unidades, com vinte e cinco executantes para os Regimentos de Infantaria e dez para o Regimento de Cavalaria.⁴

Em 1924, ocorreu uma mudança geral no setor. O serviço musical, presente em cada Batalhão da Polícia Militar do Distrito Federal, sob o comando do general Carlos Arlindo, passou para um único grupo musical, nas apresentações importantes, com o nome de “Grande Conjunto Musical.”⁵ Nome

Banda do 2º Batalhão da Brigada Policial,
no início do século XX





Grande Conjunto Musical da Polícia Militar do Distrito Federal composto por mais de 200 integrantes, registrada, em foto no pátio do Regimento Marechal Caetano de Faria, década de 1920

este preservado até 24 dezembro de 1962, quando foi criada a Companhia de Música (CIA-Mus), sendo o seu primeiro Comandante o Cap PM Mus Oscar da Silveira Brum.

No dia 25 de agosto de 1925, o “Grande Conjunto Musical” fez sua apresentação na Praça Duque de Caxias, em homenagem ao “Dia do Soldado”. O público aclamou o conjunto, que contava com a presença de mestres de música convidados, dentre eles o maestro Francisco Braga (1868-1945), que fez questão de elogiar pessoalmente o Comando Geral da Corporação pelo êxito da apresentação musical. Na oportunidade, o Comandante Geral fez um elogio, na Ordem do Dia, de 31 de agosto de 1925, ao segundo-tenente Marcos José Ferreira, mestre da banda, bem como aos demais membros do conjunto.⁶

No dia 2 de dezembro de 1926, a Ordem do Dia publicou a equiparação dos vencimentos dos músicos de primeira, segunda e terceira classe das bandas marciais e fanfarras da Corporação. Tratava-se de vantagens, por ordem do presidente da República, Washington Luis, datada de 11 de novembro, que beneficiava inicialmente as bandas e fanfarras do Exército, tendo sido estendidas aos quadros da Polícia Militar e do Corpo de Bombeiros da Capital. No mesmo decreto, ficava determinado que os segundos-tenentes e os sargentos-ajudantes músicos passariam a usar um distintivo, em forma de lira, sobre as insígnias dos seus postos.⁷

No ano de 1928, foi nomeado como diretor geral de ensaio o segundo-

-tenente João Cesário de Camargo, flautista, formado pelo Instituto Nacional de Música. Ele foi sucedido pelo tenente Antonio Francisco dos Santos, formado em regência pelo mesmo Instituto. Na ocasião, o Grande Conjunto Musical apresentou diversos concertos, reconhecidos, inclusive, no exterior, como mostra a carta do maestro italiano Giannetti, de 29 de outubro de 1936, que felicitava o trabalho da Banda de Música da Polícia Militar.⁸ Apesar do sucesso, foi decretada dez anos mais tarde a redução do quadro de oficiais músicos, de seis para dois segundos-tenentes.⁹

Em 1946, ocorreu a regulamentação dos Sargentos Músicos, equiparando os músicos militares de primeira, segunda e terceira classe aos de primeiro, segundo e terceiro-sargento da Corporação. Mais tarde, eles seriam considerados especialistas.¹⁰ Como nem tudo são flores, o Grande Conjunto Musical da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro passou por momentos difíceis, inclusive, pela falta de instrumentos necessários para atuação da banda musical.

Em 1951, os problemas internos foram solucionados, com o preenchimento das vagas existentes por meio de concursos para o quadro de músicos. A partir de então, houve uma reorganização das bandas da infantaria e fanfarra, do regimento de cavalaria, ampliando, inclusive, o atendimento de serviços através das bandas, com apresentações gerais em cidades do interior, como Cordeiro, Macuco, Nova Friburgo e Itaocara.¹¹

Entrevista com os Subtenentes Cícero e Leomar

Os sargentos Moreira, Nascimento e Washington, da CIPM-Mus, entrevistaram, em 9 de janeiro de 2014, na sede da Companhia, os subtenentes Cícero e Leomar (reformados).

O subtenente Leomar ingressou na PMERJ em 4 de fevereiro de 1957, antiga PMDF. Eles relataram que nas décadas de 1950 e 1960 não havia previsão de concurso público para Sargento Músico da PM de forma regular, a exemplo dos concursos que foram realizados em 1990, 1991, 1996 e 1998; e que o músico oriundo da vida civil prestava concurso depois para a atividade fim, como combatente. Antes, na década de 1960, esse policial militar era promovido a terceiro sargento.

Os subtenentes lembram ainda que, em 1960, havia um ensaio pela manhã no Primeiro Batalhão, um dos sete Batalhões que possuíam bandas de música; e que durante a tarde reuniam-se para o ensaio do grande conjunto, cumprindo ao mesmo tempo os serviços de prontidão. Sobre as atividades internas e externas das bandas, ressaltaram que elas estavam sob o comando do Cap PM Mus Dalmo. Cada banda de música possuía um efetivo de vinte e cinco músicos. Havia também, naquele ano, uma fanfarra, que não era incorporada às bandas, com atividades próprias, subordinada ao comandante em exercício da cavalaria.



Banda de Músicos da Antiga PMDF

O subtenente Leomar lembrou de um episódio curioso, quando, em um dos ensaios, preparatório para um desfile de Sete de Setembro, um tubista montado a cavalo ficou agarrado em um galho de árvore e caiu. O fato tornou-se um marco para a não utilização de músicos montados a cavalo. Relatou que o grande conjunto era formado por 150 homens, com uma baliza à frente, e um praça, portando uma árvore de campo, objeto muito utilizado pelas bandas europeias, o que produzia um efeito visual atrativo.

O subtenente Cícero disse ainda que a banda da PMDF servia ao Distrito Federal, ao passo que o interior do Estado era independente, tratando-se de outras unidades que possuíam bandas musicais. Segundo ele, o primeiro concurso ocorreu em 1964, quando ingressaram na Polícia Militar diversos músicos vindos de vários setores da sociedade.

Quando ocorreu a transferência do Distrito Federal para o Planalto Central (Brasília), foi deslocada uma banda de música, instalando-se na Escola Parque XV, remanescendo apenas sete músicos concursados, entre os quais estava o Cap PM Mus Oscar da Silveira Brum, que ocupava naquele tempo o posto de segundo tenente, precursor da CIA-Mus, na época, nome da Companhia de Música.

Os subtenentes falaram também sobre as dificuldades que os músicos passavam, como tocar montados em cavalos, caso da fanfarra; transportes em carrocerias de caminhões, com estruturas precárias, além de outras. Leomar lembrou da veia atlética dos músicos, chegando a ser convidado para integrar a equipe de futebol da PMERJ, que excursionou por todo o país, fato que ocorre hoje, onde a equipe de Futsal da CIPM-Mus sagrou-se campeã dos torneios entre bandas, assim como nos torneios e competições da Corporação.

Os subtenentes da reserva Cícero e Leomar falaram ainda sobre a história da atual sede física da Companhia de Música, que tem seu ponto de partida no CMM, vindo posteriormente a ser instalada na quadra de

esportes do BPCHq. Por ocasião do concurso de bandas militares, na Escola de Música da UFRJ, Salão Leopoldo Miguez, a Banda de Música sagrou-se a terceira colocada. Com o sucesso obtido, o Comandante Geral da Polícia Militar à época comprometeu-se a atender as reivindicações da banda de música, com novos instrumentos e salão adequado para ensaio, além de outras necessidades.

Concerto da Banda Sinfônica no Salão Leopoldo Miguez, na Escola de Música da UFRJ, na década de 1980, com a regência do Capitão Moura



Acima Banda da então PMDF na Câmara dos Vereadores na década de 1940

Abaixo Banda e Regimento da Cavalaria da PMDF em 7 de setembro do mesmo ano



Ao muito nobre e ilustre
 comandante, ten. cel. Orlando
 Meinelos, como recordação dos pou-
 cos mas tão agradáveis dias vividos pelo
 Batallhão de Guardas da Força Pública Mil-
 itar de São Paulo, no seu fronte hospitaleiro e amigo do
 1º Regimento de Cavalaria da Polícia Mil-
 itar, quando das festividades civico-mi-
 litares em homenagem ao "Dia da Pátria", ofere-
 cidas em 1940.
 Major Odilso Aguiar de Oliveira



A CRIAÇÃO DA CIA-MUS

A PMERJ criou, em 4 de dezembro de 1962, através da Lei nº 263/62, a sua Companhia de Música (CIA-Mus). O primeiro comandante foi o Cap. PM Mus Oscar da Silveira Brum, renomado trombonista, de expressão internacional, tendo atuado na Orquestra Sinfônica Brasileira (OSB)¹² e realizado apresentações em turnês pela Europa, Estados Unidos e Canadá. Sua biografia foi citada, inclusive, em edições da revista norte-americana *Internacional Who's who in Music* e inglesa *Who's who in the World*.

TRANSFERÊNCIA DA PMDF PARA BRASÍLIA

Quando houve a transferência da Polícia militar do Distrito Federal para Brasília, em 1966, trinta e dois sargentos músicos, oriundos de vários Batalhões da PM do Estado da Guanabara, foram escolhidos para formar a Banda Sinfônica da nova capital federal. O seu primeiro regente foi o 2º Ten Músico Natanael Viana de Aguiar, que chegou a Brasília em 1967.

COMANDANTES DA CIA-MUS

O Cap. PM Mus Oscar da Silveira Brum comandou a CIA-Mus de 4 de dezembro de 1962 a 21 de setembro de 1968. O Cap. PM Mus Arnaldo José dos Santos comandou a CIA-Mus de 21 de setembro de 1968 a 14 de janeiro de 1974. O Cap. PM Mus Antônio de Souza Peixoto comandou a CIA-Mus de 14 de janeiro de 1974 a 30 de julho de 1976. O Cap. PM Mus Henrique Moura comandou a CIA-Mus de 30 de julho de 1976 a 4 de janeiro de 1984. Ele programou modificações na estrutura da companhia, incluindo o setor administrativo, com novos alojamentos e um amplo salão para ensaios. Em 1978, as instalações da Companhia de Músicos foram reformadas e realizadas reposição de todo o instrumental, incluindo a compra de tímpanos, campana tubular, harpa, xilofone, piano, etc., que contribuiu para que, na época, a Banda de Músicos da PMERJ fosse considerada a melhor equipada do país.

CRIAÇÃO DA CIPM-MUS

Em 24 de abril de 2006, através da Resolução nº 855, da Secretaria de Estado de Segurança Públicas¹³, foi criada a Companhia Independente de Polícia Militar – Músicos (CIPM-Mus), subordinada à antiga 5ª Seção do Estado-Maior Geral (PM-5), atual Coordenadoria de Comunicação Social. Permaneceu em seu comando o Maj PM Mus Antônio Carlos Rosa, até 8 de fevereiro de 2011, quando o transferiu para o Cap PM Mus Ronaldo Almeida da Silva. Veja na página 131 os nomes dos comandantes da CIA-Mus e da CIPM-Mus, de 1984 a 2014.

AS BANDAS DA CIPM-MUS

As bandas da CIPM-Mus atuam em solenidades na caserna, nas escolas,



Placa com a réplica da publicação, no Diário Oficial do estado do Rio de Janeiro, da criação da CIPM-Mus

nos shoppings, nas praças e outros locais. Há também a **Big Band 190** que, além do repertório com músicas militares, apresenta jazz, salsa, samba e variados gêneros musicais em festivais internacionais e outros importantes eventos do Estado.

Atualmente, a Corporação conta com uma Banda Sinfônica e seis Bandas Categoria “C” (25 componentes), instaladas no 7º BPM, 8º BPM, 12º BPM, APM D. João VI e CIPM-Mus, que, além dos serviços próprios da caserna, empenham-se em prestar e desenvolver atividades que visam à integração de comunidades fluminenses com a PMERJ.

CURRICULUM DO COMANDANTE DA CIPM-MUS

O Cap PM Mus Ronaldo Almeida da Silva estudou teoria musical e saxofone na Escola de Música Villa Lobos e no conservatório de música da SUAM. Em 1990, ingressou como músico da Polícia Militar, exercendo a função de saxofonista da Banda Sinfônica. Em 1996, prestou concurso para o CFO (Curso de Formação de Oficiais) e, desde então, passou a exercer a função de regente nas diversas bandas da Corporação. Em fevereiro de 2011, foi nomeado Comandante da Companhia Independente de Polícia Militar - Músicos (CIPM-Mus). Graduou-se em Regência Orquestral pela UFRJ. Atualmente, é regente titular da Banda Sinfônica da Polícia Militar.

No site da Companhia Independente de Polícia Militar - Músicos, o Cap PM Mus Ronaldo Almeida da Silva faz um balanço do dia a dia em sua companhia, a partir de 2012, e ressalta:

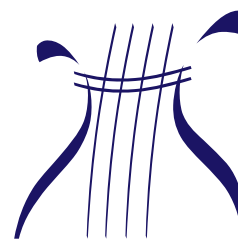
Agradecemos a Deus pelo ano de 2012, que foi um ano especial onde pudemos realizar muitas coisas boas. Várias apresentações pelo Estado, o Simpósio para Regentes e Mestres de Bandas Militares, apresentação dos músicos no hospital, dentre outros, foram os serviços realizados por todas as nossas bandas, a serviço de nossa sociedade fluminense. Começamos o ano de 2013, e com ele vários outros projetos se iniciam também em nosso serviço musical da Corporação. Temos a expectativa de um ano muito produtivo e especial. Dentre esses projetos, estamos esperando a realização do concurso público para terceiro sargento Músicos, já com a publicação do edital para o primeiro semestre do ano. Fiquem ligados.¹⁵

A Companhia Independente de Polícia Militar – Músicos (CIPM-Mus), subordinada à Coordenadoria de Comunicação Social, é hoje responsável por atividades militares, culturais, recreativas e de comunicação social através da música. Desenvolve projetos que visam a integração da população fluminense com a Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro, dentre eles: “Projeto Oficina de Música” (desenvolvido com crianças e adolescentes das comunidades), “Projeto Banda nos Shoppings”, “Projeto Banda na Escola” e um trabalho conjunto com o Centro de Fisiatria e Reabilitação da PMERJ, em parceria com o Coral Renascer.

BRASÃO DA CIPM-MUS



A CIPM-Mus tem como brasão um escudo e sobre ele acima duas garruchas cruzadas com a inscrição abaixo “CIPM-Mus”, vindo mais abaixo uma lira musical. Acima do escudo, uma faixa com a inscrição “Polícia Militar”, uma Coroa (Imperador) acima, entre os dois nomes, e abaixo as letras “GRP” (Guarda Real de Polícia). Abaixo do escudo, outra faixa com a inscrição “Rio de Janeiro”.¹⁴



**Companhia Independente
Polícia Militar-Músicos**

Logotipo da CIPM-Mus



↑ Cap PM Mus Ronaldo regendo uma orquestra formada por integrantes de diferentes instituições no *Simpósio para Regentes e Mestres de Bandas Militares*, no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, em 2012

A missão da CIPM-Mus é atuar na prevenção da criminalidade como elemento de proximidade, desenvolvendo e produzindo projetos socioculturais, ao tempo em que utiliza a música como instrumento de integração entre a Polícia Militar e a comunidade. Neste sentido, a visão da CIPM-Mus é tornar-se um órgão de referência no desempenho de projetos voltados para a segurança pública.

O COMANDANTE DA CIPM-MUS E O PORTAL FAMÍLIA AZUL

O Comandante da CIPM-Mus, Cap PM Mus Ronaldo Almeida Silva, comemora, em vídeo no YouTube, importantes participações e parcerias da PMERJ:

Neste ano de 2013 a gente procurou, ao máximo, dentro do que é possível fazer, um alinhamento em acordo com a proposta do Comando Geral da Corporação. Existem algumas diretrizes, que a Corporação propõe, sendo a principal delas, em nossa área, a que se aplica à política de proximidade. A gente entende que música é a arma para se fazer proximidade. Temos um elemento essencial na mão, e eu costumo dizer que música não tem contra indicação e, parafraseando o poeta, “quem não gosta de samba, e vou parafrasear para música, bom sujeito não é, é ruim da cabeça ou doente do ouvido”. Temos um elemento fantástico e procuramos investir nisso, apoiando



alguns comandos de UPP, que tem em suas unidades alguns núcleos culturais. Investimos em alguns projetos em anos anteriores. Procuramos abrir mais frentes de trabalho com aulas de música em áreas com ocupação de UPPs. Já mais próximo do final do ano, fizemos uma catalogação de UPPs que já tem algum tipo de ensino de música, feito pelos próprios policiais das UPPs. Então, qual o nosso objetivo para 2014? É dar prosseguimento a esse processo, que é o de apoiar estas iniciativas, pois já temos um projeto: é montar uma rede de estudos de música, apoiando o policial que já está fazendo o trabalho na UPP. A estratégia é fazer com que esta política de proximidade continue dando certo. E fazer com que o comando da UPP tenha mais contato com a comunidade. (...) ¹⁶

ENTREVISTAS *Por Isvaldino dos Santos*



Cap PM Mus Ronaldo Almeida da Silva, Comandante da CIPM-Mus

ÁLBUM - *A CIPM-Mus está ligada diretamente ao Comando Geral ou a uma outra assessoria?*

Cap RONALDO - Quando foi criada, por uma resolução da Secretaria de Segurança do Estado do Rio de Janeiro, em 24 de abril de 2006, ela ficou subordinada diretamente ao EMG (Estado Maior Geral) da Corporação. Em 2013, passou a estar vinculada à CComSoc (Coordenadoria de Comunicação Social da Corporação). A atual CComSoc é a antiga PM/5, que era uma seção do Estado Maior e que, além de outras atribuições, cuida da parte de relações públicas da Corporação.

Como tem sido o tratamento do Comando Geral em relação à CIPM-Mus?

Sempre tivemos a atenção do Comando Geral. Sabemos que, apesar das demandas da segurança no nosso Estado, o Comando Geral da Corporação reconhece a banda como um dos elementos de relacionamento com o público dos mais importantes de que dispomos. Foi dito por um dos Comandantes Gerais da nossa Polícia Militar em outro momento que “da banda só tínhamos notícias boas”; que quando menos esperava ouvia-se um elogio de alguém que ouviu a banda em algum lugar e tinha gostado muito. Sabemos que o nosso Comando Geral tem na banda um orgulho da Corporação.

A gente falava sobre o último posto na CIPM-Mus ser de major e que talvez o ideal fosse um tenente coronel para que a companhia pudesse participar administrativamente de assuntos de Estado Maior. Qual a previsão de aplicação dos oficiais músicos nas bandas da Corporação?

Existe um quadro de oficiais que, atualmente, conta a

previsão de um major músico, dois capitães músicos, três primeiros-tenentes e cinco segundos-tenentes. Na estrutura organizacional da CIPM-Mus atualmente a aplicação destes oficiais se dá com o atendimento a uma banda em Campos dos Goytacases, outra na Academia D. João VI, além das três previstas para a CIPM-Mus, incluindo a Banda Sinfônica. Ainda temos o quadro administrativo, que engloba toda a estrutura da Companhia. Portanto, não seria uma demanda absurda a CIPM-Mus possuir em seu comando um oficial no posto de tenente-coronel. Teríamos uma melhor interlocução com o Comando Geral da Corporação, além de uma condição melhor de representar a Companhia em algumas oportunidades e dar a devida importância que o quadro de músicos tem na Corporação, a exemplo do que já acontece em outras Polícias Militares no Brasil.

Quais os critérios para a formação de um oficial músico na PMERJ?

Primeiro passa por um concurso. Para isso, precisa ser subtenente ou primeiro sargento. O concurso é composto, na parte técnica, de cinco provas: história da música, transcrição, harmonia, regência de banda e instrumentação; mais o exame profissional: técnicas policiais, matemática, português, além de exames médicos e físicos. Uma vez aprovado, dentro do número de vagas disponíveis, o candidato faz um curso de treinamento de nove meses, que é o Curso de Habilitação para Oficial QOA/QOE (quadro de oficiais administrativos e especialistas). Nós somos do quadro de oficiais especialistas músicos.

E em relação às promoções no quadro de oficiais músicos da PMERJ?

Ficamos um pouco para trás com relação à tropa. Isso porque são poucas vagas. O fluxo ainda fica muito prejudicado pela falta de dispositivos e mecanismos legais para as promoções no devido tempo. Só temos uma vaga de major, que é o topo da cadeia do nosso quadro. Se alguém ocupa a vaga acima, ninguém mais é promovido. O fluxo para praças que poderiam acessar o quadro de oficiais fica também reduzido.

Tive oportunidade de verificar que a presença contínua da música militar no dia a dia da PMERJ parece ser um fôlego revigorante. Isso é o suficiente para que a Corporação dê atenção diferenciada à CIPM-Mus?

Sabemos e temos visto que a importância que se dá a CIPM-Mus é proporcional ao trabalho desenvolvido nos últimos anos. Assim, temos ampliado nossas ações junto a sociedade, o que tem contribuído sobremaneira para uma maior proximidade com a população do nosso Estado. Isso se reflete na quantidade de solicitações que temos recebido e atendido dentro e fora da Corporação, nos últimos anos, que só tem aumentado. E comparo a música nas solenidades e eventos na Polícia Militar a um filme que precisa de música. Tente assistir a um filme de ação sem os efeitos sonoros e sem o fundo musical que cria o suspense. É um filme que passa em branco, que não tem sua relevância. Acredito que há muitos companheiros na Corporação que ainda não conhecem a relevância da música, a riqueza desse nosso trabalho. Mas

temos feito um trabalho crescente no sentido de atender bem, tanto ao público interno, quanto ao externo.

O que leva a CIPM-Mus a desenvolver projetos sociais e de parcerias com comunidades e outros grupos musicais?

Ligando uma coisa com a outra, nós já temos o respeito do setor de Comando da Corporação. Temos desenvolvido algumas ações, com o apoio da CComSoc e do Estado Maior Geral, que nos levam para dentro das comunidades já ocupadas com as UPPs. Para que? Para facilitar a comunicação e a proximidade com estas comunidades. Porque nós entendemos que o serviço de polícia é naturalmente difícil. E entendemos também que dependemos, o tempo inteiro, da comunicação com a população, a exemplo da ocupação das áreas hoje pacificadas. Qualquer ação que leve à melhoria do trabalho policial militar na sua rotina diária é de suma importância e se reflete na confiança da população na Polícia Militar. Pois bem, a música entra nesse amortecimento dos choques que acontecem. Assim, nas UPPs temos conseguido resultados relevantes. Já fizemos baile de carnaval para as crianças, casamentos coletivos, bailes de debutantes, baile da terceira idade, chás beneficentes e participações diversas, desde a inauguração até o aniversário dessas UPPs. Então, isso cria um discurso inequívoco. Entendo que a música é um discurso sem contraindicação, é um remédio que as pessoas tomam e só faz bem. Faz com que as pessoas tenham um espírito mais elevado, que experimentam momentos agradáveis que a música sempre traz. Gera uma mensagem onde comunicamos a real intenção da Polícia Militar, que é fazer com que haja naquelas áreas pacificadas uma ação de convívio pacífico, humano, cidadão, honesto e que traga só o bem-estar para toda a população.

E ao mesmo tempo tentando gerar na mente deles o espírito de cidadania.

Isso! Já existem policiais que dão aulas de música. Temos as ações que a gente faz tocando, mas a gente tem outras ações que fazemos com aulas de música, em UPPs, em apoio a policiais que são de UPPs, que fazem com que essas crianças, que participam dos nossos projetos, tenham acesso à cultura e cidadania. Essas são ações efetivas como a do Morro do Turano. Fora esses trabalhos que a Companhia de Músicos desenvolve diretamente, temos um trabalho de apoio a mais de onze UPPs espalhadas por todo o Rio de Janeiro, onde há policiais ministrando aulas de música, enquanto damos suporte e apoio técnico. A gente traz também para a nossa Companhia crianças dessas UPPs, de outras comunidades e de outros projetos para assistir apresentações didáticas dentro do Batalhão de Choque, que é a unidade que ocupa as comunidades deles. Aqui eles assistem um concerto, vão para o meio da banda, tiram fotos; depois vão para o pátio do Batalhão de Choque, dão uma volta na moto ou viatura, conhecem o Choque por dentro, conhecem as pessoas do Choque, que são pessoas humanas também; depois vão conhecer o Museu do CMM, com viaturas antigas; almoçam com a gente e voltam para as suas casas. São experiências transformadoras para essas crianças dentro da sua simplicidade e sinceridade. Aquilo que para nós

não é nada de tão absurdo, para eles, que são em sua maioria muito humildes, é transformador. Eles percebem uma nova possibilidade. Dentro destas ações dos projetos que a gente desenvolve, já levamos, por três vezes, crianças que participam dos nossos projetos para teatros de grande relevância no Estado. Em 2012, levamos crianças do Morro do Estado, em Niterói, ao Teatro João Caetano. Um projeto lançado pelo Coronel Paulo Henrique, atual chefe do Estado Maior da Corporação, quando era Comandante do 12º Batalhão, atinge crianças de um morro conflagrado. Se eu for contar detalhes, dá um livro inteiro somente sobre esta parte. Os policiais quando chegaram lá foram tratados pelos pais e professores de forma arredia. Mas hoje são tratados de forma diferente: os moradores quando se trata de fazer algum trabalho conosco, dizem: “É para o pessoal da polícia, está liberado”. As diretoras já nos levaram ao secretário de cultura de Niterói para recomendar o nosso trabalho para outras escolas. Então, temos um trabalho profícuo, que avança. E essas crianças, tanto de Niterói quanto do Turano, daqui do Rio de Janeiro, já participaram conosco de três concertos, nos mais considerados teatros destas cidades: Teatro João Caetano, em 2012; no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, em 2013; e no Teatro Municipal de Niterói, em 2013. E essas crianças, quando participaram conosco, ficaram extasiadas. Há estudos que comprovam isso. Crianças que participam de projetos sociais, com música, raramente se envolvem com a marginalidade, porque percebem que há uma possibilidade de futuro. E os nossos instrutores sempre batem na tecla que existem outras possibilidades, fora o envolvimento com as drogas e o tráfico. E isso é um trabalho para se formar cidadãos.

Ou seja, quando veem o trabalho da Polícia Militar, por meio da música, percebem que é a janela que faltava...

Exatamente. Não é o trabalho principal da Polícia Militar, no sentido de promover o policiamento, mas com certeza, é um trabalho essencial, o de prevenção, que é também um trabalho da Polícia Militar. O nosso trabalho é um trabalho de prevenção na raiz, nas crianças, que daqui a pouco não vão se envolver com o tráfico. E isso, nós presumimos que seja uma coisa muito mais importante que, às vezes, não aparece porque a grande apreensão de armas, prisão de traficantes, troca de tiros, ocupação de morros aparecem muito mais do que o trabalho de formiguinhas que a gente faz, ou do beija-flor, que vai jogar um pouco d'água na floresta. Mas se salvarmos uma vida, já é uma grande coisa. São crianças que têm um futuro pela frente. A gente está fazendo um trabalho muito importante. Acho que não devemos abrir mão desse trabalho.

A CIPM-Mus junto com as UPPs contam com parcerias de alguma ONG para trabalhos nestas comunidades?

Temos o apoio da ONG “Gente Brasil”, de Niterói. Já fizemos trabalhos com eles no Morro do Cavalão. Eles continuam lá. E agora também no Morro do Estado é um trabalho que nos apoiam. O concerto no Teatro Municipal de Niterói, por exemplo, foi com o apoio deles. Temos também um trabalho de parceria com o BOPE. Fizemos algumas ações de “Corridas da Paz” e outras participações de apoio ao trabalho de pacificação. Há também UPPs que trabalham conosco na sua rotina diária. Nos quartéis de polícia, apoiamos ainda as formaturas, os aniversários, os melhores do mês, dentre outras ações.

Existem parcerias com outras bandas de música?

Fizemos alguns concertos com duas bandas de Nova Friburgo, a Campesina Friburguense e a Euterpe Friburguense. Realizamos, ainda um concerto em conjunto com uma banda de um projeto de Volta Redonda, chamado Projeto Música para a Cidade; e recebemos na nossa sede um Projeto Social de Cabo Frio. Já participamos de festivais de banda. Temos também a Banda Filarmônica do Estado, um parceiro nosso, que apoiamos com a cessão de espaço e instrumentos. Isso só para falar das bandas civis. Temos ainda atividades e parcerias com as bandas militares. Tivemos um simpósio, no ano de 2012, para regentes e mestres de bandas militares e uma participação nos jogos mundiais militares, onde todas as bandas militares do Estado tiveram a oportunidade de tocar juntas. Tivemos a participação muito especial do Coral da Assembleia de Deus de Madureira, do Agellus Choir, do Coral Finlândia, da Assembleia de Deus de Cordovil, do Grupo Hermon e do Grupo Renascença. No ano de 2012, participamos do projeto Banda Larga, da FUNARTE, e do Festival de Trombone da UNIRIO. Enfim, procuramos estar abertos para todas as parcerias.

Os militares da CIPM-Mus participam de ações beligerantes no dia a dia da PMERJ?



Projeto Social Uma Música em Minha Vida, Cabo Frio/RJ

Já aconteceu de participarmos de ações no confronto do dia a dia. Mas nossa dedicação principal é a nossa atividade fim, que é fazer música. Eventualmente, em casos de grandes necessidades, como ocorreu naquele ano da queima de ônibus, em que a população clamava por uma ação mais efetiva da polícia, nossas atividades musicais ficaram por um tempo paradas e fomos acionados para atender o trabalho de rua mesmo. Alguns colegas chegaram a ir para o Morro do Alemão. Além disso, alguns são voluntários, no chamado “Regime Adicional de Serviço”, para fazer o serviço de rua. Atuamos ainda em grandes eventos, como eleições, onde todo o efetivo da Polícia Militar é empenhado.

Especificamente, a Banda de Música tem um estilo próprio por ser carioca?

Com certeza. A gente conseguiu o respeito do público em geral por causa dos nossos músicos. Temos uma característica própria, não somente pela música carioca em si, mas pelo jeito descontraído de ser, ou seja, tocamos coisas populares sem perder a qualidade. Nossa qualidade se caracteriza, principalmente, pelo estilo e arranjos próprios, que contam com a colaboração de grandes músicos e arranjadores do nosso efetivo, tais como SGT Ricardo e SGT Esteves, arranjadores vocais e instrumentais que muito contribuem para o nosso arquivo musical.

As bandas passadas tocavam apenas músicas militares ou integravam novos estilos em suas apresentações?

Não. Temos registro do Cap Mus PM Dalmo da Trindade Reis, que gravou um LP com marchinhas de carnaval. Tem a foto dele na frente da banda, ou seja, a gente vem lançando moda faz muito tempo. Já estamos na vanguarda desta adaptação de comunicação com o público usando uma linguagem popular há muito tempo. Isso já acontecia nos idos da década de 30 e 40, com o Cap Dalmo.

Qual o sentimento, no caso concreto, de um maestro militar regendo, por exemplo, no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, a principal casa de espetáculo da cidade?

Primeiro, um privilégio, porque a gente está num lugar muito respeitado. A casa (Theatro Municipal) não deixaria que lá se apresentasse uma banda de qualidade inferior. Conseguir se apresentar naquele espaço é um privilégio. E para mim, como maestro da Banda Sinfônica da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro, é motivo de muita satisfação. Sinto-me ainda muito gratificado por ter conseguido, dentro da banda, alcançar objetivos que muitos músicos almejam, que é exercer a função de Comandante da CIPM-Mus. Deus concedeu-me a honra de desempenhar tão nobre função. Isso gera uma responsabilidade muito grande, mas é um grande privilégio. Tributo tudo isso mais uma vez a Deus! Porque eu acredito que é Deus quem proporciona em nossa vida, no tempo certo, as oportunidades. Quando entrei na Polícia Militar, o Senhor me abriu uma porta que só Ele pode fechar. E eu acredito que só cheguei aqui porque o Senhor permitiu e foi Ele quem abriu a porta. Se não fosse por Ele, eu não estaria aqui de forma nenhuma. A Bíblia diz que é Deus quem estabelece os governantes, nossos líderes, tanto nas posições mais altas quanto nas menores. Dentro

do tempo que Deus me permitir, eu vou estar aqui dando o melhor de mim para que as coisas sejam feitas com qualidade e respeito aos nossos policiais e aos nossos músicos.

Os músicos clássicos tocavam para plateias seletas e estavam a serviço dos nobres. Como é reger hoje os clássicos para nobres e para a plebe?

Entendo como se fosse uma democratização da arte, cultura e cidadania. A gente procura tocar no Theatro Municipal, porque o nosso público que assiste ali gosta, mas fazemos o mesmo repertório para os lugares mais simples: praças, ruas, casas menores. Dentro desta democratização, levamos tanto a música popular para o Theatro Municipal, quanto o clássico para os lugares mais simples. Então, fazemos uma troca de valores: o pessoal da elite ouve coisas que não estão acostumados a ouvir e o grande público ouve também coisas que não estão acostumados a ouvir. Nossos concertos são sempre diversificados.

Qual a diferença entre o militar músico e o militar policial?

Como militar é preciso estar atento todo o tempo em sua função policial. Outro dia, por exemplo, um policial nosso reagiu a um assalto e conseguiu efetuar uma prisão, dentro da lei e dos preceitos legais. Não estava na função de músico, estava num determinado local e, de repente, ocorreu um assalto, mas ele estava armado, reagiu e fez a prisão. Isso demonstra o reflexo dele como policial militar. Mas, apesar do seu preparo policial militar, ele é um excelente músico. Enquanto músico, está aqui preocupado em fazer o serviço musical, mas na rua, a alma do policial está sempre ligada a segurança e a defesa da sociedade. Dessa forma, não conseguimos desligar uma coisa da outra.

Qual a razão do militar músico se portar armado, por ocasião de algumas apresentações?

Nós representamos a Polícia Militar e o armamento faz parte do nosso uniforme. Enquanto policiais militares que somos, não há como diferenciar o músico do policial de tropa. A farda que a gente usa é a mesma que a tropa usa. E o treinamento que a gente tem, em menor intensidade, por causa da quantidade, é o mesmo. Então, precisamos estar preparados para algum tipo de eventualidade na rua. E ainda, a população percebe que a gente tem a mesma identidade da Polícia que a gente representa. Andar com a mesma farda, usar as mesmas armas e ter o mesmo procedimento. O que a população tem que ver em nós é que somos tão policiais quanto os demais e os outros são tão humanos quanto nós. É isso que temos que apresentar: a face da Polícia Militar como ela é. E aí trazemos o respeito da sociedade. Senão, estaríamos contando uma mentira – policiais que só tocam, andam desarmados, aquela farda não é parecida com a da UPP!? Não é assim que funciona. Funcionamos representando a nossa Corporação. Quem nós somos de fato.

Há um slogan na Academia D. João VI – “Profissionais não se improvisam e o mando deve caber ao mais digno”. Como este slogan é encarado na CIPM-Mus, onde seus profissionais são todos dignos pela própria música?



Eu diria o seguinte: quando chegamos aqui para a Corporação, todos chegam prontos. Mas existe um claro desenvolvimento, em face da missão que a gente desempenha. E não é só musical, mas social, psicológico, de maturidade, de compreensão da missão, de entendimento que a gente representa, não só o indivíduo que cada um carrega dentro de si, mas a Corporação inteira. A expressão “profissionais não se improvisam” quer dizer que a gente precisa dia a dia estar se superando nas missões que a gente desempenha. A missão de hoje não foi a última, a missão de amanhã também não será a última, foi só uma etapa. E a cada missão, a gente luta para que as próximas sejam melhores, atinjam mais pessoas e para que possamos representar melhor a Corporação. Com relação ao “mando cabe ao mais digno”, diria que todos os nossos policiais são dignos. Em um momento ou outro vão estar em condições de assumir o mando. Alguns até já assumiram o mando em suas bandas, frações, mas a dignidade é uma coisa que a gente tem aqui na Corporação, que se distingue, às vezes, por um momento. Eu estou comandante hoje, amanhã uma pessoa tão competente ou mais competente do que eu vai assumir o mando, e assim as coisas vão funcionando.

O senhor não é um psicólogo, mas como é a vida do militar músico que, além dos seus problemas pessoais com salário, família e outros procura alegrar o público através da música?

Muitas vezes, temos que tocar para os outros sem estar no estado ideal. Mas, por causa da responsabilidade que nós temos, procuramos incutir na mente dos nossos músicos que, ainda que não estejamos num estado de alegria e felicidade plena, temos de fazer o nosso papel bem feito com profissionalismo e qualidade. Procuramos o ideal de fazer do nosso local de trabalho uma grande casa de família, para que as coisas aconteçam da melhor forma possível. Existem distorções? Com certeza existem. Mas uma coisa é certa: a gente busca sempre o entendimento de que a missão não pode ser sobrepujada por um caso individual. Quando necessário, a gente para tudo para atender àquele policial, no sentido

de resolver um caso emergente ou outro e as coisas vão caminhando dentro deste princípio.

Como é tocar numa cerimônia fúnebre, ante o sentimento de perda de um companheiro?

Muitas vezes, já foi difícil tocar. Muitas vezes, os músicos se emocionaram com o choro de uma mãe, de um pai ou com o toque da corneta. Mas a gente sabe que é uma missão que a gente cumpre ali que dói sempre. Todo funeral tem uma história de um filho, de um pai, de uma mãe. Mas a gente cumpre esta missão, com a certeza de que o que diz a letra da nossa canção – “em cada soldado tombado, mais um sol que nasce no céu do Brasil” – está sendo colocada em prática ali. A gente está marcando o término de uma carreira com a devida honra. E essa honra passa pelo brilhantismo da música. A honra de um profissional que morre pela sociedade e é bom que isso seja registrado, pois cumprimos uma tarefa muito importante. No momento em que a banda toca a emoção é ainda maior. Não me lembro de nenhuma família que abrisse mão da banda de músicos. Todas elas querem todas as honras possíveis para aquele herói que morreu pela sociedade.

Quais as considerações finais e a mensagem do senhor através deste Álbum?

Quero dizer que, enquanto policiais militares que somos, mesmo numa função distinta, de músicos, temos a incumbência de representar bem a Polícia Militar. Seja nas grandes casas de espetáculo, nos bairros da zona sul ou na periferia, nas mais humildes praças, a gente leva um nome que pesa sobre os nossos ombros, que é o nome da Polícia Militar. E uma das nossas preocupação é cumprir a máxima de não trazer problemas, mas só elogios, contribuindo para a boa imagem da Corporação. A nossa ação na Polícia Militar é cem por cento sem contra indicação. O público que nos houve sempre tenha uma excelente impressão da nossa Corporação. Desejo que tenhamos vida longa e que possamos, a cada dia mais, realizar a nossa missão da forma mais honrada, digna e competente.



Maj PM Mus Antônio Carlos Rosa, Ex-Comandante da CIA-Mus e CIPM-Mus

ÁLBUM – Por quanto tempo o senhor foi diretor da CIA-Mus?

Maj CARLOS - Aproximadamente 13 anos, divididos em dois tempos, quando em 1998 fui fazer o CAO – Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais, saindo, em 2011.

Qual a formação musical do senhor?

Sou graduado em clarineta, meu instrumento original. Estudei na UNIRIO e no Conservatório Brasileiro de Música.

Como foi o seu ingresso na PMERJ?

Através de concurso público, interno e externo. Eu era civil e realizei o concurso para terceiro sargento músico em 1989. Deus abençoou, entrei como terceiro sargento músico e a carreira,

naturalmente, foi-se desenvolvendo.

Como o senhor chegou a comandante da CIA-Mus da PMERJ?

A Polícia Militar tem uma legislação que considero muito interessante no que diz respeito ao músico, porque ela privilegia esta questão do concurso, diferente de outros quadros da própria Polícia Militar. O acesso a todas as graduações é feito mediante concurso. Então, prestei concurso para terceiro, segundo, primeiro sargento, subtenente e para oficial. Deus abençoou-me e sempre passei com uma boa colocação. Isso me ajudou bastante para ter uma ascensão funcional rápida. A Polícia Militar não é muito regular, no que diz respeito aos concursos para músicos. Havia um clarão. Tínhamos primeiros sargentos e havíamos acabado de entrar, como terceiros sargentos. Então, o quadro estava vazio e foi a oportunidade para ascendermos a carreira. Fiquei uns seis ou sete anos como praça, saindo oficial rápido. Como oficial, tínhamos um comandante, que na época era o capitão Cláudio, com mais de 30 anos de serviço, tendo permanecido mais um ano, por uma questão de comprometimento com a causa pública. Tanto eu quanto os demais que passaram naquele concurso para oficial éramos muito novos, mas a experiência era fundamental, principalmente quando vamos lidar com pessoas. E foi isso o que aconteceu. Depois, ele foi embora. Não havia mais ninguém. Então, o próximo na escala era eu.

O que foi a Companhia de Música antes e depois do senhor?

Antes e depois é um pouco complicado. Na verdade, meus antecessores fizeram um excelente trabalho no que diz respeito a construir esse serviço musical. Porque no princípio não havia um serviço musical. O que havia era que alguns músicos se uniram, pontualmente, pela liberalidade deles. E aquilo veio crescendo, depois formou uma banda de música. Nossos antecessores conseguiram transformar isso na Companhia de Músicos. Quando peguei a Companhia, o que pedi a Deus foram cinco coisas. A primeira delas foi que houvesse um aumento no quadro de praças. Por que? Embora a minha ascensão tivesse sido rápida, isso não era a realidade do nosso quadro. Quando eu já era tenente, capitão, tínhamos colegas como terceiro e segundo sargentos da mesma turma, pessoas que entraram comigo na Corporação. Então, eu vinha pedindo a Deus que houvesse uma melhoria nesse quadro. Como isso acontece? É uma pirâmide! Tínhamos muitas vagas de terceiro, bastante de segundo, poucas de primeiro e para subtenente seis vagas. Não havia uma ascensão. Essa era a regra. O meu caso, o do capitão Ronaldo, poucas pessoas, na verdade, eram exceções. Pedi a Deus também, pois o quadro de músicos ia de sargento a capitão, e nós queríamos galgar postos mais altos. Pedi a Deus também a questão da legalização da Companhia de Músicos. Porque embora a CIA-Mus existisse de fato, mas não de direito. Dentro dos quadros da Polícia Militar, embora fizesse todo o serviço, tivesse todo o aparato em termos de sessões, era algo que sempre causava problemas. Por exemplo, um procedimento administrativo, uma sindicância que nos mandavam, mas depois a própria Polícia nos cobrava, questionando: “Como vocês fizeram isso, se vocês não existem de fato?!” Então, era uma coisa muito chata, sem falar em questões de substituição. Era uma série de problemas que esta falta de previsão legal causava para o nosso efetivo. Então, era uma questão essencial esse “vocês estão

trabalhando, mas não existem”. Outro fato que vínhamos pedindo a Deus era a questão do concurso, porque o concurso era uma questão de existência. Verdade? Se você quer acabar com uma categoria, basta não abrir concurso. Numa geração, aquilo termina. Sobre a questão de vagas no quadro de oficiais, porque o quadro de oficiais - embora eu estivesse muito bem, era o primeiro e o mais antigo já havia ido embora - só tinha uma vaga de capitão, uma vaga de primeiro tenente e três vagas de segundo tenente. Na prática, tínhamos um capitão, um primeiro tenente e não se falava mais nisso. Um quadro com mais de 200 homens. Esses foram os pedidos que fiz a Deus para a minha administração. Posso dizer que dos cinco pedidos, Deus me concedeu quatro. Fui feliz, nesse sentido. Conseguimos vagas de oficiais, mas o que estávamos tentando mesmo era vagas para praças. Mas o que era importante é que as vagas para praças era mais importante do que as vagas para oficiais. Na verdade, o que conseguimos foram vagas para oficiais. Posteriormente, fomos abençoados por Deus e conseguimos a legalização da Companhia (CIPM-Mus). Ela, que não existia, foi criada por uma resolução da Secretaria de Segurança. Foi uma grande vitória. Era uma questão moral, porque era uma categoria que trabalha dignamente e gostaria de ser reconhecida como as demais categorias da Corporação. Ainda tinha a questão do dia a dia, do elemento facilitar que é você existir de fato e de direito. Então, Deus nos abençoou e isso nós conseguimos. Posteriormente, conseguimos também o aumento do quadro de praças. Então, resolveu-se aquela questão das seis vagas, indo para 16 vagas de subtenentes. Somadas estas vagas, abriu-se outras vagas de primeiro, segundo e terceiros sargentos. Foi, de fato, uma bênção: as vagas de oficiais, a legalização da Companhia e as vagas de praças. Já a vaga de oficial superior foi um presente de Deus. Não corremos atrás, não foi nenhum mérito nosso. Foi bênção de Deus, porque a Corporação interessou beneficiar alguns quadros, entre os quais a CIPM-Mus

Conversando com o Capitão Ronaldo, ele disse que o ideal para a Companhia seria o posto de um tenente-coronel, o que facilitaria a interlocução entre o Comando Geral e a CIPM-Mus.

Verdade. Seria o elemento facilitador, porque, na verdade, nos estaríamos na média de nível dos demais comandantes da Corporação. Há cerca de dez a cinco anos era comum um major comandar. Havia muitas companhias independentes. Por exemplo, o 35º BPM, Itaboraí. Aquilo era uma Companhia Independente, que atendia aquela cidade. Como a complexidade da segurança pública tornou-se mais acentuada naquela região, aquele batalhão ascendeu de Companhia para Batalhão. Onde comandava um major, hoje comanda um tenente-coronel. Para aquele tempo, um major cabia bem, mas para hoje, o senhor tem razão, um tenente coronel seria o ideal, pois seria grande o nível de tenente-coronel como facilitador.

Não que o capitão e o major não tenham competência, mas muitos temas vão se encaixando numa postura política, que somente os últimos postos participam e decidem.

Perfeito. Mas na realidade, o coronel seria a nível estratégico e o tenente-coronel a nível de execução, comandar o batalhão, a unidade administrativa da Corporação.

Num vídeo sobre a entrega de espadins aos formandos de



2013 da Academia D. João VI, percebemos a importância da música militar em todos os momentos, como o deslocamento da tropa, a voz de comando, os exercícios em geral. Dessa forma, questionamos: Será que o Comando Geral não percebe a importância da música militar como o respirar de um corpo?

Muito oportuna a sua colocação. Faz-me lembrar uma matéria da *Revista Verde Oliva*, que ressalta: “*De todas as manifestações artísticas produzidas pelo ser humano, poucas guardam tanta afinidade com a profissão militar quanto a música. Desde a mais remota antiguidade até as guerras de alta tecnologia de nossos dias, as bandas militares cumprem o singular e insubstituível papel de reforçar o moral e o ânimo daqueles que, nas casernas em tempos de paz ou nas agruras das campanhas, dedicam-se à profissão das armas*”. A questão da música vai estar ligada intimamente à atividade militar. O que ocorre hoje, o que se discute é o militarismo dentro da Polícia. A sociedade, pelo o que percebemos, pelo clamor das ruas, deseja uma Polícia desmilitarizada. Mas ainda não nos desmilitarizamos. Ainda somos militares. E de fato, o papel desempenhado pelas bandas de música é de grande importância, porque está lá a grande quantidade de serviços que todos os meses são publicados no Boletim da própria Polícia Militar, isso não nos deixa mentir. Todas as ações da banda de música hoje, inclusive, estão no Boletim da Corporação.

Nesse respirar da música militar em seu dia a dia, D. João VI teve esta sensibilidade de ao criar a Divisão Militar da Guarda Real de Polícia da Corte instituir também a banda de música para alegrar, abrilhantar as atividades oficiais daquela Divisão Militar.

O que ocorre é o seguinte: a Polícia está em constante mudança, em constante transformação. A política de hoje não é o fim em si mesma, ela está do meio para o fim. Ela ainda vai sofrer grandes transformações. E dentro desta lógica, se encontra também o serviço musical. Eu entendo o seguinte, como militar, a importância da música; Num primeiro momento marca a cadência, eleva o moral da tropa. Isso falado assim, talvez a pessoa não consiga vislumbrar a importância que tem. Mas quando a tropa vai chegando, cansada, desgastada, de um longo dia de serviço, e ela é recepcionada por uma banda de música, ela levanta o moral, que é uma questão muito importante. Mas não só isso: dentro da Polícia Militar acho muito importante, durante o tempo em que comandeí, procurei levar para esta visão de não somente levantar o moral da tropa, marcar cadência, as solenidades próprias, dentro de uma instituição tão importante e centenária como a nossa, mas também como relações públicas, um elemento facilitador de diálogo entre a Polícia Militar e a comunidade, a sociedade, a qual nós servimos. Toda vez que estamos na rua, fazendo uma apresentação, em determinada sociedade ou até dentro de uma comunidade, hoje, onde existem as UPPs, mas que em tempos pretéritos não existia. Não me lembro de uma única vez em que a banda foi mal recebida. E lá estava a Polícia Militar, porque o uniforme que nós ostentávamos, na época, e o que ostentamos hoje, também, é o uniforme da Polícia Militar. Então, quando as pessoas aplaudiam aquele policial militar músico, elas estavam, na verdade, aplaudindo a Polícia Militar. E isso é um elemento facilitador importantíssimo, dentro de uma sociedade que tem severas críticas em relação à

atuação da Polícia militar, talvez por outras questões sociais, porque, vamos dizer, é o primeiro elemento do Estado, entre aspas, é o porta-voz do Estado, é o primeiro braço do Estado. Para nós, policiais militares, a comunicação é importantíssima. E a música é uma linguagem universal, não só do falar em si, mas que toca os corações. Independente da cultura, da verdade, a música consegue quebrantar mesmo! Eu entendo que a música é muito importante para uma instituição como a Polícia Militar. Talvez, não haja espaço para aquela música de cem anos atrás, mas há espaço para uma nova utilização, uma nova visão, não somente levantar o moral, mas a música está nos quartéis e aí pode criar um liame entre a Polícia e a sociedade.

Finanças tem sido sempre um problema na vida dos militares e servidores em geral. Antigamente, os “quadrilheiros” faziam o serviço de polícia gratuitamente, mas isso hoje é impossível. Como o senhor enfrentou esta questão em sua gestão à frente da CIPM-Mus?

Bem colocada esta questão. Hoje, a questão salarial melhorou. Não é o ideal, mas melhorou bastante. Mas passamos um momento difícil. E aí não é somente a questão do músico, mas de toda a Corporação. Mas uma remuneração baixa é um elemento que dificulta a realização de alguns trabalhos. Minha visão é a de que temos sempre que melhorar. Não deve ser um elemento que desestimele, mas temos a questão da promoção. Por outro lado, a Polícia também criou, na época, nova forma de escala, uma escala que possa fortalecer a relação do militar com a sua família e até melhorar o seu salário. Na atividade musical, sempre foi comum o músico trabalhar em outros lugares. Mas a questão salarial não é o único fator que contribui para desmotivar, mas existem outros problemas, pois a ascensão, como categoria, está além disso.

Como foi ser maestro e Comandante da CIPM-Mus?

São duas perguntas distintas. Mas primeiro, foi muito difícil. Quando eu assumi a Companhia de Música, tanto eu quanto o Cap Ronaldo, mesma turma, todos nós, novos, tivemos que aprender no calor da batalha. Tivemos várias dificuldades. Mas a relação custo benefício foi muito importante. A categoria cresceu bastante. Estas conquistas que elenquei costumam acontecer lentamente. Mas foi muito prazeroso, embora uma árdua missão. Entendo que foi um propósito de Deus em nossas vidas. Com relação a ser maestro, foi uma missão, foi maravilhoso como músico, tocar, reger, tenho ótimas lembranças daquele serviço. Mas foi muito difícil. Se Deus nos chama e diz vai, você vai. Aí lembrei-me de Gideão no lagar, escondido, mas escolhido por Deus para uma missão. E disse: “Vai nesta tua força”. Mas qual era a força de Gideão? Quase nenhuma. Então, sob este aspecto da comodidade, humanamente falando, não, mas hoje temos uma situação boa, tranquila!

Como o senhor vê o futuro da CIPM-Mus?

Eu vou responder esta pergunta sob dois parâmetros. Primeiro, a questão profissional, bem técnica, eu não vejo um bom futuro. A Corporação deixou de implementar as mudanças necessárias, em termos da própria Corporação, em sua forma de ser, de agir, em sua estrutura física. E esta mudança pode vir de duas formas: De dentro para fora, ou de fora para dentro. Eu vejo mudanças acontecendo por questões de pressões externas e não internas. Os nossos gestores hoje estão correndo atrás do prejuízo, tentando ser protagonistas

destas mudanças. Estão tentando, mas ainda não conseguiram, dentro da minha visão. Existem várias categorias dentro dessa mudança: músicos, enfermeiros, pedagogos, farmacêuticos, categorias distintas. A categoria mais forte é a de policiais, que atuam na atividade fim da Corporação. Ainda que se desmilitarize, ainda que se mude a forma, vão precisar da polícia, pois dentro do Estado democrático de direito não se concebe uma sociedade sem a polícia. Senão teríamos um caos! Então, cada categoria depende da força que ela tem na instituição. De certa forma, vejo a categoria de forma hipossuficiente. Qual o papel da banda de música numa polícia reativa? Então, é difícil fazer-se qualquer planejamento, perante uma situação que só reage! E a visão dos nossos gestores está focada para o fato do confronto, da linha reativa, ou seja, privilegiar a atividade fim e retirar tudo aquilo que não seja a atividade fim. Assim, as outras categorias teriam que ser repensadas. A questão é: Existe um local para nós? Existe. Um local importante. Talvez, não da forma ou modelo do que temos hoje. E esta não é uma realidade somente do Estado do Rio de Janeiro! Vamos para os países de primeiro mundo, onde existem polícias e elas possuem bandas de música. A polícia dos Estados Unidos tem bandas de músicas. No Brasil, as Forças Armadas têm bandas de músicas, num quadro muito mais lógico do que o nosso. As guardas municipais, que estão avançando, engatinhando em nosso país, muitas delas têm suas bandas de música, embora seja uma tropa paramilitar. As prefeituras, muitas têm suas bandas de música. Qualquer país que aspire ser de primeiro de mundo, a cultura deve andar junto com esta evolução. Então, considero isso um retrocesso, mas é uma opinião minha. Como músico, então, sou suspeito de falar. Mas tenho a certeza de que temos um papel importante numa sociedade, dentro do Estado democrático de direito. E aí me lembro de um poema, de uma professora, do CEFET de Quintino, Rio de Janeiro. Fomos tocar lá e tocamos para muitos alunos. E ela mandou uma carta para a Corporação, com o título: “Hoje, eu lavei a alma”, em que relatava a grata satisfação de ouvir a música de uma instituição como a Polícia Militar, que “age na violência e, às vezes, com violência, mas que em nome do próprio interesse social derrama o seu sangue” em busca da própria paz social. E ela coloca como foi interessante ver músicos policiais militares e aquela interação com os alunos. Foi a palavra de uma professora, como ela vislumbrou, naquele momento, a apresentação da banda de música. A sociedade ali presente: crianças, jovens, alunos, professores compreenderam esta interação com a sociedade. Muitos jovens veem a polícia com outros olhos, pois a farda é pesada, mas ali a farda ficou leve. E a música muda.

Temos aqui o texto, enviado pela professora Luci Costa de Oliveira, Coordenadora da Arte e Vida FAETEC, de Quintino, Rio de Janeiro, para a CComSoc:

No teatro, vestido de negro, o palco, cheio de luz, dividia o seu brilho.

Com instrumentos dourados da Orquestra Sinfônica da Polícia Militar.

Foram momentos raros, daqueles que a gente não quer que acabe nunca.

Na plateia, educadores, visitantes e alunos fascinados viviam a magia do mundo.

Todos em transe, os pequeninos da creche, as crianças

portadoras de deficiência, os artistas da nossa banda,

Todos saboreavam a emoção que aquela música trazia.

Ali estava a Polícia Militar dando o seu recado.

A mesma Polícia Militar, instituição sempre cobrada, muitas vezes criticada.

Responsabilizada, muitas vezes, quem sabe, pelas falhas da família, pela fragilidade da escola, pela desigualdade social e pela injusta política de distribuição de renda.

A PM está na ponta, agindo na violência e muitas vezes com violência. Acertando, errando e deixando também o caminho marcado com o sangue de seus homens.

O lado lúdico, artístico e de sonhos da PM nós vimos e ouvimos hoje.

Seus artistas impecáveis, na postura e na competência, deram um show de boa música.

Não foi surpresa! O que de fato nos surpreendeu foi a integração com o público.

A forma simpática, alegre e descontraída dos músicos forma um canal, onde a energia fluía para o público e do público.

Beleza pura. Imagine! Uma aula de vida e de música para ninguém esquecer.

Queríamos que aquela manhã não acabasse.

Isso expressa bem a alma do trabalho. Ela disse que “o que me surpreendeu foi o *feedback*, a integração com o público”. Mas isso é o papel da música, o poder da música. Então, a música tem esse poder. Ela toca os corações.

Permita ainda uma pergunta: como é fazer uma cerimônia fúnebre sabendo da perda de uma colega?

É muito difícil. Difícil para qualquer policial militar. Ali está a família, estão os policiais militares que lutaram com o instinto policial militar por muitos anos. É um dos serviços mais difíceis que acontece e a música procura sensibilizar. Mas o objetivo, na verdade, é prestar uma última homenagem. E a atuação da banda termina por sensibilizar as pessoas. E é muito raro os familiares abrirem mão desse serviço. Em regra, os familiares querem a banda de música tocando e entende que é uma justa homenagem; que o papel da banda naquele momento é importante. Isso não é somente dito pela família do policial militar, pela esposa do falecido, ou pelo marido da falecida, ou pelos irmãos, mas também pelos próprios policiais. Ninguém quer abrir mão da atuação da banda de música em um momento como esse. E para nós, sofremos duas vezes: primeiro como músico e também por sermos policiais. Mas é um momento difícil!

Quais as considerações finais do senhor?

Posso dizer, primeiramente, que creio que há espaço dentro da instituição policial militar, particularmente no nosso caso a PMERJ, para o serviço musical. Entendo que o serviço musical é algo importantíssimo para instituições como as nossas, seja pela questão da história, tudo o que foi feito durante esses duzentos anos, seja como uma ferramenta atual importante, no que diz respeito a comunicação com a nossa sociedade. Isso é provado pelos muitos serviços realizados e em várias comunidades carentes, num momento quando não se havia UPP, em lugares da forma contundente como foi, a banda de música já entrava lá, fazendo essa interlocução entre a Polícia Militar e a sociedade.



Sgt PM Mus Nascimento, Relações Públicas da CIPM-Mus

Sgt NASCIMENTO - Quando a banda vai tocar em algum evento, casas de espetáculos, igrejas ou em praças públicas, as pessoas ficam abismadas com a qualidade técnica profissional da equipe, contrapondo com a farda da Polícia Militar. Estão fardados e armados! A princípio, as pessoas veem o músico como policial militar. Mas quando pegam o instrumento para tocar ficam impressionados porque nunca esperavam que o militar tocasse da forma como ouvem. Isso em face da violência, dureza da atividade militar, da altivez, veem o músico, o policial sensível a uma arte, que é a música.

Dessa forma, a Polícia Militar se preocupa em levar a todas as camadas a arte, a cultura, do mais rico ao mais pobre, sem nada

cobrar. O desembargador, juiz, promotor vai escutar a mesma coisa que o pedreiro, o garçom vai escutar.

ÁLBUM - Tanto em ambientes fechados quanto abertos (...)

O repertório varia de acordo com o público, mas conseguimos tocar Mozart, Chopin e outros, quando a sociedade, de forma geral, nunca conseguiria ouvir. O público mais simples não teria acesso a uma Banda Sinfônica, mas conseguimos tocar esse repertório para todos. Isso é um benefício para a sociedade. Levamos cultura, música para todo o Estado do Rio de Janeiro.

Nesse sentido, o que se tem feito para atrair a comunidade local, principalmente a criança ou o jovem que se sente atraído para ser amanhã um músico militar?

Por meio do concerto didático em escolas municipais, públicas ou particulares, por exemplo, mostrando à arte, cada instrumento, a origem, as escalas, para que a criança esteja em contato, primeiro com a música. E hoje nós desenvolvemos projetos sociais por meio das UPPs (Unidades de Polícia Pacificadora), onde alguns policiais militares ministram aulas de música. E aí, por vezes, são convidadas crianças para assistirem aos concertos musicais. E, assim, alguns policiais mantêm contatos, através da música, com aquelas crianças visando o seu futuro na arte musical.

E como são preparadas as agendas musicais? Nasce da corporação ou são convites da comunidade local?

Para qualquer apresentação, seja de concerto sinfônico, Big Band 190 ou de uma banda para a execução do Hino Nacional, por meio do concerto didático, há um protocolo a ser seguido. A pessoa faz um contato prévio, via telefone, ao tempo em que são fornecidos os dados para o preenchimento de um ofício, que será enviado para uma avaliação, quando será verificada se naquela data haverá disponibilidade para o devido atendimento da agenda musical.

MUDANÇA DE GESTÃO NO SERVIÇO MUSICAL DA PMERJ

Texto: Antônio Carlos Rosa, Maj PM Mus

As bandas de músicos militares foram criadas com o objetivo de marcar a cadência e elevar o moral da tropa, pois a ideia de unidade coletiva contida nas canções e marchas militares permitia, por meio da comoção propiciada pela música, a transmissão de valores morais e da cultura castrense através dos textos, jargões e brados inseridos nas canções militares.

Inicialmente, cabe lembrar, que durante muitos anos a eficácia do Serviço Musical da PMERJ foi medida através da quantidade e qualidade dos serviços realizados em atendimento ao seu público interno e externo. Cabe ressaltar que, até pouco tempo atrás, esse entendimento era tido como adequado, mas as forças policiais evoluíram e, atualmente, quase não possuem tropas aquarteladas, tendo, as próprias solenidades, visto a dinâmica dos aconte-

cimentos, se tornado mais célere. Dessa forma, conceitos como: otimização dos recursos humanos, bem-estar do policial militar, marketing institucional, responsabilidade social, tornaram-se importantes, nos levando, inequivocamente, a pensar a arte *como fator de prevenção social*.

A Sociedade Fluminense espera da PMERJ mais do que o cumprimento da sua missão constitucional de preservação da Ordem Pública, espera uma polícia asseguradora, mantenedora e garantidora dos direitos humanos e do cidadão, conforme expõe o ilustre advogado Auremácio Carvalho:

“[...] Do policial se exige um perfil difícil de ser atingido: ser flexível; ser capaz e disposto a contribuir para a inovação; e ser criativo; ser capaz de lidar com incertezas; estar interessado e ser capaz de aprender ao longo da vida; ter adquirido sensibilidade social e aptidões para a comunicação; ser capaz de trabalhar em equipe; assumir responsabilidades; tornar-se empreendedor; preparar-se para o mundo do trabalho internacionalizado por meio de conhecimento de diferentes culturas; [...] um super-herói.”

Assim, apesar de, no seu cotidiano, a polícia trabalhar mantendo a ordem pública, protegendo a sociedade, aconselhando, dirimindo conflitos, evitando o crime, investigando, fazendo a paz ou regulando as relações sociais, pesquisas realizadas pela mídia apontam reiteradamente para a falta de credibilidade da Corporação junto ao seu público-alvo. A Polícia que está sendo construída necessita ser vista como uma Instituição confiável e humanizada.

Recentemente, várias comunidades foram resgatadas do abandono, circunstância esta refletida pela anarquia e desordem que lá imperavam, consequência da ausência do Estado e da própria sociedade, visto que a política social eficaz depende da participação de todo o aparato social. Não obstante ao esforço da Polícia Militar, o termo responsabilidade social vai além do cumprimento da obrigação legal, a Instituição Policial demonstra sua Responsabilidade Social ao comprometer-se com programas sociais voltados para o futuro da comunidade e da sociedade.

É fato que a PMERJ é o principal instrumento utilizado na pacificação dessas comunidades. Críticos, sociedade em geral, quase todos concordam: as Unidades de Polícia Pacificadora (UPP's) são um benefício para a Cidade. Mas, o que restará para a PMERJ disto tudo que está sendo revitalizado? O

↓ Policiais da CIPM-Mus tocando com crianças da comunidade no projeto musical *Vozes e Acorde*, na 1ª UPP do 19º BPM / Babilônia-Chapéu Mangueira





que podemos fazer para construir uma nova imagem para a Corporação? A PMERJ necessita incluir-se com os programas sociais voltados para o futuro da sociedade fluminense como um todo, tanto àquela parcela beneficiada com as UPP's, como todos os outros segmentos que integram o seu público, a fim de construir uma imagem adequada, apresentando uma Instituição Policial moderna, atenta aos anseios sociais do seu cliente - a sociedade fluminense.

As bandas de música sempre realizaram um importante trabalho no que se refere a proporcionar uma interação melhor entre a Polícia Militar e a comunidade, o que, inquestionavelmente, repercute na atividade operacional da Instituição Policial.

NOTAS

1. *As bandas de música militares*. Verde-Oliva, Brasília, DF, ano 36, n. 201, p. 49, abr./mai./jun. 2009.
2. BRASIL. Decreto nº 14.447, de 17 de novembro de 1920. *Diário Oficial da União*, 21 nov. 1920. Seção 1, p. 19181.
3. REIS, Capitão Dalmo Trindade dos. *História da banda de música*. Texto manuscrito.
4. MEIRA, Antônio Gonçalves; SCHIRMER, Pedro. *Música militar e bandas militares: origem e desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Ombro a Ombro, 2000. p. 22.
5. CIPM-MUS. *Histórico da Companhia Independente de Polícia Militar - músicos*. CIPM-Mus, Rio de Janeiro, 9 abr. 2011. Disponível em: <<http://cipmmuspmerj.blogspot.com.br/2011/04/historico-da-companhia-independente-de.html>>.
6. *Ibidem*.
7. BRASIL. Decreto nº 5.073, de 11 de novembro de 1926. *Coleção de Leis do Brasil*, Poder Legislativo, Brasília, DF, v. 1, p. 72, 31 dez. 1926.
8. REIS, *op. cit.*
9. BRASIL. Decreto nº 3.273, de 16 de novembro de 1938. *Diário Oficial da União*, 13 dez. 1938. Seção 1, p. 25158.
10. BRASIL. Ministério da Guerra. Aviso nº 1.540, de 14 de dezembro de 1946. *Diário Oficial da União*, 23 dez. 1946. Seção 1, p. 16762-16764.
11. REIS, *op. cit.*
12. CIPM-MUS, *op. cit.*
13. *Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, ano 32, n. 081, 5 mai. 2006. Parte 1, p. 10.
14. COMPANHIA Independente de Polícia Militar de Músicos. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Companhia_Independente_de_Pol%C3%ADcia_Militar_de_M%C3%BAscos>.
15. CIPM-MUS. *Ano de 2013*. CIPM-Mus, Rio de Janeiro, 11 jan. 2013. Disponível em: <http://cipmmuspmerj.blogspot.com.br/2013_01_01_archive.html>.
16. CIPM-MUS. *Família azul comemora um ano*. CIPM-Mus, Rio de Janeiro, 14 fev. 2014. Disponível em: <<http://cipmmuspmerj.blogspot.com.br/2014/02/familia-azul-comemora-um-ano.html>>.

GALERIA DE MAESTROS DA PMERJ



Comandaram a Companhia de Música da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro (CIA-Mus), até 24 de abril de 2006, data em que foi extinta para ceder lugar à Companhia Independente de Polícia Militar - Músicos (CIPM-Mus), os seguintes comandantes e maestros:



* O Maj PM Mus Carlos deixou temporariamente o Comando para fazer curso na Corporação, sendo substituído pelo Cap PM Mus Ronaldo

OFICIAIS / PERÍODO

- 1 Cap PM Mus Natanael Viana de Aguiar**
De 3/1/1959 a 3/7/1959
- 2 Cap PM Mus Oscar da Silveira Brum**
De 24/12/1962 a 21/9/1968
- 3 Cap PM Mus Arnaldo José dos S. Júnior**
De 22/9/1968 a 19/7/1974
- 4 Cap PM Mus Antônio de Souza Peixoto**
De 14/10/1974 a 30/7/1976
- 5 Cap PM Mus Henrique Moura**
De 30/7/1976 a 4/1/1984
- 6 Maj PM Mus Valdir dos Anjos Vieira**
De 5/1/1984 a 18/9/1990
- 7 Cap PM Mus Florindo A. Freitas Filho**
De 19/9/1990 a 12/10/1993
- 8 Cap PM Mus Roudinez Erbe de Souza**
De 13/10/1993 a 21/12/1995
- 9 Cap PM Mus Cesário R. dos Santos**
De 22/12/1995 a 19/12/1996
- 10 Cap PM Mus Cláudio Pereira da Silva**
De 19/12/1996 a 18/1/1998
- 11 Cap PM Mus Antônio Carlos Rosa***
De 18/1/1998 a 2/8/2004 (CIA-Mus) e de 7/10/2005 a 8/2/2011
- 12 1º Ten Mus Ronaldo Almeida da Silva**
De 2/8/2004 a 7/10/2005 (CIA-Mus)

OFICIAIS DA CIA-MUS - 2005



Ten PM Mus
Geovani Ferreira

Ten PM Mus
Elizeu da Silva Jorge

Ten PM Mus
Celso Gonçalves Mesquita

Cap PM Mus
Luis Delmiro Mendes

Cap PM
Antônio Car

Foto: Salão Nobre do BPCHq



Mus
los Rosa

Ten PM Mus
Ronaldo Almeida da Silva

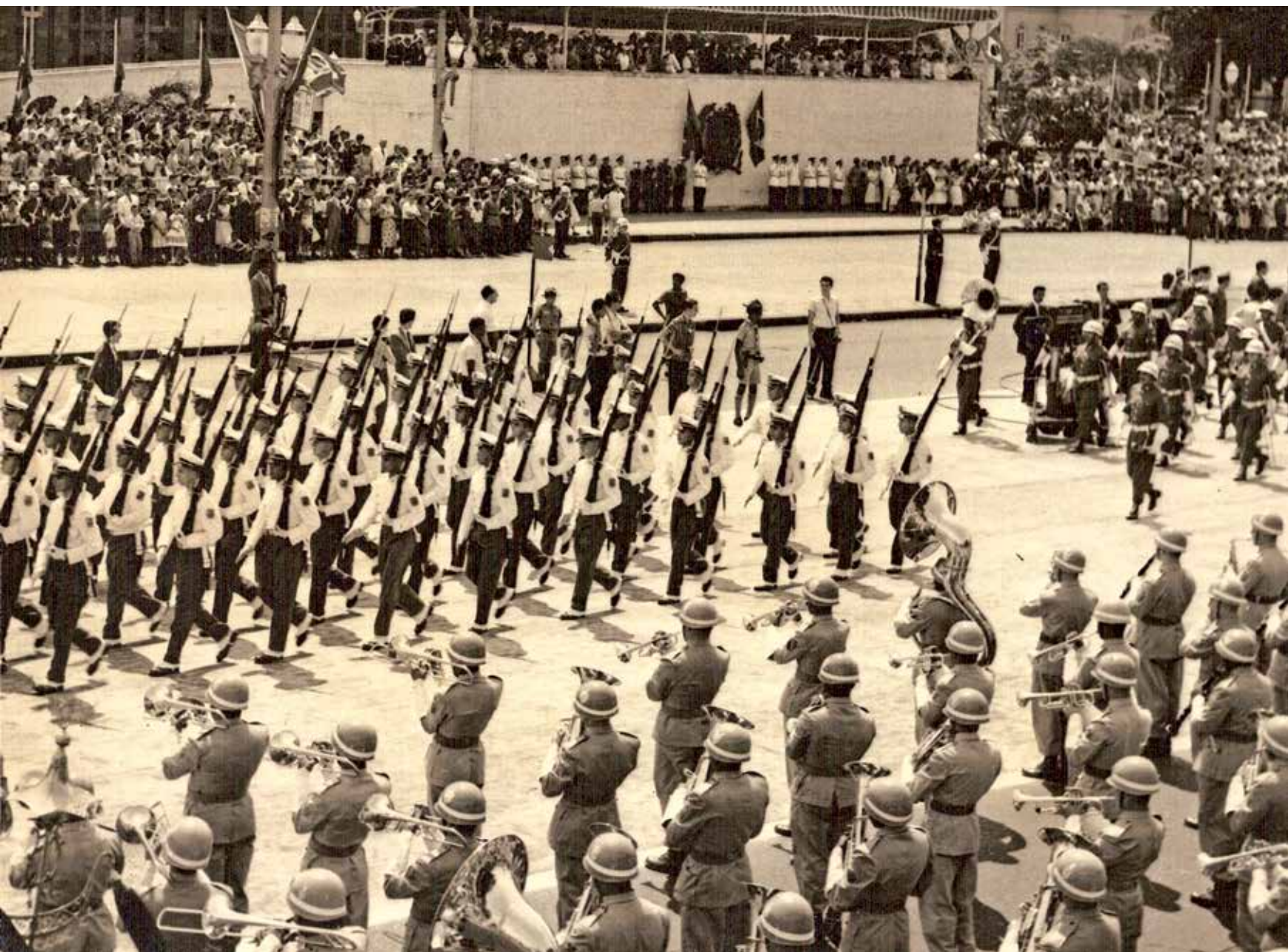
Ten PM Mus
Carlos Pimenta Bastos Jr.

Ten PM Mus
Adriani Virgínio da Silva



APRESENTAÇÕES HISTÓRICAS DAS BANDAS DA PMERJ





DESFILÉ CÍVICO DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL NA AVENIDA PRESIDENTE VARGAS, RJ.

7 de setembro de 1958



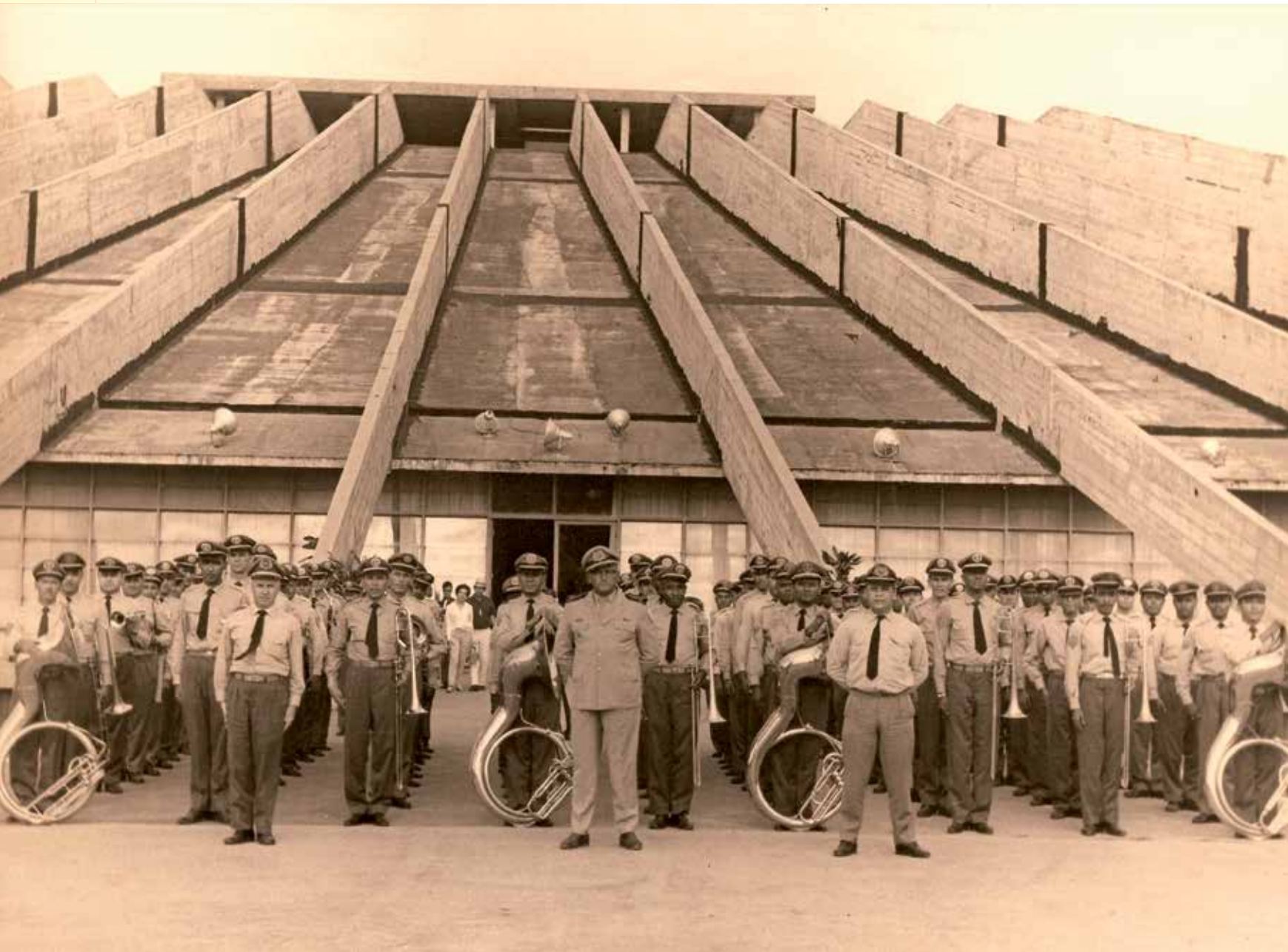
DESFILÉ CÍVICO DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL NO ATERRO DO FLAMENGO, RJ.

7 de setembro de 1960



DESFILÉ NO ANIVERSÁRIO DA CIDADE DE COLATINA, ES.

20 a 23 de Agosto de 1963



CONCERTO SINFÔNICO DE INAUGURAÇÃO DO TEATRO NACIONAL DE BRASÍLIA, DF.

Março de 1965



1965 Ano do IV Centenário da Cidade do Rio de Janeiro FESTIVAL INTERNACIONAL DE BANDAS MILITARES DE 30 de Maio a 5 de Junho



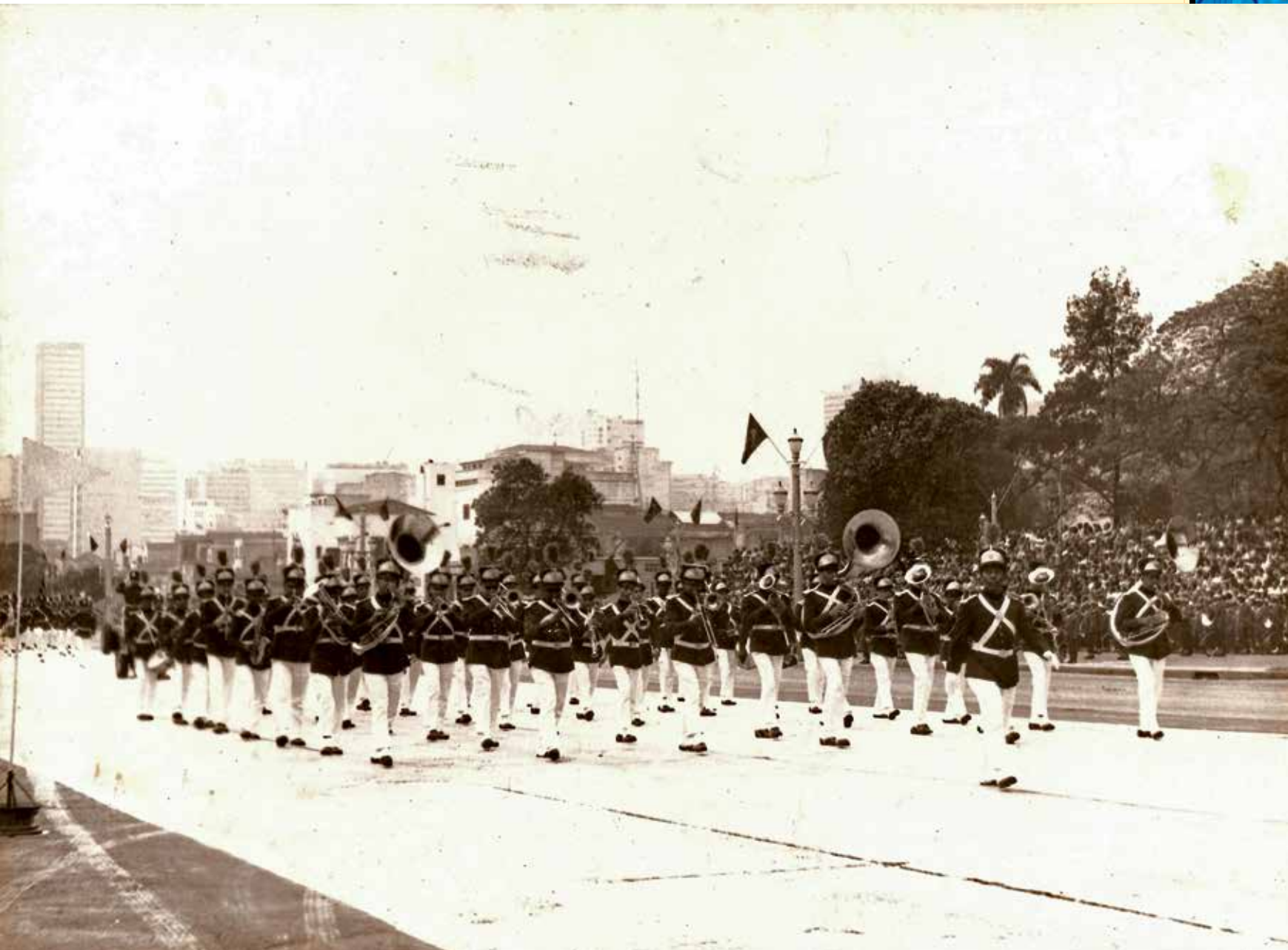
FESTIVAL INTERNACIONAL DE BANDAS MILITARES NO RIO DE JANEIRO, RJ.

De 30 de Maio a 5 de Junho de 1965



ESCOLA DE MÚSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, RJ.

8 de dezembro de 1965



DESFILE CÍVICO DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL NA AVENIDA PRESIDENTE VARGAS, RJ. BANDA DA ESFO.

7 de setembro de 1969



JOGO BRASIL X COLÔMBIA NO ESTÁDIO DO MARACANÃ, RIO DE JANEIRO, RJ.

Década de 1970



JOGO BRASIL X PERU NO ESTÁDIO DO MARACANÃ, RIO DE JANEIRO, RJ.

Década de 1970



CONCERTO SINFÔNICO NO SALÃO LEOPOLDO MIGUEZ, ESCOLA DE MÚSICA DA UFRJ, RJ.

Década de 1980



CONCERTO SINFÔNICO NO SALÃO LEOPOLDO MIGUEZ, ESCOLA DE MÚSICA DA UFRJ, RJ.

Década de 1980



INAUGURAÇÃO DO SALÃO DE ENSAIO DA CIPM-MUS.

Década de 1980



APRESENTAÇÃO NA SALA CECÍLIA MEIRELES, RJ.

Maio de 1981



APRESENTAÇÃO NO BATALHÃO DE CHOQUE DA PMERJ, RJ.

6 de setembro de 1985



PARADA DIÁRIA NO BATALHÃO DE CHOQUE DA PMERJ, RJ.

1998

APRESENTAÇÕES DAS BANDAS NA SOCIEDADE FLUMINENSE





CONCERTO SINFÔNICO NA CIDADE DE VOLTA REDONDA 25 de setembro de 2008

Banda Sinfônica Regência: **Maestro Nicolau Martins de Oliveira**







CONCERTO SINFÔNICO NA FAETEC DE QUINTINO 1 de setembro de 2003

Banda Sinfônica





Convidado: **Cap PM Dent Malafaia**

CONCERTO SINFÔNICO NA IGREJA DA CANDELÁRIA 18 de abril de 2012

Banda Sinfônica • Regência: **Cap PM Mus Ronaldo** Solista: **Cap PM Dent Malafaia**





DESFILE NO PÁTIO DO BATALHÃO DE CHOQUE 3 de janeiro de 2008

6º ANIVERSÁRIO DA CIPM-MUS 24 de abril de 2012

Banda Sinfônica Regência: Cap PM Mus Ronaldo









BANDA SINFÔNICA NO BATALHÃO DE CHOQUE 1 de abril de 2004



CONCERTO S



INFÔNICO NO SALÃO LEOPOLDO MIGUEZ - ESCOLA DE MÚSICA DA UFRJ 28 de julho de 2012





CONCERTO SINFÔNICO NO TEATRO JOÃO CAETANO 8 de maio de 2012

Banda Sinfônica

Regência: **Cap PM Mus Ronaldo**

Solista: **Mezzo-soprano Noeli Mello**



Naípe de clarinetas





Naípe de trompetes e trombones



CONCERTO SINFÔNICO NO THEATRO MUNICIPAL 8 de maio de 2008

Banda Sinfônica Regência: Maj PM Mus Delmiro



CONCERTO SINFÔNICO NO PALÁCIO QUITANDINHA, EM PETRÓPOLIS 9 de agosto de 2012

Banda Sinfônica





CONCERTO SINFÔNICO NO THEATRO MUNICIPAL 19 de julho de 2010



Banda Sinfônica • Regência: Maj PM Mus Carlos







DESFILE CÍVICO NA AV. PRESIDENTE VARGAS 7 de setembro de 2012

Banda da Academia de Polícia Militar Dom João VI Regência: Cap PM Mus Pimenta





CONCERTO SINFÔNICO NA IGREJA DA CANDELÁRIA 21 de setembro de 2008

Banda Sinfônica • Regência: Cap PM Mus Delmiro Solista: Sgt PM Mus Seabra





DESFILE CÍVICO NA AV. PRESIDENTE VARGAS 7 de setembro de 2012

Banda de Música da CIPM-Mus Regência: Cap PM Mus Ronaldo





CONCERTO DE INVERNO NA SALA CECÍLIA MEIRELLES 24 de setembro de 2008

Banda Sinfônica Regência: Cap PM Mus Ronaldo



CELEBRAÇÃO DOS 50 ANOS DA CIA-MUS 20 de dezembro de 2012







CONCERTO DE INVERNO NA SALA CECÍLIA MEIRELLES 24 de julho de 2008



JOGOS MUNDIAIS MILITARES - ESTÁDIO OLÍMPICO JOÃO HAVELANGE 13 de julho de 2012





SESSÃO SOLENE NA ALERJ 19 de maio de 2008

Banda da PMERJ







Convidado: **Aggelus Choir**



Base



Naípe de tuba

CONCERTO SINFÔNICO NO THEATRO MUNICIPAL 27 de maio de 2013

Banda Sinfônica

Regência: Cap PM Mus Ronaldo



Naípe de trompas



Naípe de sax



Naípe de trompetes e trombones

BIG BAND 190



RIO DAS OSTRAS JAZZ E BLUES FESTIVAL Junho de 2012

Conv





vidado: Sub Ten BM Vander Nascimento



Convidado: Sgt EB Geovani Amancio



EVENTO COM O BOPE, EM NOVA FRIBURGO 1 de abril de 2012



PROJETOS SOCIAIS E PARCERIAS MUSICAIS

A CIPM-Mus desenvolve também projetos voltados para a integração da população fluminense com a Polícia Militar, dentre eles: Projeto UPP Musical, Projeto Tocando com a PM, Projeto Oficina de Música, Projeto Banda nos Shoppings, Projeto Banda na Escola, Projeto Canções e Dobrados, e a realização de um trabalho conjunto com o Centro de Fisiatria e Reabilitação da PMERJ, através do Coral Renascer.¹

PROJETO UPP MUSICAL²

O projeto **UPP Musical** é uma parceria da CIPM-Mus com o CPP (Comando de Polícia Pacificadora), integrado por um conjunto de ações junto às diversas comunidades já pacificadas no Estado do Rio de Janeiro. Busca oferecer aos cidadãos um canal de aproximação com a Polícia Militar por meio da música e da cultura, sempre focando a cidadania. É um esforço da cultura espartana junto à ateniense, visando uma comunidade sadia e forte, emocionalmente, em que a música é fator preponderante. É um projeto que leva a música para transformar e agregar a



Apresentação, no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, de crianças do morro do Turano através do projeto *UPP Musical*



comunidade, na avaliação dos sargentos Nascimento, Ricardo e Dias. Um release preparado pela CIPM-Mus sobre o projeto ressalta:

Com os adolescentes, não há exceção a essa regra. A música pode estabelecer vínculos entre aqueles que a experimentam em conjunto, pois ela é um instrumento plural, uma linguagem que atua sobre o espírito humano confortando-o, trazendo-lhe um sentimento de extrema paz e tranquilidade, um campo artístico natural a todo ser humano, que ao se identificar com determinado estilo cria, desenvolve e consegue exteriorizar sua individualidade e seu ser.



Projeto *UPP Musical*, levando cultura musical às comunidades pacificadas do Estado do Rio

Citando o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA): “A criança e o adolescente têm direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento(...)”.³ O pensamento da CIPM-Mus é que os adolescentes formem um segmento social de enorme importância para o desenvolvimento da sociedade fluminense. Além disso, a adolescência possui especificidades relacionadas à transição entre a infância e a fase adulta do ser humano, passando por mudanças psicobiológicas extremas, que demandam atenção e cuidados.

Assim, a construção da personalidade e identidade torna-se em um momento de inquietação e dificuldade, tanto para os próprios adolescentes quanto para aqueles que compõem seu núcleo de relacionamento. E acrescenta: “Nas relações sociais encontra-se o espaço para a realização das demandas impostas pelas necessidades de pertencimento que lhes é recorrente. Nesse sentido, a convivência entre pares possibilita uma relação dialética que oferece espaço para o desenvolvimento e o amadurecimento dos adolescentes”.

O Estatuto de Criança e do Adolescente destaca no art. 59: “Os Municípios, com apoio dos Estados e da União, estimularão e facilitarão a destinação de recursos e espaços para programações culturais, esportivas e de lazer voltadas para a infância e a juventude”.⁴ Dessa forma, a União prevê e regulamenta ações voltadas para a juventude na esfera cultural, em razão de sua importância para um pleno desenvolvimento. A CIPM-Mus apresenta dados, inclusive:

Segundo dados do DATASUS, os jovens, majoritariamente do sexo masculino, morrem muito mais que as demais faixas etárias da população. Na juventude, conflitos são recorrentes, porém, com o fenômeno da violência armada e envolvimento com o tráfico de drogas, os números se tornam alarmantes.

Em especial, a música encontra espaço privilegiado com esse público, estabelecendo uma linguagem universal, com dinâmica própria. Global e silenciosamente, a música vem desmontando obstáculos culturais em nossa história. Sua influência e impacto consolidam e modificam hábitos seculares. Ela, então, torna-se um poderoso e legítimo instrumento de agregação ou apartamento, dependendo do modo e finalidade de sua utilização.



Com os adolescentes, não há exceção a essa regra. A música pode estabelecer vínculos entre aqueles que a experimentam em conjunto, pois ela é um instrumento plural, uma linguagem que atua sobre o espírito humano confortando-o, trazendo-lhe um sentimento de extrema paz e tranquilidade, um campo artístico natural a todo ser humano que, ao se identificar com determinado estilo, cria, desenvolve e consegue exteriorizar sua individualidade e seu ser.

PROJETO TOCANDO COM A PM

Este projeto foi destaque na imprensa e na cidade de São Gonçalo (RJ), localidade com uma das maiores favelas da América Latina. O projeto **Tocando com a PM** foi criado em 2011, sob o comando do Coronel PM Paulo Henrique, do 12º BPM. O objetivo foi aproximar o comando do Batalhão de Niterói (RJ) com a comunidade local. Os principais objetivos do projeto são: dotar as crianças de noções de cidadania, proporcionar cultura e inserção social; e propagar e resgatar o sentimento de uma sociedade mais justa e fraterna. Visa ainda, principalmente, despertar o interesse pela boa música, por meio da cultura, como forma de expressão

Banda de música e crianças do projeto social no morro do Estado, em Niterói. Apresentação no Teatro João Caetano



e boa educação, projetando nelas a visão de um futuro promissor, ainda não explorado em suas vidas.

Outro aspecto nesse projeto é promover um primeiro contato dos participantes com a Polícia Militar como instituição, símbolo da presença segura do Estado, o que lhes revela uma visão diferenciada da atividade policial. Nesse projeto, atuam como professores os sargentos músicos Raicevich, Torres e o Subtenente Oliveira, além do apoio do subtenente músico Werter, mestre de banda de música, que oferece o devido suporte em todas as situações.



Banda de Fanfarra do Colégio PMERJ

PROJETO OFICINA DE MÚSICA

Um projeto que visa dotar, principalmente, os participantes dos conhecimentos básicos da teoria musical, da prática instrumental traduzida pela criação de um grupo instrumental de sopro e percussão. É desenvolvido com crianças e adolescentes. Esse projeto já foi feito com filhos de policiais militares. Atualmente, atende alunos de comunidades da Cidade de Campos dos Goytacazes. Como objetivo secundário, proporciona noções de cidadania, inserção social, além de propagar e resgatar o sentimento do culto à pátria, e o orgulho de pertencer a uma nação que prima pela paz, pelo amor e por uma sociedade mais justa e fraterna. Visa ainda promover o primeiro contato dos participantes do projeto com a instituição Polícia Militar, símbolo da presença firme e segura da lei, ao tempo em que proporciona-lhes outra visão de nosso trabalho, despertando-lhes o respeito e o devido valor que esta instituição bicentenária merece.

PROJETO BANDA NAS ESCOLAS

O projeto **Banda nas Escolas** consiste principalmente em levar a Banda de Música às escolas da rede pública e privada para realização de concertos didáticos, onde os alunos, além de terem contato com integrantes da PMERJ, ali representada pelas bandas, que são extensões da Coordenadoria de Comunicação Social da PMERJ (CComSoc), aprendem ainda sobre a função ou o papel desempenhado por cada instrumento musical em uma banda ou orquestra e ouvem a execução do Hino Nacional Brasileiro e outros hinos e canções, despertando um sentimento cívico e de amor pela pátria.

↓ Banda de Música do 12º BPM (Niterói) no projeto *Banda nas Escolas*





PROJETO BANDA NOS SHOPPINGS

O projeto **Banda nos Shoppings** tem como objetivo estreitar vínculos e aproximar a PMERJ da sociedade fluminense. Consiste em realizar apresentações em determinados Shoppings Centers do Estado, com o objetivo de tornar o serviço musical desenvolvido e promovido pela CIPM-Mus e pela Polícia Militar melhor conhecido pelo público frequentador desses locais. A principal diferença desse projeto para os outros é justamente o local, já que os shoppings proporcionam uma mobilidade melhor nos seus horários, alcançando com êxito os trabalhadores dos horários comerciais e atingindo todas as idades.

PROJETO CANÇÕES E DOBRADOS

Visa resgatar as tradições culturais da Polícia Militar através das canções e dobrados de cada Unidade da PMERJ, que enriquecem o valioso tesouro histórico até então desconhecido da maioria de seus componentes. Visa ainda resgatar as tradições musicais da Polícia Militar, os valores culturais da Corporação, motivar a tropa, imprimindo no seio da tropa um sentimento de orgulho e garbo, além de promover o culto às tradições da Polícia Militar.

A distribuição dos CDs gravados pela Banda é feita sem fins lucrativos para o máximo possível de policiais militares, seus familiares e para os amigos da Corporação que valorizam e apoiam o trabalho musical da PMERJ. O resultado pode também ser visto no site oficial da CIPM-Mus: www.policiamilitar.rj.gov.br/cipmmus/, onde estão catalogados os áudios, partituras e letras das canções.

NOTAS

1. PMERJ. Disponível em: <http://www.policiamilitar.rj.gov.br/unidades_pmerj_subcategorias_detalhes.php?id=143>.

2. *Projeto UPP Musical chega ao morro São João*. UPP, Rio de Janeiro, 17 nov. 2013. Disponível em: <<http://www.rj.gov.br/web/imprensa/exibeconteudo?article-id=1849730>>.

3. BRASIL. *Estatuto da criança e do adolescente*. 7. ed. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 2010. p. 16.

4. *Ibidem*, p. 42.



Projeto *Banda nos Shoppings* no Barra Shopping, na Barra da Tijuca, Zona Oeste



Projeto *Banda nos Shoppings* no Shopping Grande Rio, em São João de Meriti, Baixada Fluminense

SIMPÓSIO PARA REGENTES E MESTRES DE BANDAS MILITARES





O Simpósio para Regentes e Mestres de Bandas Militares foi realizado para integrantes das Forças Armadas e Forças Auxiliares do Brasil. Como abertura do Simpósio foi realizado um concerto pela Banda Sinfônica Militar, integrada por músicos da Marinha do Brasil, do Exército Brasileiro, da Força Aérea Brasileira, da Polícia Militar (RJ) e do Corpo de Bombeiros Militar (RJ) no Theatro Municipal do Rio de Janeiro. O encontro foi realizado de 19 a 21 de novembro de 2012. Do concerto, participaram ainda cinco maestros das principais bandas de músicos militares do Rio de Janeiro, sendo eles o Major do CBMERJ Artur Ricardo Barreiros Cruz, o Capitão da PMERJ Ronaldo Almeida da Silva, o Tenente da Marinha do Brasil Thiago Santos, o Tenente





Cartaz de divulgação do Simpósio

do Exército Edésio Gomes e o Suboficial da Aeronáutica Joelson da Silva Ramos. Participou ainda como regente convidado o maestro e professor titular da cadeira de Regência de Bandas da UFRJ Marcelo Jardim.

O concerto apresentou um *medley* de canções de todas as forças representadas, que encantou o público tanto pelo profissionalismo quanto pela beleza das músicas apresentadas. O maestro e arranjador, Suboficial Marcelo Costa, regeu o *medley* com o apoio de um *back vocal*.

A segunda apresentação da noite foi a obra *Songs of Sailor and Sea*, de autoria de Robert W. Smith, sob a regência do maestro Tenente Thiago Santos, do Corpo de Fuzileiros Navais.

A seguir, *Harlequin*, para euphonio e banda, autoria de Philip Sparke, tendo como solista o eufonista Rafael Mendes, sob a regência do Capitão Músico da PMERJ Ronaldo Almeida da Silva, Comandante da Companhia Independente de Polícia Militar - Músicos (CIPM-Mus).

O maestro Major Músico Artur Barreiros, do CBMERJ, apresentou uma obra de sua autoria, *Suite para Banda Sinfônica*.

Sob a regência do Capitão Geovani Ferreira, foi apresentada a música *Spain (Big Band)*, de autoria de Chik Korea e Joaquim Rodrigues, com arranjo de Vitor Lopez.

A seguir, *Gaiivota*, de autoria de Enéas Gomes, sob a regência do Tenente Edésio Gomes, do Exército Brasileiro.

Com o maestro Marcelo Jardim, da UFRJ, a plateia ouviu *Danzas Del Ballet "Estancias"*, de autoria de Alberto Ginastera, transcrição de Néstor Alderete. Fechando o concerto foi apresentada *Aquarela do Brasil*, de autoria de Ari Barroso, arranjo do Suboficial Marcelo Costa e regência do Suboficial Joelson Ramos, ambos da Força Aérea Brasileira, ocasião quando a bateria deu o ritmo da música carioca, na composição de Ari Barroso. Todas as regências arrancaram fortes aplausos do público.

DEPOIMENTOS

Cap PM Mus Ronaldo Almeida da Silva (maestro da PMERJ)

Chegou o dia. Foi difícil chegar até aqui. Trabalhoso, mas prazeroso. Teremos um bom concerto, espero que o público goste. Estamos fazendo esse trabalho com muito carinho, com muito esforço. E é gratificante porque é o nosso trabalho. A gente faz com amor e, como ouvi hoje numa das palestras, a gente não está trabalhando, mas fazendo o que gostamos. Fazer o que gosta é bom. Obrigado a todos que trabalharam conosco.

Maj BM Mus Artur Barreiros (maestro do CBMERJ)

Hoje, 21 de novembro de 2012, é um dia muito especial, porque estamos reunindo as cinco bandas militares do Brasil, ou seja, as bandas do Exército, Marinha, Aeronáutica, Polícia Militar e do Corpo de Bombeiros Militares do Estado do Rio de Janeiro. Vamos estar hoje num misto de cores no palco, com



as cores de cada farda. Eu espero que este evento se repita nos próximos anos.

Ten FN Thiago Silva (maestro do CFN)

E um privilégio estar aqui como parte da Banda Sinfônica do Corpo de Fuzileiros Navais, reunido com colegas das outras forças, neste simpósio de grande importância para a música militar, não só do Rio de Janeiro mas que tomou uma amplitude nacional. A Polícia Militar do Estado Rio de Janeiro está de parabéns por este feito. Esperamos que este simpósio se repita por vários e vários anos.

Ten do EB Edésio Gomes (maestro do EB)

Para mim é uma honra participar deste grande evento, que é o simpósio dos regentes e mestres de bandas de músicas. Estou representando os regentes do Exército Brasileiro. Vou reger uma música, *Gaivota*, de autoria do meu irmão, fruto do seu mestrado na UNIRIO. Espero que vocês gostem e parabenizo a todos que estão participando deste evento.

Prof. Marcelo Jardim (maestro da Escola de Música UFRJ)

Hoje é um dia muito especial, não somente para a música militar, mas para a música dos músicos militares do Rio de Janeiro, em poder contar com a junção das demais forças aqui no Theatro Municipal e fazer música da melhor qualidade. Isso estimula o músico militar a buscar sempre o melhor, que é o nosso objetivo como músico, como ser humano, em levar sempre o melhor para as pessoas. E isso é compartilhar emoção, felicidade. Estou muito contente.

HOMENAGENS

Foram homenageados com placas comemorativas da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro os seguintes maestros e autoridades:

Maj BM Mus Artur Barreiros (CBMERJ)

Cap PM Mus Ronaldo Almeida da Silva (PMERJ)

Maestro Marcelo Jardim (UFRJ)

Ten FN Thiago Santos (Marinha)

2º Ten EB Mus Edésio Gomes (1ª Divisão do Exército Brasileiro)

Suboficial FAB Joelson da Silva Ramos (FAB)

Da esquerda para a direita: ↓

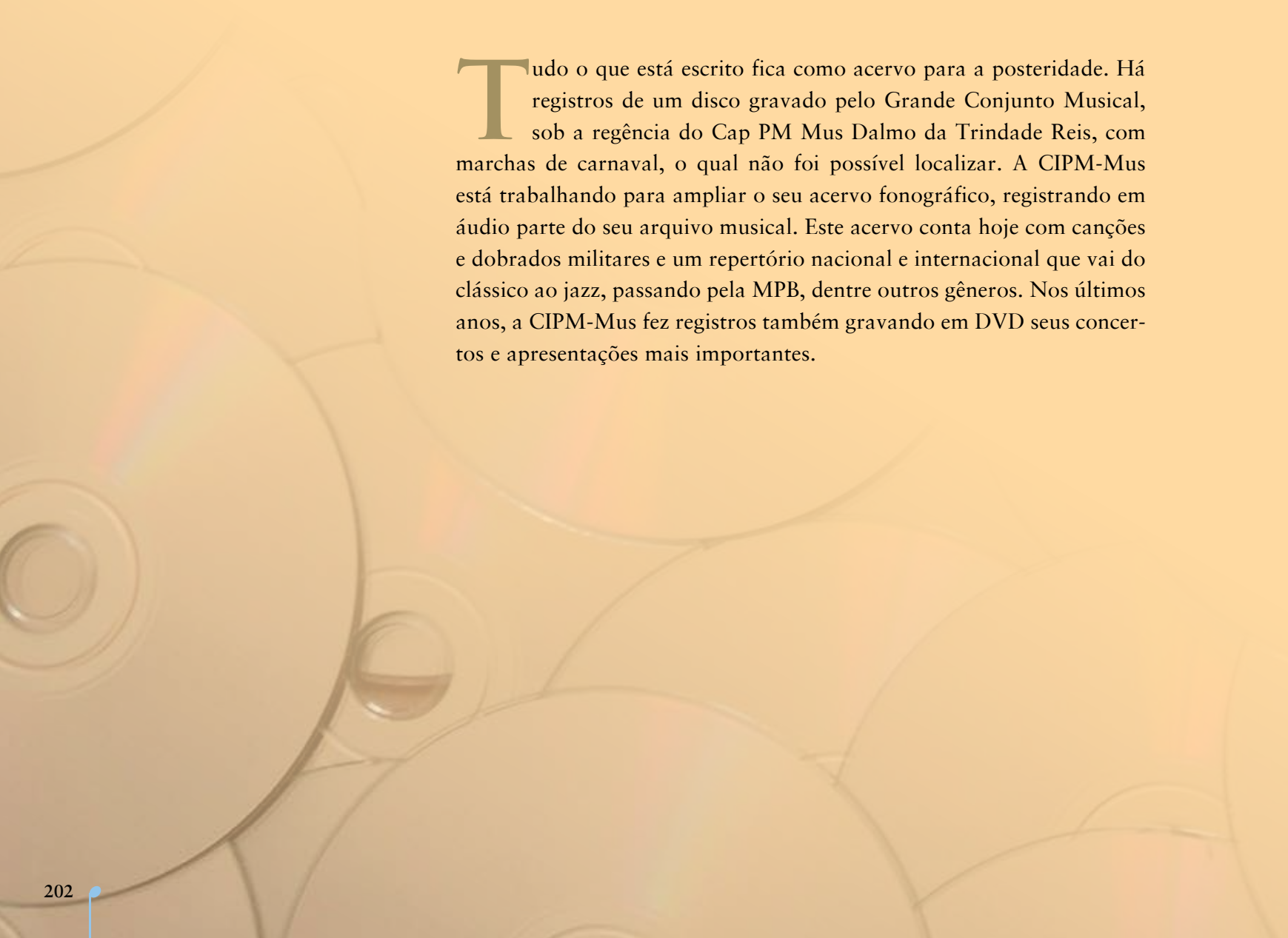
Sub Oficial FAB Joelson da Silva Ramos,
2º Ten EB Mus Edésio Gomes, Ten FN
Thiago Santos, Maestro Marcelo Jardim,
Cap PM Mus Ronaldo Almeida da Silva e
Maj BM Mus Artur Barreiro





DISCOGRAFIA

Tudo o que está escrito fica como acervo para a posteridade. Há registros de um disco gravado pelo Grande Conjunto Musical, sob a regência do Cap PM Mus Dalmo da Trindade Reis, com marchas de carnaval, o qual não foi possível localizar. A CIPM-Mus está trabalhando para ampliar o seu acervo fonográfico, registrando em áudio parte do seu arquivo musical. Este acervo conta hoje com canções e dobrados militares e um repertório nacional e internacional que vai do clássico ao jazz, passando pela MPB, dentre outros gêneros. Nos últimos anos, a CIPM-Mus fez registros também gravando em DVD seus concertos e apresentações mais importantes.



LP's



POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - BANDA DE MÚSICOS

Lançado em comemoração ao 183º Aniversário de Criação da PMERJ, sob a regência do Maj PM Mus Waldir dos Santos Vieira e Coordenação do Cel PM Jorge de Almeida.

Repertório:

- | | |
|-------------------------------|----------------------------------|
| 1. Canção do Policial Militar | 5. Dobrado CMT Narciso |
| 2. Canção da PMDF | 6. Dobrado Quatro Dias de Viagem |
| 3. Canção da PMRJ | 7. Dobrado Batista de Melo |
| 4. Canção da ESFO | 8. Dobrado 220 |

CD's



BANDA SINFÔNICA DA POLÍCIA MILITAR - VOL. 1

O primeiro trabalho lançado pela Banda Sinfônica em CD foi para celebrar o 188º Aniversário de Criação da PMERJ, com o título de *Banda Sinfônica da Polícia Militar - Vol. 1*.

Repertório:

- | | |
|--|---|
| 1. Marcha da 1ª Suíte para Banda | 8. Brazilian Festival |
| 2. Maestro Sebastião Santos - Dobrado Sinfônico | 9. Quem Sabe |
| 3. Copacabana | 10. O Trenzinho do Caipira - Tocatta das 'Bachianas Brasileiras nº 2' |
| 4. Moment for Morricone | 11. Sinatra in Concert |
| 5. Sabre Dence do Ballet 'Gayne' | 12. Pennsylvania 6-5000 |
| 6. Ária 'A Rainha da Noite' da Ópera 'A Flauta Mágica' | 13. Canção do Policial Militar do Estado do Rio de Janeiro |
| 7. Reminiscência | |

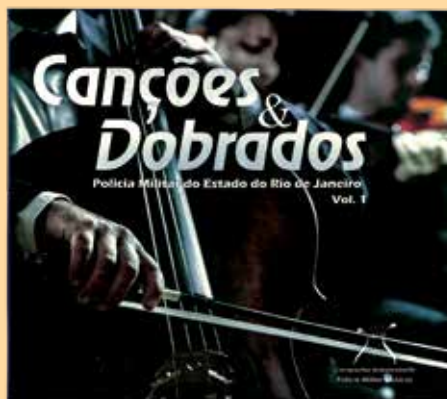


BANDA SINFÔNICA DA POLÍCIA MILITAR - VOL. 2

Com o sucesso do CD *Banda Sinfônica da Polícia Militar - Vol. 1*, a Companhia Independente de Polícia Militar - Músicos (CIPM-Mus) lançou o Vol. 2, com músicas nacionais e internacionais.

Repertório:

- | | |
|---------------------|--------------------------------------|
| 1. Star Wars Saga | 8. Gonna Fly Now |
| 2. O Vão do Besouro | 9. How Could An Angel Break My Heart |
| 3. Guilherme Tell | 10. Ana Luiza |
| 4. Maria | 11. American Patrol |
| 5. Forrest Gump | 12. Infinito Amor |
| 6. All I ask of You | 13. Aquarela do Brasil |
| 7. Lua Branca | |



CANÇÕES & DOBRADOS - VOL. 1

Canções & Dobrados foi gravado pela Banda Sinfônica da PMERJ, tendo como vocais Ten PM Mus Sena, Sub Ten PM Mus Alexandre Costa, Sgt PM Mus Manassés. Esse trabalho é uma realização da CComSoc e CIPM-Mus, sob a coordenação do Cap PM Mus Ronaldo Almeida da Silva, com projeto gráfico de Paulo Roberto Rodrigues, gravado no GLP Estúdio – Polorio de Cine, Vídeo e Comunicação. A produção contou com a atuação profissional do Sgt PM Mus Manassés, Sub Ten PM Mus Orlando, Sgt PM Mus Renato Esteves na digitalização, preparação de repertório e revisão), SubTen PM Mus Fábio, Sgt PM Mus Manassés na pesquisa de repertório e Sub Ten PM Mus Alexandre Costa como técnico de gravação, mixagem e masterização.

Todo material deste CD, tanto de áudio como partituras pode ser encontrado no site: www.policiamilitar.rj.gov.br/cipmmus.

Repertório:

- | | |
|--|---|
| 1. Canção da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro (Treme Terra) | 7. Canção do Policial Militar do Distrito Federal |
| 2. Canção do 9º BPM | 8. Canção da ESFO |
| 3. Canção do BPCHOQ | 9. Canção do 3º BPM |
| 4. Canção do CFAP | 10. Canção do BOPE |
| 5. Canção do CMM | 11. Canção do Veterano |
| 6. Canção do Comandante Geral da PMERJ | 12. Canção do Policial Militar |

DVD's



CONCERTO SINFÔNICO DO BICENTENÁRIO

Apresentação da Banda Sinfônica da PMERJ gravada ao vivo no Teatro Vivo Rio no ano de 2009, no evento comemorativo aos 200 anos da Corporação. Conta com a participação especial do Coral Missionário da Igreja Assembléia de Deus em Madureira e dos jovens da Escola de Música da Rocinha.

Repertório:

- | | |
|---------------------------------|--------------------------------|
| 1. Band Overture | 8. Call of the Champions |
| 2. Solfegietto | 9. Primavera |
| 3. The Flight of the Bumble-bee | 10. Rock Overture |
| 4. O Príncipe do Egito | 11. Novo tempo |
| 5. Tiradentes | 12. Superstation |
| 6. I'll Be There | 13. Aleluia |
| 7. May Way | 14. Canção do Policial Militar |



CONCERTO SINFÔNICO NO THEATRO MUNICIPAL - 201 ANOS

Gravação ao vivo, em 19 de julho de 2010, da apresentação da Banda Sinfônica da PMERJ no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, em comemoração aos 201 anos da Corporação. Conta com a participação especial do Coral Agellus Choir e do Grupo Hermom.

Repertório:

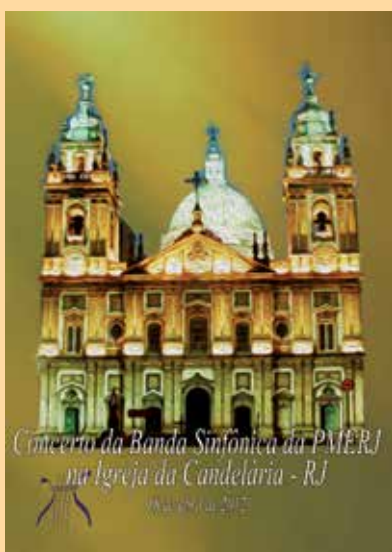
- | | |
|---|-------------------------|
| 1. The Rock | 7. El Camino Real |
| 2. Tuba Concerto - I Movimento | 8. Prince of Thieves |
| 3. Orchestral Suite Nº BWV 1067 Minueto e Badinerie | 9. Tico-tico no Fubá |
| 4. Sonho Impossível | 10. Adágio em Sol Menor |
| 5. What a Wonderful World | 11. Storm |
| 6. Tom Carioca | 12. Holy! Holy! Holy! |
| | 13. Within Attraction |



PETRÓPOLIS JAZZ E BLUES FESTIVAL

A Companhia Independente de Polícia Militar – Músicos (CIPM-Mus) realizou um importante trabalho musical, com a **Big Band 190**, gravando ao vivo, em 16 de outubro de 2011, no Palácio de Cristal, em Petrópolis (RJ). Foram tocadas as seguintes músicas:

- | | |
|----------------------------|--------------------|
| 1. Count Bubba | 6. My Little World |
| 2. John Brown's Other Body | 7. Melancia |
| 3. Swingando o dobrado | 8. Superstation |
| 4. Retalhos | 9. Invithing |
| 5. He's Everything to Me | 10. In the Mood |



CONCERTO DA BANDA SINFÔNICA DA PMERJ NA IGREJA DA CANDELÁRIA - RJ

Gravação da apresentação da Banda, em 18 de abril de 2012, na Igreja da Candelária, no Centro do Rio de Janeiro.

Repertório:

- | | |
|-------------------------|----------------------------|
| 1. Canção do Veterano | 6. É Preciso Saber Viver |
| 2. Liberty Fanfarre | 7. Nessun Dorma (Turandot) |
| 3. To Fly Without Wings | 8. Viva a Música |
| 4. West Side Story | 9. Nessun Dorma (bis) |
| 5. Harmony March | |



BANDA SINFÔNICA DA PMERJ - CONCERTO EM COMEMORAÇÃO AOS 203 ANOS DA POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Gravação ao vivo, em 8 de maio de 2012, da apresentação da Banda Sinfônica da PMERJ no Teatro João Caetano, no Rio de Janeiro, em comemoração aos 203 anos da Polícia Militar. Com a participação especial do Coral Agellus Choir, das crianças do Projeto Tocando com a PM, de André Figueiredo e Noeli Mello.

Repertório:

- | | |
|------------------------------------|--------------------------------|
| 1. Liberty Fanfarre | 7. Melancia |
| 2. Eu Só Quero um Xodó | 8. Rhapsody in Blue |
| 3. Citius, Altius, Fortius | 9. Sangrando |
| 4. Ivan | 10. My Way |
| 5. Caruso | 11. You Are God Alone |
| 6. Tema de Amor de Cinema Paradiso | 12. Canção do Policial Militar |



BANDA SINFÔNICA DA PMERJ NA ESCOLA DE MÚSICA DA UFRJ

Gravação, em 28 de julho de 2012, da apresentação da Banda durante o Painel Funarte de Bandas de Música, realizado na Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Com a participação especial de Eduardo Monteiro.

Repertório:

- | | |
|--|------------------|
| 1. Citius, Altius, Fortius | 5. San Pelayo |
| 2. Pavilhão Nacional | 6. Tom Carioca |
| 3. Fantasia Brasileira Nº 1 | 7. Frevo Rasgado |
| 4. Concertino Armorial para Flauta e Banda | |



I FESTIVAL INTERNACIONAL DE TROMBONE DA UNIRIO

A CIPM-Mus participou, em 13 de setembro de 2012, no Salão Leopoldo Miguez, na Escola de Música da UFRJ, Rio de Janeiro, do Concerto de Encerramento do I Festival Internacional de Trombone da UNIRIO, sob a regência do maestro e Cap PM Mus Ronaldo Almeida da Silva. O concerto contou com a participação especial de Don Lucas, Heinz Schwebel, João Luiz Areias, Marcelo de Jesus e Lélío Alves.

Foram realizadas as seguintes apresentações e lançadas em DVD:

- | | |
|---|--|
| 1. Canção do Veterano | 4. Ivan Lins |
| 2. Oração Fúnebre, Sintonia Fúnebre e Funeral | 5. Frevata para Quarteto de Trombone e Banda |
| 3. Fandango para Trompete, Trombone e Banda | 6. Frevo Rasgado |



CONCERTO DA BANDA SINFÔNICA MILITAR

Gravação, em novembro de 2012, da apresentação da Banda Sinfônica Militar, formada por integrantes da Marinha do Brasil, do Exército Brasileiro, da Força Aérea Brasileira, da Polícia Militar-RJ e do Corpo de Bombeiros Militar-RJ, no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, durante o 1º Simpósio para Regentes e Mestres de Bandas Militares.

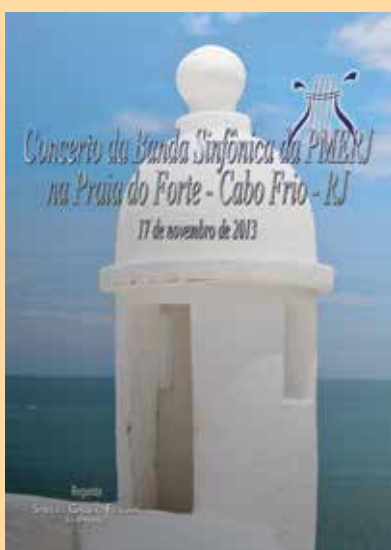
Repertório:

- | | |
|--------------------------------|--|
| 1. Medley de Canções Militares | 6. Melancia |
| 2. Songs of Sailor and Sea | 7. Gaivota |
| 3. Harlequim Euphonio e Banda | 8. Danzas del Ballet "Estancias" / Danza Final (Malambo) |
| 4. Suíte para Banda Sinfônica | |
| 5. Spain | |



BANDA SINFÔNICA 2013 - PMERJ 204 ANOS

Gravação, em 27 de maio de 2013, da apresentação da Banda Sinfônica da PMERJ no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, em comemoração aos 204 anos da Corporação.



CONCERTO DA BANDA SINFÔNICA DA PMERJ NA PRAIA DO FORTE - CABO FRIO - RJ

Gravação, em 17 novembro de 2013, da apresentação da Banda Sinfônica da PMERJ na Praia do Forte, em Cabo Frio, no estado do Rio de Janeiro.

Repertório:

- | | |
|--------------------------|--------------------------------|
| 1. Maria Maria | 6. Rockeando Pout-Porry |
| 2. Que Nem Maré | 7. Assim Caminha a Humanidade |
| 3. Caça e Caçador | 8. Against All Odds |
| 4. Na Baixa do Sapateiro | 9. É Preciso Saber Viver |
| 5. Lanterna dos Afogados | 10. Canção do Policial Militar |



PREMIAÇÕES E HOMENAGENS DA CIPM-MUS



ASSOCIAÇÃO DA COMUNIDADE DAS ADJACÊNCIAS DA PRAÇA DA MEDALHA MILAGROSA

MENÇÃO HONROSA

Confere à **BANDA DA POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**, digna representante desta centenária corporação, a **MENÇÃO HONROSA**, por brindar, com os acordes magníficos de sua música, nossa comunidade.

ACAPRAMM – 3º ANIVERSÁRIO

Em 26 de fevereiro de 2000.

FIRJAN - CIRJ - SESI – SENAI - IEL

Homenagem e agradecimento do Núcleo de Responsabilidade Social da FIRJAN na Região Serrana a

BANDA SINFÔNICA DA POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO,

Por sua participação no **CONCERTO NA CATEDRAL**.

Petrópolis, 20 de julho de 2002.

DO OLARIA ATLÉTICO CLUBE

1915 A 2005 – 90 ANOS DE GLÓRIAS

AGRADECIMENTO

O Olaria Atlético Clube agradece à Banda de Música “C” da Polícia Militar por ter abrilhantado as festividades alusivas ao nosso nonagésimo aniversário de fundação.

Rio de Janeiro, 1 de julho de 2005.

Augusto Pinto Monteiro
Presidente do OAC

ORDEM DO MÉRITO CONTÁBIL - UNIÃO DOS CONTABILISTAS CATÓLICOS - UCC

TÍTULO HONORÍFICO BENEMÉRITO

1º Provedor da Fazenda Real D. Antônio de Martins

O Egrégio Superior Conselho, atendo às exigências estatutárias e, tendo em vista as qualidades morais, intelectuais e relevantes serviços prestados ao País, confere na conformidade dos seus estatutos à **Companhia Independente de Música da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro**, para a qual passa, como dignitário, a usufruir de todos os privilégios e vantagens decorrentes desta alta investidura que lhe é deferida.

Que no presente e no futuro seus descendentes e amigos saibam que este Diploma foi-lhe conferido pelo muito que merece no conceito público e na gratidão de todos os brasileiros.

Mosteiro de São Bento, Rio de Janeiro, 20 de outubro de 2007.

Comendador Grã-Cruz Dr. Julio Lopes Queiroz Filho

Chanceler

Comendador Fabiano Marins Coutinho da Hora

Grão-Mestre

MUSEU MILITAR CONDE DE LINHARES - EXÉRCITO BRASILEIRO

DIPLOMA

À *Banda Sinfônica da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro* o reconhecimento e agradecimento deste Museu por sua participação no Projeto “Banda no Coreto”, realizado nesta Casa de Cultura.

Rio de Janeiro, 27 de setembro de 2007.

Leonardo de Andrade – Coronel

Diretor do Museu Militar Conde de Linhares



ALERJ

MEDALHA TIRADENTES

Art. 1º Ficam concedidos a Medalha Tiradentes e respectivo Diploma à Companhia Independente de Polícia Militar - Músicos, da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro.

Art. 2º Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação.

Rio de Janeiro, em 25 de novembro de 2009.

Deputado Jorge Picciani

Presidente

COMANDO DE POLÍCIA PACIFICADORA UPP - SANTA MARTA

“Os oficiais e praças, em reconhecimento à confiança e colaboração dispensadas a esta Unidade de Polícia Pacificadora, prestam esta justa homenagem à excepcional BANDA DE MÚSICA DA POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO por completar, nesta data, um ano de implantação do Policiamento Comunitário na Comunidade do Morro Santa Marta, rogando a Deus que lhe conceda saúde, paz, prosperidade, sucesso profissional e harmonia familiar.

Rio de Janeiro, em 19 de dezembro de 2009.

Priscilla de Oliveira Azevedo - Cap PM

Comandante

CRUZ VERMELHA - RIO DE JANEIRO

CERTIFICADO

MAIS 150 ANOS DE AÇÃO COMUNITÁRIA NO MUNDO

Conferimos o título de AMIGO DA CRUZ VERMELHA – RJ à *Banda de Música do Batalhão de Choque da Polícia Militar do Rio de Janeiro* em agradecimento pela prestimosa colaboração no desenvolvimento das ações humanitárias no Estado do Rio de Janeiro.

Rio de Janeiro, 8 de maio de 2013.

Luiz Alberto Lemos Sampaio

Presidente



A GUARDA FÚNEBRE DA PMERJ

A cerimônia fúnebre tem sido um ato presente no dia a dia de qualquer corporação militar. Ela é uma “espécie de honra constituída por uma tropa armada, especialmente postada para render honras aos despojos mortais de policiais militares da ativa e de altas autoridades civis”.¹ Visa, portanto, homenagear os restos mortais daqueles militares ou civis que perderam suas vidas no cumprimento do dever.

A guarda fúnebre é feita ao final da cerimônia fúnebre, durante o deslocamento do cortejo, entre a capela mortuária e a sepultura, quando um grupo de policiais, armados com fuzis, tendo a sua direita voltada para o lado de onde se está deslocando o féretro, de modo que não interrompa o deslocamento do mesmo, e possa saudá-lo com salva de tiros.

COMPOSIÇÃO DA GUARDA FÚNEBRE

Para **Oficiais Superiores**, a guarda fúnebre terá o efetivo de dois pelotões (60 policiais militares), cada um comandado por um oficial subalterno e um oficial intermediário para comandar a guarda fúnebre.

Para **Oficiais Intermediários**, a guarda fúnebre terá o efetivo de um pelotão (30 policiais militares), comandado por um oficial subalterno.

Para **Oficiais Subalternos**, a guarda fúnebre terá o efetivo de um pelotão (30 militares), comandado por um oficial subalterno.

Para **Aspirantes-a-Oficial, Cadetes e alunos do Curso de Habilitação**



Momento da salva de tiros



de **Oficiais**, a guarda fúnebre terá um efetivo de dois grupos (20 policiais militares), comandado por um oficial subalterno.

Para **Subtenentes, Sargentos, Cabos e Soldados**, a guarda fúnebre terá o efetivo de um grupo (10 policiais militares), comandado por um sargento.

O TOQUE DE SILÊNCIO NA GUARDA FÚNEBRE

De modo geral, o “toque de silêncio”, tocado por um corneteiro, contribui para aflorar uma forte emoção, transbordando em choro ou olhares úmidos dos presentes, em especial dos familiares e amigos do ente querido. É um momento de despedida e dor, mas que a instituição, por meio da guarda e do “toque de silêncio”, rende a sua homenagem ao falecido e aos seus familiares.

O PRIMEIRO TOQUE DE SILÊNCIO DA HISTÓRIA

O primeiro “toque de silêncio” aconteceu em 1862, durante a Guerra Civil dos Estados Unidos, quando o Capitão do **Exército da União**, Robert Elly, se encontrava com os seus homens na localidade de Harrison’s Landing, Virginia. Próximo dali, do outro lado, encontrava-se também o **Exército dos Confederados**.

Durante a noite, o Capitão Elly ouviu os gemidos de um ferido no campo, não sabendo distinguir se era um soldado da União ou dos Confederados. Mas decidiu arriscar sua vida e trazer o rapaz ferido para cuidados médicos. Seguindo o rumo dos disparos, ele chegou ao ferido e o arrastou até o seu acampamento. O capitão descobriu, então, que era um soldado

↓ Banda de Músicos da CIPM-Mus rendendo homenagem durante o sepultamento



confederado, mas que já estava morto. Quando ligou a sua lanterna para reconhecimento do corpo, viu que se tratava do próprio filho. O jovem estudava música no Sul, quando foi para a guerra. Sem dizer nada ao seu pai, ele havia-se alistado no Exército dos Confederados.

Com o coração ferido, o pai pediu permissão, na manhã seguinte, aos seus superiores para dar ao seu filho um enterro com honras militares, mesmo sendo do exército inimigo. Dessa forma, o capitão apelou para os membros da banda de música que tocassem no funeral de seu filho, o que foi prontamente atendido. Entretanto, foi lhe dito que, em respeito ao pai, um músico apenas lhe seria dado. Assim, o capitão do Exército da União Robert Elly escolheu um corneteiro para que ele tocasse uma série de notas musicais que encontrou no bolso do uniforme do jovem soldado, seu filho, que foi o primeiro “toque de silêncio”, conhecido como **Taps**, conforme a letra a seguir:



Corneteiro realizando o toque de silêncio

**Day is done, gone the Sun.
From the lakes, from the hills,
from the sky.
All is well, safely rest,
God is nigh.
Fading light dims the sight
And a star gems the sky,
gleaming bright
From afar, drawing near
Falls the night.
Thanks and praise
for our days
Neath the sun, neath the stars,
neath the sky
As we go, this we know,
God is nigh.**

*O dia terminou, o sol se foi
Dos lagos, das colinas
e do céu.
Tudo está bem, descansa protegido,
Deus está próximo.
A luz tênue obscurece a visão
E uma estrela embeleza o céu,
brilhando luminosa.
De longe, se aproximando,
cai a noite.
Graças e louvores
para os nossos dias
Debaixo do sol, debaixo das estrelas,
debaixo do céu,
enquanto caminhamos, isso nós sabemos,
Deus está próximo.²*

NOTAS

1. *Manual de ordem unida da PMMG*. 1. ed. Belo Horizonte: [s.n.], 2013. p. 305. Minuta.

2. O que significa “TAPS” em um funeral militar? Legião da Infantaria, Brasília. Disponível em: <<http://www.legiaodainfantaria.eb.mil.br/htm/funeral%20militar-taps.pps>>.

Pode ser ouvido em: <https://www.youtube.com/watch?feature=player_detailpage&v=4WRoWPhLU2Q> ou <https://www.youtube.com/watch?feature=player_detailpage&v=Wn_iz8z2AGw>.

OS VÍDEOS

DA BANDA DA PMERJ MAIS VISITADOS NA WEB



CZARDAS - TUBA SOLO

(Mais de 57.000 visualizações*)

Descrição:

Concerto realizado na Sala Cecília Meireles, com o solo de Tuba do Sgt PM Mus Seabra.

Link para assistir:

youtu.be/Tf2Lymukv-o



MARCHA MILITAR COMANDANTE CAVEIRA 37

(Mais de 48.000 visualizações*)

Descrição:

Homenagem ao Cmt Geral da PMERJ, Cel PM Mário Sérgio de B. Duarte, em Concerto no Theatro Municipal

Link para assistir:

youtu.be/8ZueYMWAbtE



TOM CARIOCA

(Mais de 23.000 visualizações*)

Descrição:

Concerto realizado no Theatro Municipal, com a participação do Coral Aggelus Choir e Grupo Hermon, em homenagem à Família Policial Militar.

Link para assistir:

youtu.be/OCOICGheg1g



SOLFEGGIETTO

(Mais de 19.000 visualizações*)

Descrição:

Concerto realizado no Teatro Vivo Rio em comemoração ao bicentenário da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro e da sua banda de música.

Link para assistir:

youtu.be/VXq19F6_-8A



THE ROCK (THEME)

(Mais de 14.000 visualizações*)

Descrição:

Concerto realizado no Theatro Municipal.

Link para assistir:

http://youtu.be/jek8_srgIMY

MAIS VÍDEOS DA BANDA PODEM SER VISTOS EM: goo.gl/NpmI06

* Em Setembro de 2014

TERMOS E EXPRESSÕES MUSICAIS¹



A

A battuta: “Com o compasso”, é uma indicação que aparece após uma passagem (cadência, por exemplo) tocada livremente, “ad libitum”.

A capella: Locução que designava inicialmente composições polifônicas como “na capella”, em ritmo binário “alla breve”. A partir do século XIX, passou a designar a música vocal sem acompanhamento instrumental.

Abertura: Peça instrumental que pode ou não introduzir uma obra de grande desenvolvimento, como uma ópera, cantata ou oratório.

Acompanhamento: Conjunto de elementos vocais e instrumentais que estão subordinados à parte principal e a realçam, pelo seu poder expressivo, caráter rítmico e riqueza harmônica.

Acorde: Grupo de três ou mais sons simultâneos identificáveis como um conjunto (dó mi sol, por exemplo, com duas terceiras sobrepostas).

Acústica: Capítulo da Física e da Música que estuda os fenômenos sonoros, a sua natureza, produção e propagação.

Aerofone: Tipo de instrumento, como a flauta, o acordeão ou a trompete, cujo som é produzido pela vibração de uma coluna de ar dentro de um tubo. A classificação dos instrumentos feita por Hornbostel e C. Sachs distingue, além dos aerofones, os membranofones, cordofones e idiofones.

Agnus Dei: (*lat.*) “Cordeiro de Deus”, designa a tripla invocação feita na missa, com base na metáfora usada por João

Baptista, no Evangelho segundo São João, e Apocalipse, para designar Jesus.

Agudo: Som de altura elevada, som “fininho”, com elevado número de vibrações por segundo.

Aleluia: (*hebr.*) Literalmente a palavra significa “louvai a Deus”. É uma expressão e canto de louvor que aparece em alguns salmos e é utilizada nas celebrações eucarísticas ao longo do ano litúrgico, exceto na Quaresma (em que a aclamação ao Evangelho tem outra expressão menos festiva, como “Louvor a Vós, Rei da Eterna Glória”).

Alteração: Modificação da altura de uma nota em relação ao seu estado natural, através de bemol, duplo bemol, sustenido, duplo sustenido, ou bequadro.

Alternância: Execução da música repartida por solista e grupo, ou dois grupos, ou dois solistas, presente tanto na música tradicional como na música erudita, sacra ou profana.

Alto: O mais grave das vozes femininas. As solistas aparecem mais frequentemente designadas por contralto.

Altura: Qualidade dos sons que os torna mais graves ou mais agudos e que tem a ver com a frequência mais ou menos elevada, com o número maior ou menor de vibrações por segundo.

Ambrosiano: Canto eclesiástico atribuído a Santo Ambrósio, bispo de Milão (340-397).

Amém: (*hebr.*) Usada muitas vezes por Jesus, a palavra significa “em verdade”, ou “assim seja”. Na liturgia, dita ou cantada, a palavra significa adesão ao que foi dito antes.

Análise: Estudo da forma, estrutura,

tonalidade, ritmo, harmonia, melodia, orquestração, temática, intensidade, dinâmica e outros parâmetros de uma obra musical.

Andamento: Grau de velocidade ou movimento, mais lento ou mais rápido, de uma música.

Antífona: (*gr.*) Elemento muito antigo da liturgia católica que se canta normalmente no princípio e no fim de um salmo ou cântico bíblico.

Antifonário: Em sentido estrito, o livro que continha as antífonas para a Missa e o Ofício Divino, na liturgia católica.

Armação da clave: Número de sustenidos ou bemóis que, colocados no princípio da pauta, imediatamente a seguir à clave, afetam todas as notas respectivas. A ordem dos sustenidos é “fá dó sol ré lá mi si” e a dos bemóis é “si mi lá ré sol dó fá”. Se existe apenas um sustenido, na linha do Fá, por exemplo, todas as notas Fá são Fá #, a não ser que, entretanto, apareça indicação contrária (bequadro). No fundo, as alterações constitutivas fazem com que se mantenha a sequência de tons e meios tons que existe na escala de Dó maior, qualquer que seja a nota em que se comece.

Arranjo: Transcrição de uma peça para um instrumento ou instrumentos diferentes daqueles para que foi composta, ou redução de uma obra orquestral para um instrumento.

Ataque: Fase inicial da produção de um som por um instrumento. Pode também significar o início, a primeira ou as primeiras notas de uma peça musical.

Articulação: Execução clara do fraseado, interpretação desligada das notas de uma peça instrumental.

Atonal: Música sem um centro tonal

ou nota que atraia as outras ou tenha preponderância sobre elas.

Atonalidade: Característica da música em que não são aplicadas as funções e leis tonais em que repousa a música ocidental desde o Barroco.

Audição: Conjunto de processos que vão desde a percepção pelo ouvido humano ao reconhecimento dos sons pela consciência.

Aumentação: Prolongação da duração de uma nota, através de um ponto, por exemplo. Processo da composição que consiste em acrescentar proporcionalmente valor às notas.

B

Bagatela: (*ital. bagatella*) Palavra que designa uma peça musical viva, ligeira e breve. A mais conhecida é provavelmente a “Bagatela em lá menor ‘Para Elisa’”, de L. v. Beethoven.

Baixo cifrado: Escrita musical abreviada dos acordes por meio de cifras, a partir do baixo. Faz parte do ensino acadêmico da Harmonia e esteve particularmente em voga durante o século XVII e XVIII.

Balada: Uma das formas da poesia lírica medieval, em forma estrófica, inicialmente monódica e depois polifônica; canção sentimental em andamento lento, na Pop, Rock, Jazz.

Banda de música: Conjunto instrumental constituído basicamente por sopros (metais e madeiras) e percussão.

Barroco: Estilo muito ornamentado nascido em Itália com a monodia acompanhada e a invenção do baixo contínuo. Neste período de um século e meio (1600-1750, sensivelmente), entre a Renascença e o Classicismo, surgem à ópera, à cantata, o oratório e desenvolvem-se a sonata, o concerto e a música para teclado, especialmente para órgão. A utilização do baixo contínuo e a teoria dos afetos caracterizam este período da História da Música. Entre os grandes compositores deste período contam-se Giovanni Gabrieli, Claudio Monteverdi, Antonio Vivaldi,

Domenico Scarlatti, Johann Sebastian Bach, George Frederick Hendel.

Batalha: Composição vocal ou organística de caráter bastante descritivo muito em voga no século XVI. Ficou célebre a “Batalha de Marignan”, de Jannequin).

Battuta: Com o compasso, é uma indicação que aparece após uma passagem (cadência, por exemplo) tocada livremente, “ad libitum”.

Bemol: Sinal usado na notação musical para baixar meio tom, sem que ela mude de nome. O duplo bemol baixa dois meios tons.

Benedictus: (*lat.*) Segunda parte do “Sanctus”, na Missa. Na Liturgia, quando se fala hoje em “Benedictus” refere-se o canto bíblico retirado do Evangelho de São Lucas 1. 68, que começa com as palavras “Benedictus Dominus Israel” (“Bendito o Senhor, Deus de Israel”) e é cantado na Liturgia das Horas, na oração matinal de Laudes. Este é, com o “Magnificat” (cantado ou rezado à tarde, na oração de Vésperas) e o “Nunc dimittis” (na oração de completas, antes de deitar), um dos cânticos maiores da Igreja Católica Romana.

Binário: Compasso ou ritmo de dois tempos, sendo forte o primeiro tempo e fraco o segundo. Os compassos simples são constituídos por tempos divisíveis por dois (divisão binária).

Bitonalidade: Base de composição de uma peça musical em que estão presentes duas tonalidades em simultâneo.

Blues: (*ingl.*) Música lenta e triste dos negros americanos, sobre poesia popular, que fundiu as influências das músicas europeias e africanas.

Breve: Unidade fundamental de duração na métrica antiga, valendo duas semibreves, que se manteve nos solfejos até meados do século XX.

C

Cadência: Fórmula da harmonia tradicional que conclui uma frase ou uma obra.

Caixa de ressonância: Corpo de um instrumento cuja cavidade amplifica a vibração das cordas.

Calando: (*ital.*) Diminuição da intensidade retardando o andamento.

Cânone: Forma musical baseada na imitação – uma melodia é executada em duas ou mais partes diferentes, repetindo-se indefinidamente.

Cantata: Obra para coro e/ou vozes solistas, com acompanhamento instrumental.

Cifra: Símbolo usado na música para designar um acorde e a sua composição.

Clave: Símbolo colocado logo no princípio da pauta ou pentagrama para indicar o nome das notas musicais. Há três claves: Sol, Fá e Dó, em diferentes linhas da pauta.

Cláusula: Cadência na música medieval.

Compasso: Divisão métrica de um texto musical, em que há uma regularidade de tempos fortes e fracos.

Concerto: Obra para um ou mais instrumentos e orquestra.

Consonância: Combinação de sons simultâneos que produzem uma sensação de equilíbrio ou repouso.

Contralto: A voz feminina mais grave.

Coro: Grupo de cantores que executam em conjunto obras de música profana ou sacra, a uma ou várias vozes diferentes, masculinas, femininas ou mistas, juvenis ou adultas.

D

Diapasão: Embora haja o diapasão de sopro (que dá as doze notas da escala cromática e se chama, por isso, diapasão cromático) o diapasão de percussão é um objeto de metal em forma de garfo, sensivelmente, que dá apenas a nota Lá. Batendo-se contra uma superfície dura, dá as 440 vibrações por segundo.

Diatônico: Que procede por intervalos de tom e meio tom.

E

Escala: Série de sons que serve de base a uma composição musical e que dá a uma peça o seu estilo de música ligeira, cigana, chinesa ou jazz, por exemplo.

Exposição: Primeira parte de uma peça em forma de sonata, em que os temas principais são apresentados.

F

Fandango: Dança popular espanhola, andaluza, especialmente, em compasso ternário 3/4 ou 3/8, acompanhada por guitarra e castanholas. Importada, provavelmente, da América Latina, era muito divulgada já no século XVII. Embora lhe esteja subjacente a temática amorosa, nesta dança homem e mulher não se tocam. Em Portugal, o fandango enraizou-se especialmente no Ribatejo, onde é executada por dois homens e acompanhada de concertina, harmônica e outros instrumentos nos ranchos folclóricos. Nicolai Rimsky-Korsakov introduziu esta dança no seu “Capricho Espanhol”, o que aconteceu também com obras orquestrais de outros compositores (Albeniz, Falla, Granados, Soler, Bocherini).

Falsa relação: Designa, na harmonia, o fazer-se ouvir, simultânea ou consecutivamente, dois sons considerados incompatíveis, especialmente o trítone (intervalo de 3 tons, entre Fá e Si natural).

Figuras: Símbolos que indicam a duração dos sons (semibreve, mínima, semínima, colcheia, semicolcheia, fusa e semífusa, que vão desde os 4 tempos até 1/16 tempo).

Forte: Qualidade dos sons executados com intensidade elevada, isto é, dos sons que têm grande amplitude de onda sonora.

Forte-piano: (*ital.*) Expressão que aparece abreviada na partitura (fp) e significa

ataque forte de uma nota, seguido de uma execução em piano.

Fox-trot: (*ingl.*) Dança norte-americana que surgiu por volta de 1910; música sincopada, em andamento moderado, em compasso 4/4, e marcha moderada.

Frase: Pequena secção coerente de uma música, comparável a uma oração na linguagem falada.

Fuga: Obra contrapontística em três ou mais partes com a mesma importância, que entram sucessivamente, imitando a outra.

G

Glória: (*lat.*) Primeiro nome de várias peças latinas (Glória ao Pai, Glória a Deus nas alturas...)

Grave: 1. Som de altura reduzida, de baixa frequência que, por analogia, popularmente se diz “grosso” (que alguém tem uma “voz grossa”). 2. Sêrio, solene. É utilizado para denominar um andamento muito lento, de cerca de 40 batidas por minuto.

Gregoriano: Canto coral monofônico sacro, “a capella”, que a tradição da Igreja Católica associou ao Papa Gregório I.

H

Harmonia: Ciência dos acordes com a sua sonoridade global e encadeamentos.

Hebraica (música): Conjunto de práticas vocais e instrumentais dos antigos hebreus que assumiram grande importância no templo de Jerusalém, transmitidas oralmente e testemunhadas por muitos exemplos da Sagrada Escritura.

Hertz: Sinónimo de “ciclos por segundo”, é a unidade de medida da frequência dos sons. O nome homenageia o físico alemão Heinrich Hertz (1857-1894).

Hinário: Recolha de hinos e, por extensão, de cânticos cristãos. Com a

imprensa, os hinários deixaram de ser conjuntos isolados, estando hoje os hinos colocados nos ofícios próprios, juntamente com outros cânticos.

Hino: Poema estrófico a Deus, Cristo, aos santos, que termina muitos com uma doxologia à Santíssima Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo). A palavra pode designar também a música identificativa de uma congregação, associação, movimento religioso, região, país.

Homofonia: (*gr.*) Literalmente significa “vozes semelhantes”, designando música em uníssono (ao contrário de heterofonia), ou música em que as partes se movimentam juntas, nota contra nota (homorritmia).

Homorritmia: (*gr.*) Concordância de uma nota, em termos de ritmo, com as notas das outras partes, executadas em simultâneo. Enquanto a polirritmia, que surge com o motete, desenvolve o Contraponto, a homorritmia, que nasce do “conductus” do séc. XIII, está na base da Harmonia.

I

Infra-som: Vibração sonora inaudível, de frequência inferior a 15 ciclos por segundo.

Impressionismo: Tendência musical que surgiu em França, no início do Século XX. Paralelamente à pintura de Monet, Manet, Sisley (nos anos 1860/1870), é aplicada a certas obras de Debussy e Ravel.

Interlúdio: Intermezzo, pequena peça instrumental entre duas cenas ou atos de uma ópera, preenchendo o vazio gerado pelo fechar do pano. São célebres os interlúdios de “Pelléas et Melisande”, de Claude Debussy.

J

Jazz: (*ingl.*) Música afro-americana nascida no século XX em comunidades negras dos Estados Unidos da América, baseada na improvisação e num especial tratamento do ritmo (swing). O Jazz teve

desde o início a influência das culturas europeias e africanas.

Jota: Dança tradicional espanhola de origem aragonesa, em compasso ternário, que inspirou vários compositores (Granados, Albéniz, Falla, Glink, Lizst, Chabrier).

L

Largo: (*ital.*) Termo italiano que indica um andamento muito lento, o mais lento de todos, entre 40-69 batimentos por minuto.

Lauda: Termo que significa “canto de louvor”. Canção religiosa escrita em língua vernácula, teve um papel importante na Itália pré-renascentista, antecedendo, pelo seu caráter polifônico, a “frottola”.

Laudes: Oração matinal da “Liturgia das Horas” forma, com as orações de Vésperas e Completas, a parte mais importante do Ofício Divino. Antigamente, as laudes rezavam-se ou cantavam-se ao amanhecer, enquanto as matinas, “Ofício das trevas”, se cantavam ainda de noite.

Lição: Tradução inexacta de “lectio”, leitura de textos do Antigo Testamento, dos Padres da Igreja e de Santos, colocada nas horas canônicas. Em França, Lambert, Charpentier, F. Couperin, Delalande compuseram para as “Leituras de trevas”.

Linha suplementar: Linha que, em caso de necessidade, se acrescenta por cima (suplementar superior) ou por baixo da pauta (suplementar inferior), permitindo escrever notas num âmbito mais alargado.

Litania: (*grec.*) Oração dialogada, rezada ou cantada, constituída por uma série mais ou menos longa de invocações com respostas curtas.

Liturgia: (*grec.*) Conjunto de celebrações públicas da Igreja, que pode ter ou não canto e acompanhamento instrumental.

M

Maestro: (*ital.*) Diretor de um coro ou de

uma orquestra, que é também, por vezes, na música barroca, um dos instrumentistas.

Magnificat: (*lat.*) Primeira palavra (verbo na terceira pessoa do singular) do cântico evangélico atribuído por São Lucas a Maria: “Magnificat anima mea Dominum”. Estas palavras de louvor aparecem no contexto da Visita que Maria faz à sua prima Isabel após a Anunciação. É rezado ou cantado na oração litúrgica de Vésperas (ao fim da tarde). Johann Sebastian Bach e K. Penderecki, entre muitos outros, compuseram sobre o “Magnificat”.

Manual: Teclado de um órgão tocado com as mãos, ao contrário da pedaleira, que é um teclado adaptado e tocado com os pés.

Marcha: Peça musical com grande regularidade rítmica, em compasso binário. Originariamente servia para o acompanhamento de uma procissão ou exército. Há vários tipos de marcha: marcha turca, marcha fúnebre, marcha nupcial, encontrando-se exemplares em Haydn, Mozart, Beethoven, Schubert, Méhul.

Marcha: Harmônica: modulante ou não, consiste num encadeamento de acordes.

Meio soprano: Voz feminina intermédia.

Melodia: Sucessão mais ou menos cantável de notas de altura diferente.

Melódico (intervalo): Intervalo horizontal, isto é, em que uma nota é tocada ou cantada a seguir a uma outra, seja ela igual, mais aguda ou mais grave.

Modulação: Mudança de tonalidade.

Música de câmara: Música destinada a uma pequena sala de concertos, geralmente composta para um reduzido grupo de instrumentos ou vozes.

N

Neoclássico: Termo aplicado a alguns compositores do século XX que usaram formas e processos composicionais da música do Período Clássico.

Notação: Conjunto de sinais convencionais utilizados para representar graficamente a duração, altura, ritmo e outros aspectos de uma obra musical.

O

Oitava: Grau número 8 da escala; som resultante de multiplicar por dois a frequência de um som (oitava ascendente) ou de reduzi-la para metade (oitava descendente).

Ópera: Obra musical composta sobre um argumento, cantada com acompanhamento instrumental e encenada à semelhança do teatro.

Opus (lat.): (*lat.*) Termo latino que significa obra ou trabalho. A partir do século XVII, seguida de um número, serve para estabelecer a ordem de classificação das obras de um compositor.

Oratório: Obra musical religiosa ou profana, para coros e orquestra, por vezes com solistas, com proporções e estilo comparável à ópera. Nasceu em meados do século XVI na Congregação do Oratório de São Filipe de Neri, com caráter religioso, em vista da Reforma da Igreja Católica.

Ornamentação: Inserção de uma ou mais notas decorativas numa melodia principal.

Orquestra: Conjunto de instrumentos musicais agrupados em secções homogêneas, por famílias de instrumentos, com predominância das cordas.

P

Pantonalidade: Termo que designa uma organização harmônica e melódica que, não sendo propriamente atonal, evolui do sistema tonal e se alarga através da assunção de influências diversas.

Partitura: Representação gráfica do conjunto dos sons e silêncios de uma obra, partes instrumentais ou vocais de um trecho musical em que as diversas partes simultâneas aparecem sobrepostas.

Pausa: Silêncio que pode durar mais ou menos tempo e é representado por um símbolo numa partitura.

Pauta: Pentagrama, isto é, conjunto de cinco linhas paralelas e equidistantes com quatro espaços entre elas onde se escrevem os sinais musicais.

Pedilhação: Utilização dos pés na execução do órgão com pedaleira, ou a indicação numérica de como os pés devem evoluir na pedaleira.

Pentagrama: Sinônimo de pauta musical, conjunto de cinco linhas paralelas e equidistantes onde se escrevem as figuras musicais.

Percussão: Efeito de percutir; produção de sons e de música através de batimento ou entrechoque.

Perfil sonoro: Tempo de vida de um som, desde que é atacado até que se extingue (ataque, corpo, queda).

Piano: Antes de significar o conhecido instrumento musical de corda e tecla, já este termo italiano significava um som ou um conjunto de sons tocados com pouca de intensidade.

Poema Sinfônico: Obra orquestral sem forma concreta, de caráter programático e rapsódico.

Polifonia: Execução simultânea de várias notas e melodias.

Prelúdio: Introdução musical a uma ópera, ou pequena peça independente, sem forma pré-estabelecida, como os “Prelúdios e fugas” de J. S. Bach, ou os “Prelúdios” de Chopin.

Pulsção: Marcação regular de uma música ou canção que pode não se ouvir mas se sente por trás do ritmo.

Q

Quaternário: Compasso ou ritmo de quatro tempos.

Quinta: Grau número 5 de uma escala diatônica, ou o intervalo entre uma nota e outra nota cinco graus acima ou abaixo.

Quinteto: Composição para cinco partes, ou agrupamento de cinco músicos.

R

Ré: Segunda nota da escala diatônica de dó, designada por D nos países anglo-saxônicos.

Recital: Concerto dado por um só intérprete ou um grupo reduzido.

Recitativo: Parte de uma obra que valoriza especialmente o texto e que, nas óperas e oratórios, antecede uma ária; nome de um dos teclados do órgão.

Renascimento: Palavra que designa a época da História, das Artes e da Música, entre a Idade Média e antes do Barroco, sensivelmente entre 1430-1600. É um período em que se evolui dos modos eclesiásticos para o sistema tonal e a polifonia atinge um lugar destacado. Alguns dos instrumentos mais utilizados são o alaúde, a harpa, o virginal, o órgão (de tubos), a flauta doce, o oboé e o cromorne. Entre os compositores da Época devem referir-se Giovanni Pierluigi da Palestrina, Orlando di Lassus, William Byrd, Orlando Gibbons, Tomás Luis de Victoria.

Requiem: (*lat.*) Missa dos Defuntos. Palavra tirada do canto inicial: “Requiem aeternam dona eis, Domine”, que significa “Dá-lhes, Senhor, o eterno descanso”.

Ritmo: Componente fundamental da música, tem a ver com a organização dos sons e dos silêncios e respectiva duração.

Roda: Círculo que se forma para certas canções infantis, podendo também verificar-se em danças espanholas.

S

Salmo: Poema cantado retirado do “Livro dos Salmos”, do Antigo Testamento (parte da Bíblia anterior

a Cristo). Os salmos são utilizados na Liturgia Católica, tanto na Missa e nos sacramentos em geral, e foram musicados por numerosos compositores.

Samba: Dança de origem venezuelana em compasso 2/4 e ritmo sincopado, que se tornaria especialmente famosa no Brasil, associada ao Carnaval.

Segunda: Relação de um grau da escala com o grau anterior ou seguinte, podendo ser de um tom ou meio tom.

Serenata: Peça instrumental sem forma determinada. É célebre a “Pequena Serenata Noturna” de Mozart.

Sétima: Som que na escala diatônica ocupa o 7º grau ascendente. É sétima também o intervalo entre as duas notas.

Sexteto: Agrupamento de seis vozes ou instrumentos, ou obra escrita a seis partes.

Sinfonia: Obra orquestral de grandes dimensões, em vários andamentos, em geral.

Solo: Secção de um trecho musical executado por um só intérprete (solista).

Sonata: Obra instrumental em três ou quatro andamentos para um ou mais intérpretes.

Soprano: A mais aguda das vozes femininas.

Suite: Peça instrumental em vários andamentos.

Sustenido: Sinal da notação musical que modifica uma nota em meio tom ascendente. O duplo sustenido sobe dois meios tons.

T

Tarantela: Dança rápida em compasso 6/8 rápido e com mudanças entre tonalidade maior e menor.

Te Deum: (*lat.*) Hino católico latino de louvor a Deus, cantado especialmente em ocasiões solenes.

Tenor: A voz mais aguda das vozes masculinas.

Terceira: Intervalo entre uma nota (primeira) e a nota que se segue à nota seguinte, inferior ou superior.

Terminário: Compasso ou ritmo de três tempos.

Timbre: Cor ou característica do som que permite distinguir um instrumento ou uma voz, mesmo quando dão notas da mesma altura, deve-se à forma como o som é produzido.

Tocata: Composição instrumental livre, de caráter brilhante e vivo, normalmente para órgão ou cravo.

Tom: Intervalo de segunda maior. A palavra pode significar também tonalidade.

Trio: Composição escrita a três partes ou para três instrumentos. A mesma palavra pode designar a parte central do minueto, e um conjunto de três instrumentos.

Trítone: Intervalo de três tons, que

corresponde a uma quarta aumentada. Pela dificuldade de entoação, era chamado na Época Medieval “Diabolus in Musica”.

U

Uníssono: Posição de duas ou mais notas na mesma altura.

V

Variação: Forma musical em que um tema é transformado através de vários recursos próprios da composição. Até se tornar uma forma complexa, partiu de um princípio muito simples e comum, o de acrescentar a uma composição novos elementos musicais e ornamentos.

Versículo: Parte de um cântico litúrgico

entoadado por um solista, a que o coro ou a assembleia responde com um “responsório” ou aclamação.

Vocalismo: Execução vocal sem palavras, ou sobre uma sílaba. Exercício técnico em que um fragmento melódico é repetido em diferentes alturas para aquecimento das cordas vocais ou outros objetivos específicos.

Voz: Instrumento musical privilegiado e universal, pode executar música a solo ou em grupo, com acompanhamento de um instrumento ou de uma orquestra.

NOTAS

1. *Glossário de termos musicais*. Música Sacra e Adoração, São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://musicaeadoracao.com.br/25541/glossario-de-termos-musicais/>>.



REFERÊNCIAS

BIBLIOGRAFIA

ALEXANDRE, Valentim. *Os sentidos do império: questão nacional e questão colonial na crise do antigo regime Português*. Porto: Ed. Afrontamento, 1993.

ALMEIDA, Felipe Pessanha de. *Divisão Militar da Guarda Real da Polícia*. Mapa, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <<http://linux.an.gov.br/mapa/?p=2648>>.

ALMEIDA, Fortunato. *Organização político-administrativa portuguesa dos séculos XVII e XVIII*; In: HESPANHA, Antônio M. *Poder e instituições na Europa do antigo regime*. Lisboa: Gulberkian, 1984.

ALMEIDA, João Ferreira de. *Bíblia sagrada*. São Paulo: SBB, 1995.

_____. *Bíblia de estudo profética - Tim Lahaya*. São Paulo: Hagnos, 2006.

ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias*. Clássicos da Literatura. Rio de Janeiro: Correio Mercantil, [entre 1852 e 1853].

ANDRADE, Ayres de. *Francisco Manuel da Silva e seu tempo 1808-1865*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967. v. 2.

ANDRADE, Mário de. *Pequena história da música*. São Paulo: Livraria Martins, 1944.

ANRJ. *Ordens do dia da Guarda Real da Polícia da Corte*. Cód. 749, f. 02 e verso.

BARRETO FILHO, Mello; LIMA, Hermeto. *História da polícia do Rio de Janeiro: aspectos da cidade e da vida carioca, 1565-1831*. Rio de Janeiro: A Noite, 1939.

BENNET, Roy. *Uma breve história da música*. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

BINDER, Fernando Pereira. *Bandas militares: difusão e organização entre 1808-1889*. São Paulo: UNESP, 2006. v. 1.

_____. _____. São Paulo: UNESP, 2006. v. 3. Disponível em: <http://www.ia.unesp.br/Home/Pos-graduacao/Stricto-Musica/Binder_vol_3.pdf>.

BRASIL. *Coleção das leis do Brasil de 1809*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1891.

_____. *Coleção das leis do Brasil de 1811*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1890.

_____. *Coleção de leis do império do Brasil - 1809*. v. 1, p. 54. Publicação Original.

_____. *Coleção de leis do império do Brasil - 1810*. v. 1, p. 151. Publicação Original.

_____. *Coleção de leis do império do Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1810. v. 1, p. 88. Publicação Original.

_____. *Coletânea das leis do Brasil de 1808 a 1817*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, [entre 1890 e 1891].

_____. Decreto nº 3.273, de 16 de novembro de 1938. *Diário Oficial da União*, 13 dez. 1938. Seção 1, p. 25158.

_____. Decreto nº 5.073, de 11 de novembro de 1926. *Coleção de leis do Brasil*, Poder Legislativo, Brasília, DF, v. 1, p. 72, 31 dez. 1926.

_____. Decreto nº 14.447, de 17 de novembro de 1920. *Diário Oficial da União*, 21 nov. 1920. Seção 1, p. 19181.

_____. *Decreto de 20 de Setembro de 1810*. Câmara dos Deputados, Brasília, DF. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/sn/antioresa1824/decreto-39983-20-setembro-1810-571325-publicacaooriginal-94426-pe.html>>.

_____. *Estatuto da criança e do adolescente*. 7. ed. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 2010.

_____. Ministério da Guerra. Aviso nº 1.540, de 14 de dezembro de 1946. *Diário Oficial da União*, 23 dez. 1946. Seção 1, p. 16762-16764.

BRETAS, Marcos Luiz. *A polícia carioca no império*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 12, n. 22, p. 219-234, 1998. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/247.pdf>>.

CALMON, Pedro. *História do Brasil: século XIX*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1963. v. 4.

CAMARA, José Gomes. *Subsídios para a história do direito pátrio*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Brasileira, 1973.

CANÇADO, Zair. *A banda de música é a alma do povo*. A Nova Democracia, Rio de Janeiro, ano 1, n. 6, jan. 2003. Disponível em: <<http://www.anovademocracia.com.br/no-6/1251-a-banda-de-musica-e-a-alma-do-povo>>.

CARDOSO, André. *A capela real e imperial do Rio de Janeiro 1808-1889*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Música, 2005.

CARVALHO, Claudio Frederico de. *Guarda municipal instituição bicentenária mantendo a segurança pública no Brasil*. Artigonal, [S.l.], 2011. Disponível em: <<http://www.artigonal.com/legislacao-artigos/guarda-municipal-instituicao-bicentenaria-mantendo-a-seguranca-publica-no-brasil-4384886.html>>.

CARVALHO, Vinicius Mariano de. *História e tradição da música militar*. UFJF/Defesa, Juiz de Fora, 2006. Disponível em: <<http://www.ecsbdefesa.com.br/fts/MUSICAMILITAR.pdf>>.

CIPM-MUS. *Ano de 2013*. CIPM-Mus, Rio de Janeiro, 11 jan. 2013. Disponível em: <http://cipmmuspmerj.blogspot.com.br/2013_01_01_archive.html>.

CIPM-MUS. *Família azul comemora um ano*. CIPM-Mus, Rio de Janeiro, 14 fev. 2014. Disponível em: <<http://cipmmuspmerj.blogspot.com.br/2014/02/familia-azul-comemora-um-ano.html>>.

CIPM-MUS. *Histórico da Companhia Independente de Polícia Militar - músicos*. CIPM-Mus, Rio de Janeiro, 9 abr. 2011. Disponível em: <<http://cipmmuspmerj.blogspot.com.br/2011/04/historico-da-companhia-independente-de.html>>.

CIVITA, Victor. *Novo conhecer*. São Paulo: Abril, 1977. v. 5.

_____. _____. São Paulo: Abril, 1977. v. 11, p. 922-923.

COLL, César; TEBEROSKY, Ana. *Aprendendo arte*. São Paulo: Ática, 2000.

COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia à República: momentos decisivos*. São Paulo: UNESP, 1999.

ENGLUND, Steven. *Napoleão: uma biografia política*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

FONSECA, Charline. *Museu da PM conta os 200 anos de história da corporação*. Diário Oficial da União, Rio de Janeiro, ano 35, n. 200, 4 nov. 2009. Página do servidor, p. 4. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/diarios/4961451/pg-4-do-noticias-diario-oficial-do-estado-do-rio-de-janeiro-doerj-de-04-11-2009>>.

GAZETA DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro: [s.n.], 19 mai. 1810. n. 40, p. 4.

GONÇALVES, Cândido Gonçalo Rocha. *A construção de uma polícia urbana (Lisboa, 1890-1940): institucionalização, organização e práticas*. Lisboa: ISCTE-IUL, 2007. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <<https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/632/1/A%20Constru%C3%A7%C3%A3o%20de%20uma%20Pol%C3%ADcia%20Urbana.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2008.

GUARDA NACIONAL REPUBLICANA. *Guarda real de polícia*. Lisboa: Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, 1949. p. 40.

HOLANDA, Aurélio Buarque de. *Dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

HOLLOWAY, Thomas H.; AZEVEDO, Francisco de Castro. *Polícia no Rio de Janeiro: repressão e resistência numa cidade do século XIX*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997.

IGLESIAS, Francisco. *Acervo*. Rio de Janeiro: Revista do Arquivo Nacional, 1999.

LACERDA, Joaquim Maria de. *Pequena história do Brasil*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1908.

LEAL, Ana Beatriz; MUNTEAL FILHO, Oswaldo; SILVA, Íbis Pereira (org.). *200 anos da Polícia Militar do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Ed. PUC/RJ, 2010.

LIMA, José Foch de. *Revista da escola de Realengo*. Imprensa Nacional: Rio de Janeiro, 1943.

LIMA, Manuel de Oliveira. *D. João VI no Brasil*. Rio de Janeiro: Typographia do Jornal do Commercio, 1908. v. 2.

LINDOMAR, Professor. *História da música*. InfoEscola, [S.l.]: [entre 2006 e 2014]. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/musica/historia-da-musica/>>.

LONGFELLOW, Henry Wadsworth. *Music: the definitive visual history*. London: Toucan Books, 2013.

- LOPES, Cláudia. *Pequena história da música*. Disponível em: <http://www.citi.pt/ciberforma/claudia_lopes/pagina.html>.
- LIRA, Mariza (org.). *Cânticos militares*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1942. v. 58.
- MACEDO, Jorge Borges de. *História diplomática portuguesa: Constantes Linhas de Força. Estudo de Geopolítica*. Lisboa: Instituto de Defesa Nacional, 1987.
- MACHADO, Andrea. PM vai recrutar 135 músicos para tocar em eventos no Rio. Extra, Rio de Janeiro, 22 fev. 2013. Disponível em: <<http://extra.globo.com/emprego/concursos/pm-vai-recrutar-135-musicos-para-tocar-em-eventos-no-rio-7643088.html#ixzz2zdwGXQkZ>>.
- MEIRA, Antônio Gonçalves; SCHIRMER, Pedro. *Música militar e bandas militares: origem e desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Ombro a Ombro, 2000.
- NASCIMENTO, Walter Vieira do. *História do direito*. Rio de Janeiro: Forense, 1998.
- NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. *Napoleão Bonaparte: imaginário e política em Portugal*. São Paulo: Alameda, 2008.
- NEVES, Tenente-Coronel Bernardo de Souza (org.). *História da Polícia Militar do Distrito Federal desde a época da sua fundação*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1953. v. 3.
- PERES, Damião. *História de Portugal: Edição Monumental*. Porto: Portucalense, 1935. v. 7.
- POLK, Keit et al. *Band*. In: Grove Music Online. [S.l.]: Oxford University Press, [2001]. Disponível em: <<http://www.grovemusic.com>>.
- POMBO, Rocha. *História do Brasil*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1942. v. 2.
- REIS, Capitão Dalmo Trindade dos. *História da banda de música*. Texto manuscrito.
- REIS, Marcos de Freitas. *A intendência geral da polícia da corte e do estado do Brasil: os termos de bem viver e a ação de Paulo Fernandes Viana*. In: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE PESQUISA HISTÓRICA, 2. ed. São Paulo: Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica, 1983.
- REVISTA A DEFESA NACIONAL. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1933.

REVISTA DA ESCOLA MILITAR. Rio de Janeiro: [s.n.], ano 23, n. 52, 1943.

REVISTA VERDE-OLIVA. Brasília, DF: EB, ano 36, n. 201, abr./mai./jun. 2009.

RIO DE JANEIRO (Estado). *Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, ano 32, n. 081, 5 mai. 2006.

SANTOS, Luís Gonçalves dos. *Memórias para servir à história do reino do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1981. v. 1.

SCHULTZ, K. *A era das revoluções e a transferência da corte portuguesa para o Rio de Janeiro (1790-1821)*. Florianópolis: UFES, 2010.

SEMINÁRIO TEMÁTICO. *A matemática e a música*. Lisboa: Faculdade de Ciências, Universidade de Lisboa, [entre 1999 e 2000]. Disponível em: <<http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/seminario/musica/>>.

SINZIG, Pedro. *Dicionário musical*. Rio de Janeiro: Kosmos, 1947.

SOUSA, Pedro Alexandre M. Marquês de. *A música militar em Portugal*. Proelium: Revista da Academia Militar, Lisboa, n. 10, p. 99-128, 2008.

THOMAS, Henry; THOMAS, Dana Lee. *Vidas de grandes compositores*. Rio de Janeiro: Globo, 1947.

VIANNA, Hélio. *História do Brasil*. 9. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1972. v. 2.

WEHLING, Arno. *O império em Brasília: 190 anos da Assembleia Constituinte de 1823*. São Paulo: FAAP, 2013.

As bandas de música militares. Verde-Oliva, Brasília, DF, ano 36, n. 201, p. 49, abr./mai./jun. 2009.

Instrumentos da orquestra. Disponível em: <http://web.archive.org/web/20111011234135/http://www.fsspx-brasil.com.br/mjcb/downloads/Orquestra_sinfonica.swf>.

Manual de ordem unida da PMMG. 1. ed. Belo Horizonte: [s.n.], 2013. Minuta.

O que significa “TAPS” em um funeral militar? Legião da Infantaria, Brasília. Disponível em: <<http://www.legiaodainfantaria.eb.mil.br/htm/funeral%20militar-taps.pps>>.

Ordenações Filipinas. Livro I, Título LXXIII: *Quadrilheiros, figura presente nas cidades, vilas e lugarejos para prender os malfeteiros*.

Orquestra. Disponível em: <http://www.suapesquisa.com/o_que_e/orquestra.htm>.

Projeto UPP Musical chega ao morro São João. UPP, Rio de Janeiro, 17 nov. 2013. Disponível em: <<http://www.rj.gov.br/web/imprensa/exibeconteudo?article-id=1849730>>.

COMPANHIA Independente de Polícia Militar de Músicos. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Companhia_Independente_de_Pol%C3%ADcia_Militar_de_M%C3%BAsicos>.

DIVISÃO militar da guarda real de polícia. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Divis%C3%A3o_Militar_da_Guarda_Real_de_Pol%C3%ADcia>.

HISTÓRIA de Portugal (1777-1834). In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_de_Portugal_\(1777-1834\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_de_Portugal_(1777-1834))>.

POLÍCIA militar do estado do rio de janeiro. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Pol%C3%ADcia_Militar_do_Estado_do_Rio_de_Janeiro>.

PMERJ. Disponível em: <http://www.policiamilitar.rj.gov.br/unidades_pmerj_subcategorias_detalhes.php?id=143>.

ILUSTRAÇÕES

p. 16. DAVID the Shepherd Boy. [19--].

p. 22-23. XIZAI, Han. *Festança noturna*. [12--]. Museu do Palácio Imperial, China.

p. 25. (a) HAUSSMANN, Elias Gottlob. *Johann Sebastian Bach*. 1746. 1 pintura, óleo sobre tela; (b) KRAFT, Barbara. *Wolfgang Amadeus Mozart*. 1819. 1 pintura, óleo sobre tela; (c) STIELER, Joseph Karl. *Ludwig van Beethoven*. 1819. 1 pintura, óleo sobre tela; (d) WODZINSKA, Maria. *Retrato de Fryderyk Chopin*. 1835. 1 pintura, aquarela sobre papel cartão.

p. 34. PASHA, Arif. *Mehter takımı*. 1839. 1 pintura, óleo sobre tela. Disponível em: <<http://commons.wikimedia.org/wiki/Image:Mehterhane.jpg>>.

p. 38. DAVID, Gustave. *Garde Impériale: 3e Régiment de Grenadiers à pied*. 1810. 1 pintura, aquarela sobre papel, reprodução, color.

p. 39. WILLARD, Archibald MacNeal. *Yankee Doodle*. [1875?]. 1 pintura, óleo sobre tela, 61 cm x 45 cm. Disponível em: <http://www.dreamthedocumentary.com/wp-content/uploads/2010/07/Spirit_of_76.jpg>.

p. 40. ALSLOOT, Denis Van. *Procession en l'honneur de Notre-Dame du Sablon a Bruxelles le 31 mai*. 1615. 1 pintura, óleo sobre tela. Museu do Prado, Madrid.

p. 41. JOÃO V e a Batalha de Matapão. 1718. 1 pintura, óleo sobre tela. Embaixada do Brasil em Haia. Disponível em: <[http://commons.wikimedia.org/wiki/File:D._Jo%C3%A3o_V_e_Batalha_de_Matap%C3%A3o_\(1717\).jpg](http://commons.wikimedia.org/wiki/File:D._Jo%C3%A3o_V_e_Batalha_de_Matap%C3%A3o_(1717).jpg)>.

p. 42. PATON, Richard. *The Battle of Cape Passaro, 11 August 1718*. 1767. 1 pintura, óleo sobre tela, 132 cm x 213,3 cm. Museu Marítimo Nacional, Greenwich, Londres. Coleção particular.

p. 43. DAVID, Jacques-Louis. *Napoleão em seu estudo no Tuileries*. 1812. 1 pintura, óleo sobre tela, 203,9 cm x 125,1 cm. Galeria Nacional de Arte, Washington D.C.;

p. 44. GAMEIRO, Roque. *Os franceses na 1ª invasão*. In: _____; SOUZA, Alberto de. *Quadros da história de Portugal*. Lisboa: Paulo Guedes, 1932.

p. 45. L'ÉVÊQUE, Henry. *Príncipe Regente de Portugal e toda a Família Real embarcando para o Brasil no Cais de Belém*. [1813?]. 1 gravura, buril e água-forte, p&b, 56 cm x 40 cm. Biblioteca Nacional de Portugal. Disponível em: <<http://purl.pt/6902>>.

p. 46. DE SÁ, Simplício Rodrigues. *Retrato de Dom João VI*. [1820?]. 1 pintura, óleo sobre tela, 83 cm x 70 cm. Pinacoteca do Estado de São Paulo.

p. 50. CALIXTO, Benedito. *Retrato de Dom Pedro I*. 1902. 1 pintura, óleo sobre tela, 83 cm x 70 cm. Museu Paulista, São Paulo; AMÉRICO, Pedro. *Independência ou Morte!*. 1888. 1 pintura, óleo sobre tela, 415 cm x 760 cm. Museu Paulista, São Paulo.

p. 52. WEST, Benjamin. *A expulsão de Adão e Eva do paraíso*. 1791. 1 pintura, óleo sobre tela, 186,8 cm x 278,1 cm. Galeria Nacional de Arte, Washington D.C.

p. 55. ASSINATURA do decreto de criação da Guarda Real da Polícia por D. João VI. [s.d.]. Museu da PMERJ, Rio de Janeiro.

p. 59. DE CASTRO, Jorge C. *Vidigal em patrulha com os Guardas da DMGRP*. [19--?]. 1 pintura, óleo sobre tela.

p. 63. INTENDENTE Paulo Fernandes Viana. [s.d.]. Disponível em: <<http://api.ning.com/files/xQGj7rW60ICJPHf-E8DqGhd8thQxqW8zHs-sBosbHa-jtvIDv0Oe51hzrxIT4jxzDKZoKXfiPjre43TBzlQl-rkhI2WinK4wHr/IntendentePauloFernandesViana.jpg>>.

p. 64. ENDER, Thomas. *Quartel de Mata-Porcos*. 1818. 1 pintura, aquarela sobre papel. Gabinete de Gravura da Academia de Belas-Artes de Viena, Áustria; DUTRA, Miguelzinho. *Padre Diogo Antonio Feijó*. [18--]. 1 pintura, aquarela sobre papel. Museu Republicano de Itu, São Paulo; JOAQUIM Antonio Fernandes D'Assunção. [s.d.]. In: FABRI, Ferrúcio. *Ergue-se e fala o passado da PMERJ*. Rio de Janeiro: Irmandade de Nossa Senhora das Dores da PMERJ. [19--]. v. 1.

p. 70-71. DEBRET, Jean Baptiste. *Améliorations progressives du Palais de St. Christophe (Quinta de Boa Vista), depuis 1808 jusqu'en 1831*. 1 gravura, litografia, p&b. In: _____. *Voyage pittoresque et historique au Brésil*. Paris: Firmin Didot, 1839. v. 3, p. 179.

p. 72. O PRÍNCIPE Regente D. João e o beija-mão real, no palácio de São Cristóvão. 1825. In: A.P.D.G.. *Sketches of portuguese life, manners, costume, and character*. London: Geo. B. Whittaker, 1826. p. 175.

p. 73. MAELLA, Mariano Salvador. *Carlota Joaquina de Borbón*. 1785. 1 pintura, óleo sobre tela, 177 cm x 116 cm. Museu do Prado, Madrid. Disponível em: <https://www.museodelprado.es/uploads/tx_gbobras/P02440.jpg>; LOPEZ Y PIQUER, Bernardo. *Maria Isabel de Portugal na frente do Prado*. 1829. 1 pintura, óleo sobre tela, 254 cm x 172 cm. Museu do Prado, Madrid.

p. 74. DEBRET, Jean Baptiste. *Acclamation du Roi Dom Jean VI à Rio de Janiero*. 1839. 1 gravura, litografia, p&b. In: _____. *Voyage pittoresque et historique au Brésil*. Paris: Firmin Didot, 1839. v. 3, p. 237.

CRÉDITO DAS FOTOS

Academia de Ciências de Heidelberg - Instituto da Pré-História, História Antiga e Arqueologia: p. 20.

Cleiton Jardim/AD Madureira: p. 82-83, 86, 87 (1ª e 3ª), 89, 90, 91 (1ª), 94.

CIPM-Mus: p. 6-7, 18-19, 81, 100-101, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 112, 113, 115, 117, 120, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140-141, 142-143, 144-145, 146-147, 148-149, 150-151, 152-153, 154-155, 156-157, 158-159, 160-161, 162-163, 164-165, 166-167, 169, 170, 171, 172, 173, 174-175, 177, 179, 180, 181, 210, 211, 212, 213.

Divulgação: p. 13.

DVD-ROM Projeto York: 10.000 Obras-primas da pintura: p. 22.

Editora Betel: p. 11, 12.

Jason Dowdle: p. 24.

João de Almeida Barbosa: p. 102.

Maj Galdino: p. 8.

PMERJ: p. 14, 90.

Salvador Scofano: p. 13.

Sebastião Ferreira: p. 10, 57, 65, 68, 88, 95, 97, 99, 110, 111, 124-125.

San Francisco Historical Photograph Collection: p. 26.

Spas Kolev: p. 21.

Wiggo Berge/AD Madureira: p. 85, 87 (2^a), 91 (3^a), 93.

Esta obra foi composta com as fontes Helvetica Neue LT Std, Sabon e Trajan Pro e impressa em offset policromia sobre papel couché fosco 150g/m² em São Paulo, pela Gráfica Fulana, em novembro de 2014.







“As Bandas de Música sempre realizaram um importante trabalho no que se refere a proporcionar uma interação melhor entre a Polícia Militar e a comunidade, o que, inquestionavelmente, repercute na atividade operacional da Instituição Policial”. MAJ PM MUS ANTÔNIO CARLOS ROSA

A Editora Betel rende, com o lançamento deste Álbum, suas homenagens a todos os músicos militares de todos os tempos, especialmente àqueles que deram o máximo de si, sacrificando a própria vida, para abrilhantar suas corporações, elevando, entre toques, acordes e notas musicais, o moral de suas tropas ou de suas unidades militares.

Da mesma forma, rende ainda suas homenagens a todos os músicos da Companhia Independente de Polícia Militar - Músicos (CIPM-Mus), com a sua Banda Sinfônica e demais corpos musicais, cuja origem remonta à criação da Divisão Militar da Guarda Real de Polícia da Corte pelo Príncipe Regente D. João VI, quando da instalação da Corte Portuguesa no Brasil, através do Decreto de 13 de maio de 1809, o que significa o berço de todas as Polícias Militares e Guardas Municipais do Brasil.

Parceria:



Realização:



ISBN 978-85-8244-015-5



9 788582 440155